

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Jornalismo *open source*: discussão e experimentação do *OhmyNews International*

Dissertação de Mestrado

Ana Maria Brambilla

Porto Alegre
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Jornalismo *open source*: discussão e experimentação do *OhmyNews International*

Dissertação de Mestrado

Ana Maria Brambilla

Trabalho apresentado para Exame de Defesa
de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação e Informação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientação: Prof. Dr. Alex Fernando
Teixeira Primo

Porto Alegre
2006

AGRADECIMENTOS

Manifesto meu profundo agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Alex Primo, à Prof^a Dra. Ida Stumpf (PPGCOM/UFRGS) pelo incentivo e apoio acadêmico; à Dra. Fátima Koetz, pelo amparo psíquico, ao Prof. Dr. Renato Carmo, pelo carinho e por ter me apresentado ao trabalho de Eric Steven Raymond; à CAPES, pelo suporte financeiro; ao primo Flávio Parraga, pelo generosidade.

DEDICATÓRIA

À Sonia Rejane Parraga de Oliveira, minha mãe e inspiradora.

RESUMO

Ao propôr-se a discutir e experimentar o noticiário sul-coreano OhmyNews International, a presente dissertação recorre a princípios da complexidade, à engenharia de *software* e aos valores do jornalismo tradicional – bem como ao seu histórico – para elaborar um entendimento inicial de jornalismo *open source*. As diretrizes propostas são aplicadas ao objeto empírico por meio de observação participante, análise descritiva e entrevistas com grupos de pessoas envolvidas em diferentes aspectos do projeto. O foco central desta dissertação é a interação dos diferentes públicos com a notícia em ambiente digital.

ABSTRACT

To discuss and experiment the South-Korean news project OhmyNews International, this research uses complexity principles, software engineering and traditional journalism values – as well as its historic – to compose an initial agreement about open source journalism. Routes proposed are applied to empiric object through participatory observation, descriptive analysis and interviews to groups involved in different ways with project. The main goal of this research is the interaction between different people with news on digital environment.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
1.2 OBJETIVO DE ESTUDO	12
1.3 JUSTIFICATIVA	12
2. COMUNICAÇÃO EM REDE	14
2.1 INTERAÇÃO COMPLEXA NO AMBIENTE DIGITAL	14
3. JORNALISMO: MODELOS TRADICIONAL, ONLINE E OPEN SOURCE	27
3.1 JORNALISMO TRADICIONAL	27
3.2 JORNALISMO <i>ONLINE</i>	37
3.3 REVISÃO DA FUNÇÃO DO JORNALISTA	43
3.4 MODELO <i>OPEN SOURCE</i>	58
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	97
4.1 DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS	98
5. APRESENTAÇÃO DO OBJETO	103
5.1 OHMYNEWS INTERNATIONAL.....	103
5.2 A CRISE NA IMPRENSA TRADICIONAL SUL-COREANA EM CONTEXTO INTERNACIONAL	104
5.3 REPÓRTER PROFISSIONAL E CIDADÃO SOB A ÓTICA DO OHMYNEWS.....	108
6. ANÁLISE	112
6.1 OBSERVAÇÃO DIRETA INTENSIVA	112
6.2 JORNALISMO <i>OPEN SOURCE</i> NO OHMYNEWS E OS PRINCÍPIOS DA COMPLEXIDADE	146
6.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	150
6.4 ENTREVISTAS	163
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
8. REFERÊNCIAS	205
ANEXOS	210
9.1 ANEXO 1: ACORDO DE REGISTRO DE MEMBRO NO OHMYNEWS	211
9.2 ANEXO 2: CÓDIGO DE ÉTICA	217
9.3 ANEXO 3: ABOUT CYBERCASH.....	217
9.4 ANEXO 4: <i>FAQ</i>	218
9.5 ANEXO 5: ENTREVISTAS (ÍNTGRA).....	223

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação lança-se ao desafio de investigar o que muda no jornalismo quando o noticiário¹ *online* passa a ser produzido entre jornalistas e públicos que não possuem formação específica na área. A discussão aqui proposta estimula-se pela crescente autonomia dos sujeitos nos processos de interação no ciberespaço, que acentua o viés aberto da comunicação no ambiente digital, fazendo com que os sujeitos tradicionalmente identificados ou como emissor ou como receptor pelas teorias da comunicação e, especialmente, da informação, abandonem tais condições exclusivas e conjuguem espaços e funções através do fluxo multidirecional de mensagens. Quando se fala no caráter aberto da comunicação em rede, neste momento, faz-se referência à relação que Traquina (2005) estabelece entre jornalismo e teoria democrática, onde a função da imprensa é de informar o público sem censura. Para isso, o autor evoca o filósofo Milton, para quem a liberdade é essencial para **troca** de idéias e opiniões.

Guiando-se por um dos aspectos fundantes do jornalismo, já de domínio comum – de que a notícia é mais crível quanto mais próxima da fonte estiver² –, observa-se hoje em dia uma literal personificação dos processos de produção e publicação do conteúdo informativo de *sites* noticiosos, o que contribui para a segmentação e para a diversidade do jornalismo *online*. As ferramentas que mediam e possibilitam a interação na Internet aproximam o interagente dos órgãos e profissionais de mídia. Apesar disso, grande parte do jornalismo exercido na rede ainda está preso aos moldes tradicionais do ofício, onde o noticiário é produzido por uma equipe de repórteres e redatores que publicam os resultados em seus *sites*. O público consome de modo predominantemente reativo, guiado por caminhos previamente concebidos pelos editores dos *websites*. Este processo configura práticas de interação reativa, conforme entende Primo (2000), ou seja, uma relação causal, linear, cujas trocas entre os agentes envolvidos são mecanizadas e previsíveis. Se o leitor é modificado ao se apropriar da mensagem, esta permanece intacta, protegida pelos privilégios exclusivos de publicação mantidos pela esfera produtora.

¹ Para esta pesquisa, será adotada a definição de “noticiário”, genericamente, de acordo com Rabaça e Barbosa (1978), que entendem o termo como um conjunto de notícias publicadas por um jornal ou revista (ou por uma das suas seções), por um programa jornalístico via-rádio, televisão, cinema etc. Em virtude do verbete estar datado, inclui-se, naturalmente, o suporte *online* como ambiente para existência de noticiário.

² Burke (2004) apresenta uma máxima que traduz de modo muito inteligível essa premissa. O autor afirma que a informação é como a água: quanto mais próxima da fonte, mais crível será.

Esta dissertação, por outro lado, toma como ponto de partida a idéia de interação mútua através da tipologia proposta pelo mesmo autor. De acordo com Primo (2000), **interação mútua** caracteriza-se pelas constantes problematizações em que se envolvem os agentes de um processo comunicacional; problematizações estas encaminhadas por meio de negociações ininterruptas, o que faz com que o relacionamento construído por meio de um diálogo seja um constante vir-a-ser. O termo “mútuo” nesta tipologia vem justamente salientar a reciprocidade da interferência de um agente sobre o outro como numa conversa qualquer. Desse modo, a comunicação é permeada por uma autonomia relativa que se atualiza nas ações de cada interagente sobre o outro, de modo recursivo. Por estas trocas, os agentes, ativos e criativos, circunscrevem a relação na dinamicidade de uma espiral e todas as ações que os interligam são interdependentes. Essas ações formam um todo global voltado à evolução e ao desenvolvimento do sistema que compõem (Primo, 2000).

Assim como estes diálogos ainda não foram adotados maciçamente por *websites* de notícia, o debate acadêmico sobre interatividade e jornalismo *online* necessita de maior exploração. Daí a emergência de um entendimento direcionado sobre como se dão os processos de interação mútua no jornalismo e quais suas aplicações múltiplas em um cenário ainda em construção. Isso implica em questões que vão além das possibilidades técnicas e da inovação dos modos de se apropriar da informação em ambiente *online*.

Tomando a idéia de uma comunicação em rede e construída a partir da interação mútua, enfoca-se o fenômeno do público afirmar-se como interagente em relação a um noticiário. De modo ativo e integrado, o público acrescenta conteúdo, opina ou mesmo apresenta novas versões da informação inicial. Isso gera um espaço de troca e diversidade, explorando mais efetivamente a liberdade que caracteriza as relações de comunicação na Internet. Diante dessa autonomia é necessário verificar os parâmetros normativos que costuram as possibilidades da técnica.

O jornalismo *open source*, num modelo de abertura à publicação de notícias questiona a própria função do profissional de imprensa. Outra questão possível remete à credibilidade contida em notícias produzidas e veiculadas pelo diferentes tipos de público. Outra questão que pode ser discutida diz respeito às razões que levam pessoas sem vínculos empregatícios ou formação profissional na área envolverem-se na construção e disseminação da mensagem pretensamente jornalística. Estas e outras questões parecem emergir, invariavelmente, quando o tema em foco mostra-se tão novo quanto lacunar. Levantar questões que levem adiante a

expansão e o debate deste quadro é o desafio a que se lança a presente dissertação. Em busca de maior contextualização e exemplificação, a pesquisa que aqui se propõe centrará sua análise em um objeto empírico atual – o projeto sul-coreano *OhmyNews*³ (Fig. 1).



Figura 1: Site *OhmyNews* em coreano, capturada em agosto de 2005

O site *OhmyNews International* é um desdobramento do projeto lançado em 22 fevereiro de 2000 pelo jornalista sul-coreano Oh Yeon Ho denominado *OhmyNews*. A idéia inicial era fazer com que o conteúdo deste noticiário fosse produzido por qualquer cidadão sul-coreano. Este objetivo foi alcançado em pouco tempo, devido à adesão de 40 mil colaboradores. De acordo com a visão de Yeon Ho (2005b), o conceito de cidadão está associado a um comportamento pró-ativo diante dos problemas sociais e se aproxima intimamente da idéia de comunidade. Para o jornalista, ao cidadão não basta saber a respeito de problemáticas sociais, mas deve buscar resolvê-las.

As mensagens no *OhmyNews* são editadas por uma equipe de cerca de 60 jornalistas. Três anos depois do lançamento, o site recebia cerca de 1 milhão de visitantes a cada dia – a maioria composta por homens jovens – estabelecendo uma

³ <http://www.ohmynews.com>

imagem de credibilidade e influência muito forte entre o povo sul-coreano. Tal *status* foi confirmado pela pesquisa “50 Coolest Websites”⁴, promovida pela Revista *Time* e divulgada em junho de 2005, onde o OhmyNews International figura na quarta colocação na categoria *News and Information*.

Inicialmente editado em *hangul*, o alfabeto coreano, o *OhmyNews* era de leitura inviável aos internautas ocidentais. Para atender a uma demanda detectada pelos próprios organizadores do *site*, surgiu o *OhmyNews International (OMNI)* em agosto de 2004, editado em inglês, oferecendo a mesma logística de produção colaborativa de notícias aos cidadãos de qualquer país (Fig. 3).



Figura 2: Site *OhmyNews International* capturada em agosto de 2005.

Em maio de 2005, o *OhmyNews International* contava com a colaboração de 300 cidadãos-repórteres cadastrados de diversas partes do mundo; dez meses mais tarde, este número já havia dobrado. Contabilizando os cidadãos-repórteres das edições em inglês e em coreano, o *OhmyNews* conta hoje com cerca de 4,6 mil cidadãos-repórteres.

1.1 Problema de pesquisa

⁴ <http://www.time.com/time/business/article/0,8599,1073329,00.html>

Como se reconfigura a interação entre diferentes públicos⁵ e o noticiário *online* no jornalismo *open source*?

1.2 Objetivo de estudo

Define-se para o presente projeto os seguintes objetivos:

1.2.1 Objetivo geral

Discutir a interação nos processos de produção e publicação de jornalismo *open source* praticados no *OhmyNews International*.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Apontar traços da sociedade em rede que caracterizam a contemporaneidade, estimulam e explicam a interação do sujeito com o conteúdo noticioso *online*;
- b) Descrever como se redesenha o processo de produção e veiculação de notícias com a participação de diferentes públicos;
- c) Analisar as características da prática do jornalismo *open source* através da observação e experimentação do *site OhmyNews International*;
- d) Discutir como se reconfiguram as funções do jornalista num contexto onde cada interagente é um repórter em potencial.

1.3 Justificativa

Para além da problemática empírica que torna o fenômeno do jornalismo *open source* algo concretizado e em exercício, cujos questionamentos colocados à abordagem tradicional da comunicação fazem-se necessários, justifica-se a escolha do tema, em âmbito pessoal, pela formação superior da pesquisadora ter-se enfatizado em jornalismo *online* e novas tecnologias, cursada na Faculdade de Comunicação Social da PUCRS. A graduação foi selada com um trabalho de conclusão pontuado

⁵ Por “diferentes públicos” se quer dizer, no problema de pesquisa e ao longo de todo este trabalho, os grupos formados por jornalistas profissionais e por cidadãos de todas as formações, idades, classes sociais, origens culturais e étnicas bem como geográficas e, inclusive, aqueles que não disponham de graduação formal em jornalismo.

por análises de interação no jornalismo *online*. A proposição do projeto também harmonizou-se aos interesses do orientador deste trabalho, Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo, cujo interesse em pesquisa situa-se com ênfase na interação mediada por computador.

Nos últimos anos, a pesquisadora passou a experimentar algumas ferramentas de interação *online*, participando de listas de discussão, comunidades virtuais de trabalho acadêmico – Cidade do Conhecimento/USP (<http://www.cidade.usp.br>) –, criou dois *weblogs* dedicados a citações e reflexões teóricas sobre Comunicação e tecnologia aplicadas ao cotidiano (<http://www.usina.com/abreaspas>, substituído por <http://libellus.port5.com> e então <http://www.ambrambilla.blaz.com.br/libellus>), participou de projetos de jornalismo *open source* publicando material editorial em *sites* com este perfil e deu início ao Parla Jornalismo *Open Source* (<http://www.parla.blaz.com.br>), um projeto que visa o envolvimento colaborativo de um grupo de voluntários na produção, publicação e supervisão constante de notícias num *site* onde cada leitor pode tornar-se um co-autor.

O foco específico na análise do *site* OhmyNews International foi definido em março de 2005, quando o primeiro contato com o editor do noticiário, Todd Cameron Thacker, resultou num convite para que a autora se tornasse correspondente do OMNI no Brasil. A participação através da produção e publicação de reportagens levou os editores do *site* a efetivarem o convite para integrar uma equipe de 50 cidadãos-repórteres do mundo todo que participariam de um fórum promovido pelo OhmyNews em Seul, de 22 a 26 de junho de 2005. Na ocasião, mais de 100 cidadãos-repórteres de 25 países reuniram-se com o *staff* profissional do *OhmyNews* e com um grupo de cidadãos-repórteres sul-coreanos para discutir a participação do público no jornalismo *online*.

Por essas razões de afinidade teórica e no que toca à oportunidade de ter visitado a Coréia do Sul justamente no período de produção do projeto, a fim de observar de perto o fenômeno a ser estudado, julgou-se apropriado dedicar o estudo a esta temática e, especificamente, a este objeto empírico. O convite para participar do *OhmyNews International Citizen Reporters' Forum* aconteceu em março de 2005, após a autora contribuir com algumas matérias para a edição internacional do noticiário sul-coreano.

2. COMUNICAÇÃO EM REDE

Para estudar o jornalismo *open source* e o modo como ele se atualiza na prática através do *site* OhmyNews, buscar-se-á, inicialmente, caracterizar a comunicação enquanto um fenômeno complexo no que toca à integração dos agentes com o processo midiático. Ao compreender que a comunicação *online* efetiva-se tão-somente com a interação de sujeitos (atores) e objetos (mensagens) de maneira horizontalizada e reticular, traz-se então elementos da engenharia de *software* para apresentar aspectos da genealogia do termo “*open source*”. Descreve-se, então, o cenário social em que o termo surge referente à troca de idéias e processos colaborativos na produção de bens de informação. Em seguida, as idéias da engenharia de *software* serão aplicadas ao processo jornalístico no ciberespaço, de modo a conceituar o modelo *open source* de noticiário que será explorado através do *site* OhmyNews. Num quarto momento, abre-se a discussão da atividade profissional do jornalista num cenário onde o seu trabalho conta com a intervenção direta de diferentes públicos. Esta fase tentará apontar caminhos para uma revisão de suas funções na imprensa *online*.

2.1 Interação complexa no ambiente digital

Contrariando os *media* tradicionais, o ambiente digital promove um fluxo pluridirecional de mensagens pela teia do ciberespaço. Castells (2000) aponta o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação e interatividade potencial, capaz de mudar a cultura humana. As diversas possibilidades de interação proporcionadas pela Internet abrem o caminho para se repensar a comunicação midiática. Ora, é preciso reconhecer que a mídia de massa é um sistema de transmissão de mensagens de mão única⁶, enquanto o processo real de comunicação prevê, minimamente, uma relação dialógica, dependendo da interação entre seus agentes na formulação, interpretação e reformulação da mensagem. Thompson (1998) esclarece essa diferença ao comparar a interação face a face, que está na base de toda a comunicação humana, com a interação mediada – onde os interlocutores compartilham espaço e tempo diferenciados – e a quase-interação mediada, praticada

⁶ Entende-se por “mão única” o fluxo unidirecional da mensagem midiática. Se espectadores, ouvintes ou leitores têm a oportunidade de manifestarem-se em resposta à imprensa, esse *feedback* acontece não pelo próprio veículo mas por vias paralelas como cartas, faxes, telefonemas, e-mails à redação ou mesmo pesquisas de mercado e audiência.

pelos veículos de massa como rádio, televisão e jornal. Como traço fundamental da quase-interação mediada⁷ o autor aponta a produção de formas simbólicas destinadas a um número indefinido de receptores potenciais. Mais ainda, a quase-interação mediada é despida de diálogos, ou seja, é monológica devido ao fluxo em sentido único de mensagens. Deste modo Thompson explica que, embora sempre tenha havido algum tipo de interação em qualquer tipo de comunicação humana, é na mídia de massa que ela se torna mais discreta. Por óbvio, a interação não desaparece por completo. Sousa (2002) aplica a idéia de interação no âmbito das notícias veiculadas na mídia de massa e explica que, assim como as notícias influenciam a sociedade, a cultura e as civilizações, estas também influenciam as notícias. Deste modo, a realidade seria construída⁸ por uma interação constante e em larga escala, muitas vezes de efeitos demorados, pela sociedade e pelas notícias.

Dito isto, não se ousa afirmar que a comunicação que acontece pelas vias do ciberespaço tenha, em sua totalidade, caráter dialógico. O que se destaca agora é a interação minuciosa que acontece através de respostas imediatas, reconhecimento mútuo do interlocutor e da mensagem que produz. Canavilhas (2004) diferencia essa prática interativa que ocorre no ciberespaço ao não aceitar mais a máxima “nós escrevemos, vocês lêem”. Para o autor, a possibilidade de interação direta com o produtor de mensagens noticiosas é um dos maiores diferenciais positivos a serem explorados pelo jornalismo em rede. Enquanto a interação entre público e jornalistas cumpre um longo ciclo para efetivamente modificar alguma das duas esferas – especialmente a dos jornalistas – no modelo tradicional, o jornalismo praticado no ciberespaço dispõe de uma estrutura capaz de promover a interação imediata.

No webjornalismo a notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria. Deve funcionar apenas como o "tiro de partida" para uma discussão com os leitores. Para além da introdução de diferentes pontos de vista enriquecer a notícia, um maior número de comentários corresponde a um maior número de visitas, o que é apreciado pelos leitores (Canavilhas, 2004, *online*).

Ainda assim, mesmo que o meio e os suportes tecnológicos possibilitem a interação mútua, esta só irá acontecer quando houver interesse dos envolvidos. A

⁷ Questiona-se a validade do termo “quase interação mediada” utilizado por Thompson, uma vez que se refere a uma situação monológica de enunciação de uma mensagem. Ora, se interação é “ação” “entre”, a quase interação mediada, nos moldes expostos pelo autor, parece não configurar uma atividade entre mais de um sujeito.

⁸ Alerta-se para a relativização do termo “realidade construída” pela notícia, uma vez que o viés trazido por um noticiário não tem o potencial de construir a realidade plenamente. Do mesmo modo, singularizar as inúmeras realidades existentes à mensagem que circula pela mídia seria, no mínimo, uma simplificação.

diferença fundamental é que, na mídia de massa, pouco importa haver interesse em interagir mutuamente já que não há estruturas tecnológicas – e editoriais, em casos de noticiários – para que haja uma comunicação de dupla via.

Diante destas premissas será estudado em seguida o processo comunicacional midiático à luz da complexidade, ou seja, buscando entender a comunicação em rede através de quatro princípios da complexidade formulados ao longo da obra de Edgar Morin.

2.1.1 Comunicação e complexidade

A comunicação vista a partir de um modelo transmissionista sugerido originalmente pela teoria da informação preserva na mídia de massa sua verticalidade. Fazer uma mensagem atravessar meios mecânicos, emití-la e recebê-la através de um tecido social que a condicione caracteriza boa parte das abordagens aplicadas à análise da comunicação. Não raro, direcionar o olhar tão-somente às esferas emissora ou receptora ou ainda aos meios contribui para a fragmentação da investigação e, conseqüentemente, à falta de visão de conjunto.

Para investigar o processo de jornalismo *open source* – aquele que conta com a participação ativa do internauta em interação mútua com o conteúdo noticioso – busca-se, inicialmente, entender a interação mediada por computador como forma de comunicação complexa. Destaca-se o caráter midiático do processo em questão a fim de diferenciá-lo da comunicação interpessoal na qual ferramentas digitais que estimulam a interação têm sido aplicadas em escala crescente. Além disso é importante que se diga que a presente pesquisa não objetiva analisar o produto final do noticiário *open source*, o que requeriria uma análise de conteúdo. A intenção é avaliar como se dá o processo de produção deste noticiário. Deste modo, o foco desta pesquisa é o *site* jornalístico OhmyNews que traz como proposta central a participação do interagente na produção e na publicação de notícias.

A compreensão deste processo enquanto fenômeno complexo remete a quatro pilares da teoria da complexidade trabalhada por Edgar Morin. Trata-se dos princípios hologramático, dialógico, do anel recursivo e auto-eco-organizado. Tais princípios serão utilizados para detectar o envolvimento do sujeito com o objeto comunicacional, com a estrutura do processo – vertical ou horizontal –, com o fluxo das mensagens, com a função que o sujeito assume em um modelo de comunicação

que difere, explicitamente, do transmissionismo inerente aos modelos convencionais da *práxis* jornalística.

Urge, inicialmente, integrar as partes que compõem o processo comunicacional na atividade de pesquisa da área – ou seja, atores, mensagem e meio – ainda que se mantenham hierarquias ao longo do processo. Esse é o ponto de partida da ótica da complexidade para que se considere sujeito e objeto inseridos num mesmo universo no que toca à natureza recursiva da questão abordada.

Para construir o pensamento complexo, Morin (1991) recorre à teoria dos sistemas, identificando sistemas fechados e abertos⁹. No primeiro volume da obra *O Método*, o autor concebe por sistema “uma inter-relação de elementos constituindo uma entidade ou uma unidade global” (1991, p. 131). Ao passo que um sistema fechado assim mantém-se devido ao estado de constante equilíbrio interno, o sistema aberto sobrevive graças às trocas de energia que realiza com o exterior. O modelo, originalmente aplicado na explicação de fenômenos biofísicos, contribui largamente para o entendimento do processo comunicacional. Se, para Morin, qualquer realidade pode ser concebida como um sistema – desde o átomo até as estruturas sociais –, então parece procedente entender a comunicação midiática como um sistema que integre instâncias técnicas, humanas e cognitivas, tão-somente aqui para fazer referência, respectivamente, ao meio, ao interagente e à mensagem.

Ao se observar a comunicação midiática como um organismo, o olhar complexo organiza tais partes num sistema em equilíbrio e desequilíbrio intercalados. O processo acontece não apenas dentro da conjugação interagente-meio-mensagem – que se poderia comparar ao equilíbrio momentâneo da comunicação –, mas da interação entre estes e o contexto onde estão inseridos. O fluxo de mensagens depende das vias exteriores ao sistema, o que faz da comunicação um fenômeno de evolução imprecisa e constante.

Morin observa a falta de precisão na trajetória sistêmica como um aspecto inerente à complexidade. Não se trata apenas de unir as partes de um sistema em diálogo entre si e com o exterior, mas de admitir que o curso deste diálogo está sujeito a incertezas capazes de provocar o desequilíbrio necessário à manutenção de um sistema aberto. Quando se fala em “desequilíbrio necessário” remete-se naturalmente à perspectiva da equilibração proposta por Piaget (1977) na compreensão da evolução do sistema cognitivo humano, do qual a comunicação faz parte.

⁹ Fluxo contínuo de entrada e saída, caracterizado pela construção e decomposição de seus componentes de modo de nunca atingir um equilíbrio estático permanente (Morin, 1991).

Para que um sistema vivo se mantenha em funcionamento as trocas de energia – informação – entre seu interior e exterior causam desequilíbrios momentâneos que, após certa desordem, conduzirão a um novo estágio de equilíbrio diferente do anterior. A isso Piaget denomina “reequilibração majorante”, uma vez que o novo estágio alcançado devido à perturbação do desequilíbrio tende a ser superior ao estágio que o precedeu. Deste modo, situações de equilíbrio e desequilíbrio se revezam numa escala de equilíbrio dinâmico ou ainda, no termo de Piaget, de “equilibração”. A equilibração, portanto, é o resultado provisório de um ciclo de equilíbrio dinâmico onde os desequilíbrios são uma fonte de progresso para qualquer sistema vivo abalado pela quebra momentânea da ordem e que jamais volta à situação anterior. É importante entender que a superação de uma ordem específica não está na sua perda, ou ainda, no desequilíbrio permanente, mas justamente na reequilibração, no aperfeiçoamento de uma outra ordem que se apresenta ao sistema (Piaget, 1977).

Sob a perspectiva de um equilíbrio dinâmico, analisar um sistema vivo guiando-se pela complexidade implica em associá-lo, fundamentalmente, aos aparentes antagonismos entre “unidade” e “multiplicidade”. Se, à primeira vista, unidade e multiplicidade são aspectos que se excluem, Morin proporá o princípio dialógico, argumentando em favor da complementaridade.

O que é preciso compreender são as características da unidade complexa: um sistema é uma unidade global, não elementar, já que ele é formado por partes diversas e inter-relacionadas. É uma unidade original, não original: ele dispõe de qualidades próprias e irreduzíveis, mas ele deve ser produzido, construído, organizado. É uma unidade individual, não indivisível: pode-se decompô-lo em elementos separados, mas então sua existência se decompõe. É uma unidade hegemônica, não homogênea: é constituído de elementos diversos, dotados de características próprias que ele tem em seu poder (2003, p. 135).

A diversidade de componentes será a base da auto-eco-organização. Quando as partes de um sistema interagem entre si compondo o todo, tornam-se dependentes umas das outras ao mesmo tempo em que sua coexistência garante-lhes autonomia. Um exemplo recorrente na obra de Morin é a relação firmada entre homem, linguagem e cultura: “a linguagem faz o homem que fez a linguagem; do mesmo modo, a linguagem fez a cultura que produziu a linguagem” (1986, p. 114).

Noutra esfera, a sociedade constitui um sistema de interações entre seus membros, capaz de originar qualidades retroativas a estes, o que os legitima como membros desta sociedade. Morin (1980) não equipara a sociedade com seus sujeitos.

Igualmente, não a posiciona em instância superior àqueles. Entende a estrutura social como uma organização capaz de produzir e reproduzir as interações que a constituem. Ela se autoproduz por meio de seus integrantes, diferenciando-se destes. Ou seja, o todo – sociedade – é mais ou menos do que a soma das partes – indivíduos. E assim como cada parte compõe o todo, este todo se faz presente em cada uma das partes.

O desafio de inserir a comunicação midiática sob esta ótica parece encaminhado se a interação dos agentes do processo constituir a própria comunicação e, dela, emergir a condição dos agentes como seres comunicativos. Parece impróprio, a esta altura, isolar emissor e receptor como vêm sendo abordados tradicionalmente nos estudos de comunicação. Enquanto componentes de um sistema aberto – a comunicação mediada por computador –, estes grupos constituem os diversos centros dispostos de maneira não-hierárquica e em constante interação. A horizontalidade do relacionamento estabelecido entre os indivíduos que habitam a rede comunicacional conflitua com a noção transmissionista e polarizada que separa os produtores de mídia e o grande público, tal como é praticado pelos veículos de massa. Ao entender a comunicação na rede como um fenômeno complexo, é preciso admitir que os indivíduos são partes de um sistema aberto e que produzem efeitos retroativos fundamentais à manutenção de sua estrutura orgânica. Assim, o homem é investido de uma autonomia relativa dentro de um sistema vivo – a comunicação – que o capacita e o legitima como agente comunicacional.

A disposição recíproca entre parte e todo é o que Morin denomina por “princípio hologramático”, o que evidencia de modo soberano a impossibilidade de analisar sistemas senão pelo seu conjunto. “A organização complexa do todo (*holos*) necessita da inscrição (*engrama*) do todo (*holograma*)” (1986, p. 98). Assim, cada parte relativamente autônoma estabelece comunicação com as demais e, em conjunto, atuam sobre o todo. Se *complexus* resume “o que é tecido em conjunto, de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados” (Morin, 1991, p.17), cabe designar no sistema da comunicação quais são as partes que o integram e como se presentificam no todo.

Ao compor a obra *O Método*, Morin esforça-se por uma reforma do pensamento a partir do que foi fundamentado pelo cartesianismo. O autor (1980) sublinha que seu propósito não é se posicionar contra uma lógica aristotélica ou cartesiana, mas de conjugá-las a tudo o que é complementar, concorrente e antagônico, transitando entre os territórios do indizível, do a-lógico, do ambíguo, do aleatório: “... o pensamento complexo é o pensamento que quer pensar em conjunto

com as realidades dialógicas/polilógicas entrançadas juntas (complexos)” (1980, p. 360). Associada à idéia de circuito, a complexidade opõe-se à simplificação do pensamento que seleciona o objeto a ser pensado e elimina tudo o que lhe for alheio, que trabalha com o acerto, sem margens de erro, evitando o incerto e o ambíguo, que desintegra e descontextualiza. O olhar complexo, então, considera o máximo de dados e informações concernentes ao objeto analisado, reconhece as variações possíveis e as incertezas. A preocupação de Morin direciona-se à produção do conhecimento, especialmente à abertura e complexificação do saber científico. Aqui, os pressupostos morinianos serão estendidos à formulação de um sistema de interação decorrente da comunicação, ou de um modo de efetua-la – através da interação *online*.

O ponto de partida para Morin (1991) é a negação do reducionismo que separa e distingue sujeito e objeto. O autor considera insuficientes os conceitos relativos a cada uma destas esferas, já que sujeito e objeto estão imbricados de maneira complementar. A tradição do pensamento ocidental, porém, segundo o autor, opera pela disjunção de ambos, valorizando o objeto como foco único de análise e, portanto, chancelando uma postura determinista.

Quem é o sujeito da comunicação? Na análise exclusiva dos *media*, a potencialidade técnica parece, em alguns momentos, sobrepôr-se aos atores que a animam. Nos estudos de recepção, a produção de sentido firma-se como a resposta mais ativa que o sujeito é capaz de articular. Tal visão é facilmente identificada quando Barbero (1995) critica o modelo mecanicista e condutista de comunicação reivindicando a consideração do receptor como “um lugar de partida, isto é, também de produção de sentido” (p. 40-41). Fortalecendo essa visão Souza (1995) percebe que os estudos em comunicação ainda se orientam por uma tendência demasiadamente funcionalista. Nas palavras do autor: “O termo *receptor* e o conhecimento acumulado a seu respeito ainda hoje são influenciados predominantemente pelos pressupostos que orientaram os estudos norte-americanos sobre comunicação no início do século” (p. 14).

Serão as partes do sistema comunicação tão independentes entre si? Serão os atores do processo comunicacional sujeitos condenados a desempenhar os papéis excludentes de emissor **ou** receptor? Na ciência, de modo semelhante à comunicação, o sujeito é o **tudo-nada** diante do que é produzido, como afirma Morin: “... nada existe sem ele, mas tudo o exclui” (1991, p. 52). Ao negar tal disjunção, o autor recorre novamente à idéia de sistema aberto, que integra as unidades com o meio.

A junção de sujeito e objeto da ciência – ou do sujeito aos processos comunicacionais – obedece ao **paradigma ecológico** que comporta as noções *oikos* (sistema + organização) e *eco* (auto-relação). Morin (1980) detecta a simplificação explícita no **isolamento** ou na **redução** do ser em relação ao seu ambiente. Rompendo com esta idéia, aplica o **paradigma ecológico** a tudo o que é vivo e humano, cenário em que a comunicação figura como sustentáculo. A integração de instâncias até então observadas isoladamente pela mídia – e pela comunidade científica que estuda comunicação – parece extinguir com o determinismo ao qual a área esteve subordinada. Em vista do novo modelo de comunicação midiática que se instaura com as novas tecnologias, o caminho mais urgente a se percorrer aponta para o estudo da interação dos sujeitos com os objetos.

O fato do conteúdo *online* estar disponível de forma integrada e *hyperlinkada* já cria possibilidades de o internauta “editar” a mensagem com certa autonomia¹⁰. Assim, no ambiente digital, o público dispõe de autonomia não apenas para acessar o conteúdo de acordo com sua demanda particular mas de **contribuir** com o material disponível. É o que Castells (2000) chama de capacidade auto-reguladora de comunicação, ou seja, o modelo segundo o qual muitos contribuem para muitos, mas cada um tem voz própria e potencialidade de respostas individualizadas.

Para Morin (1986), essa dinamicidade é identificada pelo princípio dialógico, ou seja, pela associação complexa (complementar, concorrente e antagônica) de instâncias que, em conjunto, fazem-se necessárias ao desenvolvimento de um fenômeno organizado. Assim, a única mídia que efetiva o princípio dialógico da comunicação é a Internet. Este diálogo pode acontecer por diferentes níveis de interação sujeito-sujeito ou sujeito-mensagem.

A capacidade de efetivar a comunicação midiática em sua natureza dialógica fez Lévy (2004) propôr o modelo “todos-todos” no que toca aos pontos de produção e circulação das mensagens. Essa idéia se opõe aos padrões “um-um” ou “um-todos”. Deste novo modelo, Silva, (2001, p. 176) observa a morte da figura do autor e, em consequência, a morte do emissor ao constatar que “quando todos são emissores, não há mais emissor. Emissor-receptor, o internauta está fora da massa”. Se a comunicação enquanto fenômeno complexo efetiva-se dialogicamente pela

¹⁰ Quando surge o *weblog*, os indivíduos – até então submissos à mensagem determinada por programadores e gerenciadores de conteúdo – passam a ter voz ativa e colaboram na construção do grande hipertexto.

Internet, Morin também lança um olhar a respeito dos níveis de emissão, recepção e interlocução:

Ator plural, o indivíduo iria da recepção passiva à interlocução crítica, passando pela emissão vazia ou criativa. A distribuição das possibilidades de interlocução, contudo, são desiguais. Mas ninguém, ou quase, se encontra destituído de algum poder de intervenção (1995, p. 177).

Diante do exposto, abre-se um viés ainda pouco explorado pelos estudos de comunicação que a concebe, em primeira instância, como um processo, lançando um olhar analítico não somente à esfera produtora, aos meios ou à recepção, mas para as três instâncias conjugadas. Enquanto tal, a comunicação define-se senão por um fluxo ininterrupto de mensagens que tece um sistema complexo, onde cada agente é um centro autônomo e dependente da rede. A multiplicidade de centros e a constante ligação entre eles reformula um dos princípios fundamentais da mídia de massa: a polarização dos sujeitos. Quando emissores e receptores coexistem, fecundam um novo personagem no sistema comunicacional que Primo (2002) denomina por **interagente**. A opção do autor se justifica quando a aplicação corriqueira do termo “usuário” já se faz insuficiente para descrever o sujeito que interfere na esfera digital. Enquanto usuário é aquele que usa, se apropria sem causar transformações, o interagente age na estrutura anterior da informação através de processos de negociação, modificando-a e deixando nela traços de si. Julga-se esse termo apropriado para fazer referência aos elementos humanos da comunicação; para tanto o termo **interagente** é adotado neste trabalho para identificar sujeito, pessoa, indivíduo, homem, público e internauta. Tal escolha justifica-se pela composição etimológica do termo, que enfatiza a proposta pela análise do que acontece **entre** os **agentes** comunicacionais.

2.1.2 Interagente: o sujeito da comunicação

E quem é este **interagente**? Toma-se de empréstimo a visão que Morin propõe sobre “sujeito” para configurar uma noção do agente comunicacional. Observado pelo princípio hologramático, assim como todo seu entorno, o interagente é parte de um mundo que através dele se atualiza. Se é fragmento de seu universo, o interagente traz em si as peculiaridades, informações e substâncias do universo que habita. Daí a natureza múltipla de sua identidade. Morin (1995) entende cada ser humano como um cosmos, uma efervescência de personalidades distintas. Respeitar

as inúmeras experiências que o interagente acumula ao longo da vida é reconhecer os desdobramentos de uma identidade que não é estanque, mas una. O princípio da identidade humana, para o autor, é *unitas multiplex*. Ou seja, unificada e múltipla ao mesmo tempo, tanto quanto se articula na mesma pessoa. E assim o é nos hábitos mais cotidianos, cristalizando-se nos tantos papéis sociais desempenhados em ambientes doméstico, profissional, religioso, civil... Não se pode, portanto, dissociar tais aspectos que marcam ontologicamente a identidade do interagente. Morin (1980) une os traços existenciais do homem à sua dimensão lógico-organizacional, o que faz da identidade uma grandeza multidimensional e complexa. “É uma noção que supõe uma formidável e complexa infra-estrutura de conceitos físicos, biológicos, lógicos, organizacionais e *sui generis*” (1980, p. 182-183). Ou ainda: “ser sujeito, é ser autónomo, sendo ao mesmo tempo dependente. É ser provisório, vacilante, inseguro, é ser quase tudo por si e quase nada pelo universo” (1991, p. 80).

Ao viabilizar a interferência efetiva deste interagente no processo de comunicação midiática, a lógica da interação atende a uma demanda até então reprimida pelos veículos tradicionais que homogeneizam o público na situação de “receptor”, castrando qualquer espécie de expressão criativa. Maffesoli, (1997), ao propor as “pistas” – para usar um clichê do próprio autor – de mediância¹¹ e ambiência social¹², chancela a visão de Morin (1991, p. 80) ao sugerir que: “... só se compreende o indivíduo em interação. Interação com o meio ambiente e com seu meio social. Interação que faz parte do conjunto, algo além de suas partes componentes”. Maffesoli acredita na colaboração da mídia com este processo.

2.1.3 Ordem e desordem na comunicação

A organização da comunicação midiática massiva divide-se nitidamente em, no mínimo, quatro elementos: o emissor, o meio, a mensagem e o receptor. Quando ferramentas tecnológicas que estimulam a interação atuam sobre este esquema, tal organização sofre um desequilíbrio: o “receptor” passa a desempenhar funções ativas que podem ser equiparadas à função do emissor.

¹¹ Para Maffesoli, mediância social é o mesmo que compreender o indivíduo tão-somente se este estiver em interação com o meio ambiente e com o seu meio social. “Interação que faz do conjunto algo além das suas partes componenetes” (p. 134, 1997)

¹² Maffesoli irá referir-se à ambiência como “a condição *sine qua non* de toda vida em sociedade” (p. 134, 1997), o espírito do tempo, algo imaterial que não se pode “fazer” mas se “sofre” de toda sorte.

A perda da lógica condutiva na comunicação a introduz num ambiente de desordem, característico aos sistemas abertos. Trata-se da negação do que Maturana e Varela (1995) batizaram por “metáfora do tubo” para a comunicação. Com este termo os biólogos asseguram que a comunicação não pode ser entendida como mera “transmissão de informação”, de modo que comunicar seria o mesmo que conduzir algo gerado por um ponto até outro ponto extremo por meio de um tubo ou condutor, sem que houvesse dinâmica estrutural do processo e apenas uma perturbação original.

A mudança sofrida pela comunicação no que toca à desestruturação do modelo massivo anteriormente descrito será causada pela interferência dos públicos na produção de mensagem midiática, quando o interagente passa a ter acesso a espaços de publicação. Ao invés de conduzir ao caos, esta transformação corresponde a uma reorganização do processo comunicacional. E para que se chegasse a este novo modelo, foi necessário que um elemento de desequilíbrio desordenasse o esquema tradicional. Este elemento de desequilíbrio cristaliza-se na figura do interagente, ou seja, na união de funções entre emissor e receptor.

A visão transmissionista inscreve-se no pensamento simplificador que exclui qualquer tipo de incerteza ou desequilíbrio no processo. Seria como reduzir a comunicação a um sistema fechado, repulsivo a trocas e instabilidades que sustentam sua manutenção. A desordem, portanto, caracteriza os sistemas abertos amplamente analisados por Morin (1991). Para o autor, a desordem está imediatamente relacionada a qualquer transformação por que passa um sistema vivo. Logo, a desordem diz respeito à vida.

Opôr ordem e desordem, uma dicotomia corriqueira no senso comum, surge como um dos esclarecimentos da complexidade para Morin. O autor identifica que ambas, sempre tidas como inimigas, cooperam de maneira a organizar o universo (1991). E para justificar essa constatação, aponta a impossível dissociação do homem nos seus aspectos *homo demens* e *homo sapiens*, ou seja, atitudes “dementes” como o caos, o desperdício e as turbulências acontecem paralelamente a atitudes “sensatas” como a manutenção da ordem, o respeito às leis, o esforço pela organização. A desordem, portanto, faz-se presente na *physis*, espaço onde se impõe a idéia de “evolução física”, o que leva à compreensão do universo sob a perspectiva complexa (Morin, 2003).

O modelo massivo de comunicação, que nega qualquer desordem na estrutura que separa e diferencia seus elementos – emissor, meio, mensagem e

receptor –, tende a ser superado quando a interação mútua provoca seu desequilíbrio, dando origem a um fluxo pluridirecional de mensagens.

Quando emissor e receptor unem seus papéis na figura do interagente, extingue-se a dicotomia entre ordem e desordem. Antes isolados, fixos em papéis rigidamente estabelecidos pelas limitações do meio, o emissor vê sua esfera abalada pela possibilidade de o receptor atuar ao seu lado. Ao invés de conduzir ao caos, a interação midiática que acontece no meio digital responde como uma reorganização do processo comunicacional. Daí, a relação ordem/desordem/organização é vista por Morin (1991) sob o princípio dialógico, que permite manter a dualidade – geralmente antagônica – em estruturas unificadas de forma complementar. A relação dialógica no pensamento complexo assume princípios excludentes que, reunidos em uma mesma estrutura, tornam-se indissociáveis.

2.1.4 A espiral da comunicação

Entendendo a comunicação midiática como o fluxo dialógico de mensagens potencializado pelas ferramentas tecnológicas de interação, pode-se refutar a linearidade dos modelos comunicacionais marcados pelo transmissionismo. Inicialmente, o refluxo de mensagens desenharia uma estrutura circular para a comunicação. Ainda que o movimento do círculo configure uma relação de múltipla via, fecha o circuito por onde transitam estímulos e respostas que cumprem seu trajeto retornando sempre ao mesmo ponto de partida. O princípio dialógico está imbricado na idéia de recursividade, cuja trajetória da mensagem é desenhada na forma de uma espiral. O princípio do anel recursivo, na complexidade moriniana, rompe com a estrutura causa/efeito, produto/produtor que relaciona mas distingue as partes de um sistema. Ora, se interagentes desempenham simultaneamente os papéis de emissor e receptor, cujos vínculos são estabelecidos através do diálogo, tanto os sujeitos quanto as mensagens sofrerão transformações a cada fluxo, estabelecendo o jogo comunicativo de forma retroativa e crescente, jamais retornando ao estado de onde partiram (Morin, 1991).

A recursividade no jornalismo *open source* aparece na obra de Morin intimamente ligada às atividades neurocerebrais que condicionam a espécie humana. “Todo o exame das atividades cerebrais tem de utilizar hoje não só a idéia de interação mas também a de retroação, ou seja de processos em circuitos em que os ‘efeitos’ retroagem sobre as suas ‘causas’” (1986, p. 97). A recursividade, nestes

moldes, é uma primeira idéia para chegar à autoprodução e auto-organização dos sistemas. Se assim pensar-se a condição da mensagem e dos sujeitos que a articulam, compreende-se a inesgotabilidade da comunicação, uma vez que se afirma como um processo que produz e reproduz a si mesmo, alimentando-se das interações de suas partes e da transformação que o contato lhes proporciona (Morin, 1986).

Conforme explicitado no início deste capítulo, observar a comunicação midiática como um sistema complexo é um dos pontos de partida deste trabalho para que se chegue ao modelo *open source* de jornalismo. Visto o modo através do qual a comunicação se constitui em complexidade, é necessário incursionar pelo universo imediatamente mais específico: o jornalismo. No capítulo a seguir será revisitada brevemente a história do jornalismo nos últimos 200 anos assim como serão explorados temas centrais como os valores que norteiam ainda hoje a profissão, definições de elementos fundamentais como a notícia, os progressos anunciados pela digitalização do jornalismo, além de uma proposta de revisão do papel do profissional de imprensa tendo como foco central a figura do repórter.

3. JORNALISMO: MODELOS TRADICIONAL, ONLINE E OPEN SOURCE

Neste capítulo serão desdobrados conceitos usuais de jornalismo em suas manifestações tradicional – no que toca ao modelo de mídia de massa –, *online* e proposta para o entendimento do jornalismo *open source*. Para isso serão discutidas idéias de autores bastante contemporâneos, pois tal escolha, acredita-se, justifica-se pela coerência ao objeto empírico: um *site* com proposta inovadora de jornalismo.

3.1 Jornalismo tradicional

A existência de periódicos no século XVIII parece não configurar exercício de jornalismo de acordo com os moldes atuais da profissão. Ao referenciar a história do jornalismo aos últimos 150-200 anos, Traquina (2005) esclarece que o surgimento de um novo objetivo incorporado pelos inúmeros periódicos que surgiram ao longo do século XIX conduziria dali em diante toda uma identidade do exercício jornalístico: o fornecimento de informação ao invés de propagandas ou opiniões. A assertiva traz em si a diferenciação básica entre o pretensão jornalismo praticado antes do século XIX, onde os impressos eram produzidos e financiados especialmente por partidos políticos na função de propagadores ideológicos. Pena (2005) aponta a essência dos jornais até o começo do século XX como opinativa. O autor faz uma ressalva ao afirmar que, ainda assim, as páginas dos periódicos não eram plenamente despidas de informação e notícia. A questão era a forma como se apresentavam.

Neste período em que a imprensa experimenta a fase de despolitização, conforme Traquina (2005), aposentando os homens da política como patronos de jornais e buscando a publicidade como fonte principal de manutenção, surgem valores até hoje identificados com a *práxis* jornalística: a notícia, a busca pela verdade, a independência, a objetividade, o serviço público e outros parâmetros que norteiam a atividade de quem trabalha num jornal e acabam por fixá-lo como um objeto intelectual.

A objetividade, aliás, inaugura de modo decisivo a busca por um novo jeito de fazer jornalismo no começo do século XX. Perseguida pela utilização do *lead*, (que será estudado mais adiante), a objetividade traz em seu senso comum uma conotação que se opõe à subjetividade. Pena (2005) inverte essa interpretação ao entender que o papel da objetividade no jornalismo é justamente evidenciar a subjetividade dos repórteres, redatores, editores e, especialmente, dos fatos construídos complexamente. A subjetividade, enquanto uma grandeza inevitável nas

visões de mundo, nos fatos em geral, assegura aos jornalistas a incapacidade da expressão absoluta da realidade. Nem por isso a busca pelo relato mais objetivo possível no jornalismo deixa de ter sua importância nas redações. O que o autor propõe é que a objetividade não seja vista como uma habilidade inerente do jornalista – como é frequentemente exigida –, mas como um método de trabalho que visa amenizar sua influência na notícia. O que é objetivo, portanto, é o método de trabalho do jornalista, não o próprio jornalista. Mas Pena faz a ressalva de que não há comprovações sobre a eficácia deste método, novamente considerando a complexidade dos fatos e da produção das notícias.

No entanto, a objetividade passou a ser cobrada dos jornalistas e dos jornais como uma marca central de um jornalismo auto-intitulado “independente” ou de uma imprensa livre. Desde o abandono da fase altamente politizada da imprensa no século XIX até o jornalismo marcado pela vigilância dos profissionais quanto à objetividade apesar da interferência direta do capital, uma série de modelos jornalísticos se sucederam. Marcondes Filho (2000) classifica o período de 1631 até a data da Revolução Francesa como a “pré-história do jornalismo”. Em seguida, o “primeiro período do jornalismo” se estenderia até 1830, este sim balizado por conteúdo literário e texto engajado politicamente. O “segundo período do jornalismo” aconteceria até o começo do século XX, quando a imprensa de massa marca a profissionalização do jornalismo, aparece a reportagem e a publicidade se consolida como a principal fonte de manutenção financeira dos periódicos. Até 1960 ocorreria o “terceiro período do jornalismo” através de monopólios empresariais do ramo da comunicação, responsáveis por grandes tiragens e suscetíveis à influência das relações públicas. Desde então se estaria vivendo o “quarto jornalismo”, marcado pela interação possibilitada em virtude da tecnologia que suporta os mais diferentes tipos de noticiário. A velocidade da informação e a “ditadura da forma” se somam às características de uma imprensa que enfrenta crises de credibilidade, circulação e profissionalismo. Miége (*apud* Pena, 2005) enumera quatro momentos da história do jornalismo:

- a) a imprensa de opinião, essencialmente artesanal, tiragem reduzida e texto opinativo;
- b) a imprensa comercial, onde o texto noticioso é valorizado junto com a compra de grande maquinário para impressão;
- c) a mídia de massa, onde a tecnologia e o marketing criam condições favoráveis ao espetáculo;

- d) a comunicação generalizada, quando megaconglomerados assumem a base das estruturas culturais da sociedade.

Novas formas de financiamento para a publicação de jornais advindas especialmente da venda de exemplares assim como de espaços publicitários viabilizou o jornal como um negócio capaz de gerar lucro. O aumento das tiragens e uma estruturação precisa no conteúdo dos jornais seriam caminhos para atingir os objetivos econômicos que o jornal, como um novo bom negócio, parecia surtir. Mais do que isso, o avanço da técnica promovido pela Revolução Industrial trouxe as primeiras máquinas de impressão e suas compras abriram grandes rombos nos orçamentos dos jornais, que deviam ser cobertos numa aposta crescente na notícia como produto lucrativo (Soster, 2003).

Para engrossar as vendas, o jornal de um centavo se popularizou nos Estados Unidos instituindo uma vertente que se espalharia em seguida à Europa – especialmente à França – sob o nome de *penny press*, uma versão seminal do jornalismo popular e de baixo custo, acessível a camadas mais largas da população. O pioneiro jornal do gênero, *New York Sun*, inaugurado em 1833, foi viabilizado pelo aperfeiçoamento de impressoras a vapor que permitiram reduzir o custo e acelerar a circulação das edições. Paralelamente, as primeiras agências de notícia apareciam para alimentar diários de diferentes regiões, com distintas orientações culturais. Desde a fundação da Havas, em 1835 e da Reuters, em 1851, o noticiário de agências assumiu a tarefa de oferecer um produto capaz de atender à demanda de mercados diversos, considerando a variedade de seus interesses, valores e conceitos sociais. Tal objetivo seria alcançado desde que as notícias disponibilizadas às redações mantivessem o maior nível de isenção possível. A neutralidade da informação, a imparcialidade e, como consequência, a objetividade passaram a ser perseguidas de modo incondicional pelas redações dos países desenvolvidos como modelo do bom jornalismo (Traquina, 2005). O período corresponde ao crescimento vertiginoso experimentado pelas grandes cidades européias como Berlim, Londres e Paris que, em menos de 70 anos, viu sua produção de jornais crescer 2.700% (Soster 2003).

O jornalismo como se desenhava então, sinônimo de notícias sustentadas em fatos e não mais em opiniões fez com que os atuantes em jornais levassem ao extremo o ideal de objetividade disseminado pelas agências de notícia mas, antes disso, oriundo de uma adoção rigorosa do realismo que a fotografia implementaria ao jornal. Conforme aponta Traquina (2005), a invenção da câmera fotográfica vai servir como metáfora da realidade, exigindo que o relato do repórter aja tal qual uma lente.

O realismo fotográfico tornou-se assim o farol orientador da prática jornalística, como podemos verificar num texto escrito em 1855: *'Porque um repórter deve ser uma mera máquina que repete, apesar de uma orientação editorial. Ele não deve conhecer nenhum dono mas só o seu dever, e esse dever é o de fornecer a verdade exata. A sua profissão é superior, e nenhum amor por lugar ou popularidade deve desviá-lo de fornecer a verdade na sua integridade. A política do jornal tem sido de reportar ispi verbis'* (p. 52).

A preocupação em dizer a verdade levada a extremos levou ao desenvolvimento de algumas técnicas de produção e redação ao longo do século XIX reforçadas a partir de 1900. Entre elas, a estenografia abre o leque de opções que aproximariam o relato de repórter ao fato reportado. Ao codificar um discurso através do estenógrafo, o repórter acreditava ter condições de oferecer ao seu leitor um verdadeiro espelho da realidade. Na sequência, a técnica da entrevista com atores diretamente envolvidos nas pautas popularizou-se entre os repórteres num esforço de tornar a notícia o mais próximo possível da fonte. Alia-se à entrevista o uso crescente de testemunhas oculares que contribuía na descrição dos acontecimentos, outro recurso disseminado no *métier* jornalístico. Paralelamente, a consulta a múltiplas fontes foi se tornando obrigatória a um repórter que buscava a pluralidade de visões sobre um mesmo acontecimento, firmando uma técnica especialmente requerida depois da Guerra Civil norte-americana (Traquina, 2005).

Essa noção do jornalismo como espelho da verdade, visivelmente guiada por um viés positivista se reforça quando não apenas o conteúdo das agências de notícia proliferam-se nos jornais do mundo todo mas também instituem um novo estilo de escrita. Uma linguagem homogeneizada, rápida e de fatos escassos compôs a chamada “escrita telegráfica”, uma prática que standardizou a produção jornalística ao se legitimar como o estilo em voga ou aquele amplamente praticado pelas agências que reuniam quatro continentes sob acordos econômicos.

Entre as agências de notícia alocadas em determinadas cidades – *Reuters* em Londres, Alexandria, Bombaim, Melbourne e Sydney; *Havas* em cidades francesas; *Wolff* na Alemanha – imperava o regime de “exploração exclusiva”. Traquina explica o acordo estabelecido entre as empresas provedoras de notícias que previa a divisão do mundo de modo que determinada agência cobriria certa área global. Assim, certos países receberiam material de uma agência sem que outra pudesse interferir em sua área de cobertura. O modelo de negócio se assemelhava à

ocupação de áreas pelas missões colonialistas dos países do antigo mundo que dominavam espaços territoriais e subjogavam culturas locais desprotegidos por protocolos intencionais.

3.1.1 O quarto poder

A expansão do jornalismo como atividade legítima e independente, ancorada na promessa de credibilidade teve passagem fundamental na democratização dos Estados no final do século XVIII, processo especialmente marcado pelas revoluções americana (1776) e francesa (1789). O período coincide com a Declaração do Homem e do Cidadão, aprovada em nível mundial.

Reza o artigo 11 da Declaração do Homem e do Cidadão, aprovada em Agosto de 1789: *'A livre circulação de pensamento e opinião é um dos direitos mais preciosos do Homem. Todos os cidadãos podem portanto falar, escrever e publicar livremente, excepto quando forem responsáveis pelo abuso dessa liberdade em casos bem determinados pela lei'* (Traquina, 2005, p. 45).

A queda de poderes absolutos guardados por chefes de estado e a conquista da liberdade nas atividades civis como a orientação política e a manifestação de idéias fez emergir na rotina dos jornais aquele que seria o cerne de suas atividades a partir de então: a liberdade de imprensa.

Não tardou para que o modelo de governo da época, a democracia, fosse ancorado à autonomia dos jornais na divulgação de informações sobre os governos e governantes. Logo, para que se mantivesse um regime democrático, cujo cerne estava na validação da opinião pública, era imprescindível a existência de uma imprensa livre. Então a imprensa passou a ser tida pela sociedade e pelos governos como a voz do povo, a sintetização do sentimento popular e para que se atingisse esse *status* a pluralidade instituiu-se como um dos valores mais caros à composição de uma notícia de modo que o conteúdo dos jornais desse conta da vontade e da idéia de todas as gentes. Neste ímpeto, o jornalismo comprometia-se em mostrar todos os lados de uma questão para que, somente assim, um fato fosse inteiramente compreendido (Traquina, 2005).

Essa função de falar em nome do povo, inquerindo autoridades de modo que respondessem às supostas necessidades informativas da comunidade, aliada à postura vigilante de um governo democrático que, como tal, deveria estar aberto à opinião pública e não mais sobrepôr-se a ela como nos modelos absolutistas elevou o

jornalismo ao exercício de um poder conjugado ainda não exercido por qualquer outra instância oficial, nem clero, nem nobreza, nem burguesia.

Mais que legislar, vigiar quem legisla. Mais que ter liberdade de falar, manifestar o pensamento do povo. Os ideais de isenção, pluralidade e defesa das massas fez com que o jornalismo se auto-proclamasse o “quarto poder” e, diferentemente dos demais, um poder que claramente se opunha às instâncias governamentais; quiçá mais fortalecido que o próprio estado, uma vez que chamava a si a função de averiguar cada um de seus passos. Se na época da Revolução Francesa, quando o termo se popularizou, os poderes do estado referiam-se ao clero, à nobreza e aos burgueses, o regime democrático estabeleceu três novos poderes não equivalentes que dariam conta do executivo, legislativo e judiciário. Mais uma vez, o jornalismo estaria acima da trinca, no que Traquina (2005) identificou por um modelo “poder controla poder”.

A liberdade ampla que a imprensa conquistava ao longo do século XIX, primeiro com a despolitização dos jornais, a independização financeira em relação aos partidos políticos estabelecida pela venda de anúncios publicitários, a autorização de falar em nome do público, provir-lhe de informações necessárias para seu estar-no-mundo civil e de servir de canal de divulgação do que é feito pelos governantes foi despertando na consciência dos donos e funcionários de jornal a consciência de que aquele era um produto que, além do papel social, poderia ser economicamente melhor explorado. Sob o discurso de que estaria a serviço dos leitores e não dos políticos, de que traria informações úteis e interessantes aos cidadãos, notícias e não opiniões, o jornal foi se transformando num repositório de produtos vendáveis.

A partir deste momento já é possível questionar a notícia do modo em que estava sendo formatada em um período de plenos esforços pela consolidação do jornalismo como profissão e, especialmente, como uma propriedade social. Isso é visível não apenas na postura dos proprietários de jornais mas de modo bastante particular no comportamento de quem redigia notícias. Traquina (2005) explica que a remuneração dos repórteres era proporcional ao tamanho das matérias. Quanto maior o número de linhas, mais o repórter recebia. Se a notícia não fosse publicada, havia um ressarcimento monetário proporcional ao tempo dispendido no trabalho.

Esse sistema, no entanto, levava os redatores a esticar as notícias para que rendessem mais. Sob o ponto de vista do conteúdo, os fatos recebiam tratamento sensacionalista para que as chances de publicação fossem maiores e o pagamento dos repórteres não fosse proporcional apenas ao tempo gasto. A razão que o autor

apresenta para tais manobras seria os baixos vencimentos tradicionalmente pagos a quem trabalhava em jornal no século XIX, visto que pessoas com qualquer formação intelectual eram passíveis de contratação. Mas talvez a pior conduta dos repórteres dessa época ficava por conta de pautas subornadas.

Por exemplo, visto que os padrões éticos não estavam totalmente desenvolvidos, alguns jornalistas complementavam os seus rendimentos colocando nomes no meio das 'notícias', incluindo nomes de produtos e de políticos, a troco de uma retribuição monetária (Traquina, 2005, p. 79).

Não apenas através de pagamentos de subornos a repórteres que se corrompia os preceitos clássicos do jornalismo. Na virada do século XIX, quando os Estados Unidos vivem sua Era Progressista, a atividade dos profissionais de imprensa condicionava-se gradativamente aos interesses dos empresários que concentravam a propriedade dos veículos de comunicação. Deste modo, nos anos 50, surgiu a Teoria da Responsabilidade Social no Jornalismo proposta pela Comissão para a Liberdade de Imprensa norte-americana, instituindo diretrizes que orientariam o trabalho dos jornalistas de modo que o separasse do propósito cada vez mais totalizante de se fazer notícias para gerar lucros. Pena (2005) escancara a face da notícia como um produto à venda e a estende à atualidade. Noutros tempos, porém, acreditava-se no serviço público prestado pelos jornais, preocupação que ainda hoje é anunciada por veículos noticiosos como atividade prioritária.

Se supunha que o jornalismo deveria servir ao público em sua totalidade e não a interesses particulares (habitual no estilo de jornalismo panfletário do século XIX), nem, tampouco, aos estreitos objetivos comerciais de anunciantes e proprietários (Hallin *apud* Pereira, 2004a).

Na contramão dessa visão, Pena (2005) aponta que no “código genético” do jornalismo não há serviço público, mas sim um comércio de notícias. Para além das práticas ilícitas na construção do noticiário no século XIX, porém, situações como o pagamento de suborno a repórteres ou a necessidade de se criar uma teoria para garantir-lhes o direito de trabalhar de modo coerente ao compromisso social vinculado à profissão conotam a real dimensão do pólo econômico do jornalismo ainda hoje bastante evidente, que trata as notícias assumidamente como produtos. Ainda assim, sempre que se debruçam sobre o conceito de notícia ou buscam explicar como devem ser as notícias, os estudiosos do jornalismo insistem em sua dimensão

ideológica ou positiva, o que Traquina (2005) entende pelo serviço público prestado pelo noticiário – o suprimento de informações garantidas pelo jornal ao público que precisa votar e interferir no rumo da democracia, o que afirma o jornal como guardião dos interesses dos cidadãos defendendo-os de eventuais abusos de poder. É este o viés dominante na concepção de notícia ao longo da história do jornalismo.

3.1.2 O que é notícia?

Responder a esta pergunta certamente foi um dos desafios dos primeiros teóricos em comunicação, especificamente no jornalismo. Com uma série de estudos publicados a respeito, a notícia recebeu diferentes e variadas definições. É interessante o modo como os autores que respondem à pergunta acima contextualizam seu objeto de estudo em uma categorização que varia de país a país, de cultura a cultura. Observa-se que o mais comum é a adoção da classificação norte-americana que se refere à constituição de um jornal em **noticiário** – composto por notícia, reportagem, entrevista, histórias de interesse humano – e **página editorial** – materiais opinativos como os próprios editoriais, caricaturas e colunas críticas. A separação entre notícia e opinião é acentuada por Melo (2003), que diferencia jornalismo informativo do jornalismo opinativo. O primeiro seria composto por notas, notícias, reportagens e entrevistas; o segundo, por editorial, comentário, artigos, resenhas, colunas, crônicas, caricaturas, cartas, etc. Ainda que estes modelos distintivos constituam um padrão dentro do jornalismo, há exceções – às quais se filia este trabalho – a exemplo do que diz Pena (2005), que reconhece o gênero argumentativo como parte integrante da notícia. Deste modo, a notícia atual seria uma espécie de simbiose de informação e opinião.

Retornando às definições sobre o que é notícia, tem-se observações breves como a de Ricardo Noblat, a quem “notícia é o relato mais curto de um fato” (*apud* Pena, 2005), passando por outras de caráter mais social e politizado como trouxe Luiz Amaral, a quem a notícia é “tudo o que o público necessita saber, tudo o que o público deseja falar” (*apud* Pena, 2005, p. 70) até explanações mais contextualizadas social e filosoficamente como a de Traquina (2005). Inicialmente, este autor português traça a necessidade de se perceber a notícia como uma “construção social” resultante de várias interações entre agentes sociais. Entre eles poderia-se listar os promotores ou assessores de imprensa, as fontes oficiais, os pauteiros, editores, repórteres, anunciantes e o público. Pena (2005) detalha as diversas naturezas de

fontes, todas sempre movidas por algum interesse e influentes, de maneiras variáveis, na definição da pauta, sejam elas oficiais, oficiosas¹³, independentes¹⁴, primárias, secundárias ou testemunhais. Ainda assim, Traquina pondera que a interação de maior peso na decisão da pauta de um noticiário acontece entre jornalistas de uma mesma redação visto que compartilham uma identidade profissional, valores e culturas que emolduram suas rotinas e acabam cristalizando-se no fechamento de cada edição. Trata-se da cultura profissional que engloba os processos produtivos, a partilha de códigos particulares e linguísticos aos quais se refere Vizeu (2002). Traquina chega a assumir que quem define o que é notícia, em última instância, são os jornalistas e esta deliberação contribuirá ativamente na construção da realidade.

Sousa (2002) concorda que interações humanas são fundamentais na decisão do que é notícia – ou do que vira notícia –, mas o autor vai além e afirma que mais do que interações humanas, as notícias são o produto de uma interação temporal entre história e presente – é sincrética – das forças pessoais, sociais – organizacionais e extraorganizacionais –, ideológicas, culturais, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos que influenciam em sua produção. Parece impossível que os jornalistas e somente eles dêem conta de um universo tão extenso de variáveis responsáveis pela pauta dos noticiários.

Por outro lado, quando Traquina credita as decisões que balizam o noticiário essencialmente aos jornalistas, não apenas limita o *staff* de agentes que escolhem as pautas como afirma que trabalham sob autonomia relativa, ou seja, estão cercados de condicionamentos pela pressão dos *deadlines*, pelas regras de conduta ética, pelas hierarquias burocráticas de uma empresa de comunicação, pela competitividade com outros veículos, pela ação muitas vezes incontornável dos anunciantes e dos promotores de eventos.

Mas a notícia do modo como se tem padronizada na atualidade tem suas raízes no dinamismo dado ao conteúdo dos jornais da época da *penny press*, onde frases curtas, objetivas e diretas identificariam o relato de um fato e o distinguiriam de textos opinativos. Uma forma diferenciada consolidaria a notícia como produto capaz de atender a leitores do mundo todo que buscam do modo preciso as informações essenciais num relato noticioso: o *lead*. Pena (2005) define o *lead* como “o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e por quê?” (p. 42). Ao responder

¹³ Aquele que fala em nome de uma instituição mesmo sem estar autorizada para tal.

¹⁴ Quem presta informações sobre um fato ainda que não possua nenhum vínculo direto com o assunto.

a essas questões, o *lead* encabeçaria uma estrutura textual denominada pirâmide invertida, onde as informações mais interessantes figurariam no primeiro parágrafo e os demais trechos comportariam desdobramentos dos dados iniciais. Entre as funções principais do *lead* apontadas por Pena (2005), estão mostrar a singularidade da história, apresentar lugares e pessoas que compõem a notícia, provocar no leitor o desejo para ler a matéria até o fim e sintetizar a história em uma ou duas frases de maneira a não perder a articulação.

O padrão ao qual o *lead* se destaca como elemento primordial, conhecido como pirâmide invertida, consiste no relato que não prioriza a sequência cronológica dos fatos mas a importância decrescente dos componentes de uma notícia. Os primeiros experimentos com a pirâmide invertida aconteceram em abril de 1861 em um jornal de Nova York. Mais tarde o modelo foi popularizado em todo o mundo por se tratar de um formato de baixo custo no que diz respeito à transmissão de notícias via telegrama pelas agências, pois dependendo do interesse do jornal assinante, o primeiro e, no máximo, o segundo parágrafos supostamente bastariam para a satisfação informativa dos leitores (Pena, 2005).

Com isso viu-se uma estandardização do formato da notícia que, enquanto produto, precisaria ser remetida a um maior número de leitores em seu estilo mais básico, buscando agradar as inúmeras particularidades de cada mercado editorial. Saber fazer o *lead* implicava na escolha de informações de maior valor noticioso. Conforme Traquina (2005), esse poder de decisão atribuído tão-somente aos jornalistas despertou no grupo profissional um sentimento de autoridade. Saber fazer um *lead* significaria definir o que as pessoas devem saber primeiro, no que devem prestar mais atenção.

Não apenas na forma se caracterizou a notícia como se conhece hoje. O conteúdo orientado pelo inusitado, pelo novo, pelo interessante data da Idade Média quando as cartas remetidas aos czares em viagem pelos seus secretários que permaneciam no império levavam um *patchwork* de acontecimentos estranhos e bizarros (Traquina, 2005). Ora, naquela época já era preciso mergulhar no microcosmos do cotidiano para que os relatos fossem interessantes. A *penny press* concretizou esse modelo ao dar espaços para notícias sobre outros países mas também sobre ocorrências policiais, fatos que aconteciam nas ruas, no local onde o próprio jornal circulava. Eis o quesito “proximidade” que se agrega como um dos valores fundamentais para a definição do que é notícia.

3.2 Jornalismo *online*

Após a exploração das idéias de base do jornalismo e antes de iniciar a incursão sobre o jornalismo *open source* – tema central da presente pesquisa –, faz-se necessária uma abordagem do universo intermediário, contido no jornalismo tradicional e continente do jornalismo *open source*. Para isso, inicialmente, é preciso que se estabeleça justamente uma hierarquia entre os modos de se fazer jornalismo. Sob hipótese alguma este trabalho propõe a substituição ou sequer equivalência entre os jornalismo tradicional, *online* e *open source*.

Para que se entenda a escolha pelo termo “jornalismo *online*” se recorre à Mielniczuk (2003), que constata uma tendência entre os pesquisadores brasileiros em utilizar a expressão citada aos moldes dos autores norte-americanos e em detrimento dos espanhóis, que preferem “jornalismo eletrônico”. A autora oferece uma sistematização de nomenclaturas e práticas jornalísticas que esclarece a adequação do termo no presente caso ao reportar o termo “*online*” à idéia de conexão em tempo real, proporcionando um fluxo contínuo e às vezes instantâneo de troca de informação (Mielnickzuk, 2003).

O jornalismo *online*, no entanto, não se refere especificamente ao noticiário produzido e veiculado na *web*, para o que a autora designa o termo “*webjornalismo*”. Assim, jornalismo *online* é todo aquele “desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real” (Mielnickzuk, 2003), ocorrido na *web* ou não, mas que comporta apuração, produção e veiculação da notícia através de conexões digitais com acesso instantâneo e simultâneo entre autores e leitores. Uma vez que os procedimentos de produção e publicação de conteúdo no jornalismo *open source* não se limitam à *web* mas lançam mão de ferramentas de interação como *e-mails* e *instant messengers*, cabe neste momento adotar o jornalismo *online* como continente do jornalismo *open source*.

Em 1995, quando a Internet comercial se populariza no mundo todo, uma série de jornais impressos lança suas versões digitais utilizando, para isso, um processo de mera digitalização do conteúdo produzido nas versões em papel. Tal migração ficou conhecida por “jornalismo transpositivo” para Canavilhas (2004), “produto de primeira geração” para Palácios *et. al.* (2002) ou ainda, na classificação de Pavlik (*apud* Mielnickzuk, 2003), por “modelo-mãe”. Canavilhas (2004) observa que a transposição de conteúdo se estendeu rapidamente às emissoras de rádio e

televisão, em virtude do ambiente digital suportar a conjugação de diferentes linguagens. A migração ou cópia desse conteúdo para a rede aconteceu – e acontece, apesar de passados 10 anos – na visão do autor, de forma altamente limitada. A limitação da oferta dos serviços de notícia na Internet não possibilitava um produto novo e completamente viável pelas potencialidades do meio: a *webnotícia*.

O diferencial da *webnotícia* está na estrutura hipertextual e rizomática da rede, o que altera profundamente a maneira do jornalista trabalhar e também do público ler/ouvir/assistir a mensagem. A alteração mais visível fica por conta da perda da linearidade contida na informação veiculada nos *media* tradicionais. Para se ler um jornal não linearmente corre-se o risco de se perder o sentido da notícia. No ambiente digital, a notícia é naturalmente alinear por atender à estrutura do hipertexto.

Ao aliar texto, áudio e imagem em movimento o noticiário tem em mãos a obrigação de criar uma linguagem própria que não reproduza meramente aquela praticada nos *media* tradicionais. Mielnickzuk (2003) cita Pavlik novamente para reforçar essa visão quando o autor destaca que a experimentação de novas formas de *storytelling* criam condições para que se avance a uma nova fase de se fazer jornalismo no ciberespaço. Essas experimentações passam, necessariamente, pelo cuidado em não provocar redundâncias entre as mensagens formatadas em áudio, vídeo e texto, considerar aspectos técnicos que influenciem na audiência/leitura do conteúdo – como a largura de banda – e o potencial interativo que o hipertexto oferece em diferentes instâncias (Canavilhas, 2004).

Em virtude do tema central desta dissertação, a abordagem do jornalismo *online* será conduzida pelo viés da interação, o diferencial fundamental trazido por esta característica ao jornalismo do ciberespaço. Entende-se como espaços de interação no jornalismo *online* as enquetes, comentários após notícias, canais de contato com o autor do conteúdo e os fóruns, onde discussões acontecem de modo paralelo ao noticiário sem que ganhem *status* de notícia.

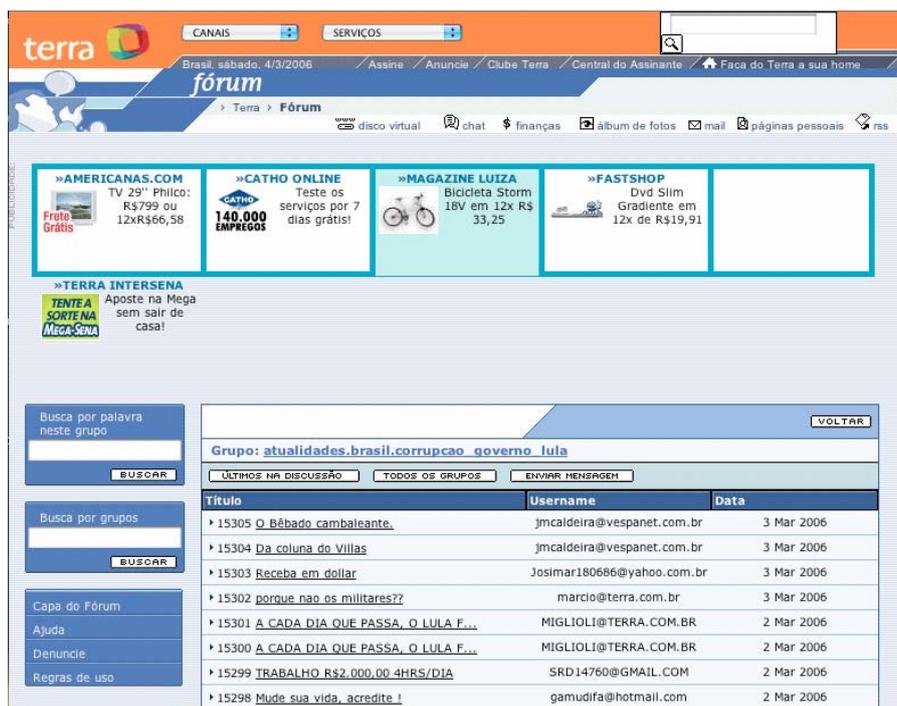


Figura 3: Exemplo de fórum ativo no site Terra Notícias – www.terra.com.br - onde um grupo de internautas debate a corrupção no governo Lula de modo independente das notícias.

Se nos *media* tradicionais o comportamento do público é limitado no instante da contato com uma mensagem, a demanda criada pela notícia no ciberespaço traz em si outro perfil humano que servirá de audiência¹⁵. Essa demanda será obrigatoriamente repassada aos jornalistas e produtores de conteúdo informativo que, segundo Salaverría (1999) serão muito mais exigidos no que toca à sensibilidade minuciosa na escolha de qual linguagem será utilizada para veicular cada informação.

Apesar dessa mudança comportamental do profissional, do público e especialmente do conteúdo no jornalismo *online*, Salaverría (1999) percebe um “perigoso estancamento” nos critérios de estruturação redacional. Para o autor, assim como os primórdios do rádio se resumiram ao jornal lido em voz alta pelo locutor, o jornalismo *online* não passa da cópia digital dos conteúdos veiculados no rádio, na televisão e na mídia impressa, ou seja, os avanços técnicos não são acompanhados por uma evolução nas rotinas profissionais. Para além de um possível determinismo tecnológico, Sousa (2002, *online*) vem afirmar que “as notícias dependem dos dispositivos tecnológicos usados no seu processo de fabrico e difusão”. O jornalismo *online* precisaria não fugir dessa premissa.

¹⁵ Manifesta-se a impropriedade do termo “audiência” quando se trata de um público que lê, ouve, assiste e produz a mensagem jornalística na Internet, visto que ele executa as quatro funções ao mesmo tempo. Além disso, ele interage em diferentes instâncias com o conteúdo e outros integrantes de seu grupo. Por certo, o termo “audiência” não dá conta da ampla gama de atividades que uma pessoa executa ao se relacionar com as notícias no jornalismo *open source*.

Em caráter de proposta para solucionar esse desgaste prematuro do jornalismo *online*, Salaverría (1999) sugere que neste ambiente digital seja aposentada a pirâmide invertida, padrão redacional hegemônico desde os tempos da *penny press* e associada, ainda hoje, com a identidade profissional do jornalista. Fruto de grande polêmica na comunidade científica de pesquisadores de comunicação especialmente a partir de 2004, a abolição da pirâmide invertida no jornalismo *online* requer um estudo aprofundado que não integra o escopo deste trabalho. Ainda assim, ressalta-se a pertinência e a atualidade do tema para o futuro imediato das atividades jornalísticas no ciberespaço. Para Salaverría, abolir a pirâmide invertida do texto noticioso implica, em primeira instância, em reconhecer que pela primeira vez a audiência – e não apenas o jornalista – tem em mãos a possibilidade de ampliar a contextualização documental de cada informação até onde desejar. Essa participação direta do público na edição personalizada do conteúdo exige que a formatação original na notícia se modifique. Na hora de produzir a notícia, o jornalista deve estar muito mais consciente dos elementos e potenciais informativos de cada material, discernindo a melhor informação de última hora e a informação contextualizadora, de arquivo. Esse discernimento refinado também se aplica à explicação de dados, à descrição de lugares e ao relato de fatos, ou seja, pode identificar qual a melhor linguagem – se textual, televisiva ou radiofônica – para cada trecho da notícia (Salaverría, 1999).

Essa reorganização do material informativo provoca, na visão de Salaverría, uma nova hierarquia da notícia que já não condiz com a ordem sugerida pela pirâmide invertida. Ao explicar essa nova estruturação da notícia, o autor detecta inicialmente quais os gêneros textuais que melhor se adequam ao conteúdo noticioso. Os gêneros descritivo-narrativo e o expositivo são, para ele, o que fundamenta a natureza dos textos noticiosos. Se é possível identificar as diferenças nos gêneros textuais que compõem uma notícia, em ambiente *online* estas diferenças serão preservadas e conectadas por meio do hipertexto. Seguindo o modelo de *self-service* de conteúdo na rede, onde a audiência ordena e determina a quantidade de informação que deseja ler/ouvir/assistir, Salaverría propõe que a idéia de células informativas substitua a pirâmide invertida. Cada célula, apesar de curta, conteria um sentido pleno. A imagem a seguir explica que, conforme a demanda, a audiência navegaria por quantas e quais células quisesse, a fim de compôr sua própria notícia.

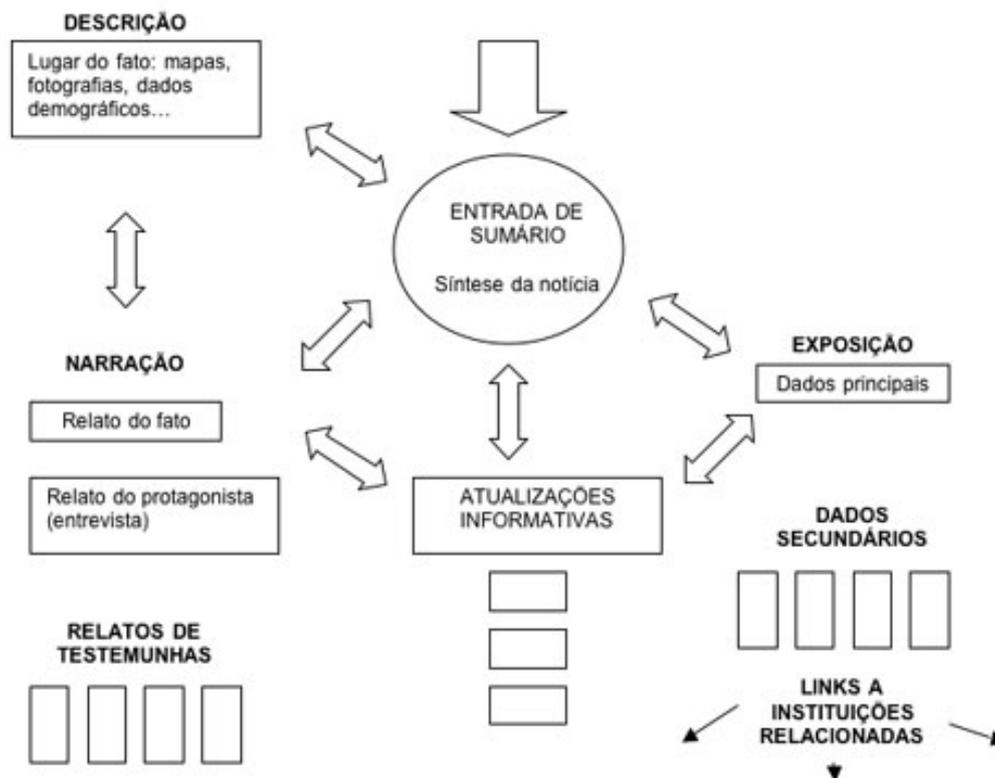


Figura 4: A célula informativa (Salaverría, 1999. Original disponível em: <http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/piram.htm>)

Canavilhas (2004) reforça essa visão ao entender que o público prefere navegar livremente num texto separado em blocos do que seguir o sentido obrigatório de leitura de um texto compacto e longo, aos moldes da pirâmide invertida. “A possibilidade de conduzir a própria leitura revela uma tendência do utilizador para assumir um papel proactivo na notícia, ainda que apenas por força do estabelecimento da sua própria pirâmide invertida” (Canavilhas, 2004, *online*).

A interferência do público sobre o conteúdo do noticiário *online* não se dá, obviamente, na navegação e criação de “sua própria pirâmide invertida”, mas caracteriza uma interação reativa sobre destinos previamente estabelecidos pelo *webmaster* dos jornais *online*. Barbosa (2001) fala da interação paralela à notícia que se dá entre público e jornalistas por meio de *e-mails*, fóruns e outros canais em ambiente digital. A aproximação provocada por este relacionamento, segundo a autora, torna o público mais fiel e, acrescenta-se, mais confiante naquilo que lê uma vez que o autor das matérias passa a ser um sujeito mais acessível, com quem se pode conversar no mesmo ambiente onde as notícias são publicadas.

Outros modos de interagir com o jornalismo *online* se dá sob diferentes formas de acesso por demanda, a exemplo dos leitores *RSS*¹⁶, *newsletters* que reinventam a assinatura de publicações impressas. Seguindo o modelo da interação reativa durante a navegação pelo hipertexto, os modos de acesso por demanda ainda não possibilitam intervenção no conteúdo dos jornais *online*, algo que acontecerá em espaços que convidem o leitor a tornar-se autor de comentários, *posts* em fóruns ou mesmo de outras matérias. Este assunto será retomado no capítulo a seguir, quando será abordada a temática do jornalismo *open source*.

Em relação a outros aspectos que diferenciam o jornalismo *online* do tradicional, contempla-se o design gráfico e a periodicidade que aparecem de modo bastante particular no ciberespaço. Canavilhas (2004) cita os estudos que Nielsen¹⁷ desenvolve com a audiência de conteúdo em ambiente digital para salientar que o texto no jornalismo *online* pode trazer em si propriedades visuais que permitam uma leitura rápida, como se os olhos do público procurassem algumas palavras-chave que o atraíssem e então seguisse adiante na leitura. Nielsen denomina esse modelo como *scannable text* ou texto esquadrinhável, para o qual é recomendável que se destaque palavras importantes ao longo do texto com cores diferenciadas, negrito ou *hyperlinks*, se utilize subtítulos, se expresse apenas uma idéia por parágrafo, se prepare um texto conciso e utilize tabelas, listas sempre que a notícia permitir, de modo a retomar a informação de forma resumida. É interessante ver como outros autores entendem esse modo de leitura. Prado (*apud* Soster, 2003) observa o texto esquadrinhável de modo crítico ao denominá-lo notícia *fast-food*, de consumo rápido e sem efeitos prolongados tal como um lanche não satisfaz a fome por muito tempo devido à sua falta de sustância nutritiva ou, para as notícias, devido à sua superficialidade.

O aumento da velocidade no jornalismo *online* é visto com receio por Soster (2003) que relaciona a rapidez na produção de notícias com a perda de valores fundamentais do jornalismo como a precisão e a objetividade. Quando fala de temporalidade no jornalismo na Internet, Canavilhas (2004) é objetivo ao destacar que o noticiário *online* não precisa ter periodicidade. Em atualização constante, o jornalismo *online* segue uma obviedade muitas vezes esquecida pelos noticiários transpositivos: “Se os acontecimentos não têm periodicidade, as notícias também não” (Canavilhas, 2004, *online*). A constatação, por mais óbvia que pareça, contradiz

¹⁶ Leitores *RSS* são software por onde se recebe as atualizações de *sites* previamente cadastrados e programados em linguagem XML.

¹⁷ Jakob Nielsen é um renomado norte-americano engenheiro de usabilidade.

a tradicional periodicidade dos jornais impressos, cujas pautas chegam ao conhecimento do leitor com um intervalo fixo de 24 horas. A mesma rigidez se aplica à grade de programação televisiva e radiofônica que, junto à mídia impressa, conta com exceções ocasionadas por edições extraordinárias. O que Canavilhas constata nesta frase de muita simplicidade é que a espera por uma edição – de jornal, telejornal ou síntese noticiosa radiofônica – nunca foi compatível ao ritmo de acontecimento dos fatos, que devem ser reportados tão logo acontecem.

Guiadas cada vez mais pela instantaneidade, as notícias no ciberespaço cristalizam a marca implacável da aceleração das práticas humanas iniciada de modo efetivo na Revolução Industrial, no século XIX. A velocidade se fez valor informativo com a contribuição da técnica e do desenvolvimento do capitalismo.

No capítulo a seguir será estudada uma crítica concernente a esta polêmica. Trata-se do título de “instantaneísta” que Moretzsohn dá ao jornalista, que deixa de ser o analista do dia para se tornar analista do instante. Esta e outras questões referentes à função do jornalista na atualidade serão discutidas no próximo capítulo

3.3 Revisão da função do jornalista

Frente a uma remodelagem do processo midiático de comunicação promovida pela tecnologia digital através da integração de instâncias até então separadas pelas rotinas de imprensa – emissor, meio, mensagem, receptor – e reunidas sob a égide da interação segundo o modelo *open source*, urge investigar o que se altera no que toca ao papel do jornalista neste novo cenário de sua práxis. Para isso, um breve olhar será lançado às estruturas tradicionais que legitimam a profissão assim como seus valores técnicos (obtenção rápida de notícias, habilidade para redação e edição, etc) e deontológicos (obrigação para com o público, valores como a responsabilidade, a imparcialidade, a precisão, a justiça, a objetividade etc). Com o auxílio de Sousa (2002) serão considerados papéis do jornalista como *gatekeeper*, a consciência de sua função social e do profissional enquanto centralizador de forças pessoais e extra-pessoais.

3.3.1 Construindo uma identidade profissional

A visão do jornalista como contador de ‘estória’ (*sic*) é trazida por Traquina (2005) dentro de uma tradição mais longa de contar ‘estórias’, algo que

remonta o período quando sequer havia jornais ou outro tipo de *media*. Com a profissionalização do jornalismo, o ofício ganhava autonomia e consciência de poder mas, paralelamente, o trabalho do jornalista se reduzia ao domínio técnico da linguagem formatada para cada mídia. Mas esta consciência de poder que a legitimação profissional atingiu ao longo dos dois últimos séculos através da criação de sindicatos e outras entidades ligadas à classe, da instituição da lei que definiu o estatuto profissional do jornalista editada na França, em 1935¹⁸ bem como do reconhecimento social do lugar de fala do jornalista tem mais importância no olhar de Traquina (2005), uma vez que considera os jornalistas “participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (p. 26).

Este “poder” a que se refere o autor passa pela construção da realidade em seu sentido mais amplo, uma vez que o noticiário seria o reflexo de uma verdade. A atuação do jornalista, assim, conotaria a decisão em última instância daquilo que comporá o noticiário definindo pautas, conduzindo apurações, elegendo prioridades de publicação especialmente entre os “promotores” ou assessores de imprensa, responsáveis por uma avalanche diária de *releases* oficiais às redações.

Coletando informações dessas fontes, comparando-as, escrutinando-as, editando-as e, por fim, levando-as aos olhos do público, o jornalista atuaria como um “elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governantes” (p. 47). Para Traquina, esse elo não suporia uma via única de fluxo informacional, onde as notícias deixariam o pólo das assessorias de imprensa e atingiriam o extremo oposto caracterizado pelo público. O autor traz o historiador George Boyce para explicar que “os jornais eram vistos como um meio de exprimir as queixas e injustiças individuais e como uma forma de assegurar a proteção contra a tirania do insensível” (p. 47).

Ao entender o jornalismo como profissão de “enorme responsabilidade social, exigente, difícil e, em última análise, perigosa” (p. 31), Traquina (2005) abre a discussão já tradicional no *métier* jornalístico sobre o papel social do profissional de imprensa. A legitimação de uma forma de governo que validava a opinião pública no exercício das regulações do Estado – a democracia – salientou a função social do jornalista como “porta voz da opinião pública”, como se através deste profissional o

¹⁸ Segundo Ruellan (2004), a lei ainda em vigor tem por objetivo nominar o jornalista e a ele conceder uma carteira profissional – *carte professionnelle*. Objeto de inúmeras ambiguidades, a lei não define o que é jornalismo, mas onde e como é praticado. Por exemplo, um diagramador de publicação impressa publicitária não poderia ser considerado jornalista ao passo que outro, colaborador de um jornal de notícias, era tido como tal pela jurisdição. Os tribunais franceses entendem que as funções de investigação, edição e comunicação de notícia, não interessa de que modo forem executadas, caracterizam atividade jornalística.

público manifestasse seus diferentes pensamentos. Por outro lado, o jornalista se posicionaria cada vez mais como “vigilante do poder político” de modo a assegurar a democracia através da publicação irrestrita de informações, quesito fundamental para a existência de um governo democrático. Pereira (2004a) compara a função do jornalista nas sociedades democráticas com a de um educador, situando-o como agente de elucidação da sociedade em meio ao caos dos acontecimentos.

A função social do jornalismo está intimamente atrelada à visão romântica lançada sobre a identidade do profissional que, citados por Pereira (2004a) é assim identificada por Bill Kovach e Tom Rosentiel:

1. A primeira obrigação do jornalismo é a verdade.
2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos.
3. Sua essência é a disciplina da verificação.
4. Seus profissionais devem ser independentes dos acontecimentos e das pessoas sobre as que informam.
5. Deve servir como um vigilante independente do poder.
6. Deve outorgar um lugar de respeito às críticas públicas e ao compromisso.
7. Tem de se esforçar para transformar o importante em algo interessante e oportuno.
8. Deve acompanhar as notícias tanto de forma exaustiva como proporcionada.
9. Seus profissionais devem ter direito de exercer o que lhes diz a consciência (*online*).

Essa lista de conduta do profissional de imprensa aponta para o jornalismo como atividade objetiva, objetividade esta que cobrará responsabilidade social do jornalista. Se o conteúdo dos jornais sofre uma mudança na virada do século XIX com a despolitização dos periódicos e o crescente enquadramento do conteúdo em uma percepção objetiva de fatos e informações ao contrário do jornalismo essencialmente opinativo praticado até então, a imagem do jornalista também sofrerá alterações, sendo vista agora, nas palavras de Pereira (2004a), como um “herói solitário, comprometido apenas com o interesse público e a transparência democrática” (*online*).

Em meados do século XX, quando o jornalismo experimenta uma fase de intensa mercantilização, a imagem do “herói solitário” comprometido socialmente é substituída pela de um operário inserido num sistema taylorista de produção de notícias (Pereira, 2004a). O desânimo infiltra-se nas redações onde profissionais são admitidos sob alta insegurança e falta de estabilidade em empregos temporários a baixos salários e parcas condições de trabalho.

A deterioração do mercado de trabalho traz um sentimento de resignação dos profissionais às condições impostas pelas empresas. Para se manter no emprego ou conseguir um melhor status, o

jornalista se vê cada vez mais tentado a desrespeitar algumas regras morais e deontológicas da profissão (Pereira, 2004 a, *online*).

Entre estas regras desrespeitadas pode-se citar a submissão do trabalho do jornalista aos apelos dos promotores, assessores de imprensa e fontes oficiais bem como a cessão de espaços jornalísticos à pautas que privilegiem anunciantes numa clara sobreposição do processo comunicacional pela publicidade. Pereira (2004a), no entanto, vê que o aparecimento de novos atores na mediação jornalística gera o pior mal-estar entre os profissionais. O autor aponta a elevação do *status* das fontes enquanto entidades ativas como elemento de perturbação no trabalho do jornalista. Ao se tornarem “produtores de notícias”, as fontes usurariam a livre iniciativa do jornalista, traço fundamental ao bom desempenho de suas atividades.

A crítica de Pereira encerra uma visão algo estereotipada das fontes. Quando assessores de imprensa ou promotores de eventos buscam espaços de seus interesses nos jornais – mensagens que, em certos casos, poderiam ser pagas ou divulgadas através de anúncios publicitários –, o jornalista enfrenta um constrangimento que considera os acordos de parceria entre o veículo onde trabalha e a instituição que oferece a pauta. Ao considerar, porém, que “fonte” é toda e qualquer instância que ofereça informação de base para a produção do noticiário, é necessário lembrar de outros públicos que não falam em nome de nenhuma instituição mas em prol de seus próprios interesses ou de sua comunidade. Quando esses públicos se tornam produtores de notícias, o trabalho do jornalista tende a ser enriquecido por uma visão mais próxima da realidade e pela diversidade com que a abordagem da pauta é apresentada.

Gillmor (2004) entende que o fato do público produzir notícias em cooperação com os jornalistas tende a enriquecer a abordagem dos assuntos em pauta. Na contramão, Ruellan (2004) percebe que isso pode reduzir o espaço de competência do jornalista e conduzir à profissionalização não-oficial de não-jornalistas. O autor refere-se explicitamente a trabalhadores de viés técnico como operadores de áudio, vídeo, informática, assessores de imprensa e apresentadores de audiovisuais. Porém, cabe aqui fazer referência ao crescente espaço ocupado pelo cidadão-repórter na definição de Yeon Ho (2005 a), ou seja, colaboradores do noticiário de não reivindicam a identidade jornalística mas agem na condição de repórteres, com sutil diferença do trabalho desempenhado pelo jornalista profissional. Ruellan vai além e classifica este fenômeno como perda de território e de autoridade

por parte dos jornalistas que, cada vez menos, dominam a cadeia de transmissão dos discursos para se tornarem de modo crescente um importante elo entre diferentes públicos.

Ao passo em que Ruellan (2004) observa com pessimismo este novo cenário que parece, finalmente, destituir o jornalismo da ordem da transmissão e promovê-lo a uma atividade de efetiva comunicação, Gillmor (2004) acolhe a interferência do público em sua atividade como jornalista como um “facto libertador” e não uma ameaça à sua identidade profissional, afinal, o autor entende que os leitores saibam mais do que ele próprio (p. 15). “Se os meus leitores souberem mais do que eu (e sei que isso é verdade), posso incluí-los no processo de melhorar o nível do meu jornalismo” (p. 36).

Por “melhorar o nível do meu jornalismo”, Gillmor argumenta que, não raro, consulta leitores a respeito de artigos que ainda estão em processo de produção. Como resultado recebe comentários que apontam falhas ou ângulos que poderiam ter sido melhor explorados no texto. Este diálogo de conferência de dados naturalmente acontece no jornalismo tradicional, porém, os interlocutores geralmente são os jornalistas e assessores de imprensa assim como outras fontes oficiais. Para que os diferentes públicos pudessem entrar nesse diálogo foram fundamentais dois aspectos: 1) que o jornalista se desse por conta da necessidade e da importância do que este público tem a lhe dizer; 2) que fossem desenvolvidas ferramentas de interação mútua no ciberespaço, especialmente aquelas de uso síncrono, que operacionalizaram a oportunidade, segundo Gillmor, de se fazer um melhor jornalismo do que fora produzido até agora.

O autor enfatiza que, apesar dessa aproximação entre jornalista e público, não deixará de haver lugar para jornalistas profissionais já que é constante a demanda de alguém que faça perguntas de modo disciplinado e se dirija a um grande público. “O que tenho vindo a aprender é que este público, se tiver oportunidades, tem muito para dizer. A Internet é o primeiro meio de informação que o público é o proprietário, o primeiro meio que deu voz ao público” (p.119).

Independentemente dos acordos de cooperação firmados entre jornalista e os diferentes públicos, alheios aos benefícios ou malefícios que essa situação pode trazer ao jornalismo – especialmente o praticado em ambiente digital –, é inegável a consolidação da identidade profissional do jornalista ao longo dos últimos 200 anos num processo que compreende, sucintamente, três fases: a estenografia; a criação de diferentes gêneros de se fazer jornalismo como a entrevista e a reportagem; a

formatação de uma linguagem específica conduzida pela convenção do *lead*. É Traquina (2005) que assim traduz a profissionalização do jornalista, sobretudo, amparada pela autoridade emergente do uso da pirâmide invertida, uma técnica que legitima “o direito e a obrigação do jornalista de mediar e simplificar, cristalizar e identificar elementos políticos no acontecimento noticioso” (p. 89).

Para além das atuais polêmicas em torno da adequação do uso da pirâmide invertida – e por consequência, do *lead* – no jornalismo *online*, cabe destacar que esta estrutura já foi questionada pelo movimento do *New Journalism*, onde o relato cronológico e o texto literário tomou o espaço das notícias escritas de modo sucinto. É possível que o *lead* esteja enfrentando, na atualidade, uma nova revisão de sua propriedade no texto jornalístico, ainda que a imprensa brasileira, de modo geral, priorize seu uso.

3.3.2 Profissão: repórter

Ao estudar o jornalismo como profissão, Traquina (2005) encontra a definição de repórter escrita em 1836 como “uma espécie de empregado que vê como seu dever tomar notas do desenvolvimento dos eventos” (p. 69). Guerra (2003) identifica a instituição da figura específica do repórter entre os anos de 1880 e 1890. Segundo o autor, repórter é aquele que sai da redação em busca dos fatos. Corrêa (*apud* Pena, 2005) entende o repórter como um investigador de fatos e seus agentes por meio de relato jornalístico temático, focal, envolvente e de interesse atual. Já Lage (*apud* Pena, 2005) considera o trabalho do repórter como a exposição combinada de assuntos interessantes com o maior número possível de dados e, acrescenta-se, fontes.

Essa segmentação do trabalho jornalístico vem de encontro às rotinas praticadas pelos primeiros jornais, onde um mesmo homem imprimia, vendia anúncios, atuava como editor, redator e repórter. Com a instituição do novo jornalismo que se baliza pela máxima de encher o jornal de notícias objetivas em detrimento de opinião e com espaços bem delimitados à publicidade, os donos de jornais preocuparam-se em contratar pessoas que se dedicassem tão-somente à coleta de fatos e redação, ocupação que tomaria integralmente um funcionário de redação (Traquina, 2005). No final do século XIX, o repórter destaca-se no exercício de mídia devido ao desenvolvimento da reportagem e, em especial, da grande reportagem. O autor refere-se a Bernard Voyenne ao cita a mudança radical da conotação da palavra

repórter neste período. Se até então repórter designava a mais humilde categoria de trabalho na imprensa, com o destacado trabalho dos repórteres de guerra, principalmente, ser repórter se tornaria uma das mais prestigiadas e invejadas atividades dentro do jornalismo.

Como profissional emergente dentro do desprestigiado *status* no qual se encontrava a atividade do jornalista no século XIX, o repórter centralizava sua atividade na tradução de fatos em notícias, transformando assim o jornalismo numa “máquina fotográfica da realidade” ou ainda fazendo com que seu ideal de trabalho fosse guiado pela ambição de ser o espelho da realidade. “A caça hábil dos fatos dava ao repórter a categoria comparável à do cientista, do explorador e do historiador” (Traquina, 2005, p. 52).

Focalizando a análise sobre qual a função de um repórter tradicional, Amaro (2004) observa o repórter como o sujeito que indaga, questiona e pode gozar de um acesso diferenciado à informação dotado da capacidade de transmitir a um grande público aquilo que entende por “realidade” dando conta de tudo o que viu, ouviu e sentiu na apuração de um fato. Sob disfarce ou na mira da própria identidade, o repórter deve interagir com as pautas, participar do meio que observa, fazendo uso de sentidos particulares, experimentações na coleta de informações que se transformarão em notícias.

Para além de descrições factuais do cotidiano de um repórter, este personagem-chave do cenário midiático é comumente envolto por uma mística vocacional onde o talento cristalizaria uma aptidão congênita. Traquina (2005) lembra Edouard Rod que enxergava o repórter como o usurpador de todas as funções: é aquele que conduz inquéritos, aconselha sábios, militares, substitui juízes, diplomatas, generais. Já Queiroz (2004, *online*) considera o repórter como a maior arma do jornalismo. Nas palavras do autor, “é dele a responsabilidade de representar a sociedade e de denunciar as mazelas e as injustiças, da maneira mais transparente possível”. Para acentuar essa visão, cita Ricardo Kostcho ao ressaltar que “ser repórter é bem mais do que simplesmente cultivar belas-lettras, se o profissional entender que sua tarefa não se limita a produzir notícias seguindo alguma fórmula científica, mas é a arte de informar para transformar” (*online*). Kostcho vai além e afirma que o repórter só deve sê-lo se “alguma força maior o empurra para isso” (*online*).

3.3.3 Jornalista na atualidade: profissional em crise?

Ainda que amparado por uma identidade profissional desenvolvida e consolidada nos últimos dois séculos, o jornalista protagoniza, hoje, uma revisão dos próprio elementos que balizam sua atividade. Pereira (2004b) percebe a necessidade da busca de uma nova identidade profissional ao jornalista devido à imprecisão das linhas limítrofes de seu universo de atuação refletidas com igual nebulosidade nos estatutos profissionais.

A presente excursão sobre a(s) possível(eis) reconfiguração(ões) da figura do jornalista tem como elemento perturbador a digitalização do noticiário, algo que abre margens a olhares críticos sobre as perdas e ganhos sofridos pela atividade jornalística em função do tempo diminuto em que esta se efetua, da espacialidade geográfica nula que encerra o ciberespaço e, principalmente, da interação mútua possibilitada de modo pioneiro e, até então, único entre jornalistas e outros públicos através de um mesmo canal: a Internet. Salienta-se que a originalidade deste modo de interação está no fato de que a troca de mensagens se dá através do mesmo meio – suporte digital, seja ele computador, telefone celular, PDA e outros aparelhos conectados à rede. Se antes do advento da Internet já havia troca de mensagens entre jornalistas e outros públicos – e essa é uma verdade de domínio comum – tal interação se dava através de outro meio, ou seja, o ouvinte, por exemplo, escutava a mensagem via-rádio e, caso quisesse respondê-la, teria de lançar mão de outro meio – o telefone, por exemplo, ou o fax – para fazer com que sua resposta chegasse até o locutor.

Moretzsohn (2002) recorre à etimologia do termo “jornalista”, que o designa como “analista de um dia”. Com as dimensões de tempo alteradas pela estrutura em rede – fragmentadas na personificação e imediatização dos fluxos informacionais –, a autora sugere que o jornalista poderia, sem prejuízos, ser denominado, agora, um “instantaneísta” ou “imediatista”. A crítica implícita na renomeação do profissional denuncia a substituição de valores qualitativos presentes na informação jornalística pela variável **tempo** no que toca à instaneidade.

Considerando materialmente impossível a análise de instantes, a autora conclui que o papel do “jornalista” ou “instataneísta” tende ao desaparecimento. Ora, o imediatismo impediria qualquer deslocamento físico ou distanciamento intelectual necessário ao tratamento de uma pauta. Mero “fio que permite conectar o evento com sua difusão” (p. 169), o jornalista deve chamar novamente a si seu tradicional papel de mediador e “dar ao público aquilo que ele não sabe que precisa”, conforme aponta

Warren Hoge, chefe de redação adjunto do New York Times (*apud* Moretzsohn, 2002, p. 169).

Ao **supostamente** “saber” o que o público precisa, o jornalista intervém soberanamente na realidade, contradizendo as premissas da mediação que remetem à imparcialidade sobre a questão discutida. Impelido a publicar a “verdade dos fatos”, o papel do jornalista mediador na imprensa tradicional entra em conflito com a crescente personalização da informação midiática no ciberespaço. Sob a lógica da demanda, o público é convidado a montar seu próprio jornal, sem que *necessite* do julgamento prévio de um *gatekeeper* subjetivo sobre o conteúdo que lerá. É preciso alertar para os aspectos positivos e negativos que esta mudança provoca. Enquanto ganha autonomia, o público também se fragiliza diante da procedência incerta da mensagem que lê, ou seja, ele já não recebe com a notícia o comprometimento absoluto de uma informação correta assumido por quem produziu tal mensagem. A chancela da pretensa veracidade atribuída pelas empresas de comunicação à mensagem que veiculam é substituída pela autonomia que liberta das grades de programação mas também expõe o público a uma informação sujeita a verificações.

Se, no ambiente digital, **notícia** confunde-se corriqueiramente com **informação**, o editor do jornal The New York Times, Seymour Tooping, aponta o equívoco em tratar ambos os termos como sinônimos:

A notícia é um produto final de um processo no qual o jornalista age como árbitro. (...) É o jornalista que interpreta e seleciona os acontecimentos para qualquer audiência. (...) Ao classificar e selecionar o enorme dilúvio de informações às quais nós temos acesso o jornalista desempenha uma função crucial nesta era de informação. Sem jornalistas treinados e responsáveis, nos arriscamos a ser inundados por uma abundância de fatos e imagens sem contextos, muitos dos quais trivialidades (*apud* Moretzsohn, 2002, p. 170).

Amparando-se neste argumento, Moretzsohn sublinha o papel decisivo do jornalismo como prática de mediação discursiva. Num universo onde o fluxo e a quantidade de informações multiplicam-se exponencialmente, o risco de submersão em inverdades e pretensas notícias que se resumem a banalidades, a autora defende o reestabelecimento do jornalista como canal de integração entre as pessoas e o mundo.

A supressão de intermediários, perseguida durante mais de cem anos na busca pela liberdade irrestrita dos homens sobre seus atos já parece, ao olhar de Wolton (*apud* Moretzshon, 2002), uma força a ser invertida. Quando a técnica libera o acesso a tudo o que antes era restrito, instituindo a lei do *do it yourself*, mais os

intermediários tornam-se indispensáveis. São eles – políticos, médicos, jornalistas, professores – que traduzem ao público a complexidade da sociedade que integram. Marcondes Filho (2000) chancela essa visão ao questionar as condições do público de filtrar e fazer uma seleção apurada das notícias que recebe. Ora, a mera recepção já não diz respeito ao modo complexo como ocorre a comunicação midiática em rede. A leitura da notícia, que já não é mais leitura ou escuta ou audiência isoladamente, não restringe-se à recepção, mas avança à co-produção da mensagem, encontrando convenções nas aptidões cognitivas de cada interagente conectado e potencializando-o como um leitor e autor simultâneo da mensagem.

Essa visível personalização não se opõe ao compartilhamento informacional na rede, ampliado pelas possibilidades de interação mútua no jornalismo *open source*. Ainda assim, Marcondes Filho (2000) observa que a liberdade de tornar pública qualquer informação abre margens à propagação de mensagens anti-semitas ou segregacionistas. Sem a figura do jornalista exercendo a função de júri sobre a visão dos fatos que é oferecida ao público, como poderá, a pessoa leiga, triar informações ponderadas de outras ligadas a ideologias totalitárias? De repente, a liberdade pretendida pela publicação irrestrita pode reverter-se na disseminação de olhares absolutistas. Para o autor, a manutenção da figura do jornalista nos termos em que se institui na mídia tradicional deve ser garantida pela função de *gatekeeper*, originária da imprensa norte-americana. Cabe lembrar, porém, que o risco da manipulação existe independentemente da presença do jornalista nas rotinas de produção.

Enzensberger (1979) entende que é inútil discutir se os *media* são manipulados ou não, já que toda a intervenção lingüística sobre um fato – e isso inclui redação, gravação, edição, mixagem, distribuição – não está isenta de manipulações. A questão é apontar **quem** manipula as mensagens. A abertura do processo de publicação de notícias na Internet através do jornalismo *open source* não ambiciona eliminar a manipulação dos fatos traduzidos em linguagem jornalística, mas conceder essa possibilidade ao maior número de pessoas possível. Julga-se que, frente à grande quantidade de versões sobre um mesmo fato trazida pela pluralidade do noticiário *online* ou dos *blogs* jornalísticos, por exemplo – ainda que cada uma delas contenha inevitavelmente seu traço subjetivo – permite-se que o interagente decida qual orientação dar à leitura daquele conteúdo.

Por outro lado, no jornalismo tradicional, a tendência à homogeneização informacional nas redações, especialmente implementada pela reprodução de material

de agências noticiosas e fontes oficiais cala um público que, na visão de Barros (2001), está muito disposto a falar: “Triste é que não seja ouvido. Que tudo o que tem para contar fique sufocado dentro de si, pois o mediador *já sabe* o que precisa ser dito e *não tem tempo* para ir até este homem” (p. 169). Wolf contribui com essa visão, constatando que:

... os jornalistas conhecem pouco o seu público; mesmo que os órgãos de informação promovam pesquisas sobre as características da audiência, os seus hábitos e as suas preferências, os jornalistas raramente as conhecem e pouco desejam fazê-lo. O seu dever é apresentar programas informativos, não é satisfazer um público; quanto menos se debruçarem sobre o público, mais atenção podem dar às notícias. Por outro lado, a referência às necessidades e às exigências dos destinatários é constante e, nas próprias rotinas produtivas, estão encarnados pressupostos implícitos acerca do público (1992, p. 188-189).

Vizeu (2002) defende a idéia de que os jornalistas constroem uma imagem de quem é seu público a partir de elementos que integram sua própria cultura profissional aliados às suas rotinas de trabalho, aos códigos particulares e linguísticos. Sob recomendação de editores, os jornalistas, repórteres e redatores em geral são inqueridos a construir os enunciados de suas matérias considerando um público genérico, abrangente especialmente quando se fala dos *media* de massa (Pena, 2005). O que parece evidenciar uma preocupação do jornalista em se tornar compreensível através da notícia e tentar estabelecer um diálogo com o público, por outro lado, mostra a distância pétrea entre profissionais de imprensa e suas audiências. O espectador, leitor ou ouvinte não passa de uma imagem, um estereótipo criado por pesquisas mercadológicas e por idéias que caem em senso comum.

Se na mídia tradicional essa distância entre público e jornalista sinaliza um ponto frágil na estrutura do trabalho de imprensa, na Internet repórteres e fontes têm uma relação refeita, com contatos potencialmente mais assíduos e facilitados pela tecnologia. O que talvez pudesse ser visto como um ganho, é entendido por Adghirni (2001) como uma ameaça capaz de “desconfigurar” o mercado e deslegitimar a profissão – a Internet confundiria as fronteiras entre jornalistas profissionais (diplomados e reconhecidos por sindicatos) e produtores de conteúdo (de quem não é exigida nenhuma formação intelectual para publicar mensagens em ambiente midiático). Marcondes Filho (2000) concorda ironicamente com tal visão alertando que, no contexto atual, todas as pessoas são potenciais jornalistas: “Basicamente, cada um pode ser um provedor de informação. Com uma câmera acoplada ao PC, qualquer coisa pode virar notícia” (2000, p. 155). Barros (2001) enfatiza essa visão simplista

do ofício ao apontar o senso comum de que, quem sabe alinhar palavras em frases pode escrever e, com isso, fazer um jornal. Mas para além disso, o jornalismo sustenta-se no que é visto, sentido, estudado, cruzado, nas sabedorias científicas com as sabedorias cotidianas, na sensibilização do olhar na captação das diversas visões de mundo – uma prática complexa que depende de uma simplicidade não reducionista para ser traduzida.

Visto desta maneira, o jornalismo não depende, senão, do conhecimento do dia-a-dia, da rotina vivida nas ruas e dentro das casas de pessoas comuns, ligadas **mas não reduzidas** às fontes oficiais de informação. No entanto, o que Pereira (2004b) vê acontecer nas redações de jornalismo *online* é o “jornalismo sentado”¹⁹ – ou *journaliste assis* – que, citando Erik Neveu, designa a formatação de textos de outros jornalistas, predominância de gênero editorial ou de comentários, ou seja, informações prontas, meramente “requeitadas” e não mais coletadas e redigidas pelo próprio jornalista. O autor alerta para a prática frequente do plágio neste modo de fazer jornalismo. Sem contato direto com as fontes, às vezes sequer contactando assessorias de imprensa, jornalistas (re)publicam notas anteriormente dadas por outro veículo, praticando o mimetismo midiático.

O jornalismo sentado no ambiente digital aparece de modo tão famigerado a ponto do profissional classificar “como ‘não-oficial’ uma informação que, no início da cadeia foi produzida pelas próprias fontes e difundida pelos despachos de uma agência noticiosa” (Pereira, 2004b). Noutras situações não menos aterrorizantes, os jornalistas sentados consideram “confiáveis” determinadas informações tão-somente por terem sido divulgadas por fontes oficiais. Ouvir os mais diferentes públicos que, de alguma maneira sempre estão ligados a uma pauta, não faz parte, em absoluto, das rotinas produtivas do jornalismo sentado praticado em veículos *online*.

A estrutura em rede do ciberespaço, porém, obriga o jornalista a considerar a presença atuante do público na produção do noticiário, afinal, ambos conjugam o **mesmo** espaço digital. A aproximação das então opostas instâncias da cadeia midiática – emissão e recepção – as integra em propósitos similares que têm na informação sua maior causa. Adghirni (2001), por outro lado, observa que a “informação”, na Internet, é facilmente confundida com uma “versão mercantilizada da notícia”, projetada a fim de satisfazer uma clientela. Essa mutação no

¹⁹ O contraponto do jornalismo sentado é o “jornalismo de pé” onde o jornalista se expõe diretamente às fontes na busca de informações e compõe, ele mesmo, o texto original da notícia (Pereira, 2004b).

entendimento do que é notícia iniciou já na década de 80, com o grande *boom* das agências noticiosas e sua preocupação em vender notícias a publicações de diferentes perfis sócio-econômicos e políticos.

Invine (1997, *apud* Marcondes Filho, 2000), também percebe uma alteração de base na função do jornalista na esfera digital, definindo-a não de modo fatalista, mas renovador. O jornalista da *web* passa a ter como tarefa central juntar idéias e lhes dar um formato agradável à audiência. A integração de público e profissionais de imprensa desmitificaria o jornalista como um propagador de pontos de vista soberanos, instituindo-o como alguém que consolida uma informação que vem do público, a que se acrescenta a importância que o jornalista assume no estímulo à discussão pública de pautas com diferentes enfoques. Assim se reconfigura o conceito tradicional de **mediação** a fim de adequá-lo às novas posições ocupadas pelo profissional de imprensa no jornalismo *open source*.

Se mediar, segundo Guerra (2003), “é promover uma adequação entre os pólos que se pretende pôr em contato”, a estrutura horizontalizada da comunicação em rede não admite este conceito, uma vez que o sistema comunicacional midiático em rede, tal como no jornalismo *open source*, é despido de polarização. Voltando-se ao jornalismo, o autor fala em mediação como um contrato de confiança entre diferentes atores sociais em atividades cognitivas.

A preocupação em vincular “emissores” e “receptores” através de uma mediação cognitiva limita o entendimento de mediação à busca de informações em uma fonte e conseqüente veiculação destes dados articulados em forma de notícia a uma esfera diferenciada da fonte, ou seja, o público, reforçando o modelo hierarquizado de transmissão de mensagens. Nesse caso, o papel do jornalista se limita à apuração, formatação e veiculação da notícia de um ponto a outro, diferenciados entre si, sem que o caminho inverso aconteça.

À medida em que todo o discurso implica uma mediação (Moretzsohn, 2003), parece necessário entender a maneira como acontece a mediação num discurso onde os pontos em diálogo são praticamente indistintos quanto ao poder de fala. Pereira (2004b) detecta essa mudança no processo jornalístico ao constatar que as fontes, ao se tornarem entidades ativas, deixam de ser apenas produtoras de informações primárias e passam a atuar lado a lado com o jornalista. O contrário também acontece quando o leitor, ao se tornar ativo, deixa de desempenhar apenas a função de leitura e passa a interferir na mensagem veiculada. Parece claro que, no jornalismo *open source*, o que muda são os papéis dos atores comunicacionais, até

então diferenciados entre si pela mídia de massa. Disto emerge a revisão do conceito de mediação aos moldes em que foi tratado pelos estudos de recepção e estudos culturais anteriormente referidos.

Kunczik (2001) trabalha esta idéia através de Langenbucher, que aponta a mediação como o ato de “facilitar a mútua comunicação entre os diferentes grupos da sociedade” (p. 100). O autor amplia o espectro de sua análise e atribui aos meios de comunicação a função primordial de viabilizar a troca de idéias entre todos os grupos que participam da formação da vontade política de uma sociedade.

Langenbucher pensa ainda que o sistema de comunicação deve ser estruturado de tal maneira que facilite para o cidadão individual o acesso aos meios de comunicação. Para conseguir essa igualdade comunicativa, segundo ele, impõe-se que as possibilidades de certo grupo de garantir o acesso aos meios de comunicação de massa aumentem em proporção inversa à sua privação anterior no sentido de utilizar a comunicação pública. Isso proporcionaria igual oportunidade de comunicação a todos os grupos da sociedade” (p. 100).

Diante do exposto e ao se conceber a sociedade, em seu sentido mais amplo e tendo em vista sua preocupação em conquistar/manter a democracia, parece fundamental que seus jornalistas desejem ser, antes de tudo, mediadores; que não se proponham à pretensão de preparar, manipular ou guiar as pessoas tampouco em “construir a verdade”, mas tenham como premissa encorajar o diálogo entre diferentes grupos sociais.

Após analisar a relação de uma comunidade interiorana do Rio Grande do Sul com o principal jornal da região, Barros (2001) constatou que as pessoas têm muito a contar mas suas vozes são silenciadas na mídia tradicional pela omissão de jornalistas envolvidos em rotinas institucionais de apuração e publicação, o que se pode entender como “efeito *release*”, o que remete, no jargão profissional à mera reprodução dos materiais de divulgação enviados por assessorias de imprensa às redações, contendo tão-somente as versões oficiais dos fatos disseminadas por um padrão burocratizado e restritivo de acesso à informação.

Ao se submeter ao jornalismo dito “oficioso”, o jornalista encabeça a lista dos traidores e traídos pela rotina da imprensa tradicional, pois “faz de conta que escreve tudo o que testemunha, e multiplica-se por cada editor omissor” (Barros, 2001, p. 173). Expôr-se à “vida como ela é” consiste num dos maiores desafios do jornalista de todos os tempos. Cercado de apelos mercadológicos que instituem o anunciante como pilar da cadeia comunicativa, o profissional de imprensa é impelido a mergulhar

na diversidade do cotidiano, conservando-a em sua complexidade e mantendo no foco da informação os protagonistas do cotidiano – os públicos. Se é em detalhes banais que a vida acontece, cabe ao jornalista permitir que esses diferentes públicos tomem dimensão pública e influenciem no modo como uma história é contada. Transposta a intenção inútil de reproduzir a “realidade em si”, o jornalismo tem como um dos propósitos abrir espaços para o universo simbólico recriado a cada dia, por cada interagente, sem o perigo de reduzi-lo a estereótipos que padronizam e empobrecem as visões de mundo (Barros, 2001).

Parece não haver relação mais honesta na produção de um universo simbólico do que integrar os atores do cotidiano com esta vitrine que se faz espelhada no relato de cada um. Esse fenômeno concretiza-se na mudança do discurso jornalístico, antes unidirecional e agora reticulado, promovida pela aplicação de tecnologias de interação na construção de *sites* noticiosos. Silva (in Mouillaud, 2002) nota, nessa modificação, uma ampliação do horizonte de acesso à notícia, trazendo para dentro do contexto jornalístico os verdadeiros protagonistas do processo comunicacional.

Barbosa (2002) destaca a relevância da participação dos até então leitores no processo de produção de notícias: “Eles conhecem a realidade e, muitas vezes, sabem mais sobre determinados assuntos do que os jornalistas” (*online*). Para a autora, as pessoas chamam a atenção para temas pouco retratados pelos jornais e que, no entanto, são de interesse e necessidade plenos da sociedade.

Viabilizada pelo jornalismo *open source*, a interação mútua na publicação de notícias redimensiona, portanto, a comunicação, até então massiva por ser dirigida às grandes audiências. Esse redimensionamento, como o termo salienta, está longe de representar o fim do jornalismo tradicional e dos jornalistas, porém, de acordo com Barbosa (2001), a interação mútua no jornalismo *online* modifica muitas das práticas das redações. Silva (in Mouillaud, 2002) encontra no paradigma que admite a interferência dos públicos sobre a mensagem a consolidação da comunicação social, considerando essa participação como a razão central do jornalismo.

Ainda que a ética do profissional e algumas etapas fundamentais da produção de um noticiário como a apuração, checagem de fatos e edição sigam existindo, a relação entre os agentes humanos de um noticiário é o que se altera. E as mudanças trazidas por essa relação que se refaz pode ser determinante para que um modelo diferenciado de jornalismo se concretize.

A razão central que estimula este modelo diferenciado de jornalismo não está limitada ao próprio jornalismo, mas vem de muito antes, de um cenário social mais amplo, no qual a imprensa é apenas uma das atividades. Refere-se, neste instante, ao espírito de época promovido pelo sentimento de colaboração. O universo que se propõe como fonte para as diretrizes que poderão contribuir para o entendimento do jornalismo firmado através da interação mútua entre os públicos e os jornalistas através da produção do noticiário encontra suas bases na sociedade em rede e, mais especificamente, nas comunidades de desenvolvedores de *open source software*. Que diretrizes são essas e de que forma podem ser aplicadas ao jornalismo é o que será estudado no capítulo a seguir.

3.4 Modelo *open source*

A dinâmica da espiral que a interação mútua/diálogo constante desenha e conduz a uma incessante complementaridade só se torna possível pela estrutura em rede que caracteriza a comunicação midiática amparada pela tecnologia digital. Castells (2000) firma-se como um dos autores de maior autoridade na abordagem dos impactos sociais, econômicos e culturais dessa transformação ocasionada pelas redes digitais de comunicação. Inserido neste contexto, o jornalismo *online* assume algumas características do modelo *open source* aqui descritas ao se situar em um ambiente social fortemente marcado pela “cultura da liberdade” que, já nos anos 70, nos Estados Unidos, anunciava uma tendência comportamental. A seguir será descrita a constituição e o pensamento que guia este cenário para, logo após, ser discutida a aplicabilidade dos preceitos de um modelo aberto (*open source*) ao jornalismo.

Sustentado pela produção, experiência e pelo poder assegurados pelo alto valor da informação, o novo paradigma cultural inscreve a libertação das práticas sociais através de identidades que se compõem coletivamente num círculo virtuoso de interações entre as fontes de conhecimento e suas aplicações. A heterogeneidade de visões e o aumento do nível de complexidade no processamento de informações leva Castells (2000) a entender o mundo como “multicultural e interdependente”, onde a liberdade de multiplicar e reproduzir conhecimentos é diretamente proporcional à força agregativa dos povos. Não se trata, portanto, da destruição da ordem imposta pela sociedade industrial, mas de uma reestruturação de indivíduos e instituições capaz de preservar a flexibilidade motriz da criatividade humana.

3.4.1 Raízes na engenharia de *software*

Ao assegurar que “as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos” (p. 51), Castells (2000) integra duas instâncias até então separadas pelo modelo industrial de produção: criadores e público podem ser, agora, a mesma pessoa, ao invés de estarem isolados por leis de proteção à propriedade intelectual e consequente verticalização da apropriação dos bens de consumo. Na sociedade informacional, é a desagregação do trabalho e a personalização dos mercados que introduz o formato da rede. Além de não homogeneizar qualquer processo de audiência, a rede estimula a criatividade e possibilita a diversidade de inovações através do esforço cooperativo de grupos com interesses semelhantes. É o caso dos desenvolvedores de *open source software*, cujo envolvimento pelo projeto tem fundo altamente **espontâneo**, facilitando a liberdade de trocas simbólicas e práticas culturais.

Lawrence Lessig (2002), professor de Direito da Universidade de Stanford atento às mudanças ocasionadas pela rede digital nas questões referentes à abertura da propriedade intelectual vê, na Internet, uma oportunidade sem precedentes para se aprender sobre liberdade. “*No modern phenomenon better demonstrates the importance of free resources to innovation and crativity than the Internet. To those who argue that control is necessary if innovation is to occur, and that more control will yield more innovation, the Internet is the simplest and most direct reply*”²⁰ (p. 14).

A resposta a que se refere Lessig contrapõe-se ao modelo rígido de proteção autoral de obras intelectuais, cuja libertação de fluxo registra-se no ciberespaço por meio de redes *peer-to-peer* e pela abertura de códigos-fonte de *software*. Os códigos a serem desvendados e manipulados conforme o interesse da comunidade global, porém, não se limitam aos programas de computador. Lessig fala de códigos que estão por trás de leis de comportamento e estes, ainda, desmentem o mito do ciberespaço como ágora informacional. Para alcançar o ideal de libertação das práticas sociais na rede, para o autor, é preciso estar alerta para os limites tênues entre liberdade e anarquia. Richard Stallman, criador da *Free Software Foundation* e apontado por Lessig como o “filósofo de nossa era”, postula: “*free, not in the sense of*

²⁰ Tradução da autora: “Nenhum fenômeno moderno demonstra melhor a importância dos recursos livres para a inovação e a criatividade do que a Internet. Para aqueles que argumentam que o controle é necessário se a inovação está a ocorrer, e que mais controle renderá mais inovação, a Internet é a mais simples e mais direta resposta.”

*free beer, but free in the sense of free speech*²¹ (apud Lessig, 2002, p. 12). Trata-se, portanto, de uma liberdade de manifestação de idéias e não liberdade de preço, gratuidade. O autor defende que a liberdade na rede pode ser alcançada através de um equilíbrio entre controle e liberação de códigos comportamentais. E isso passa pelos recursos – canais, *software*, espaços de publicação – que se tornaram disponíveis com o advento da rede. São “recursos”, e não produtos, compartilhados no que toca ao seu acesso, e não ao seu consumo.

*Free resources, however, have nothing to do with communism. (The Soviet Union was not a place with either free speech or free beer.) Neither are the resources that I am talking about the product of altruism. (...) Resources cost money to produce. They must be paid for if they are to be produced. But how a resource is produced says nothing about how access to that resource is granted. Production is different from consumption (2002, p. 13).*²²

Esta colocação evoca uma ambiguidade já tradicional entre as comunidades que trabalham com tecnologias *open source* – ou código aberto.

No caso do desenvolvimento de programas, *software* livre refere-se, portanto, à liberdade dos usuários executarem, copiarem, distribuírem, estudarem, modificarem e aperfeiçoarem o *software* sem que autorizações sejam necessárias. A comunidade GNU²³ traça quatro elementos fundamentais para caracterizar um *software* como livre. Destaca-se que os elementos a seguir apresentados são de extrema importância para a compreensão do jornalismo *open source*, uma vez que serão aplicados à produção do noticiário na seqüência desta pesquisa.

- a) a liberdade de executar o programa para quaisquer propósitos (nº0);
- b) a liberdade de estudar o funcionamento do programa adaptando-o às necessidades particulares (e para isso o acesso ao código-fonte é fundamental) (nº1);
- c) a liberdade de distribuir cópias de modo que possa auxiliar outros interessados (nº2);
- d) a liberdade de aperfeiçoar o programa e divulgar seus aperfeiçoamentos de modo que toda a comunidade se beneficie (nº3).

²¹ Tradução da autora: “Livre não no sentido de cerveja grátis, mas livre no sentido de liberdade de expressão.”

²² Tradução da autora: “Recursos livres, porém, nada têm a ver com comunismo (A União Soviética não era um lugar com expressão livre ou cerveja grátis.) Os recursos de que estou falando também não são produto do altruísmo (...) Recursos custam dinheiro para serem produzidos. Eles precisam ser pagos se forem produzidos. Mas como um recurso é produzido não diz nada sobre como o acesso a esse recurso é garantido. Produção é diferente de consumo.”

²³ <http://www.gnu.org/philosophy/free-sw.pt.html>

O *software* que dispõe destas quatro liberdades é considerado um “*software* livre”.

Gonzalez-Barahona (2000)²⁴ contribui com a identificação de *software* livre traçando outros três princípios. São eles:

- a) *software* que pode ser usado de acordo com o interesse de qualquer um, em quantos computadores os usuários acharem que devem e em quaisquer condições tecnicamente apropriadas;
- b) *software* cujo código está à disposição de modificação de seus usuários. É claro que isso inclui melhorias, conserto de *bugs*, aumento de sua funcionalidade e estudos de sua operação;
- c) *software* cuja redistribuição para outros públicos seja livre, não importando o uso que farão dele. Esta redistribuição pode ser gratuita ou cobrada, mesmo se essa cobrança não tiver sido praticada anteriormente.

O teor da palavra “livre”, ainda que aplicada à capacidade de expressão e não à gratuidade de preços aponta, para Stallman, uma conotação política que faz da *Free Software Foundation* um movimento social na visão de seus integrantes. A liberdade, neste caso, não se refere somente ao fato do código-fonte de programas de computador estarem acessíveis a qualquer pessoa, mas a um ideal cidadão de atitudes que não podem ser vetadas por um eventual proprietário do produto.

Apesar de todos estes esclarecimentos, a confusão de sentidos entre “livre” e “grátis” ainda é comum no mundo da informática. Assim, um *software* cujo código está aberto poderia ser distribuído sem custo algum. Ainda que isso aconteça, estes *software* não deixam de ser produtos comercializáveis por empresas que manipulam seus códigos aprontando melhorias, customizações aos clientes e oferecendo pacotes de suporte. Ser “livre”, portanto, não significa que algo é “não-comercial”, mas que será sempre passível de alterações. “*A resource is ‘free’ if (1) one can use it without the permission of anyone else; or (2) the permission one need is granted neutrally*”²⁵ (Lessig, 2002, p. 12).

Ainda que haja proximidades entre os pontos que caracterizam “*software* livre” e “*open source*”, estas duas categorizações apresentam diferenças. O norte-americano Bruce Perens²⁶, em 1998, sugere uma definição para o termo “*open*

²⁴ http://eu.conecta.it/paper/General_idea_open_source.html

²⁵ Tradução da autora: “Um recurso é ‘livre se (1) alguém pode usá-lo sem a permissão de qualquer pessoa; ou (2) a permissão necessária é garantida neutramente.”

²⁶ <http://www.ansol.org/filosofia/softwarelivre.pt.html> (acesso em 04/03/2005)

source” que seria usada no texto fundador do Movimento *Open Source* – ou *Open Source Movement*. Esta definição deriva das quatro linhas diretoras do *software* livre propostas por Stallman, amparando-se também na Licença Pública Geral (GPL) que será discutida mais adiante. O diferencial da iniciativa *open source* é o objetivo de ser uma estratégia de marketing do *software* livre através da identificação de um produto pelo selo *OSI* (*Open Source Initiative*) o que enfatiza a comercialização dos produtos trabalhados de modo colaborativo. É uma maneira de tornar comercializáveis os resultados da modificação aberta de códigos-fonte.

Defensores do Movimento do *Software* Livre apontam que a terminologia “*open source*” refere-se ao acesso ao código fonte de um programa, requisito básico mas não único à liberdade de um *software*. O fato do programa ter seu código-fonte aberto trata-se de uma característica técnica, de um método de trabalho e não traduz as premissas sociais do movimento. Adeptos da *OSI*, por outro lado, afirmam que “*open source*” não significa apenas acesso ao código-fonte. O termo pode ser aplicado de acordo com os seguintes critérios:

- a) a distribuição é livre – ela pode acontecer através de concessão sem pagamento ou através de venda;
- b) o código-fonte deve ser obrigatoriamente distribuído com o programa. Caso o *software* não disponibilize o código-fonte, deve abrir grande espaço publicitário para que o público saiba onde e como obtê-lo sem custos adicionais;
- c) a *OSI* permite modificações e trabalhos derivados, além de permitir também que estes trabalhos sejam distribuídos sob os mesmos termos de licença com que foi adquirido o *software* original;
- d) a licença utilizada pela *OSI* pode restringir a distribuição do código-fonte modificado somente se a licença permitir a distribuição de arquivos anexos com o código-fonte para modificar o programa na ocasião da configuração.

Visto isso, esclarece-se que as divergências entre os termos *free software* e *open source software* residem na ênfase ideológica que cada grupo deseja transmitir à sua comunidade. Enquanto os seguidores da *Free Software Foundation* trabalham a idéia de movimento social, os adeptos da *Open Source Initiative* acentuam o caráter técnico e mercadológico do produto de código-fonte aberto. Como esta pesquisa dedica-se a discutir o modelo de produção de um jornalismo de fonte aberta e não um

movimento social que daí possa emergir, crê-se que a terminologia mais adequadamente empregada daqui por diante seja “*open source*”.

A visão mais usual do modelo *open source* aplicada é a comunidade de desenvolvedores de *software* de código aberto, responsável pelas categorizações acima citadas além de uma reengenharia na produção de programas desde meados da década de 80, quando o desenvolvimento do sistema operacional Linux, por Linus Torvalds, repleto de versões *beta* desenvolvidas simultaneamente por uma legião de interessados inaugurou o modelo de trabalho batizado por Raymond (2002) de “bazar”, ou seja, uma estrutura horizontal e rizomática de produção que se opõe ao padrão verticalizado e fechado à contribuição do público, como é praticado pelas tradicionais empresas de *software* proprietário (código fechado). A este modo verticalizado de produção, Raymond chamou modelo “catedral”. Ambos os processos serão estudados na sequência deste trabalho. Desde agora, porém, é importante salientar que mesmo nas comunidades orientadas por uma estrutura horizontal de produção e convivência, como são os grupos de desenvolvedores de *software* de código aberto, é imprescindível a existência de uma hierarquia. Um dos exemplos mais fortes é a soberania que Linus Torvalds, criador do sistema operacional Linux, ainda hoje exerce sobre toda a comunidade que usa e modifica o programa²⁷. Qualquer alteração efetuada no *kernel*²⁸ do Linux deve ter a aprovação de Torvalds em última instância para que seja, então, liberada à comunidade. A existência de uma hierarquia que institui uma figura dotada de poder para decidir o mais importante tópico da comunidade não a torna inteiramente fechada, ao contrário. A horizontalidade do processo de modificação do código fonte do Linux é sua característica central, o que o torna efetivamente um *software* livre. A soberania de um poder de decisão vem, nesta estrutura horizontal, aparentemente caótica, regular algumas práticas para que a liberdade de modificação do código continue acontecendo. A autoridade de Linus Torvalds seria como um “mal necessário”, uma vez que parece se contrapor ao estilo rizomático do processo bazar mas garante a ordem da estrutura e a confiança no produto final, evitando vandalismos.

Para melhor compreender essa relação entre horizontalidade e hierarquia nas comunidades de desenvolvimento de *software* de código aberto traz-se o princípio dialógico da complexidade que, no olhar de Morin (1991), anteriormente estudado, faz com que forças antagônicas operem de modo complementar. A tradicional

²⁷ http://en.wikipedia.org/wiki/Linux_kernel

²⁸ Kernel é o código central do programa sem o qual ele se torna inexecutável.

oposição entre ordem (soberania de Linus Torvalds) e desordem (abertura do código para qualquer pessoa modificá-lo) leva à organização de um novo modelo de trabalho e de produto – o *open source software*. A relação dialógica mantida entre a horizontalidade e a hierarquia nas comunidades de *open source software* – aqui entendidas como sistemas – as torna indissociáveis porque se complementem. Imagina-se a liberdade ampla e irrestrita na modificação do *kernel* do Linux e se tem um grande risco de erros e práticas de vandalismo no programa. Deste modo, a palavra final dita pelo criador funciona como uma espécie de selo de garantia para que o produto seja modificado por toda a comunidade – o que o diferencia dos *software* proprietário – sem que haja riscos de mau uso dessa liberdade.

Agrega-se a isso a questão relacionada aos direitos de cópia, para que é preciso entender que a estrutura em rede da sociedade informacional de Castells (2000) amparou-se na inversão dos sistemas de *copyright*. No que se sustenta a *World Wide Web* senão pela troca incessante de cópias de arquivos? A observação de Simon (2000) destaca que “toda a tecnologia da rede é baseada em intercâmbios de pequenos pedaços de informações enviados de um computador para outro”. E somente por meio deste processo de trocas, tecnicamente viabilizada pelo protocolo *http* (*hypertext transfer protocol*) é que a *web* pode consolidar-se como a emergência da produção coletiva de conteúdo; produção coletiva esta que se inicia na navegação aleatória com acesso a conteúdos diversos e reproduzíveis, alcançando níveis mais complexos como permissões para *download* de ferramentas e de arquivos prontos, o que foi bem aceito pelo público pela conveniência propiciada.

Talvez o mais curioso – e que trouxe à rede seu elemento inesperado – foi o prazer do internauta não apenas de usufruir do conteúdo oferecido pelos demais, mas também de se sentir à vontade para oferecer suas próprias produções. Simon (2000) refere-se à criação cooperativa de bens de informação por centenas ou milhares de autores que usam a Internet como meio de comunicação e veiculação do bem produzido. Retorna-se, aí, ao advento do sistema operacional GNU/Linux que, na visão do autor, exemplifica a construção de uma cultura assim como foram construídos a linguagem e o folclore – criações coletivas e compartilhadas de bens de informação.

A adesão a esse espírito de colaboração vem se disseminando de tal maneira na rede que chegou a ser criada a cerveja *open source*. Trata-se da iniciativa de um grupo de estudantes universitários de Tecnologia da Informação de Copenhague que lançou uma cerveja cuja receita pode ser testada e melhorada por

qualquer pessoa no mundo todo. O produto, chamado *Vores Oel* ou Nossa Cerveja, foi inspirado no modelo de produção que norteia os trabalhos com o *open source software*. A receita mistura os ingredientes e modos de preparo tradicionais da cerveja com o guaraná, que faz da bebida um energético (Boyd, 2005). Licenciada por *Creative Commons*, a cerveja não pode ser encontrada em lojas ou supermercados, segundo os criadores do produto, ao menos por enquanto. Quem modifica a receita é autorizado a comercializar à vontade o produto, desde que torne pública a combinação e o modo de preparo que dão origem à nova versão da cerveja²⁹.

O diferencial dos trabalhos em *software open source* está na velocidade com que o processo se desenrola, apesar da complexidade técnica dos objetos criados e do apurado grau de aperfeiçoamento exigido dos voluntários.

Visionário deste modelo, Richard Stallman postulou um aspecto fundamental para o movimento do *software* livre: o uso do *software* deve estar atrelado à prática da liberdade. Para garantir essa liberdade, a *Free Software Foundation* elaborou em 1989 a *General Public License (GPL)*. Também chamada de *copyleft*, a *GPL* visa assegurar que um programa possa ser livremente copiado, distribuído e alterado, além de proibir a interrupção desta cadeia. Isso é explicado pela cláusula que prevê a divulgação de qualquer alteração no código-fonte dos programas, ou seja, a licença estabelece um acordo entre os programadores baseado na livre e permanente disponibilidade do código-fonte, tornando-o sempre aberto – *open source*.

Acompanhando o espírito de época marcado pela cultura da liberdade, toda a produção intelectual circulante no ciberespaço, para além dos *software*, também dispõe de uma licença especialmente criada para ser customizada de acordo com os propósitos do criador original. A *Creative Commons* – CC (<http://creativecommons.org>) –, é uma corporação não profissional estabelecida em Massachusetts e hoje sediada na Universidade de Stanford. Seu objetivo é traçar leis que mantenham alguns direitos autorais que extrapolem os extremos de “todos os direitos reservados” ou de “nenhum direito reservado”, ao qual parecia estar subordinado todo o conteúdo digitalizado e disponível em rede nos primórdios da Internet.

Caracterizada nos *websites* por uma licença legal, uma descrição legível e *tags* compreensíveis às máquinas, a CC é amparada pela legislação de mais de 30 países até o momento, incluindo o Brasil. A versão brasileira da CC vem sendo

²⁹ <http://www.voresoel.dk/>

desenvolvida em parceria com a Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. De acordo com o criador da CC, Lawrence Lessig (2004),

A Creative Commons license constitutes a grant of freedom to anyone who accesses the license, and more importantly, an expression of the ideal that the person associated with the license believes in something different than the “All” or “No” extremes. Content is marked with the CC mark, which does not mean that copyright is waived, but that certain freedoms are given (p. 289)³⁰.

Ao licenciar um produto – arquivos em texto, imagem, áudio, vídeo, *sites* interativos – pela CC, é possível optar se a obra será ou não passível de comercialização, se poderá ou não sofrer alterações e ter derivados construídos a partir dela, bem como escolher a jurisdição³¹ à qual a licença se submeterá.

3.4.2 Modelo livre de produção: a cultura da liberdade na engenharia de *software*

Ter acesso a cópias dos arquivos de código-fonte dos *software*, porém, não resume os principais traços da filosofia *open source*. Raymond (2002), no ensaio *The Cathedral and the Bazaar*, onde fala sobre reengenharia de *software*, publicado originalmente em 1997, momento histórico de ampla ascensão da cultura *open source*, definiu postulados que justificam o sucesso de um modelo de produção inovador (bazar), capaz de garantir melhores resultados dos que os obtidos pelo sistema tradicional de programação (catedral). É importante que tais postulados, a serem apresentados em seguida, sejam mantidos em mente para que, num momento posterior, sejam aplicados ao universo jornalístico. Obviamente, as “regras” do modelo *open source* foram pensadas por Raymond a fim de serem aplicadas em comunidades de desenvolvimento de *software* de código aberto, mas como a intenção deste trabalho é integrar o jornalismo ao modelo *open source*, elas serão adaptadas à produção e veiculação de notícias em ambiente digital.

Entre os postulados de Raymond, um bom trabalho começa pelo interesse pessoal de seus desenvolvedores, o que parece óbvio, mas não ocorre na maioria das empresas de engenharia de *software*, cujos programadores são contratados para atender às demandas de um mercado – e não deles próprios. Isso gera um senso de responsabilidade com um projeto de modo que, findo o interesse, o programador

³⁰ Tradução da autora: “Uma licença Creative Commons constitui uma garantia de liberdade para qualquer pessoa que acesse a licença, e mais importante, uma expressão do ideal que esta pessoa associa com a crença de que a licença é algo diferente dos extremos ‘tudo’ e ‘nada’. O conteúdo que está marcado com a marca CC não quer dizer que renuncia aos direitos de cópia, mas que algumas liberdades são dadas.”

³¹ As jurisdições variam de acordo com os países que já aceitam a Creative Commons. O *site* para licenciamento de um conteúdo é: <http://creativecommons.org>

entrega seus trabalhos a um sucessor que julgar competente para dar continuidade. Daí a importância de desenvolvedores manterem pleno contato. E isso vale não apenas entre programadores, mas entre estes e o público também. “*Given a bit of encouragement, your users will diagnose problems, suggest fixes, and help improve the code far more quickly than you could unaided*”³².

Tratar as pessoas leigas em programação como co-desenvolvedoras é o caminho mais curto para a melhoria do código e mais eficaz eliminação de erros. Como o fator tempo também influencia neste aprimoramento, algo chave no modo de desenvolvimento “bazar” é a liberação das novas versões do código o quanto antes e o mais frequentemente possível. O risco dessa pressa em lançar programas com *bugs*³³ no mercado é factual – daí a longa espera que as empresas de modelo “catedral” enfrentam em versões *beta*. Sob o ponto de vista do modelo “bazar”, porém, os possíveis erros que virem a público não são recebidos como obstáculos intransponíveis, ao contrário. Erros são fenômenos superficiais à medida em que estão expostos a uma grande quantidade de desenvolvedores, colaboradores dispostos a trabalhar sobre uma nova versão. O contrário ocorre quando, mesmo depois de lançada, uma versão de *software* desenvolvida pelo modelo “catedral” apresenta algum *bug*. Além de ser difícil de detectar, o *bug* só poderá ser resolvido pelos programadores da empresa proprietária do código-fonte, o que torna o erro um fenômeno muito mais profundo e truncado. “*Maybe it shouldn’t have been such a surprise. Sociologists years ago discovered that the average opinion of a mass of equally expert (or equally ignorant) observers is quit a bit more reliable a predictor than the opinion of a single randomly-chosen one of the observers. They called this the Delphi Effect*”³⁴.

No jornalismo, a relação de temporalidade entre a publicação de uma notícia equivocada e sua retificação assemelha-se à correção de *bugs* no desenvolvimento de *software open source*. O valor da notícia aumenta à medida em que for publicada com maior agilidade. O tempo que se ganha com a rapidez pode ser pago com a incorreção ocasionada por uma apuração apressada. Ao estar exposta a um público numeroso, onde podem ser encontrados especialistas das mais diversas

³² Tradução da autora: “Dando um pouco de incentivo, seus usuários irão diagnosticar problemas, sugerir reparos, e irão ajudá-lo a melhorar o código mais rapidamente que você conseguiria sem ser ajudado.”

³³ No jargão da informática, *bug* refere-se a um erro no código, problema de funcionamento de um *software*.

³⁴ Tradução da autora: “Talvez isto não devesse ser uma surpresa. Há anos sociólogos descobriram que a média da opinião de uma massa de observadores igualmente entendidos (ou igualmente ignorantes) é um prognóstico um pouco mais confiável do que a opinião de uma única pessoa escolhida ao acaso entre os observadores.”

áreas e, especialmente, por ter sua fonte de publicação acessível, a notícia *open source* que contenha uma incorreção pode ser corrigida o mais brevemente possível. Por outro lado, a abertura constante da ferramenta de publicação também pode trazer danos ao noticiário. Quando a interferência dos diferentes tipos de público é irrestrita e pode acontecer a qualquer momento, sem que haja filtros, existe a séria preocupação da ocorrência de ataques de *spammers* ou mesmo de interagentes mal-intencionados interessados em plantar mentiras para minar a credibilidade do *site*. Tal debilidade é encontrada em sistemas completamente abertos como a Wikipedia e o Wikinews – onde a opção de edição está sempre disponível em todo o conteúdo.

Na primeira quinzena de dezembro de 2005, por exemplo, a Wikipedia sofreu os prejuízos de abrir seu conteúdo sem restrições à interferência do público. O norte-americano Brian Chase, de 38 anos, gerente de operações de uma empresa de entregas em Nashville admitiu ter publicado uma informação falsa no verbete referente ao assassinato de John Kennedy. Chase afirmou que o jornalista também norte-americano John Seigenthaler, de 78 anos, estaria envolvido no crime que chocou o país. A falsidade veio à tona quando Seigenthaler buscava publicamente o autor de tal acusação. Chase apresentou-se como responsável pela divulgação da informação que considerou uma “brincadeira”. Ele confessou ainda que não imaginava que a Wikipedia tinha tanta repercussão como referência informacional no ciberespaço. A falsa biografia de Seigenthaler, ex-editor do jornal *The Tennessean*, trouxe à tona a discussão sobre a credibilidade de informações publicadas sob anonimato. Com isso, os organizadores da Wikipedia viram-se na obrigação de impedir a publicação de novos conteúdos por pessoas que não estejam cadastradas no sistema. A enciclopédia colaborativa que contabiliza cerca de 2,5 bilhões de *page views* a cada mês não poderá ostentar mais o *status* de completamente aberta. Seu criador, Jimmy Wales, fez alterações no sistema de publicação, restringindo que pessoas sem identificação postem novos conteúdos. A edição, porém, segue aberta a anônimos³⁵.

Cautela, como se vê, não é demais em iniciativas abertas à interferência de todos os públicos. Voltando ao mundo da informática, além de partilhar o desenvolvimento de *software* entre voluntários de todo o planeta, o modelo *open source* integra desenvolvedores e internautas leigos, dando a estes últimos o caráter de mais valioso recurso no aperfeiçoamento de um programa. Raymond (2000) divide a

³⁵ Informações extraídas da Folha Online, disponíveis em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u19634.shtml>

comunidade entre o núcleo de desenvolvedores e os *beta*-verificadores, que é o público final atento aos possíveis *bugs*, disposto a informar os programadores a experiência com o *software* em caráter de *feedback*. Para que haja esse *feedback*, o autor destaca a essencialidade do núcleo de desenvolvedores reconhecer a importância dos *beta*-verificadores, para que eles sintam-se estimulados a responder de modo cooperativo com a melhoria do programa. Isso inclui o reconhecimento de boas idéias vindas do público por parte dos desenvolvedores: “*I think it is not critical that the coordinator be able to originate designs of exceptional brilliance, but it is absolutely critical that the coordinator be able to recognize good design ideas from others*”³⁶.

Mais eficiente será o desenvolvedor que se sentir atraído pelo projeto, ou que o problema que deva resolver seja um problema, antes de tudo, seu. Para Raymond (2000), Esta é a regra número um da atividade voluntária que baliza a iniciativa *open source*. A função utilitária dos *hackers*³⁷ envolvidos com esta causa não é econômica, mas fala de perto à satisfação de seus egos, à sua reputação junto a outros *hackers*.

Obviamente esta abertura de funções no desenvolvimento de *software* levanta questões delicadas quanto à legitimidade de um programador profissional. Se todos podem programar, qual a função do gerente de desenvolvimento de *software* que trabalha em uma empresa ou de forma autônoma? A esta proposição Raymond responde com cinco pontos que reconfiguram o papel do programador segundo a filosofia *open source*. É ele que define os objetivos e manter toda a equipe envolvida no projeto trabalhando no mesmo sentido; monitora e se certifica de detalhes mais profundos, que não apareçam à primeira vista; tem a função de motivar as pessoas a fazer o que é necessário; organiza a distribuição de recursos humanos e capital intelectual para maior produtividade; angaria recursos para sustentar o projeto.

3.4.3 Jornalismo *open source*: traçando conceitos

³⁶ Tradução da autora: “Eu acho que não é imprescindível que o coordenador esteja capacitado a criar projetos de brilhantismo excepcional, mas é absolutamente imprescindível que o coordenador seja capaz de reconhecer boas idéias de projetos vinda de outras pessoas.”

³⁷ A referência a *hacker* neste caso aparece no sentido atribuído por Gillmor (2004) ao termo, que identifica a pessoa que pretende melhorar o que compra, estuda como as coisas funcionam e, por vezes, transformam-no inteiramente. Ao interferir sobre os produtos, essa pessoa informa aos outros seus progressos de maneira que estimula outras pessoas a agirem de tal maneira na solução de problemas que atingem uma comunidade.

Considerando a estrutura em rede da comunidade digital, amparada pela partilha de recursos e serviços através da troca direta entre internautas e computadores por sistema *peer-to-peer*, Moura (2002) sugere a possibilidade desse intercâmbio ter como matéria-prima informações. Parece óbvio que *software* e demais produções intelectuais na forma de músicas, livros, animações sejam, em primeira instância, informação. Mas a autora refere-se à informação jornalística, sugerindo que a composição e a troca de notícias através de redes de cooperação inaugure um novo modelo de jornalismo, batizando-o por “jornalismo *open source*”, o que implica, desde logo,

... permitir que várias pessoas (não apenas os jornalistas) escrevam e, sem a castração da imparcialidade, dêem a sua opinião, impedindo assim a proliferação de um pensamento único, como o pode ser aquele difundido pela maioria dos jornais, cuja objectividade e imparcialidade são muitas vezes máscaras de um qualquer ponto de vista que serve interesses mais particulares que apenas o de informar com honestidade e isenção o público que os lê (2002)³⁸.

A preocupação da autora nasce da rotina informativa instaurada pelo *site Slashdot*, cujo conteúdo informativo é produzido por pessoas de quem não é cobrada formação em jornalismo nem mesmo identificação comprovável. Reconhecendo-o como uma nova maneira de fazer jornalismo, Moura (2002) destaca a necessidade de se observar o jornalismo *online* como um modelo diferenciado de jornalismo, já não orientado por todas as mesmas premissas que guiam a imprensa tradicional. Isso passa pela constatação de que os *sites* noticiosos podem ser vistos para além de um mero prolongamento das manifestações impresas, televisivas ou radiofônicas de um veículo. O jornalismo *online* seria algo dotado de uma existência própria, capaz de se orientar por prerrogativas próprias e não mais copiadas dos *media* impresso e eletrónico. Trata-se de um jornalismo de terceira geração, cujos produtos são destinados exclusivamente para a Internet. Isso envolve uma série de práticas igualmente exclusivas como a utilização do hipertexto para criar novas formas de narração jornalística bem como a temporalidade reduzida a instantes ao invés da periodicidade diária constante na maioria das versões digitais dos jornais impressos (Mielnickzuk, 2003). Seria o jornalismo *open source* integrante desta terceira geração do jornalismo *online*? Parece que a categorização do tema não considera a

³⁸ Este documento foi extraído da Internet através do endereço http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=moura-catarina-jornalismo-slashdot.html e não dispõe de páginas numeradas.

interferência direta dos diferentes públicos – a não ser o jornalista – na produção do noticiário. A categorização continua sob análise de Schwingel (2005), que sugere uma quarta geração de jornalismo *online* caracterizada pelo uso substancial de banco de dados para a composição de uma notícia. Nem mesmo aí o jornalismo *open source* se enquadraria. Sem a preocupação de classificar rigidamente um elemento complexo que transita por vários modelos de jornalismo e se constitui singular, a intenção aqui é tão-somente levantar a hipótese do jornalismo *open source* figurar em análises que busquem observar o todo do jornalismo *online*.

É importante que se destaque que o jornalismo *online*, assim como o jornalismo *open source*, não vem substituir o jornalismo tradicional, impresso em papel ou veiculado por meios eletrônicos. Faz-se questão de salientar aqui a idéia de remediação, jamais de substituição. Daí a necessidade de se pensar o jornalismo *online* e o jornalismo *open source* a partir de valores diferenciados, oriundos do jornalismo tradicional mas adaptados às particularidades que caracterizam cada modelo de se fazer e veicular notícia, como o hipertexto, a convergência de mídia, a nova relação com a temporalidade, a identificação ou o anonimato de quem escreve o conteúdo e a interferência direta dos diferentes públicos na produção do noticiário, para citar alguns destes traços.

O anonimato³⁹, por exemplo, evitado na autoria das matérias publicadas em jornais, revistas ou veiculadas no rádio e na televisão, pode receber legitimidade no jornalismo *open source*.

Ao permitir intervenções anónimas ou sob pseudónimo, o *Slashdot*⁴⁰ permite que os artigos sejam avaliados pelo seu conteúdo e não pela sua autoria e, por outro lado, oferece a quem tenha informação importante mas não possa ou queira identificar-se a hipótese de a divulgar sem medo (Moura, 2002, *online*)⁴¹.

Diante da possibilidade de publicação aberta a qualquer pessoa, Moura mostra-se preocupada em salvaguardar a autenticidade do jornalista profissional, diferindo-o dos demais públicos a partir da constatação de que nem todo mundo pode ser jornalista. Defensora da formação superior do profissional de imprensa, a autora propõe como uma alternativa para a reorganização dos papéis entre os interagentes

³⁹ Na maioria dos jornais impressos, a matéria publicada sem assinatura é de responsabilidade do editor da seção onde foi veiculada.

⁴⁰ Ainda que autorizado, o anonimato de mensagens no *Slashdot* é uma prática reprimida pelos organizadores do *site*. Toda a vez que alguém publica conteúdo anónimo de toda ordem, é reconhecido pelo sistema como “anonymous coward”, ou “anónimo covarde”.

⁴¹ Este documento foi extraído da Internet através do endereço http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=moura-catarina-jornalismo-slashdot.html e não dispõe de páginas numeradas.

deste cenário, aconselhando que jornalistas sejam responsáveis por reescrever os artigos, adaptando as informações de base, fornecidas por qualquer internauta, aos parâmetros jornalísticos de texto sustentados pela imparcialidade e pela objetividade. Isso subtrairia qualquer traço de comentário ou opinião recorrente nos textos pretensamente noticiosos publicados pelos internautas em *sites* como *Slashdot*. Por outro lado, o interesse do leitor, aguçado pela heterogeneidade de pontos de vista publicados nas inserções dos interagentes diminuiria a profundidade e o envolvimento com que os temas são tratados.

As discussões travadas a partir de enfoques distintos em *sites* noticiosos estabelecem uma das necessidades que deram origem ao jornalismo *open source*, na análise de Nogueira (2002). O autor levanta duas questões a que o jornalismo *open source* responderia nos termos em que é praticado no *Slashdot*. A primeira é a demanda de extrair do fluxo global de informações os temas e assuntos que interessam especificamente a uma comunidade; a segunda é o afã de comentar as notícias despertado em um público exposto a ângulos de análise diferenciados – e muitas vezes contrários – entre si. Atribui-se neste momento um peso diferenciado a primeira premissa, que remete ao perfil dos membros da equipe organizadora do *Slashdot*, por exemplo, composta essencialmente por especialistas em tecnologia. Não por acaso, o público que frequenta o espaço – na condição de audiência ou de autor de novos conteúdos – geralmente se caracteriza também por estar familiarizado ao tema central das discussões. Este modelo difere do que será registrado no OhmyNews, onde não há um tema específico para nortear as pautas e, ao contrário do *Slashdot*, a equipe organizadora é integrada por jornalistas. Ainda no que diz respeito ao aspecto comunitário do jornalismo *open source*, percebe-se que ele é inspirado nos modelos colaborativos de produção anteriormente descritos conforme acontece nas comunidades de desenvolvedores de *software* de código aberto. O jornalismo *open source* tem como ponto de partida a agregação do trabalho espontâneo de interagentes que compartilhem os mesmos interesses e, com isso, troquem informações visando satisfazer as necessidades dos outros membros e se projetar na comunidade. Eis um dos pontos que justificam a incapacidade de substituição dos jornalismo *online* e tradicional pelo modelo *open source* de noticiário.

Tais premissas levantadas por Nogueira (2002) já guiam um tipo de jornalismo praticado em mídia impressa. O caso acontece na comunidade de

Bakersfield, na Califórnia, onde um pequeno jornal chamado *The Northwest Voice*⁴² delega à comunidade de leitores a função de escritores e fotógrafos do conteúdo que será publicado na versão impressa do periódico semanal. Sem dispensar um editor que selecionará qual o conteúdo enviado pelo público deve ou não entrar para as edições, *The Northwest Voice* reconhece que aquilo que as pessoas dizem é mais importante do que os julgamentos de uma equipe de jornalistas, por mais envolvidos que estes estejam com uma comunidade.

O reestabelecimento de uma conexão entre público e mídia vem estimulando iniciativas como o *Participatory Journalism*, o *Citizen Journalism* e o *Grassroots Journalism* que, apesar das nomenclaturas, são apresentadas por Gillmor (2004), como sinônimos no que toca à idéia de que o jornalismo é uma prática comunitária, feita para as pessoas e pelas pessoas; de que os povos, organizados em comunidades, são os dispositivos ideais para coleta e difusão de informações que dizem respeito aos seus entornos, aos seus contextos culturais, aos seus cotidianos, às suas realidades particulares.

Ainda que *The Northwest Voice* veicule em forma impressa, é através de canais digitais que o público remete o conteúdo à redação. Não se pretende, com isso, firmar o referido periódico como exemplo de jornalismo *open source*, até mesmo porque a filtragem de conteúdo feita por um editor jornalista extrai o caráter livre do jornalismo *open source* conforme anunciado por Moura, ao citar o *Slashdot*. Na visão da presente pesquisa, a filtragem do conteúdo por um editor não desconfigura a ocorrência de jornalismo *open source*. A existência do editor, na condição de *gatekeeper*, remete à hierarquia registrada na modificação do *kernel* do Linux, liberado tão-somente com a aprovação de seu criador, Linus Torvalds. Como será visto através do OhmyNews, a atuação do editor apontará para uma legitimação do conteúdo publicado naquele noticiário. Se o aval de Torvalds previne o *software* de código aberto e, conseqüentemente, a comunidade de sofrerem ataques de vândalos, o jornalismo *open source* ganha credibilidade ao contar com alguém que dê a palavra final sem deixar os interagentes sem voz.

Deste modo, havendo uma hierarquia instituída tanto nas comunidades de desenvolvedores de *software* quanto de produtores de notícia *open source*, será que a metáfora com o “código-fonte aberto” ainda é pertinente? Poderia-se argumentar: de que adianta o código-fonte estar aberto para o noticiário ou para o *software* se ainda

⁴² <http://www.northwestvoice.com/>

há instâncias que deliberam sobre a atitude do público? A diferença entre o modelo *open source* e proprietário se mantém justamente porque, no primeiro, o público ainda tem uma atitude. Se essa atitude é mediada, filtrada, balizada segundo normas internas, sujeita à aprovação ou reprovação, não quer dizer que o público não tenha a possibilidade de interferir efetivamente sobre o produto final, ou seja, de também produzi-lo.

Por isso a estrutura em rede, no caso do jornalismo *open source*, é quesito fundamental para o livre trânsito de informações. E neste sentido, Nogueira (2002) sublinha a essencialidade da rede digital para que o público tenha acesso às ferramentas tecnológicas de publicação.

É preciso salientar a importância fundamental de fatores comportamentais que permeiam o ambiente digital no alcance da liberdade de publicação para que não se caia em determinismo tecnológico. Sem excluir os aspectos normativo e tecnológico da rede, Nogueira lista quatro diferenciais proporcionados pela digitalização, capazes de modificar o relacionamento do público com a informação noticiosa: o primeiro é a ubiqüidade⁴³ da notícia, em seguida vem a velocidade de processamento (apuração, conferência, publicação) da informação, outro fator é a interação efetivada na troca imediata de dados e opiniões entre atores de distintos cenários sociais e, por último, a possibilidade de indexação destas notícias com seus desdobramentos ou antecedentes, através da estrutura hipertextual, o que permite um panorama tão amplo sobre o fato quanto for o interesse do internauta.

Observa-se, assim, que tanto as demandas atendidas pelo jornalismo *open source* quanto os diferenciais trazidos por sua prática em rede circunscrevem um marco na trajetória do fazer jornalístico, tradicionalmente limitado aos profissionais de imprensa, cujo poder de publicação lhes era exclusivo e o campo das notícias estava subordinado às dimensões espaço-temporais de projetos gráficos ou grades de programação, notoriamente articulados por anunciantes. O que o jornalismo *open source* vem provocar é uma instabilidade em um modelo restritivo, instabilidade esta que começa pela integração de dois pólos até então opostos do processo comunicacional midiático: o jornalista e os demais públicos. No noticiário *open source*, de modo geral, o sujeito que lê pode também escrever notícias, compartilhando responsabilidades e tendo no envolvimento pessoal sua principal moeda de troca. O espaço que os *media* de massa abriam para o público, limitados às

⁴³ Ubiqüidade é a presença constante e simultânea da informação em diferentes pontos.

sessões de cartas, avançam sobre o território editorial, assumindo as pretensões informativas de um noticiário padrão. Quebra-se, portanto, o monopólio absoluto do controle sobre os meios de publicação, ao que cabe um paralelo à produção colaborativa de *software* por comunidades que partilham os mesmos interesses e habilidades. A diferença em relação ao jornalismo tradicional é tanta neste momento, que Sousa (2002) chega a ver como “problemático” o acesso às fontes independentes por parte dos jornalistas.

Ao nível extra-organizacional, as notícias são influenciadas por factores como a audiência e o mercado, as relações (problemáticas) estabelecidas entre jornalistas e fontes de informação (...) Os problemas no acesso às fontes fazem com que as organizações noticiosas se direccionem para as fontes institucionais em detrimento das individuais, pois só entidades burocratizadas têm capacidade para manter o fluxo rotineiro de informação verídica, credível e autorizada de que as organizações noticiosas necessitam (Sousa, 2002, *online*).

É nítido no trecho acima a prevenção com que os jornalistas tratam, de acordo com a percepção do autor, os indivíduos comuns que, apesar de serem protagonistas do cotidiano, não são vistos com legitimidade suficiente para falar sobre um fato ao passo em que os departamentos de imprensa das instituições-alvo das pautas merecem maior atenção dos repórteres. A colaboração, enquanto produção e escrita de notícias junto aos mais diversos públicos, é ignorada em casos que acontecem sob este modelo – que compõe a maior parte da rotina jornalística tradicional. Além disso a legitimidade do cidadão enquanto ator do cotidiano é posta em xeque por uma espécie de “ditadura do crachá”, onde quem é empregado ou tem vinculação oficial com uma entidade sabe “mais” do que fontes populares.

Na via oposta, onde se situa o jornalismo *open source*, baseada na colaboração, se entende a premissa de Castells (2000) de que, na sociedade informacional, criadores e outros públicos podem ser a mesma pessoa, ao invés de estarem isolados por rotinas verticalizadas de consumo. Ou seja, se no jornalismo tradicional uma equipe de jornalistas produzia o periódico e outro grupo, leigo, tão-somente o lia, neste modelo baseado na colaboração já não há distinção absoluta entre estes atores. Deste modo, o jornalismo *open source* tende à descentralização do trabalho – geográfica e mesmo local, não se restringindo mais às redações – e à personalização tanto dos processos quanto dos produtos informativos. A descentralização e a personalização do trabalho, características herdadas da engenharia de *software* de código aberto, não implicam necessariamente em

melhorias para o jornalismo que é feito sob o modelo *open source*. Detecta-se, somente, a mudança registrada em uma reorganização do processo de produção e publicação do noticiário, sem atribuir-lhe juízo de valor.

Se as notícias, assim como os *software*, eram exclusivamente produzidas e publicadas por uma empresa que as transforma em produtos comercializáveis, no jornalismo *open source* elas passam a ser elaboradas e lidas pelos mesmos públicos. Elaboradas a *n* mãos, as notícias, assim como os *software*, mostram o resultado de um trabalho em conjunto entre jornalistas e demais públicos, não mais sujeito a uma hierarquia institucional, mas vinculado com o interesse pessoal de voluntários. E esse interesse não pode ser negado sob a pretensa posição vigilante de imparcialidade conforme é cobrado inutilmente do jornalista profissional. Aliás, se for considerado o jornalismo tradicional, os cidadãos-repórteres – ou outros públicos – estariam limitados, no máximo, à condição de fontes e estas, segundo Pena (2005), nada mais são do que subjetivas interpretações dos fatos. “Sua visão sobre determinado acontecimento está mediada pelos ‘óculos’ de sua cultura, sua linguagem, seus preconceitos. E dependendo do grau de miopia, a lente de aumento pode ser direcionada para seus próprios interesses” (p. 58).

Se no sistema de trabalho “bazar” (Raymond, 2002) o processo de criação é protagonizado por *hackers*, no jornalismo *open source* são pessoas formalmente graduadas ou leigas no jornalismo que assumem essa posição de interagentes, a fim de quebrar licenças restritivas que a mídia de massa impunha ao público até então impossibilitado de interferir com imediatismo na mensagem midiática.

A espontaneidade é outro traço que assemelha os dois processos de produção, entre *software* e noticiário. Assim como nas comunidades de desenvolvedores, os interagentes que produzem conteúdo para os *sites* de notícia o fazem de modo voluntário, de acordo com a própria vontade e disponibilidade. Como será visto mais adiante, ao longo da observação participante do objeto empírico desta pesquisa, é possível acontecer casos em que o editor do noticiário sugere pautas aos seus colaboradores. A aceitação e a execução da pauta, porém, ficará a cargo de cada cidadão-repórter. Essa autonomia fala de perto à liberdade de expressão de idéias e pensamentos presente tanto nas comunidades de desenvolvedores de *software* livre quanto nos noticiários *open source*.

Lembrando o modo como Stallman entende “liberdade” em uma sociedade que se projeta na abertura de códigos comportamentais, é importante que haja a busca por um equilíbrio entre controle e liberação de tais códigos. Assim, se

evitaria que liberdade se confundisse com anarquia. No jornalismo *open source*, a busca por um equilíbrio entre liberdade e controle se dá quando se permite que os diversos públicos – inclusive não jornalistas – produzam notícias (liberdade), mas essas mesmas notícias estão submetidas a alguma espécie de filtro (controle). Os modos de filtragem nos projetos de jornalismo *open source* podem se apresentar de diversas maneiras – desde uma moderação automática onde interagentes são escolhidos como moderadores através um sistema informático até a preservação do jornalista profissional na condição de *gatekeeper*.

Ainda que haja controle sobre o que é publicado em noticiários colaborativos, este controle não extingue seu caráter de código aberto, ou seja, o cerne do noticiário ainda será a participação dos diversos públicos na composição da mensagem. Assim acontece nas comunidades de desenvolvedores de *open source software*. Retomando Lessig, algo é livre quando: 1) não é necessário pedir permissão para utilizar; ou 2) essa permissão seja garantida de modo neutro. Como o escopo desta pesquisa se refere à produção de notícias, a permissão à qual Lessig se refere bem pode ser comparada ao recurso utilizado neste processo, ou seja, o sistema de publicação. Por sistema de publicação entende-se uma página *online* por onde o interagente possa criar a mensagem que pretende transformar em notícia, aliada a uma política editorial que dê a esse tipo de participação o caráter de notícia.

Transpondo estas variáveis ao jornalismo *open source*, reconstitui-se as idéias de Lessig da seguinte maneira: a publicação de notícias é livre quando 1) não é necessário pedir permissão para se publicar; ou 2) essa permissão seja concedida de modo neutro. Obviamente, ao falar-se em “neutralidade” no que se refere à subjetividade dos interagentes envolvidos num projeto noticioso tende-se a um cenário nebuloso que pode considerar inúmeras variáveis como a orientação política, ideológica, religiosa, econômica de cada sujeito. Não se pretende, aqui, esmiuçar o conceito de neutralidade, até mesmo porque o controle – necessário, segundo Stallman – sobre cada *site* de jornalismo *open source* faz parte do política editorial, podendo variar de projeto a projeto. A única restrição que se impõe é que os critérios aplicados para um interagente obter permissão para publicar notícias sejam os mesmos aplicados a todos os demais interagentes que também desejem publicar notícias no mesmo *site*.

Ainda assim, a comparação entre notícias e *software* pode ser delicada visto que, apesar de ambos serem produtos intelectuais, desempenham funções diferenciadas na sociedade. O que compete a esta análise, daqui por diante, é a

comparação e a discussão dos **processos de produção** de *software open source* e notícias no jornalismo *open source*, e **não seus produtos**. Conceber a notícia assim como o *software* é trabalhado em comunidades de desenvolvedores conduziria a um grande desequilíbrio qualitativo. Para citar como exemplo, no que toca à vida útil, ambos produtos são completamente diferenciados entre si. Enquanto um *software* é perene, ainda que modificado e corrigido pela comunidade, a notícia é efêmera e as retificações também devem obedecer a uma temporalidade reduzida sob pena de se tornarem obsoletas. O interesse central nesta pesquisa, porém, é comparar a abertura do código-fonte dos *software* com a possibilidade do público interferir na produção e na publicação de notícias no ambiente *online* amparada por uma política editorial e por formulários de publicação que viabilizem tal interação em diferentes níveis.

Mesmo no que diz respeito à abertura dos códigos do *software* e do jornalismo sob o modelo bazar de produção, os dois produtos mantêm particularidades que cabem ser aqui analisadas.

Considere-se o *software* utilizado para redigir as linhas de programação do código de um programa. Esta instância da engenharia de *software*, no modelo bazar, é comparável ao formulário⁴⁴ de publicação oferecido pelos *sites* de notícia que convidam o público a produzir conteúdo. O *software* em si, pronto mas passível de modificação pode ser comparado à notícia em processo de edição. Para além dessas duas esferas uma terceira, ainda maior, dá conta do todo de cada processo: são os documentos criados com o *software* de código aberto e, do lado do jornalismo, o noticiário composto por várias notícias produzidas pelos mais diferentes públicos. A comparação se dá da seguinte maneira:

TABELA 1
Instâncias do *software* e do jornalismo *open source*

	ENGENHARIA DE SOFTWARE DE CÓDIGO ABERTO (ou <i>open source software</i>)	JORNALISMO OPEN SOURCE
1ª instância	<i>Software</i> de programação/compilador	Sistema de publicação
2ª instância	Código-fonte do <i>software</i> gerado	Notícia em modo de edição
3ª instância	<i>Software</i>	Noticiário

A título de exemplo na engenharia do *software*, pode-se citar o programa compilador GCC (1ª instância) que serve para escrever as linhas de código (2ª instância) que darão origem ao *software* Emacs (3ª instância). No jornalismo *open*

⁴⁴ Por “formulário de publicação” entende-se a parte do *site* composta por campos de preenchimento textual e por upload de arquivos sem a necessidade de interferir no código de programação da página.

source, o espaço do *site* utilizado pelo interagente para o *input* dos dados que se tornarão notícia é a 1ª instância. A notícia em processo de produção, edição constitui a 2ª instância. Por fim, o conjunto de todas as notícias produzidas pelos públicos constantes naquele *site* será a 3ª instância.

No objeto empírico que será analisado, o OhmyNews International, a interferência do público acontece na 1ª instância de modo irrestrito – bastando para isso ter cadastro com cidadão-repórter –, na 2ª instância de modo limitado ao autor de cada texto e na 3ª instância de modo genérico apenas por adição de conteúdo que modificaria o todo do noticiário. Após publicada, uma notícia não pode ser alterada diretamente pelo público, tampouco pelo seu próprio autor. Há casos em que o autor da matéria, na condição de cidadão-repórter, solicita correções ou adequações em seu texto ao editor do noticiário. De modo direto, é impossível editar a matéria após publicada. Quando se constata que a interferência acontece na 1ª instância de modo irrestrito, isso significa que o formulário de publicação consiste no espaço apropriado para a interação reativa com o sistema de submissão de matérias oferecido pelo OhmyNews e para o início da interação mútua, que consiste num processo de negociação entre o autor da matéria e o editor do *site*. A interferência registrada no noticiário só é válida se considerarmos o *site* como um todo, ou seja, o OhmyNews é, senão, um conjunto de mensagens informativas produzidas colaborativamente.

Nem todas as manifestações de jornalismo *open source* são assim. No noticiário internacional Wikinews todas as notícias são passíveis de edição a qualquer momento por qualquer internauta sem a necessidade de cadastro ou login. O fato de não haver edição pós-publicação no OhmyNews International não descaracteriza o jornalismo lá praticado como *open source* na visão desta pesquisa. Noutras palavras, para que um noticiário seja uma manifestação de jornalismo *open source*, não é necessário que seja 100% aberto. Trata-se de modulações, de níveis de abertura do projeto e de participação do público. Preserva-se, em ambos, a característica central do jornalismo *open source*, que é a participação dos diferentes públicos na produção e na veiculação de notícias *online*.

Outro aspecto que diferencia substancialmente o jornalismo da engenharia de *software* é o caráter *beta*⁴⁵ no qual um programa de computador pode amparar-se na justificativa de que ainda não está completamente pronto ou possui erros

⁴⁵ No jargão da engenharia de *software* – aberto ou proprietário – *beta* é a versão do produto liberada antes do lançamento oficial. É, portanto, a versão de testes, onde a comunidade encontrará erros e irá reportá-los aos desenvolvedores.

aceitáveis. Uma notícia, porém, jamais será *beta*. Uma vez publicada, a notícia ganha reconhecimento público e influencia no curso da sociedade muitas vezes de modo irreversível. Isso significa: ainda que os erros na notícia em jornalismo *open source* sejam como os *bugs* no que toca à fácil correção, a justificativa de um erro não é tão facilmente aceita na notícia como no *software*.

Por outro lado, se as notícias do Wikinews podem ser editadas a qualquer momento por qualquer pessoa, isso se aproxima a afirmar que, neste noticiário, as notícias sempre são *beta*, ou seja, nunca estarão definitivamente prontas. Daí despertam questões inevitáveis como o grau de confiabilidade que se pode depositar em versões *beta*, tanto de *software* quanto de notícias.

Se os *bugs* são o ponto frágil do desenvolvimento do *software* de código-fonte aberto, informações falsas ou incorretas esvaziam o caráter jornalístico das notícias produzidas de modo colaborativo. Porém, assim como nas comunidades que se apropriam do *open source software*, as inverdades são como *bugs*, mais fáceis de serem detectadas por estarem expostas ao olhar de um grande grupo de pessoas, ao contrário dos veículos fechados da mídia tradicional. A semelhança vai além: se no modelo *open source* a correção é tão importante quanto a identificação dos erros nos programas, o jornalismo *open source* possibilita que a comunidade, além de apontar uma falsa informação, torne essa observação pública, corrigindo-a ou tão-somente alertando futuros leitores àquela incorreção. Os meios de efetivar essa observação se dão através da edição da própria matéria, da publicação de uma nova matéria em resposta à equivocada ou mesmo por canais mais simples como os comentários e fóruns. O processo prevê, primeiro, a publicação, mesmo assumindo que a verificação das informações aconteça em resposta à discussão que se seguir. Este seria o “Efeito Delphi” apontado por Raymond (2002), transposto ao universo jornalístico.

Por outro lado, quando um meio de massa como um jornal impresso veicula uma informação falsa ou equivocada, a correção aparecerá descontextualizada⁴⁶, geralmente na forma de uma pequena errata com pouca visibilidade. Essa descontextualização pode se repetir no jornalismo *open source* quando uma matéria-resposta for publicada visualmente distante da que originou a discussão. A possibilidade de linká-las, porém, torna essa descontextualização algo bastante difícil de acontecer. Essa dificuldade de “resolução de *bugs*” no jornalismo

⁴⁶ Os produtos de mídia não quebrarão sua periodicidade tão-somente para fazer uma retificação. Se o jornal é diário, a correção será publicada somente no dia seguinte. A regra vale para revistas semanais e demais publicações mensais.

tradicional não acontece pela falta de exposição ao público, ao contrário. Jornais são muito mais populares do que noticiários *online*. Se identificarem uma informação errada, porém, os leitores de jornais dificilmente conseguirão estabelecer um canal ativo com a redação e, mesmo que consigam, o alerta será submetido à avaliação editorial podendo, inclusive, ser ignorado. Ainda que seja aceito o pedido de retificação de uma notícia por um veículo de massa, a correção será publicada tão somente na próxima edição do periódico, desvinculando-a consideravelmente de sua fonte de equívoco, que permanecerá publicada na edição original e poderá ser recuperada fora do contexto da correção.

Outro traço característico passível de variações tanto no universo dos *software* quanto do jornalismo é a comercialização dos produtos finais. Mesmo as notícias produzidas de modo colaborativo seriam passíveis de comercialização. A liberdade do processo no modelo *open source* não é sinônimo da gratuidade do consumo. Ser “livre”, tanto para o caso dos *software* como para as notícias, não significa que não sejam comerciais, mas que possam constantemente sofrer alterações – é a liberdade de expressão a que se refere Stallman (2002).

Desde o segundo semestre de 2005 o grupo formado pelo jornal O Estado de São Paulo e pela Agência Estado oferece espaço para fotógrafos amadores veicularem suas imagens nas versões digitais do periódico. A oferta de fotos é espontânea e não garante utilização. Além disso, o fotógrafo que tem um trabalho de sua autoria reproduzido no Estadão não recebe nenhum ressarcimento financeiro – os direitos de uso e reprodução são inteiramente do grupo de comunicação. A única possibilidade de ganhar algum dinheiro com suas fotos é se outro veículo se interessar por elas e comprá-las junto à Agência Estado. O autor do trabalho receberá, então, um percentual sobre a venda.

Recordando as liberdades básicas que caracterizam um *software* de código-fonte aberto apresentadas anteriormente a partir do entendimento da comunidade GNU, entende-se que o noticiário no jornalismo *open source* é aberto para:

- a) ser apropriado, lido, distribuído e referenciado para qualquer propósito de acordo com as liberdades cedidas por cada projeto editorial;
- b) ser aperfeiçoado ou comentado de acordo com visões particulares que enriqueçam seu conteúdo e atendam à demanda do público, bastando, para isso, que o público desenvolva a função de autor em algum momento do processo de produção e publicação de notícias;

- e) ser produzido por diferentes pessoas, com diferentes objetivos, de modo que possa auxiliar a compreensão de um fato pela sociedade.

Faz-se oportuna a comparação das liberdades trabalhadas pela *Free Software Foundation* uma vez que a origem dos trabalhos com código-fonte aberto aconteceu por meio desta comunidade. Para além disso, como esta pesquisa reforça seu olhar ao entendimento dado pela *Open Source Initiative* no que toca à importância central de que o código-fonte esteja aberto, parece necessário também comparar o noticiário com as linhas diretoras desta comunidade. Recordando-as, entende-se que o noticiário, no jornalismo *open source*:

- a) tem distribuição livre, podendo acontecer através de concessão gratuita ou através de venda;
- b) a possibilidade de publicação (técnica e editorial) deve ser garantida juntamente às notícias.
- c) são permitidas modificações e trabalhos derivados do noticiário de fonte aberta, uma vez que estes trabalhos também possam originar novas modificações e derivações.
- d) a licença utilizada pelo noticiário de fonte aberta pode proteger o conteúdo mas garantir que o ato de publicar novas mensagens não seja restringido em momento algum.

Destaca-se o item “c” da comparação acima, onde trabalhos derivados e mesmo modificações no noticiário – através da adição de novas notícias ou da edição do material já publicado – são autorizados. Sugere-se que, para que se atenda a este requisito, a licença *Creative Commons* configura o modelo mais apropriado uma vez que permite que qualquer pessoa interfira no conteúdo de um noticiário.

Assim como no processo de trabalho “bazar” – ao contrário das empresas tradicionais de comunicação, que se encaixariam no modelo “catedral” de produção – o jornalismo *open source* tende a mostrar resultados a partir do interesse pessoal dos envolvidos no projeto. O fato dos colaboradores – interagentes, pessoas que não dispõem, necessariamente, de formação jornalística, que escrevem e publicam relatos – serem voluntários e não funcionários de uma empresa liberta-os não apenas quanto à forma e ao conteúdo da notícia como também os estimulam a produzi-la, uma vez que o trabalho atende prioritariamente a um interesse particular e não a metas de

terceiros⁴⁷. Sobre essa idéia trabalha o projeto sul-coreano *OhmyNews* ao convidar que pessoas sem qualquer vínculo empregatício com o noticiário sejam também co-autoras de seu conteúdo. A responsabilidade gerada por esse vínculo muito próximo entre interagente e mensagem assemelha-se ao envolvimento de programadores que chamam a si a tarefa de aprimorar um *software* que venha atender não somente as demandas do mercado, mas as suas próprias.

TABELA 2
AS LIBERDADES NA ENGENHARIA DE SOFTWARE E NA PRÁXIS JORNALÍSTICA

Software é livre para...	Noticiário é livre para...
... ser executado para qualquer propósito sem a necessidade de autorização prévia.	... ser apropriado, lido, distribuído e referenciado para qualquer propósito de acordo com as liberdades cedidas por cada projeto editorial.
... ter seu funcionamento estudado e adaptado às necessidades de cada comunidade.	... ser aperfeiçoado ou comentado de acordo com visões particulares que enriqueçam seu conteúdo e atendam à demanda do público, bastando, para isso, que o público desenvolva a função de autor em algum momento do processo de produção e publicação de notícias.
... ter cópias distribuídas de modo que auxilie outros interessados a aperfeiçoar o programa para que toda a comunidade se beneficie.	... ser produzido por diferentes pessoas, com diferentes objetivos, de modo que possa auxiliar a compreensão de um fato pela sociedade.

Seguindo o estudo comparativo e atribuindo maior relevância aos possíveis pontos em comum entre jornalismo e as diretrizes da *Open Source Initiative*, sugere-se a seguinte tabela:

TABELA 3
OPEN SOURCE SOFTWARE E NOTICIÁRIO OPEN SOURCE

Software é open source quando...	Noticiário é open source quando...
... a distribuição é livre – ela pode acontecer através de concessão sem pagamento ou através de venda.	... tem distribuição livre, podendo acontecer através de concessão gratuita ou através de venda;
... o código-fonte deve ser obrigatoriamente distribuído com o programa. Caso o <i>software</i> não disponibilize o código-fonte, deve abrir grande espaço publicitário para que o público saiba onde e como obtê-lo sem custos adicionais.	... a possibilidade de publicação (técnica e editorial) é garantida juntamente às notícias.
... a <i>OSI</i> permite modificações e trabalhos derivados, além de permitir também que estes trabalhos sejam	... são permitidas modificações e trabalhos derivados do noticiário de fonte aberta, uma vez que estes trabalhos

⁴⁷ O *OhmyNews* é um *site* mantido por patrocínios, caracterizando-se como uma empresa. Essa constatação é feita pelo próprio criador do projeto, o jornalista Oh Yeon Ho. Questionado sobre a interferência que o comprometimento com os anunciantes pode exercer sobre o conteúdo noticioso, o editor Todd Cameron Thacker afirmou não haver restrições. Esta questão será abordada mais adiante, na análise através de entrevistas.

distribuídos sob os mesmos termos de licença com que foi adquirido o <i>software</i> original.	também possam originar novas modificações e derivações.
a licença utilizada pela <i>OSI</i> pode restringir a distribuição do código-fonte modificado somente se a licença permitir a distribuição de arquivos anexos com o código-fonte para modificar o programa na ocasião da configuração	... a licença utilizada pelo noticiário de fonte aberta pode proteger o conteúdo mas garantir que o ato de publicar novas mensagens não seja restringido em momento algum.

Feitas tais comparações, abre-se a questão sobre a pertinência do termo. O tipo de jornalismo descrito acima seria mesmo *open source*? Para isso é preciso considerar que as restrições estabelecidas entre o Movimento *Software Livre* e a Iniciativa *Open Source* situam-se nos campos técnico e econômico, sendo que a primeira reprime as finalidades de comercialização dos *software* produzidos de forma colaborativa e a segunda as estimula. Se ambas as frentes balizam-se pelo acesso livre e irrestrito ao código-fonte e têm nessa premissa a base de toda a sua atividade, acredita-se que citar a abertura desse código na nomenclatura do projeto seja uma alternativa apropriada. Para além disso, o jornalismo *open source*, nos termos em que se coloca neste trabalho, não abomina a hipótese de ter seu fruto – as notícias produzidas por todas as gentes – comercializado. O que se evita fechar no jornalismo *open source* é a restrição ou a cobrança pelo acesso às ferramentas de publicação. Uma vez publicada por qualquer pessoa, a notícia no jornalismo *open source* torna-se um produto que, assim como o *software*, pode ser distribuído gratuitamente ou ter suas alterações vendidas, desde que o código para sua modificação acompanhe o produto e esteja sempre disponíveis aos próximos interagentes.

3.4.4 Diferentes modelos de jornalismo *open source*, diferenças e semelhanças com o jornalismo *online* e o jornalismo tradicional

Quanto à abertura da propriedade intelectual amplamente registrada no modelo *software* de código aberto, encontra-se múltiplos acordos firmados entre organizadores e colaboradores de noticiários *online*. O jornalismo *open source* pode apresentar diferentes configurações referentes aos direitos autorais e de cópia sobre seu conteúdo. Considerando alguns dos projetos existentes na atualidade, encontra-se iniciativas que preservam veementemente o *copyright* sob poder do autor e/ou do *site*, bem como noticiários que fazem questão que todo o conteúdo ali publicado seja de

domínio público. Essas diferenças no quesito *copyright* e direitos de autor não parecem suficientes, no entendimento desta pesquisa, para excluir o caráter *open source* dos projetos que, mesmo mantendo a idéia de “todos os direitos reservados”, só existem através da produção de notícias por diferentes públicos.

Mesmo assim, a distribuição das notícias produzidas sob o modelo *open source* ergue uma questão polêmica que se refere à propriedade dos direitos de cópia e autoria. Se os noticiários *open source* são constituídos por material produzido pelo público, de quem pertence este conteúdo, ao *site* ou aos autores? O *site*, afinal, oferece o espaço, os serviços de publicação e, no caso do OhmyNews, a estrutura profissional⁴⁸ para editar os artigos. Por outro lado, o cidadão-repórter entra com o conteúdo, a base da notícia e, portanto, daquilo que dá sentido ao *site*. Sob o espírito da colaboração e da sociedade em rede traduzida por Castells (2000), seria natural que os direitos autorais fossem divididos entre ambos: *site* e cidadão-repórter. Mas estas duas instâncias se imbricam, já que o *site* interfere no conteúdo produzido pelo cidadão-repórter e é este que faz o *site* existir.

A dificuldade em dividir direitos autorais fez com que cada projeto de jornalismo *open source* elaborasse sua própria política de direitos autorais. Daigle (2006) analisa os termos de serviço em que quatro *sites* de jornalismo *open source* trabalham. O primeiro deles é o Digg⁴⁹, onde todo o conteúdo publicado no *site* por qualquer pessoa é distribuído sob a licença de domínio público da *Creative Commons*. Essa licença exige que o autor do trabalho forneça todos os direitos de cópia a qualquer pessoa.

⁴⁸ A estrutura profissional aqui referida remete à existência de uma redação física e ao trabalho diário de profissionais da área atuantes na correção e edição de textos para publicação.

⁴⁹ <http://www.digg.com>

The screenshot shows the Digg.com homepage. At the top, there is a navigation bar with the Digg logo, links for 'login', 'register', and 'about digg', and a search box. Below the navigation bar, there are four promotional banners: 'eBay Sniper Software', 'Win More eBay Auctions', 'eBay Snipe Software', and 'Need Freelancers?'. The main content area is titled 'latest front page stories' and features a list of four stories. Each story includes a 'digg' count, a title, a submission time, and a category. On the right side, there are two sidebars: 'Get Digging' with links for 'Dig for Stories', 'Submit a New Story', and 'Digg Spy NEW!', and 'Browse by Category' with buttons for 'all' and 'apple'.

Figura 5: Digg.com: conteúdo licenciado por Creative Commons

Por outro lado, o Newsvine⁵⁰ fecha os direitos de cópia e autoria de todo o conteúdo publicado no *site*. A propósito, o Newsvine é um ambiente fechado, onde os internautas precisam ser convidados por membros para colaborarem com o conteúdo. Além disso, o novo membro precisa concordar com o acordo do interagente segundo o qual todo o conteúdo submetido ao *site* é não-exclusivo, livre de *royalties* e completamente sublicenciado para uso, reprodução, modificação, adaptação, tradução, distribuição, publicação e criação de trabalhos derivados por parte do *site*.

Questiona-se a pertinência do termo *open source* para um *site* que não permite que não-membros sequer consultem as notícias publicadas. Essa característica se confrontaria imediatamente com a primeira liberdade do noticiário *open source* quando comparado à engenharia de *software*. Retomando tal conceito, o noticiário, assim como o *software*, pode ser “apropriado, lido, distribuído e referenciado para qualquer propósito de acordo com as liberdades cedidas por cada projeto editorial. No caso do Newsvine, não há qualquer liberdade de apropriação, leitura, distribuição e referência, uma vez que o mero acesso às matérias é censurado a não-integrantes do projeto. O fato da ferramenta de publicação também estar indisponível a não-membros e, além disso, não poder ser solicitada de modo espontâneo e voluntário pela

⁵⁰ <http://www.newsvine.com>

comunidade coloca em xeque qualquer entendimento desse noticiário como uma estratégia colaborativa.

Outro projeto intitulado Gather⁵¹ manifesta em seus termos de uso e acordo de serviços que não reivindicará a propriedade dos conteúdos em áudio ou texto submetidos por seus colaboradores. Por outro lado, o *site* assume que, em nível mundial, o trabalho pertence à comunidade, jamais podendo ser protegido por licenças de uso, distribuição, reprodução, modificação, adaptação, criação de trabalhos derivados ou mesmo agregação a conteúdo sindicato (distribuído por RSS). Não há proprietário sobre este conteúdo, nem mesmo seu autor poderá tornar-se dono daquilo que produziu.

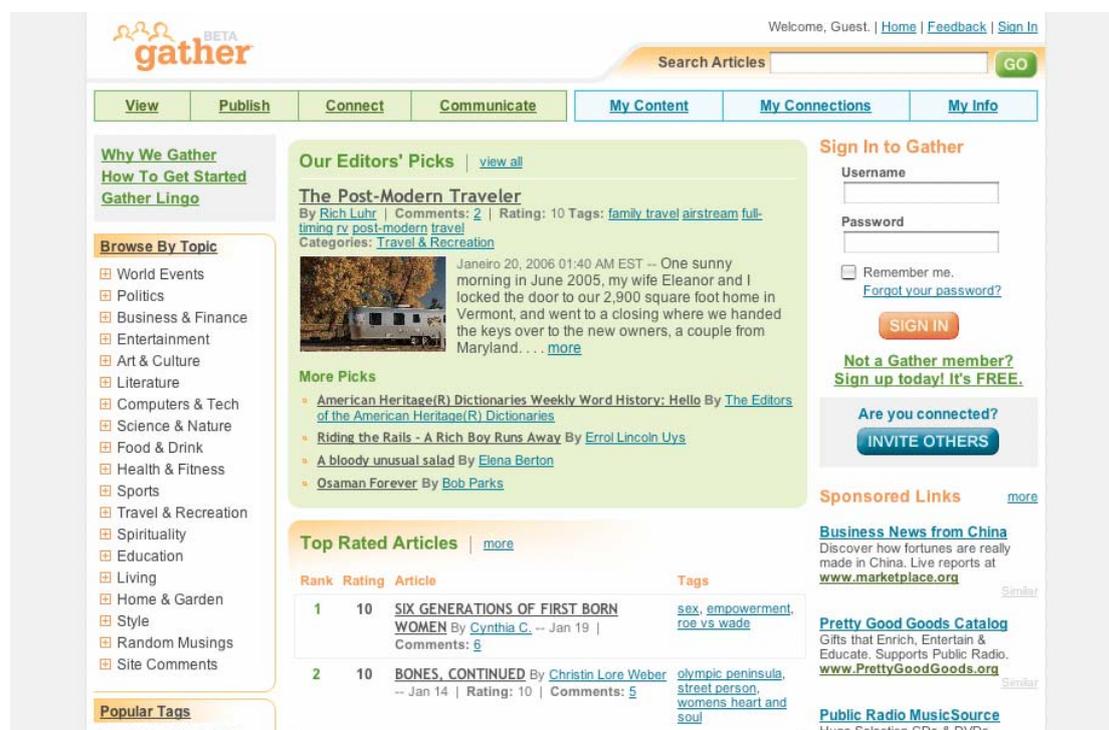


Figura 6: *Gather.com*: interagentes não podem reclamar por direitos autorais

Daigle (2006) prossegue sua análise através do acordo de registro de membros do OhmyNews, cujo primeiro tópico versa sobre as obrigações do *site*, assunto não abordado nos demais *sites* analisados. O acordo, que será discutido durante a análise empírica da presente pesquisa, afirma em um de seus ítems que os direitos e as responsabilidades acerca de todo o material mentiroso publicado no *site* é daquele que submeteu o conteúdo. Procurando por mais esclarecimentos, o autor entrevistou o editor do OhmyNews, Todd Thacker, que afirmou que os direitos de cópia de todo o material veiculado pelo noticiário são de seus autores. Assim, o

⁵¹ <http://www.gather.com>

cidadão-repórter do OhmyNews é livre para republicar seus textos a qualquer tempo. Não é feita nenhuma outra menção à propriedade ou co-propriedade de conteúdo no acordo de uso no noticiário sul-coreano. O autor ainda cita que cerca de 70 cidadãos-repórteres assinaram contrato com editoras para publicar seus próprios livros a partir de uma coletânea do que escreveram ao OhmyNews. De acordo com o noticiário sul-coreano, nenhuma restrição ou cobrança de direitos de cópia será aplicada sobre estas republicações.

A diferença com que as questões referentes aos *copyrights* são tratadas nestes *sites* noticiosos cujo cerne é a interferência dos públicos em seu conteúdo demonstra a variabilidade dos modelos de jornalismo *open source*. Ainda que a comparação entre diferentes modelos não seja o objetivo central deste trabalho, faz-se necessária uma incursão sobre alguns pontos que garantem o funcionamento de projetos da mesma natureza largamente conhecidos, como o Slashdot, o Wikinews e o Indymedia.

A relação dos organizadores do *site* com os diferentes tipos de público que colaboram fazendo notícias difere imensamente entre estes projetos. Enquanto o OhmyNews conta com uma equipe profissional de edição que filtrará em última instância a publicação do conteúdo, o Wikinews concede ao interagente a deliberação sobre o que será publicado ou não, uma vez que a opção “editar” está disponível em todas as notícias. Isso não quer dizer que não haja uma equipe de administração ou organização. Seu trabalho, porém, é discreto e atua muito mais em nível de conjunto, de comunidade, abolindo aquele que comete atitudes má-intencionadas quando identificado.

The screenshot shows the Wikinews Main Page. At the top right, there are links for 'Log in / create account'. Below that, there are tabs for 'article', 'discussion', 'view source', and 'history'. The main header includes 'Water cooler - Real-time chat - Style guide - Article Collaboration' and a notice about 'The Wikinews Arbitration Committee elections will continue until 20:00 UTC, January 31.' The main title is 'Main Page' with the tagline 'From Wikinews, the free news source you can write!'. A navigation sidebar on the left lists various actions like 'Main Page', 'Browse by section', 'Write/edit articles', 'Recent changes', 'Upload free media', 'Help', and 'Donations'. The main content area features a 'Welcome to Wikinews' message, a featured article 'Al Jazeera airs new Osama Bin Laden tape' with a photo of Osama Bin Laden, and a 'Latest news reports' section. On the right, there are regional links and a 'Start a new article' form.

Figura 7: Conteúdo do Wikinews pode ser editado a qualquer momento por qualquer pessoa

No meio do caminho encontra-se o Indymedia, que oferece um espaço para publicação livre de conteúdo conduzido tão-somente por orientações no formulário de publicação. Tais orientações recomendam ao interagente não publicar relatos que não tenham caráter realmente noticioso. Poesias, ficção e trivialidades não são bem-vindas naquele espaço. Por outro lado – e isto não é expresso nas recomendações do formulário de publicação – o Indymedia é um projeto altamente politizado e, ao contrario do que afirma, possui hierarquias de pessoal determinantes na composição do conteúdo.

The screenshot shows the indymedia.us website with a header featuring a logo and navigation links: "about us", "español", "global imc", "search", and "support". The main content area is divided into several sections:

- Feature Pages:** A sidebar on the left with links for "Prisoners page", "LANGUAGES" (english, español), "SEARCH:" (with a search box and radio buttons for "oldest first", "newest first", "by score"), and "PARTICIPATE" (publish your news links, about, editorial policy, contact, support, involve, syndication, volunteer).
- OVER 100 UCSD STUDENTS STAGE DIE-IN FOR DARFUR:** A main article from San Diego, dated 19 Jan 2006. It includes a photo of a student holding a sign that says "I AM A VICTIM OF GENOCIDE". The text discusses a die-in at the Price Center and a meeting with UC Regents. It includes an "UPDATE 1:39PM" and a "Read more | Add a translation" link.
- 2 MORE ARRESTS AND DIRECT EVIDENCE OF FBI INFILTRATION OF ACTIVIST MEETINGS AROUND US:** An article from Portland, dated 19 Jan 2006. It includes a photo of two people and text about FBI actions against activists.
- SURVIVING THE STRUGGLE-HEALTH CARE:** An article from Portland IMC, dated 20 Jan 2006. It discusses the struggle to survive on paychecks.
- MUST SEE TV: SPECIAL SP4 VIDEO FRIDAY, SAT ON PUBLIC ACCESS:** A section for a special program on cablecast, dated 20 Jan 2006.
- Local features from Independent Media Centers across the United States:** A sidebar on the right with a link to "open publishing newswire" and a "new syndication faq" link.

Figura 8: Membros do projeto têm prioridade sobre o espaço de publicação

Há uma diferença brutal entre o espaço dedicado à participação de pessoas ligadas à organização e aqueles que não possuem vínculo algum. Obviamente, o grupo que pertence aos coletivos de voluntários tem prioridade na publicação do espaço central do *site*. Além de participar em espaço limitado e diminuto, o restante do público deve obedecer a uma linha editorial que não tolera pautas que se oponham à ideologia comunista do *site*. Caso desobedeça, a matéria simplesmente é abolida da página. Identificação do colaborador também não é requerida. O anonimato, aliás, também é permitido mas reprimido no Slashdot, conforme exposto no item 6.3 desta pesquisa.

The image shows a screenshot of the Slashdot website. At the top, there is a navigation bar with links to various categories like OSTG, SourceForge, ThinkGeek, ITMJ, Linux.com, NewsForge, freshmeat, Newsletters, Jobs, Broadband, and Whitepapers. Below this is a 'DEVELOPER MARKETPLACE' section with three advertisements: 'Free Forrester WAFS Technology Report', 'Dedicated Linux root server only \$45/month', and 'PDA, Cell Phone, Laptop Batteries from AtBatt.com'. The main header features the 'Slashdot' logo and the tagline 'News for Nerds. Stuff that matters.' along with icons for Apple, Linux, a padlock, a globe, and the American flag. On the left, there is a 'Login' section and a 'Sections' menu with links to Main, Apache, Apple, AskSlashdot, Books, BSD, Developers, Games, Hardware, Interviews, IT, Linux, Politics, and Science. The central content area displays a post titled 'Your Rights Online: Details of the Livejournal Account Hacks' by user 'Zonk' on Friday, January 20, at 02:09PM. The post text discusses a security issue with LiveJournal, mentioning a group called 'Bantown' and a report by Brian Krebs from the Washington Post. Below the post, there are links for 'Read More...' and '5 of 8 comments'. To the right of the post is an 'Ask Slashdot' section with a list of questions and a 'Slashdot Login' form with a 'Nickname' field.

Figura 9: O material publicado no Slashdot é selecionado arbitrariamente pelos organizadores.

Neste projeto inteiramente voltado para os chamados *nerds* no jargão da informática, ou aqueles sujeitos viciados em tecnologia e que possuem domínio sobre o tema, a equipe de organização do *site* não apenas atua na seleção do material a ser publicado como deixa claro que aquele é um espaço dedicado a pessoas que compartilham este mesmo perfil.

Está longe desta pesquisa a intenção de afirmar qual o melhor modelo de jornalismo *open source* - se é que ele existe -, tampouco fixar uma forma única de se fazer noticiário com a interferência direta dos públicos. Ao contrario, as diferenças apresentadas anteriormente evidenciam que o jornalismo *open source* apresenta diversos formatos de acordos de publicação, relacionamento entre interagentes, mediação e direitos autorais. Antes dessa diversidade descaracterizar o modelo *open source* aplicado ao jornalismo, ela mostra como é possível adequar os processos de produção e publicação aos interesses de cada *site* mantendo, sobretudo, a característica central que é a participação direta dos públicos nas notícias.

Mas não é só na interferência do público que os diversos projetos de jornalismo *open source* se identificam e se diferenciam dos demais modelos de jornalismo. No que diz respeito ao gênero da mensagem, o jornalismo *open source* (JOS), em qualquer destes projetos e ao contrário do jornalismo *online* (JOL) e do jornalismo tradicional (JT), aceita traços opinativos nas notícias, ao passo que os

demais modelos reservam lugares especialmente caracterizados para o jornalismo opinativo. O Wikinews configura uma exceção a esse modelo, solicitando aos seus colaboradores uma postura imparcial ao redigirem seus textos. Quanto à origem das pautas, são as agências, as assessorias de imprensa e as fontes oficiais que se fixam como instâncias mais procuradas pelos repórteres de JT e de JOL. Além disso, é claro, estas modalidades de jornalismo iniciam seus trabalhos pelo pauteiro, que se orienta através de outros noticiários e do cotidiano que o envolve. O JOL registra, não raro, a peculiaridade de simplesmente reproduzir o conteúdo das versões tradicionais do veículo, quando se trata do modelo transpositivo. No JOS a origem das pautas pode ser a mesma dos modelos anteriores, com a diferença de que as fontes oficiais, agências e assessorias de imprensa não dão prioridade ao trabalho de apuração do cidadão-repórter. Deste modo, as notícias do JOS se aproximam do trabalho do pauteiro, que observa ao seu redor o que pode se transformar em notícia e transforma estes fatos em artigos e matérias.

Pode-se questionar, entretanto, a atitude do repórter profissional na sugestão/decisão da pauta. Já que seu trabalho está na rua, próximo do cotidiano da população, ele enxerga o seu entorno e pode extrair dele assuntos para futuras notícias. Não se pode esquecer, no entanto, que o JT e o JOL contam com uma hierarquia minuciosa e quem decide o que pode virar notícia, em geral, não é o repórter. A atuação de editores, chefes de redação e até mesmo do departamento comercial pode modelar o conteúdo de um noticiário. Por outro lado, no JOS, o cidadão-repórter decide qual assunto abordar, de que forma apurar e qual enfoque dar à notícia. Obviamente, ela pode ser reprovada, mas este já é um ponto comum com o JT e o JOL.

No que diz respeito à filiação político-ideológica nos três modos de jornalismo, os noticiários em JT firmam o compromisso social de manter uma postura pretensamente neutra e isenta de opinião no que toca às notícias. Este comportamento remete à estruturação do jornalismo objetivo no final do século XIX, que respondia à imprensa politizada que marcou os primórdios da atividade. Os veículos tradicionais digitalizados seguem as tendências editoriais do noticiário original, impresso ou transmitido via rádio ou TV. O cumprimento ou não com a neutralidade política no JT não compete ao escopo desta análise. O JOS, ao contrário, não assume compromisso em ser isento. O Indymedia, por exemplo, admite ser um noticiário de esquerda. Já o OhmyNews não incentiva nenhum posicionamento ideológico. Se algum artigo apresentar parcialidade, será de responsabilidade total de seu autor e não significa que

o noticiário concorde com tal opinião. Para ilustrar esta característica lembra-se de um artigo publicado no OhmyNews International em dezembro de 2005 contendo, no topo da página, entre o título e o corpo do texto, a seguinte inscrição:

The following is a very personal account of one Australian's experience of race and violence. OhmyNews has chosen to publish this article to help elaborate the issues surrounding last Sunday's riot, but we must emphasize that this is one man's story. Mr. Lee is proposing to have readers post thoughtful views on the matter. OhmyNews hopes to stimulate constructive debate. — Ed.

O artigo que seguia esta nota do editor relatava a visão particular australiano descendente de coreanos Samuel Lee, onde manifestava indignação com a comunidade islâmica que vive na Austrália. O cidadão-repórter acusou os islâmicos por serem fechados e segregacionistas no artigo intitulado “*How 5,000 Australians Disgraced a Nation*”. O exemplo mostra, especialmente na nota do editor, que nenhuma ideologia é privilegiada pelo OhmyNews, mas sim o debate que a diversidade ideológica pode gerar.

Estes parâmetros podem ser aplicados para dimensionar a isenção/neutralidade do repórter e do cidadão-repórter em suas atividades. Oficialmente, é cobrado que os profissionais de JT e de JOL sejam isentos ao produzirem suas notícias. No JOS esse já é um comportamento que fica a critério do cidadão-repórter.

A busca pela verdade e pela pluralidade parecem ser parâmetros comuns a todos os modelos de jornalismo. Ao menos não é registrada nenhuma oposição a eles no JOL ou no JOS. No JT esse quesito não só é fundamental como faz parte do senso comum. O uso do *lead* e da pirâmide invertida, que tanto caracteriza o texto no JT, ainda é usado mas tende ao desuso no JOL e no JOS. A justificativa remete a dois conceitos: o primeiro é levantado por Salaverría (1999), anteriormente citado, de que o JOL e o JOS, por existirem em ambiente digital, incorporam a geografia do hipertexto e se sustentam muito mais por pequenas células noticiosas do que por textos que iniciam com o mais importante e terminam com os dados mais irrelevantes, procurando dar conta da totalidade do assunto numa só peça. A segunda justificativa está no uso válido do gênero opinativo na composição das mensagens no JOS. Se o *lead* e a pirâmide invertida são técnicas utilizadas para que o texto se aproxime ao máximo da objetividade e, portanto, do gênero informativo, parece aceitável que textos opinativos não apresentem estes elementos. Tal pensamento conduz à

objetividade relativa do JOS. Já no JT e no JOL, objetividade é uma das variáveis de maior relevância.

Quando se compara a autonomia do repórter em escrever matérias no JT e no JOL ao do cidadão-repórter, no JOS, chega a ser natural a submissão do profissional dos dois primeiros grupos à orientação da empresa para onde trabalham e, em certos casos, aos aunciantes do seu veículo. O fato dos cidadãos-repórteres atuarem como voluntários, decidirem o que querem transformar em notícia e qual abordagem dar aos fatos contribui para que tenham mais flexibilidade ao compôr uma notícia.

As pautas de serviço público, tão recorrentes no JT e até mesmo no JOL, tornam-se mais raras no JOS, considerando os projetos que existem na atualidade e que buscam dar conta de uma totalidade do noticiário internacional⁵². Uma possível justificativa a isso é o fato do JT ter periodicidade, no máximo, diária e o JOL, instantânea. Isso dá sentido a notícias que ajudem o dia-a-dia da população como mudanças no trânsito local, avisos de falta de água e luz, greves no transporte público, meteorologia etc.

Quanto à proximidade do repórter/redator com a notícia, no JT e no JOL a objetividade, mais uma vez, funciona como artifício para separar os autores da pauta que trabalham. A proibição do texto em primeira pessoa à notícia convencional e mesmo a definição das pautas por terceiros obrigam o repórter a se manter afastado do produto final do seu trabalho. Em contrapartida, a aceitação do gênero opinativo mesclado às notícias em alguns projetos de JOS - como o OhmyNews e o Indymedia - permite que os cidadãos-repórteres falem de questões próprias, que dizem respeito à realidade deles, relatando fatos em que foram protagonistas ou testemunhas. É importante que se diga que, no JT e no JOL também há texto de caráter opinativo. Porém, estes textos ficam alocados em espaços identificados por “opinião”, enquanto se disseminam no noticiário *open source*. Este quesito está intimamente ligado à linguagem aplicada em cada modelo de jornalismo. No JT e no JOL, os recursos utilizados são, majoritariamente, a descrição e a narração, conforme apontado anteriormente por Salaverría (1999). Já no JOS, por ser autorizado o relato em primeira pessoa e, ainda, o texto opinativo sem restrição de espaços, a argumentação ganha terreno livre.

⁵² É provável que projetos de jornalismo *open source* de bairros, se virem a acontecer, estampem em sua planilha de conteúdos o serviço público como prioridade nas pautas.

O cidadão-repórter pode ganhar legitimidade em seus relatos justamente por estar próximo aos fatos que transforma em notícia. Essa proximidade vai dizer respeito não somente ao aspecto geográfico mas cultural. Falando sobre a própria cultura, supõe-se que o cidadão-repórter tenha mais conhecimento de causa para determinados relatos do que um repórter que nunca experimentou os mesmos hábitos. Isso vai definir a área de cobertura do JOS. A proximidade também legitima o relato dos profissionais de imprensa no JT e no JOL. Por exemplo, notícias sobre guerra podem ser muito mais críveis se forem produzidas por um repórter que estiver no *front*. Ainda assim, o repórter jamais se confundirá com o soldado, ou seja, ele nunca será protagonista da situação que está reportando. Se, por acaso, o for, a recomendação da redação é que seja designado outro repórter para cobrir o fato. A exemplo, se um repórter for vítima de um sequestro, não será ele que transformará em notícia a situação que viveu, mas um colega não intimamente envolvido com o caso.

É importante que se diga, porém, que a proximidade não é suficiente para garantir que uma informação seja completamente crível. Conforme Pena (2005), a subjetividade das fontes pode distorcer um fato e, se o relato for feito pelas próprias fontes, essa distorção tende a ser mais prejudicial para a credibilidade da notícia. Opta-se, nesta pesquisa, crer que a proximidade seja um diferencial pró-credibilidade, ainda que não seja sua mais completa garantia. Mas reconhece-se que não é possível generalizar dizendo que todas as notícias escritas produzidas pelas próprias fontes são mais críveis que aquelas feitas por um jornalista.

Há situações também em que o repórter profissional, no JT e no JOL, coleta material de lugares muito distantes de onde se encontram fisicamente e reportam como se tivessem testemunhado ocularmente. É o caso de coberturas à distância. No jornal impresso diário acontece quando o repórter fica na redação escrevendo a matéria a partir de informações de *releases*, pesquisas na Internet e entrevistas por telefone. Enquanto isso, o repórter fotográfico vai às ruas capturar as imagens da pauta.

O realismo fotográfico que tanto influenciou o jornalismo tradicional quando a fotografia ganhou espaço nas páginas dos jornais se consolida como um traço forte do JT e do JOL, uma vez que serve de metáfora para valores como objetividade e imparcialidade. Mais uma vez se remete à predominância do gênero informativo nestes dois modelos de jornalismo, algo que não se registra no JOS. Assim, a idealização da notícia como retrato da realidade não se aplica no JOS, que

lança mão de textos opinativos para informar a audiência em proporção igual ou maior aos textos exclusivamente informativos.

Para além do histórico de subornos e manobras textuais que garantiam a remuneração dos repórteres no JT, é fato que os profissionais de imprensa empregados em um veículo recebem salário por aquilo que realizam, acordado com o sindicato da categoria, ao menos no Brasil. Há exceções como *freelancers* e voluntários que trabalham para jornais de bairro ou de entidades beneficentes. No primeiro grupo a remuneração é garantida de acordo com uma tabela fixada por cada veículo ou também pelo sindicato regional que garante o pagamento do profissional sempre que faz uma matéria sob demanda da redação. Há casos em que o repórter *freelancer* produz as reportagens espontaneamente e então oferece às redações. São remunerações incertas, que dependem do volume de trabalho e da demanda dos veículos. Assim ocorre para o cidadão-repórter do OhmyNews, que receberá um pagamento pelas matérias feitas e aprovadas, condicionado ao *status* que seu trabalho receber no *site*. Neste quesito, a atividade do cidadão-repórter se aproxima do sistema em que trabalha o *freelancer*. Ora, é o próprio cidadão-repórter que escolhe as pautas que deseja cobrir e o faz de acordo com a própria vontade. No OhmyNews haverá situações em que o editor sugere pautas a determinados interagentes, mas isso não quer dizer que eles devam aceitá-las tampouco significa garantia de publicação. Cabe lembrar que o OhmyNews é uma exceção entre os projetos de jornalismo *open source*. Via de regra, não há remuneração ao interagente por suas contribuições ao conteúdo do *site*.

Sob o ponto de vista social do jornalismo, lembra-se que quando o JT se despolitizou, assumiu a função de ser a voz do povo no relacionamento com os poderes públicos. Mais do que isso, chamou a si a tarefa de vigiar os legisladores, estendendo o olhar da audiência para dentro dos gabinetes oficiais. Basta folhar algumas páginas de um jornal diário ou assistir ao primeiro bloco de um telejornal que serão encontradas notícias que denunciam fraudes, atos de corrupção e mau uso do poder entre os governantes. Na imprensa brasileira pautas assim são recorrentes. Essa vigilância também é exercida no JOS, com a diferença de que este modelo de noticiário não se pretende a “voz do povo”. O JOS pode ser, no máximo, a voz espontânea dos cidadãos-repórteres, sem a pretensão de generalizar os olhares e homogeneizar os pensamentos.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho caracteriza-se pela descrição, análise e interpretação de dados levantados através de pesquisa bibliográfica, observação e experimentação do objeto empírico – OhmyNews International – além de entrevistas com representantes de diferentes instâncias envolvidas no caso analisado, como editores, cidadãos-repórteres e pesquisadores do tema. Sublinha-se mais uma vez que esta pesquisa não tem como objetivo central a análise do conteúdo do noticiário *open source*, mas de observar e discutir as questões normativas que entrelaçam o **processo** de produção e publicação de notícias.

Quanto à escolha do *site*, trata-se de uma seleção não probabilística e por tipicidade. Buscou-se uma página que apresenta, segundo sua própria proposta editorial, um conjunto de características de base julgadas coerentes com os objetivos da pesquisa. Teve-se a informação preliminar de que o *site* selecionado permite a interferência dos diferentes tipos de público na construção do conteúdo informativo, o que abre a questão de investigação remetendo às formas como essa interação acontece.

É importante salientar que, apesar desta pesquisa focar-se num objeto empírico, ela não se reduz a uma análise abstraída do produto, ou seja, a um estudo isolado de caso. São considerados os diversos grupos de interagentes envolvidos neste processo, bem como o ambiente que concatena estes grupos com o objeto jornalístico. Além disso, é dada especial atenção aos valores jornalísticos circunscritos no noticiário e, especialmente, à interação de todas estas instâncias como fator fundamental para que o OhmyNews e o jornalismo *open source* existam. O foco deste projeto, portanto, é a análise da **interação** presente de jornalismo *open source*.

O modelo de jornalismo praticado no *OhmyNews International* é inicialmente considerado como um dispositivo de desordem – segundo a visão moriniana – no campo tradicional da comunicação, fragmentado pela distinção entre emissor e receptor nos *media* de massa. Observando-o como um fenômeno complexo, o *site* é aqui compreendido como uma nova organização para o sistema comunicacional midiático. Considerar que a identidade profissional do jornalista encontra-se em revisão também configura uma problemática complexa, visto que a incerteza que se forma diante do futuro da profissão ao se sentir “ameaçada” pela participação do público na produção de notícias provoca a quebra de uma regulação e

a necessidade da busca por novas soluções ou novos papéis para o jornalista desempenhar na sociedade.

A complexidade orienta o método desta pesquisa no momento em que as técnicas a serem aplicadas – entrevistas com os grupos citados, experimentação do processo de publicação e observação das atividades do noticiário – contemplam esferas diferenciadas e tradicionalmente dicotômicas na pesquisa em comunicação. São considerados aspectos referentes aos cidadãos-repórteres que contribuem produzindo conteúdo ao OhmyNews, aos organizadores, idealizadores e editores do *site*, além de pesquisadores que têm se dedicado a estudar esta problemática sob diferentes ângulos. A variedade de pontos de vista, acredita-se, é fundamental para definir a pesquisa em seu caráter complexo. Busca-se, deste modo, contemplar o máximo de variáveis que fazem com que o objeto empírico exista.

Observar o objeto empírico por um olhar complexo parece inevitável quando se considera que o *site* sul-coreano OhmyNews, as pessoas que o fazem e o conteúdo são partes interdependentes e, ao mesmo tempo, mantêm suas singularidades. Neste momento, a complexidade está justamente na maneira de se olhar para o que é pesquisado: não somente o objeto, não somente os interagentes, não apenas ouvir quem está debatendo o assunto, mas ver todas essas instâncias e suas inter-relações a um só tempo. Não se quer dizer, com isso, que noticiários tradicionais não sejam objetos complexos tampouco que não comportem uma análise à luz da complexidade. Mas para que o sejam, em uma pesquisa, é importante que tenham todas as suas variáveis conjugadas numa mesma observação.

4.1 Descrição dos procedimentos

Inicialmente é feita uma descrição detalhada da estrutura do *site* através de observação direta intensiva, uma técnica de coleta de dados para se obter informações sobre determinados aspectos da realidade (Marconi, 1999). Os dois procedimentos indicados para essa técnica, segundo a autora, foram contemplados nesta pesquisa: a entrevista e a observação.

A intenção deste procedimento é dar conta dos itens que compõem a *homepage* bem como as páginas referentes ao cadastro do cidadão-repórter e à sua atuação no OhmyNews. Através de *screenshots*⁵³ e textos, este momento da pesquisa

⁵³ *Screenshots* são capturas de telas do computador por meio de imagem reproduzindo o conteúdo visto tal como o interagente o vê.

busca reconstituir a trajetória de um interagente que chega pela primeira vez ao *site*. Assim, é mostrado os elementos noticiosos que encontra e como chega às vias de interação mútua, ou seja, como se torna um cidadão-repórter. Em seguida, ainda por meio de *screenshots*, são apresentados todos os passos que um interagente percorre para publicar seu artigo através do *site*. Como o OhmyNews oferece um ambiente dotado de outras ferramentas de interação ao seu colaborador, estes espaços também serão detalhados seguindo sempre a indicação de interação mútua e/ou reativa.

Após apresentar todo o ambiente digital e os processos de interação dos quais participa o cidadão-repórter, esta pesquisa identifica os quatro princípios da complexidade moriniana selecionados no primeiro capítulo na prática do jornalismo *open source*. Esta identificação acontece quando se substitui elementos apontados por cada princípio – partes, todo, unidades – por componentes do jornalismo *open source* praticado no OhmyNews – cidadão-repórter, jornalista, notícia, noticiário. Essa identificação é feita através da reelaboração textual de cada um dos quatro princípios com as características do jornalismo *open source*.

Num segundo momento ocorre a observação sistemática. Para analisar o *site* OhmyNews International, esta observação participante e declarada consiste na publicação de quatro matérias entre novembro e dezembro de 2005. Ela é participante porque a pesquisadora atuará como uma cidadã-repórter, trabalhando com todos os recursos oferecidos pelo *site* e descrevendo-os conforme o andamento do processo de publicação. A participação acontece durante o período de dois meses, quando uma matéria foi produzida, em média, a cada duas semanas. As pautas trabalhadas foram escolhidas pela própria autora, que priorizou abordar temas referentes ao espaço onde vivia na ocasião – a cidade de Porto Alegre – ou foram sugeridas pelo editor Todd Thacker que selecionou a pesquisadora por se tratarem de temas referentes ao Brasil. A nacionalidade, neste caso, parece ter sido decisiva para adequar a pauta ao cidadão-repórter. A observação é declarada porque tanto a equipe interna do OhmyNews quanto os cidadãos-repórteres que participaram desta pesquisa estiveram cientes desde março de 2005 que uma das intenções da pesquisadora em atuar como cidadã-repórter era coletar materiais e analisar o processo para fins científicos.

Todo o processo de publicação é relatado em detalhes, desde a composição da matéria, incluindo sua submissão através do *site* até sua publicação e, quando necessário, traz informações pertinentes que foram registradas pós-publicação. As quatro notícias seguem as orientações técnicas e editoriais definidas pelos organizadores do *site* e não visam nenhuma tentativa de burlar o processo. A

intenção é descobrir as falhas, os benefícios e também verificar se o projeto pode ser concretizado tal como se apresenta. As análises contarão também com visões de estudos anteriores⁵⁴ e reportagens descritivas publicadas na mídia convencional a respeito do objeto empírico.

Todas as observações feitas pela pesquisadora foram alocadas em seus espaços reais de atuação, ou seja, os objetos não serão deslocados de seu funcionamento cotidiano. Procurou-se agir como um cidadão-repórter qualquer, interagindo com o noticiário escolhido através de todas as vias possíveis. Nenhuma condição especial foi criada pelo *site*, pelos cidadãos-repórteres nem mesmo pela autora para que esta análise ocorresse. As experimentações aconteceram, portanto, dentro da rotina do OhmyNews International.

Se escolheu trabalhar com a técnica da observação participante porque mostrava-se adequada à verificação daquilo que as outras etapas da pesquisa apontam: o que diz o próprio *site* através de *FAQ*, acordo, código de ética e demais orientações, além das opiniões e explicações obtidas por meio de entrevistas.

Após a etapa da observação participante são apresentadas entrevistas com três grupos de pessoas que mantêm alguma ligação com o tema desta pesquisa. O primeiro deles é constituído por integrantes do OhmyNews, ou seja, o diretor e fundador Oh Yeon Ho, o editor Todd Cameron Thacker e o *ex-copy-desk* Jason Sparapani. O segundo grupo é formado por cidadãos-repórteres de diferentes países escolhidos aleatoriamente entre as matérias publicadas no *site* e convidados a responderem o questionário via e-mail. O terceiro e último grupo é de pesquisadores, jornalistas, professores de comunicação de diferentes países que lecionam e/ou estudam o tema do jornalismo *open source* e do jornalismo *online* como um todo. Os questionários são abertos, de modo que possibilita a coleta factual e opinativa dos entrevistados.

Os questionários retomam temas abrangentes abordados ao longo do referencial teórico como os valores tradicionais do jornalismo, a credibilidade, o papel do jornalista, o relacionamento com os anunciantes, a liberdade de expressão, os motivos que movem uma pessoa a participar de projetos colaborativos entre outros assuntos. É importante destacar que nem todos os trabalhos destes pesquisadores eram propositalmente do conhecimento da autora, o que permitiu uma variedade maior de visões sobre o tema.

⁵⁴ Bowman e Willis, “Nosotros, el medio”, 2003 e Gillmor, “Nós, os media”, 2004.

Cada grupo respondeu por e-mail a um questionário diferente, à exceção do criador e diretor do OhmyNews, Oh Yeon Ho, que foi entrevistado pessoalmente em Seul, em junho de 2005. Apesar disso, há tópicos que aparecem em todos os questionários. Em totalidade, os temas abordados são os seguintes:

- a) ser cidadão-repórter: razões, habilidades e requisitos;
- b) tipos de artigos/pautas no OMN;
- c) liberdade de expressão dentro e fora do OMN
- d) relacionamento do jornalismo *open source* com anunciante
- e) política editorial do OMN;
- f) processo de edição no OMN;
- g) formas de interação OMN/cidadão-repórter;
- h) valores tradicionais do jornalismo no modelo *open source*;
- i) credibilidade;
- j) papel do jornalista no jornalismo *open source*.

As entrevistas foram sistematizadas por grupos de entrevistados e a íntegra de todas elas se encontra no Anexo 2 desta pesquisa. Para apresentar os resultados das informações/opiniões dos entrevistados, a divisão é feita por tema, seguindo a relação acima. Serão conjugadas, portanto as respostas de integrantes dos três grupos, quando for o caso, em cada uma das temáticas em um único texto. Para facilitar a compreensão e a identificação dos integrantes de cada grupo, sugere-se as seguintes siglas: OMN – para *staff* do OhmyNews; CR – para cidadão-repórter e PSQ – para pesquisadores do tema.

A escolha dos entrevistados foi orientada por diversos fatores. Entrevistar integrantes da equipe interna do OhmyNews – Todd Thacker e Jason Sparapani – parece óbvia para ter-se acesso a informações oficiais sobre o *site*. A escolha de alguns cidadãos-repórteres entrevistados balizou-se por convite feito durante o *OhmyNews International Citizen Reporters' Forum*, pessoalmente, em Seul, em junho de 2005. Neste grupo estão a chilena Maria Pastora Sandoval Campos, o mexicano Erich Moncada, o sul-coreano Kim Hyung-Soon, o iraniano Omid Habibinia, a singapurense Stephanie Theng e o alemão Alex Krabbe. Os demais cidadãos-repórteres entrevistados foram contatados aleatoriamente através do formulário de e-mail disponibilizado pelo OhmyNews International junto às matérias de autoria de cada um deles. Foram contatados os cidadãos-repórteres que tinham matéria publicada na *homepage* do OhmyNews International em 20 de janeiro de 2006. Este é

o caso do francês Pierre Joo, do italiano Roberto Spiezio e do norte-americano que solicitou não ser identificado neste trabalho.

Já os pesquisadores entrevistados foram abordados de diferentes formas. Jeremy Iggers e Erik Moeller estiveram presentes no fórum acima citado na condição de palestrantes. Catarina Moura foi selecionada por ser dela a terminologia escolhida para entender o processo de publicação que ocorre no OhmyNews – jornalismo *open source*. Esta autora tomou a iniciativa de sugerir outros nomes para serem entrevistados que, de acordo com sua opinião, poderiam contribuir criticamente com esta pesquisa, já que estes entrevistados estudam ou lecionam assuntos próximos ao que se aborda aqui: Anabela Gradin e Susana Barbosa. Jorge Rocha foi convidado a responder ao questionário desta pesquisa por ter-se mostrado interessado pelo tema e por estar desenvolvendo trabalhos nesta mesma área na FUMEC, em Minas Gerais. O primeiro contato com Jorge Rocha aconteceu em setembro de 2005, no Rio de Janeiro, durante o XXVIII Intercom.

5. APRESENTAÇÃO DO OBJETO

Antes que se inicie efetivamente a análise do objeto empírico desta pesquisa, cabe apresentá-lo com maiores detalhes. Além de informações sobre o próprio OhmyNews busca-se traçar um panorama da imprensa sul-coreana inserida num contexto internacional focado na atualidade.

5.1 OhmyNews International

A versão internacional do noticiário OhmyNews surgiu em agosto de 2004 para atender a uma demanda internacional de produção e publicação de notícias já fortalecida há quatro anos na Coreia do Sul e executada, sob diversos formatos, em *sites* de conteúdo colaborativo como Slashdot, Indymedia e inúmeros blogs.

O noticiário, integralmente produzido em inglês, sustenta-se no código de ética (Anexo 1) elaborado especialmente para o trabalho executado no *site*, em sistema interno de submissão e edição de conteúdo, controle de cadastro dos colaboradores, espaços patrocinados, pagamento simbólico dos cidadãos-repórteres e uma política editorial própria. Todas as informações concernentes a estas especificações do processo de trabalho serão abordadas mais profundamente no item 10.1.

O OhmyNews produz ainda uma versão impressa, semanal, distribuída gratuitamente nas estações de metrô de Seul. Quem deseja assiná-la, deve pagar as despesas de postagem. Majoritariamente composta por artigos em *hangul*, a edição traz uma página com destaques do OhmyNews International, ou seja, com artigos originalmente publicados na web e agora reproduzidos, igualmente em inglês, com a autoria e a edição mantidas.

Em abril de 2005, o *site* recebia cerca de 20 matérias a cada semana. Em janeiro de 2006, o OhmyNews International passou a publicar uma média de 10-15 matérias por dia. O prazo de edição se mantém o mesmo: de um a dois dias para editar e publicar cada matéria (Thacker, 2004a).

O trabalho de edição consiste na checagem de dados, na reescrita da manchete e na adequação do texto a uma linguagem jornalística convencional assim como à gramática da língua inglesa. Tais tarefas são realizadas pelo editor-chefe Euntaek Hong, pelo editor Todd Cameron Thacker e por outros três *copy-desks*. A equipe do OMNI é composta por outras três pessoas, todas alocadas na Coreia do Sul, que desempenham trabalhos administrativos e de tradução do conteúdo para o idioma

coreano. Já na versão em hangul do *site*, um mínimo de 170 novas matérias são publicadas diariamente. Elas são fruto de uma seleção que, em média, recusa 20% do material submetido pelos cidadãos-repórteres (Thacker, 2004a).

5.2 A crise na imprensa tradicional sul-coreana em contexto internacional

O final do século XX representou aos coreanos um desafio de superar a própria história. A instauração de um regime político ditatorial no começo da década de 80 com a tomada do poder pelo general Chun Doo-Hwan calou uma geração inteira de jovens estudantes. O golpe militar foi marcado por um sangrento confronto entre o exército sul-coreano e líderes oposicionistas ocorrido em maio de 1980 na capital provincial de Kwangju. O “Massacre de Kwangju”, como ficou conhecido, deixou um saldo de 200 manifestantes mortos em praça pública, consolidando o mais violento conflito ocorrido na Coreia desde a época em que o país estava sob domínio japonês.

O difícil acesso a informações do governo e a impossibilidade de livre opinião fortaleceram no povo coreano a necessidade de autonomia civil e de manifestação de idéias. A redemocratização em meados da década de 90 ofereceu à comunidade um complexo midiático sustentado por três grandes jornais atrelados a conglomerados de comunicação: Chosun, Jong Ang e Dong-A Ilbos representavam 80% da imprensa sul-coreana, liderando os índices de assinatura, quantidade de leitores e capacidade de influência sobre a política do país. Os três diários seguem uma linha editorial claramente conservadora, ou seja, ligados ao governo federal. Além disso, as emissoras de televisão também sofrem controle estatal: 90% delas estão sob o jugo dos governantes (Kim e Lee, 2005).

A arbitrariedade da política da situação sobre o conteúdo dos periódicos se fazia cada vez mais intensa. Em 31 de dezembro de 2004 a Assembléia Nacional aprovou uma lei de restrição de imprensa que propunha e estimulava através de gratificações a delação de jornais suspeitos de práticas ilegais, ou seja, de publicação de informações que contradissem a postura oficial do governo. Kim e Lee (2005) apontam que os jornais coreanos estão visivelmente comprometidos com as fontes oficiais de notícia. Isso leva jornalistas e editores a sustentarem seus trabalhos na mera cópia de releases e pequenas notas enviados pelas assessorias de imprensa de líderes governamentais. Os autores chamam a atenção para a inexistência do debate intelectual na mídia coreana, algo que, segundo eles, deveria acontecer através dos

jornais ou ao menos tomar os periódicos como referência. “*Intellectual’s talks do not mention newspapers and the papers do not provide an important social agenda any more*” (p. 115)⁵⁵.

Talvez como consequência deste quadro de uma mídia deficitária, personalidades tradicionalmente conhecidas como “intelectuais” da sociedade coreana vêm a público comentar temas fúteis como fofocas sobre estrelas de televisão ou trivialidades de suas vidas cotidianas. Kim e Lee (2005) entendem este fenômeno como a “perda da intelectualidade”, algo que se aproxima do que Gillmor (2004) analisa em relação à mídia norte-americana como o “síndrome do esvaziamento do noticiário”. Para o autor, a justificativa da perda de profundidade do conteúdo da mídia se deve não tanto a um comprometimento com o poder político como no caso coreano, mas à ganância pelo lucro que geram grupos de comunicação com ações negociáveis em Wall Street.

Editores de jornais e directores de estações de radiodifusão perceberam que podem cortar na quantidade e na qualidade dos trabalhos jornalísticos, pelo menos durante algum tempo, com vista a aumentar os lucros. Num caso a seguir a outro, as exigências de Wall Street e a ganância dos investidores tornaram menos importante para o jornalista a consagração ao ‘serviço público’ (p. 17).

Em verdade, essa mercantilização do jornalismo já é perceptível desde o final da década de 70, conforme analisa Pereira (2004a), quando a “idade de ouro” da imprensa cede lugar a um jornalismo exclusivamente voltado aos interesses do mercado. Marco fundamental dessa mudança foi a disponibilização de ações de empresas de comunicação norte-americana na bolsa de valores de Nova York. Este gesto se refletiria em mudanças estruturais da organização empresarial e, por consequência, na submissão do trabalho do jornalista a metas financeiras a serem atingidas pelo venda de assinaturas e espaços publicitários. Logo, a notícia se transformaria num produto talvez não para atender, mas para agradar ao público/mercado. Entender o jornalismo dessa maneira acarretaria, assim, um processo de banalização por congregar pessoas em seu âmago que já não acreditam, como outrora, na missão de informar em busca da harmonia do espaço público. Ruellan (2004) detecta tal empobrecimento da atividade afillhado à ligação íntima do jornalismo em uma estrita lógica liberal de produção/consumo.

⁵⁵ Tradução da autora: “Conversas de intelectuais não são mencionadas nos jornais e os artigos não alimentam mais uma importante agenda social”

Percebe-se nitidamente que, em função de leis de mercado que obrigam os jornais e emissoras de rádio e televisão a gerarem lucro cada vez mais volumosos, a função social do jornalismo se perde em um vazio informativo preenchível pela atuação dos cidadãos-repórteres. Gillmor percebe a atração irresistível de diretores de informação por altos índices de audiência revertidos em acréscimos de verba publicitária. A máxima “Se houver sangue, vende”, tornou-se o norte para conduzir as rotinas das redações.

Essa visão simplista do noticiário conduz a uma frustração por parte do público que, na Coreia, tem se manifestado através da queda dos índices de assinatura de jornais. De acordo com uma pesquisa realizada pelo *Nielsen Media Research* em janeiro de 2005, 17% dos lares coreanos cancelou a assinatura de jornais nos últimos cinco anos, evidenciando a maior crise na mídia impressa do país. A pesquisa também apontou que adolescentes estão se afastando cada vez mais da leitura de jornais. Em 2000, 47% deles eram habituados a ler periódicos. Na última pesquisa, este número caiu para 26%. Iggers (2004) reforça esta situação ao indicar que a audiência do jornalismo tradicional encontra-se em franco declínio, sofre de perda de credibilidade, do respeito do público e status moral na sociedade norte-americana. Para o autor, a crise que se estabeleceu na imprensa no final do século XX é fruto de uma sofisticação crescente do público na compreensão da verdade e, especialmente, na percepção da existência de múltiplas interpretações sobre um fato. Trata-se de uma postura cética e ao mesmo tempo cínica a partir do conteúdo produzido pela imprensa. Ao ler o noticiário, o público é capaz de entender que a notícia na mídia de massa se transformou em um produto, o que representa a perda da autoridade e o colapso do comprometimento com a verdade no jornalismo. Alia-se a isso o surgimento de uma geração de editores marcada pela arrogância que julgam saber melhor do que as audiências o que lhes é mais importante.

Ruellan (2004) acrescenta a esta lista de elementos declinantes do jornalismo o empobrecimento do perfil humano das redações formado cada vez mais por jovens de escasso conhecimento especializado, sedentários, tecnicistas. “*A paisagem profissional faz aparecer trabalhadores mais voláteis, mais funcionários do que missionários, mais frágeis e cada vez menos dispostos a defender um modelo de informação menos submetido ao mercado, mais favoráveis à cooperação entre comunicação e jornalismo*”. O autor justifica este cenário humano decadente das redações pelo diminuto comprometimento que as sociedades ricas firmam com o trabalho em benefício de uma vida mais hedonista.

O posicionamento cético do público em relação a este perfil de jornalista que se acentua na atualidade e, especialmente o ceticismo em relação ao noticiário, para Iggers (2004), está atrelado a mudanças viabilizadas pelo crescimento da Internet como provedora de conteúdos alternativos, inclusive, não-jornalísticos capazes de fornecer uma informação mais confiável do que a divulgada nos veículos tradicionais. Isso não apenas quebra o ciclo da notícia como amplia seu espectro a uma escala cada vez mais privada. O autor destaca a emergência de testemunhos em primeira pessoa frente a pautas cívicas. Nem sempre foi assim. De acordo com uma pesquisa realizada pela Universidade da Califórnia em 1999 e comparada por Iggers (2004) com dados anteriores, em 1966, 57,8% dos calouros daquela instituição concordavam que questões políticas e cívicas eram “muito importantes” ou “um objetivo essencial de vida”. Em 1998, somente 25,9% concordavam com esta visão.

Iggers completa esta análise concluindo que modelos informais de comunicação como os *blogs*, cujos conteúdos são pontuados essencialmente por relatos pessoais, são os veículos mais procurados especialmente por jovens para se manterem informados, ao invés de jornais ou mesmo portais noticiosos.

O distanciamento dos jovens em relação ao noticiário tradicional, especialmente na Coreia do Sul, também se deve a uma lógica de distribuição que condiciona o conteúdo dos periódicos a roteiros pré-estabelecidos de informação. Os jornais sul-coreanos produzem pré-edições publicadas às 19h do dia anterior à circulação da edição oficial e vendidas nas regiões centrais de Seul em escritórios de políticos, empresários e trabalhadores da mídia. Muitos formadores de opinião recebem à noite o que será manchete nos jornais da manhã seguinte. A televisão também formata seus telejornais noturnos a partir de referências às pré-edições. Na Internet, as notícias veiculadas antecipadamente pelo jornal em papel não são apenas reproduzidas mas profundamente ampliadas, trazendo mais detalhes quase ao mesmo tempo em que as pré-edições estão sendo vendidas na rua. Com esta antecipação forma-se um ciclo parasitário onde jornalistas e editores capturam de seus concorrentes o material das pré-edições e veiculam no dia seguinte sem qualquer respeito a direitos de cópia ou autoria. Isso faz com que os jornais coreanos sejam altamente repetitivos em suas pautas, com mínima variedade de conteúdo e versões de um periódico a outro. O primeiro a abolir a pré-edição foi o Joogang Ilbo, seguido pelo Chosun e pelo Dong-a.

Ao relatar mais este déficit na imprensa sul-coreana, Kim e Lee (2005) salientam que os jornais que dominam a circulação no país não são capazes de

concorrer com a imprensa eletrônica, tampouco com a internet. São falhos no aprofundamento dos fatos e no cumprimento da diversidade de assuntos que marcam a rotina do país. Enquanto 10 milhões de coreanos estão habituados a ler notícias em portais especializados em jornalismo *online*, apenas dois a três milhões de pessoas visitam a versão digital de jornais tradicionais como o Chosun e o Dong-a.

5.3 Repórter profissional e cidadão sob a ótica do OhmyNews

Proclamar cada cidadão como um repórter não foi um *slogan* criado por Oh em 2000, ano de criação do OhmyNews, mas em 1989 quando, dois anos após ter se graduado em jornalismo, ministrava um curso sobre a área para estudantes patrocinados por um grupo da revista *Mal* chamado *Citizen Coalition for Democratic Media*. E o nome da série de palestras era “*Every citizen is a reporter*”.

By boldly proclaiming “Every citizen is a reporter” a certain humility come with it as well. This is necessary because although I was a reporter with a non-mainstream media company like Mal, just because I was a reporter, I always felt the danger of slipping into arrogance and entitlement (Yeon Ho, 2005)⁵⁶.

O direito de qualquer pessoa ter acesso a informações que dizem respeito ao mundo que as circunda não deveria diferenciar um repórter de uma grande veículo ou de um jornal de colégio. Todos estariam em uma pauta não para satisfazer curiosidades particulares, mas para atender ao seu leitor. Ainda assim havia uma ruptura entre repórteres e leitores. Ao analisar a figura do repórter no noticiário convencional, produzido por empresas de comunicação, Yeon Ho descreve-o como uma pessoa com capacidades limitadas para compreensão.

A reporter, however, can arrogantly greet his readers with the belief that “The articles I write reveal the heart of the story the best.” Have you ever seen an article with a warning in front reading, “I’m sorry. Because my article may be insufficient, use caution while reading it”?⁵⁷ (Yeon Ho, 2005)⁵⁸.

⁵⁶ Tradução da autora: “Ao proclamar fortemente ‘Cada cidadão é um repórter’ uma certa humildade aparece. Isso é necessário porque ainda que eu fosse um repórter de uma companhia de mídia sem destaque, como a Mal, eu era um repórter, eu sempre senti o perigo de escorregar na arrogância e no direito de posse.”

⁵⁷ Tradução da autora: “Um repórter, entretanto, pode arrogantemente cumprimentar seus leitores com a opinião de que ‘os artigos que eu escrevo revelam o coração da história, o que mais ela tem de melhor.’ Você já viu algum artigo com um aviso em destaque ‘Sinto muito porque meu artigo pode ser insuficiente. Tenha cuidado ao lê-lo’”.

⁵⁸ Tradução da autora: Um repórter, porém, pode arrogantemente fazer com que seus leitores acreditem que ‘O artigo que eu escrevo revela o coração da história, o seu melhor’. Você já viu algum artigo com um alerta no topo, onde se pudesse ler ‘Sinto muito. Seja cauteloso ao ler meu artigo porque ele pode ser insuficiente’?”

Na contramão de visões tradicionalmente defendidas por profissionais de dentro do jornalismo, Yeon Ho (2005) é objetivo ao dizer: “*A reporter is not a special kind of person. A reporter is any citizen who wants to take news and convey it to another person*”⁵⁹. Esta definição traz, à primeira vista, um simplismo desmitificador da imagem soberana do repórter na mídia tradicional e, sobretudo, certo preconceito em relação aos jornalistas: o repórter profissional não seria, portanto, um “cidadão”? A generalidade de Yeon Ho ao dizer que “todos os cidadãos são repórteres” não exclui os profissionais mas amplia a atividade aos domínios de qualquer pessoa, justificando a premissa por um tempo em que os veículos de comunicação inexistiam.

Quando não havia repórteres para capturar informações e transformá-las em notícias dissemináveis a um grande grupo a um só tempo, todos os habitantes de uma comunidade responsabilizavam-se por manterem uns aos outros informados sobre os fatos que lhes interessavam. Aproximando o olhar da atualidade, Oh sugere pensar em um vilarejo afastado de centros urbanos, onde antenas parabólicas captam o sinal de emissoras de cobertura nacional e jornais de alta circulação chegam por meio de correios. Provavelmente os habitantes deste vilarejo estarão bem supridos de informações sobre as capitais mais próximas, sobre os países vizinhos, sobre o noticiário internacional. Mas qual veículo dará conta do que acontece entre as ruelas, a igreja, a praça e o bolicho daquele distrito?

*Middle-aged housewives gossiping at home and middle-aged men talking on the street. So before the advent of newspapers and professional journalists, the role of reporter was filled by the constituents of the community themselves. Every citizen really was a reporter. They conveyed the news to one another face to face. News was a two-way street (Yeon Ho, 2005)*⁶⁰.

Essa figura denominada *village-reporter* seria comparável, no jornalismo tradicional da atualidade com a fonte primária ou aquela que vive a situação que pautará a equipe de um jornal. O testemunho, valorizado no jornalismo especialmente quando a objetividade começa a ser perseguida como um dos valores mais nobres do texto noticioso, é analisado por Pena (2005) como um relato invariavelmente

⁵⁹ Tradução da autora: “Um repórter não é um tipo especial de pessoa. Repórter é qualquer cidadão que queria ter acesso a notícias e repassá-las a outras pessoas.”

⁶⁰ Tradução da autora: “Donas de casa de meia idade estão bisbilhotando em casa e homens de meia idade conversa na rua. Antes do advento do jornal e dos jornalistas profissionais, o papel do repórter era desempenhado pelos integrantes da própria comunidade. Cada cidadão realmente era um repórter. Eles transmitiam as notícias uns aos outros face a face. Notícias eram uma rua de mão dupla.”

atravessado pela emoção, pelos preconceitos, pela memória do locutor. “Testemunha é apenas a perspectiva de um fato, jamais sua exata e fiel representação” (p. 64). Quando se abre desconfianças, conforme o autor sugere, diante dos relatos de testemunhas, considerando que mesmo esse olhar tão próximo é incapaz de revelar um fato com proximidade extrema, questiona-se: existe representação “exata e fiel” de algum fato no jornalismo? Pena ainda afirma “A fonte de qualquer informação nada mais é do que a subjetiva interpretação de um fato. Sua visão sobre determinado acontecimento está mediada pelos ‘olhos’ de sua cultura, sua linguagem, seus preconceitos” (p. 57). A intenção deste momento da pesquisa não é a de afirmar que os testemunhos reconstituem os fatos tais quais ocorreram. Por outro lado relegar o relato em primeira pessoa a uma posição secundária em relação ao relato do jornalista e, além disso, digna de desconfiança torna a busca pela verdade ou pela objetividade jornalística uma jornada ainda mais longa.

Retornando à visão generalista, talvez superficial sobre o repórter lançada por Yeon Ho, a conscientização desse viés marca o fim da era dourada de formatação do jornalismo profissional acentuadamente vivida no século XX, ou ainda, na substituição da prática usual em que os repórteres profissionais cobriam unilateralmente fatos e os levavam aos seus leitores por uma era “two-way”, na qual leitores podem tornar-se, por si mesmos, co-autores do noticiário ao lado dos repórteres profissionais.

Tão logo foi fundado, o OhmyNews contava com 727 cidadãos-repórteres, uma equipe denominada “news guerrillas”. Ainda que o termo identifique equipes especializadas em *hard news*⁶¹, fixas de uma redação, Oh considera a conotação do vocábulo “guerrilha” no dicionário que define um pequeno grupo armado – e não um exército regular. Assim é possível distinguir cidadãos-repórteres dos repórteres profissionais, ainda que o conteúdo produzido pelo primeiro grupo seja tão legítimo quando as notícias trabalhadas pelo *staff* permanente do OhmyNews, uma vez que se trata de acontecimentos reportados do entorno de onde estão os cidadãos, a partir de uma perspectiva própria e não orientada pelo caráter conservador da maioria da mídia coreana. A participação de cidadãos-repórteres foi tamanha que os planos de uma edição semanal foram substituídos pelo lançamento de uma edição diária do noticiário *online*. Em julho de 2004 havia mais de 24 mil cidadãos-

⁶¹ No jargão jornalístico, *hard news* são as notícias que dão conta de temas de primeiro interesse como pautas sobre política, economia, relações internacionais. São também as notícias mais frequentemente atualizadas. Por outro lado, as *soft news* consistem em pautas mais “leves”, como entretenimento, comportamento, diversão a exemplo de resenhas de livros, filmes, variedades...

repórteres registrados, responsáveis pelo envio de cerca de 150 notícias por dia. Este número dobrou em menos de um ano. Atualmente, com cerca de 38 mil colaboradores cadastrados e grande parte deles atuante, o OhmyNews tornou-se um *site* de atualização permanente, várias vezes ao dia, sem mais identificar a periodicidade de uma edição.

Em entrevista concedida em junho de 2005 para esta pesquisadora, em Seul, Oh Yeon Ho apontou a necessidade dos repórteres profissionais mesmo nessa modalidade de jornalismo *open source* (Brambilla, 2005). São eles os responsáveis pela edição de todo o material que é submetido pelos cidadãos-repórteres e pela produção das chamadas *hard news*, notícias que dão conta de pautas ligadas à política, sociedade e organizações não-governamentais. Além destas editorias que formam o foco central do noticiário no OhmyNews, o espaço dedicado a reportagens sobre negócios, assuntos internacionais e cultura/entretenimento tem crescido devido à participação dos cidadãos-repórteres.

Na mesma ocasião, o jornalista Yeon Ho admitiu que o trabalho dos cidadãos-repórteres converge para a área de *soft news*, ou seja, esporte, tecnologia, resenhas de filmes, livros, reportagens sobre gastronomia, turismo, ensaios opinativos dos mais diversos temas. Se o propósito de base ainda for este, a versão internacional do noticiário coreana subverte as expectativas do criador do OhmyNews ao receber e veicular em grande quantidade pautas que falam de perto a tensões políticas internacionais. Para tanto foi criada a editoria *Global Watch* no OhmyNews International.

O formato do *site* permite a coexistência de conteúdo efetivamente noticioso ao lado de material opinativo e em primeira pessoa. Ter acesso a histórias de vida dos cidadãos-repórteres é algo extremamente valorizado dentro do OhmyNews, pois isso possibilita acesso a pautas únicas que não circulam por agências de notícia tampouco noutros noticiários da grande mídia.

6. ANÁLISE

A discussão sobre o processo de produção de publicação do noticiário OhmyNews International inicia com a observação direta intensiva, que descreve as áreas do *site* onde ocorrem interações mútua e reativa, classificando-as. Em seguida, a observação participante é apresentada e, por fim, as entrevistas.

6.1 Observação direta intensiva

Adotando o procedimento de observação direta intensiva sugerido por Marconi (1999) e anteriormente estudado, busca-se analisar o objeto empírico por meio de explorações que têm como objetivo apontar traços gerais de sua realidade. Por meio de *screenshots* e explicações textuais, descreve-se a seguir as áreas do *site* OhmyNews International por onde um internauta percorre desde seu primeiro contato com o projeto até tornar-se cidadão-repórter e publicar sua matéria.

6.1.1 O noticiário

O *site* OhmyNews, originalmente escrito em *hangul* – alfabeto sul-coreano –, traz uma visível riqueza de conteúdos em relação à versão em inglês, o OhmyNews International. Tal diferença é detectável na quantidade de chamadas que a *homepage* apresenta bem como na veiculação de arquivos em outras linguagens – OhmyTV, por exemplo –, algo ainda raro no OhmyNews International.

OhmyNews INTERNATIONAL

2005-12-10 02:29 KST

HOME | KOREA | WORLD | TECHNOLOGY | ART&LIFE | ENTERTAINMENT | SPORTS | GLOBAL WATCH | INTERVIEWS

Korean

NEWS

KOREA

WORLD

TECHNOLOGY

ART&LIFE

ENTERTAINMENT

SPORTS

GLOBALWATCH

INTERVIEWS

OPINION

COLUMNISTS

TALKBACK

ABOUT US

DIGITAL BOOP

XML RSS

'Brokeback Mountain' Rides On Real Love

"Gay cowboy movie" a touching, human portrait that breaks barriers



What starts as seemingly furious shoving and wrestling ends up quite the opposite, allowing for a realistic portrayal of conflict and denial, especially on Eric Roth, who is mystified by his own work. (Brian Omdorf)

New York Gathers to Remember Lennon

"Imagine" Memorial in Central Park celebrates Beatle's life on the 25th anniversary of his killing

Many people carried candles that lit up the crowd, and some had brought flowers to add to the "Imagine" memorial. One person had written on a poster "Please stop Mr. Bush" as part of the... (Ronda Hauben)



London to Park Famed Double-Deckers

The Routemaster has finally run its course after more than 50 years of service

Although only given a 17-year life span, the bulbous-bodied buses produced between 1954 through 1968, motored on through the years with engine replacements and overhauls and much TLC... (Todd Kipp)



Kamikaze and the Modern Suicide Bomber

Yuki Tanaka examines the psychological themes at the root of kamikaze attacks and suicide missions

In the absence of detailed information on the ideology and psychology of contemporary "terrorist suicide bombers," it is not easy to compare the kamikaze mentality with that of terrorist... (Yuki Tanaka)



I Was On the Scene of the Tehran Crash

Photographer Sadaf Farahani recounts covering the disaster that killed 68 of her colleagues

Alireza Baradaran called his relatives before the flight and told them of a delay because the pilot refused to fly with mechanical problems. Jokingly, he said the passengers were writing their last letters... (Sadaf Farahani)



OMNI NEWS TRACKER

- Rice Acts To Clarify Policy on Prisoners
- US hostage is found on body da...
- Hospitals may spread flu pandemic
- Big freeze hits from Alaska to Texas
- Greenland glacier races to ocean

DATELINE SOUTH KOREA

COMMENT OF THE DAY

Lingering Worries Over Podcasting

"Most of us don't make money on the big sponsored shows, there is a valid question of what we can provide. The trick is..."

'No Question To US Military Might'

HOT SEAT

SETI's Next Generation in Telescopes

"SETI was considered to be on the fringe" of radio astronomy. As the field of Astrobiology has developed over the last few..."

Chessboxing: Life Imitates Art

COLUMNISTS

Howard Rheingold

Why Mobile Services Fail

David McNeill

Valley's Doctor's Diary of War, Part 1

Terry L. Heaton

Trusting the Audience and the Readers

John Duerden

Ulsan Hyundai Takes K-League Trophy

무선 인터넷 접속없이

월정액 1,000원



Weekly Top Ten Views International

- 'Aeon Flux' in Dress / Sci-Fi
- 'First Descendant' Gets Snowboarding Its Due
- Thousands March for Democracy in Hong Kong
- 'Bullying' Mars TV Report on Stem Cell Guna
- Beleaguered Stem Cell Researcher Hospitalized
- Ulsan Hyundai Takes K-League Trophy
- I Was On the Scene of the Tehran Crash
- As a Mexican, I'm With Venezuela...
- Kathmandu Erupts in Anti-Monarch Violence
- Stogans and Sickles Mark Nepal Protest

OhmyNews at a glance

Log On and Be Part of History



OhmyNews International Citizen Reporters' Forum 2005

Share Your Finest Yummy Moments

Poll

As the U.N. Climate Change Conference kicks off in Montreal this week, how would you describe the current state of the environment?

In crisis

A serious problem

A minor problem

No problem

Don't know

Vote to see the result.

THAT'S FIT TO SHINE WITH US!

KOREA

- Beleaguered Stem Cell Researcher Hospitalized
- Legacy of President Park in Korean Diaspora
- U.N. Reports on N. Korean Human Rights

TECHNOLOGY

- Why Wireless Cities Matter
- Squeeze the 'Juice' Out of the Internet
- New Software Helps World's Kids Chat

ENTERTAINMENT

- 'Brokeback Mountain' Rides On Real Love
- 'Chronicles of Namia' Isn't All That Magical
- 'World's Fastest Indian' Speeds to Victory

SPORTS

- Manchester United Exits Champions League
- Chilean Leads Small Town Club to Euro Success
- Chessboxing Unbound and On Edge

WORLD

- Nepal King Reshuffles Cabinet
- Women Take Key Gov't Roles in South America
- I Was On the Scene of the Tehran Crash

ART&LIFE

- Haute Route - Chamonix to Zermatt
- An 'International' City vs. the International Hero
- New York City Gathers to Remember Lennon

GLOBAL WATCH

- Disability, Human Rights and Development
- WSIS Proves a Summit of Unsolved Solutions
- Three Suspected Bird Flu Patients Die in Indonesia

INTERVIEWS

- SETI's Next Generation Telescope Array (2)
- Indonesian Auditor Returns 'Integrity Prize'
- Chessboxing a Match of Brains and Brawn (2)

+ MORE

Bikash Sangraula 12:09 16:21

Pawan Acharya 12:09 14:23

Pawan Acharya 12:09 11:47

Emmanuel Njela Nfor 12:08 17:54

Figura 10: Homepage do OhmyNews International

Por uma questão de viabilidade de pesquisa anteriormente justificada⁶², será explorado o *site* OhmyNews International, que apresenta as seguintes áreas: chamadas principais (A), *hotsite* (H), comentário em evidência (C), editorias (B), topviews (10 artigos mais lidos na última semana) (I), colunas que desde março de 2005 nunca se alteram, espaços publicitários (E), chamadas secundárias ou antigas (depois de um ou dois dias ocupando o espaço de maior destaque na *homepage*, essas manchetes caem para a lista ao pé da página, onde são suprimidos o resumo e a fotografia) além de uma área para cadastro, login e acesso à versão em *hangul*.

Como a presente pesquisa interessa-se prioritariamente pela interferência dos públicos na produção no noticiário, focar-se-á a partir de agora as áreas do *site* por onde essa participação se efetiva. Para isso será simulada uma participação de um cidadão-repórter desde o momento do cadastro.

6.1.2 Registro de novo membro

⁶² Além da justificativa da presente pesquisa, soma-se à viabilidade de sua execução o fato do noticiário ser editado em inglês, tornando-se compreensível aos olhos da pesquisadora e, além disso, sua participação no fórum internacional de cidadãos-repórteres, ocasião onde foi possível observar *in loco* o objeto analisado.

Membership Registration

- Welcome to the revolution in the culture of news production, distribution, and consumption. Say bye bye to the backwards newspaper culture of the 20th century.

Benefits of registration:

- A. Special information available to members.
- B. Article search and exclusive services.
- C. Priority access to OhmyNews events.

The membership agreement contains important information. Please read it in its entirety.

- You must agree to the agreement if you wish to register.

Membership Registration Agreement

Article 1: General Rules

Section 1: Purpose

1. The purpose of this agreement is to define all issues relating to the conditions and procedures of use of all Services ("services" defined as all contents including news articles, pictures, images, illustrations, music files, video files, and other formats and diverse services) between the customer (herein referred to as "Member") and OhmyNews, and to define all other necessary particulars.

Section 2: Effectuation and Amendments

1. Services are provided on condition that the Member accepts this Agreement without

I agree to the agreement

Figura 11: Tela com o acordo para adesão de um novo membro.

Para se cadastrar como cidadão-repórter é preciso estar de acordo com uma espécie de contrato estabelecido pelo OhmyNews cujas cláusulas dizem respeito ao funcionamento do sistema assim como à conduta dos interagentes no exercício do jornalismo *open source*. Para entender melhor qual a natureza deste contrato serão explicitados alguns tópicos contemplados pelo texto que se exhibe na caixa ao pé da figura 11, cuja leitura é recomendada e aceite é obrigatório para que se possa dar andamento ao cadastro.

Primeiramente é firmado que a legislação que vigora sobre tal contrato é a da República da Coréia do Sul, explicitando que o uso dos serviços do OhmyNews não são autorizados em países que não reconheçam a legislação sul-coreana. Ainda assim, qualquer cidadão estrangeiro pode se cadastrar uma vez que se identifique fornecendo informações legais referentes à sua identidade. Estes dados estão sob segurança da Política de Proteção de Informações Pessoais da República da Coréia do Sul. Obviamente, a proteção assegurada pela legislação incidirá sobre aquelas informações inteiramente genuínas. É importante fazer a referência de que o acordo

parte do pressuposto de que todas as informações dadas pelo cidadão em cadastramento são, por natureza, verdadeiras. Ainda no que toca à identificação, pessoas com menos de 14 anos só poderão efetuar registro mediante autorização legal dos pais os responsáveis.

Em um parágrafo o regulamento expõe de maneira explícita o elevado controle sobre a identidade do futuro cidadão-repórter solicitando-lhe a cópia de documentos reconhecidos pela legislação de seu respectivo país.

5. Persons residing overseas and non-Korean citizens residing in Korea and who therefore lack a Resident Registration Number must provide documented proof of identity via facsimile or file attachment in order to complete the Membership application process. Such applicants must provide that documentation within one month of applying in order to be recognized as a Member⁶³.

Ainda que o candidato a cidadão-repórter ofereça todas as documentações requeridas no contrato, o OhmyNews se reserva ao direito de rejeitar um pedido de adesão se o nome utilizado para preenchimento do formulário *online* não confira com o nome apresentado no documento ou se alguma informação for comprovadamente falsa. As recusas também ocorrem quando o pretendente tem claras intenções de ofender a moral e os bons costumes agredindo a paz e a ordem social através do projeto.

Quanto às responsabilidades do OhmyNews, ele se compromete a oferecer os serviços *online* 24 horas por dia durante todo o ano, salvo momentos onde os servidores encontram-se em manutenção.

Como benefício, os membros aprovados são convidados a participar de todos os eventos promovidos pelo OhmyNews bem como discutir e fazer reclamações sobre a edição dos conteúdos publicados através do Reporters' BBS, um espaço localizado no *Reporter Desk*, que será trabalhado no item 10.1.3, que serve como um amplo fórum de debates entre todos os cidadãos-repórteres.

Ao membro cadastrado no OhmyNews é autorizado cancelar seu vínculo como cidadão-repórter a qualquer momento, bastando, para isso, requerir através de seu perfil no sistema e comunicar à equipe de administração do *site*.

⁶³ Tradução da autora: “5. Pessoas residentes para além-mar e cidadãos não-coreanos residentes na Coréia assim como aqueles que não possuem um Número de Registro Residente devem fornecer documento que comprove sua identidade via fax ou arquivo anexado por e-mail para que possa completar o processo de cadastramento como membro. Os pretendentes devem fornecer tal documentação dentro de um mês para que possam ser reconhecidos como membros.”



Figura 12: Pé da página onde é possível fazer *upload* do perfil do cidadão-repórter. No destaque, a opção para cancelar o cadastro.

Para além disso, o OhmyNews também pode abolir um cadastro se o comportamento do membro for contrário à ordem pública e aos bons costumes, se houver postura criminosa por parte do cidadão-repórter, se ele estiver fazendo uso dos serviços do *site* com o objetivo de prejudicar questões de interesse público, se utilizar a senha ou o *username* de outro membro, se veicular mensagens de difamação ou praticar injúria a outro membro, se registrar-se duas vezes utilizando *usernames* diferentes, se executar ações que prejudiquem o bom uso técnico dos serviços ou ainda se seu comportamento violar as leis e recomendações estabelecidas no contrato. Em qualquer um destes casos o OhmyNews irá informar por telefone ou por e-mail o afastamento do cidadão-repórter bem como as razões que levaram a administração do *site* a fazê-lo.

No que toca às responsabilidades dos membros, é deles a tarefa de manter em sigilo suas informações de *login* – *username* e senha. Caso suas informações tenham sido roubadas e outra pessoa as esteja utilizando, o cidadão-repórter deve informar imediatamente à administração do OhmyNews o ocorrido para que sejam providenciados novos dados.

O acordo dá conta de questões ligadas à publicação de material, um dos tópicos de maior peso no texto. Uma série de razões são enumeradas para que assegurem ao OhmyNews o direito de apagar um conteúdo submetido por um cidadão-repórter. São elas:

- a) se o material produzido pelo membro causar ou tiver causado danos materiais, ser fruto de abusos, promova ameaças, invada a privacidade de outro indivíduo ou se apodere indevidamente produtos protegidos por direitos autorais;
- b) se os textos, imagens e arquivos em outras mídias possuam conteúdo pornográfico ou vulgar;
- c) se o membro fizer *upload* de arquivos como software ou outros materiais protegidos pela Lei de Direitos Autorais e Intelectuais da

República da Coréia do Sul, exceção feita àqueles que possuam autorização para reproduzir os produtos e a apresente aos editores;

d) se o cidadão-repórter fizer *upload* de arquivos contendo vírus ou dados similares que possam causar danos a outros computadores;

e) se o conteúdo de seus materiais for de viés publicitário com a intenção de vender produtos ou serviços;

f) se o membro veicular dados mensagens do tipo “pirâmide” ou use artifícios que promovam a grande circulação de internautas atraídos por promessas lucrativas;

g) se o membro publicar materiais que ele saiba que já foi publicado por outro *site* que não autorize a reprodução do conteúdo sem autorização;

h) se o membro retirar a autoria de produtos que estejam legalmente registrados;

i) se o membro limitar ou proibir outro membro de acessar os serviços oferecidos pelo OhmyNews;

j) se o membro publicar material que inclua conteúdo pornográfico, prejudicial à ordem pública ou às boas maneiras, conteúdo que estimule ataques a religiões ou qualquer outro material que contenha ou incite conflitos regionais.

Tais questões evocam inevitavelmente a problemática dos direitos autorais que, no OhmyNews, é deixada com o cidadão-repórter por conta da responsabilidade total do autor com o conteúdo de seus artigos. Ainda assim, a equipe de edição do OhmyNews é autorizada a interferir no texto original – mesmo sem a obrigação de fazê-lo – de modo que satisfaça as exigências legais de um noticiário.

Nas considerações gerais é acordado que não existe nenhuma relação empregatícia entre o cidadão-repórter e o OhmyNews por consequência de tal parceria.

Após concordar com este regulamento, o pretendente a cidadão-repórter deve fornecer as informações referentes à identificação, contato e definir dados de login. Ao completar este estágio, o requerimento preenchido é enviado à administração do OhmyNews que irá deliberar sobre o pedido.

Registration for Non-Korean Citizens

Welcome!

This is where you register for membership with OhmyNews. (If you are a Korean citizen and have a "Resident Registration Number," you should join OhmyNews using the regular membership registration form.) Once you complete submit the information below, fax a copy of legal identification or email a scanned attachment to OhmyNews to complete the registration process.

Legal identification

Citizen's registration for your home country, a drivers license, passport, or, if you are a foreign national living in Korea, send a copy of your Alien Registration Card.

Send the documentation by **fax** to 82-2-733-5011, addressed to "OhmyNews International" or by **email** to internews@ohmynews.com

You may also upload a scanned image of your identification below.

▪ All information is required.

▪	Legal Name	<input type="text"/>	Write as appears in identification
▪	Date of Birth	<input type="text"/> Year <input type="text"/> Month <input type="text"/> Day	<input checked="" type="radio"/> Male <input type="radio"/> Female
▪	UserName	<input type="text"/>	<input type="button" value="Confirm Availability"/> Must be between 4 and 10 letters and numbers
▪	Password	<input type="text"/>	Must be between 4 and 10 letters and numbers
▪	Confirm Password	<input type="text"/>	Enter your password again
	Nickname	<input type="text"/>	Used for access to OhmyNews. You may change your nickname as often as you like.
▪	Email Address	<input type="text"/>	
▪	Phone	<input type="text"/>	

Figura 13: Formulário de registro do cidadão-repórter

6.1.3 Reporter Desk: o escritório virtual do cidadão-repórter

Dentro de um ou dois dias o pretendente recebe por e-mail uma mensagem da equipe do *site* informando qual foi o resultado. Quando aceito, a mensagem é a seguinte:

Congratulations!

Welcome, **Ana Maria Brambilla(brambilla)**

You are now an OhmyNews Citizen Reporter!

- ☑ Citizen Reporter Membership Contract
 - The Citizen Reporter recognizes the editorial authority of the OhmyNews editorial staff.
 - The Citizen Reporter shares all available information about his articles with the editorial staff.

 - ☑ Citizen Reporter's Code of Ethics
 - The Citizen Reporter must work in the spirit that 'all citizens are reporters,' and plainly identify himself as an OhmyNews Citizen Reporter while covering stories.
 - The Citizen Reporter does not spread false information.

 - ☑ How to submit articles
 - Articles are finalized when you have completed a three stage process of submission.
 - Images are submitted after first uploading article text.
 - Details about writing and submitting articles may be seen in the Reporter's Desk
- [▶ Reporter's Desk](#)
-
- ☑ At the Reporter's Desk
 - Submitting Articles
 - All about royalties
 - Changing preferences
 - Exchange your views with others at the Editing Center

OhmyNews |

Wishing you the best as you tell the world the news, in accordance with the philosophy

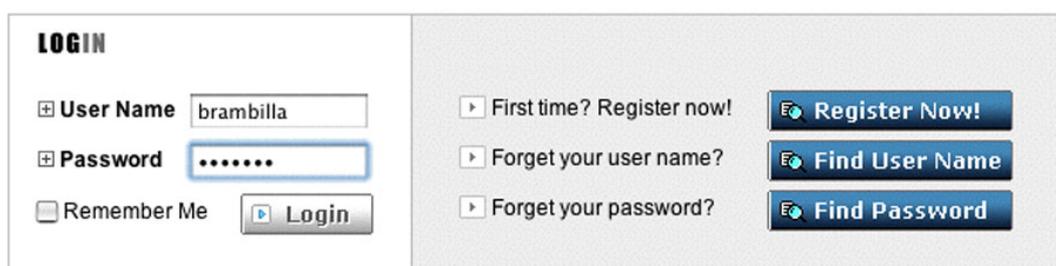
'Every citizen is a reporter.'

Figura 14: Mensagem de boas-vindas enviada por e-mail ao cidadão-repórter quando o cadastro é aprovado

Como se vê na imagem acima, as saudações ao cidadão-repórter estão permeadas por recomendações de caráter altamente disciplinador como se estivesse introduzindo o novato às ordens e práticas do ambiente. Além de reconhecer a autoridade da equipe editorial do OhmyNews, o cidadão-repórter deve compartilhar com os editores todas as informações disponíveis que tiver sobre o material que submeter à publicação. A mensagem explicita ainda aspectos sobre o código de ética

do noticiário, onde a prioridade é trabalhar sob o espírito de que todos os cidadãos são repórteres e que devem se identificar como tais ao realizar a cobertura de algum fato. Informações falsas não podem ser propagadas. Em seguida, a mensagem oferece alguns passos sobre o envio de artigos: só serão considerados finalizados e realmente recebidos pela redação os artigos que completarem os três estágios do processo de submissão, que serão explicados no decorrer desta pesquisa. Além disso, imagens só poderão ser enviadas após a primeira etapa do processo que é a submissão do material em texto.. Todos essas passos serão desenvolvidos num espaço denominado “Reporter’s Desk” ou a mesa do repórter, ambiente onde o cidadão-repórter irá submeter artigos, ter acesso a todas as informações concernentes ao contrato firmado com o OhmyNews bem como o código de ética, além de central de mensagens e fóruns de discussão com outros cidadãos-repórteres.

O Reporter’s Desk será acessado a partir da *homepage* do OhmyNews que conduzirá à tela de login:



A imagem mostra a interface de login do sistema Reporter Desk. O formulário é dividido em duas seções principais. À esquerda, há campos para 'User Name' (contendo 'brambilla') e 'Password' (com pontos para ocultar o texto), além de uma opção 'Remember Me' e um botão 'Login'. À direita, há links para 'First time? Register now!', 'Forget your user name?' e 'Forget your password?'. Abaixo desses links, há três botões azuis: 'Register Now!', 'Find User Name' e 'Find Password'.

Figura 15: Espaço para login no sistema *Reporter Desk*

Acessado o sistema, a tela que receberá o cidadão-repórter sempre será o *Reporter Desk* contendo, em sua visualização inicial, a relação de artigos submetidos pelo internauta (D), seguida pela quantidade de page views, comentários o status (Saengnamu são artigos não oficialmente publicados e Ingul, o oposto) e cybercash alcançado. No canto superior direito, um box contém as informações sobre o cybercash acumulado e requerido (C). À esquerda há uma central de mensagens importantes, especialmente enviadas pela redação do OhmyNews (B). Na lateral esquerda, o menu oferece todas as opções de criação, regulamentação, pagamento e convivência entre os interagentes do sistema – cidadãos-repórteres e a equipe da redação, em Seul.

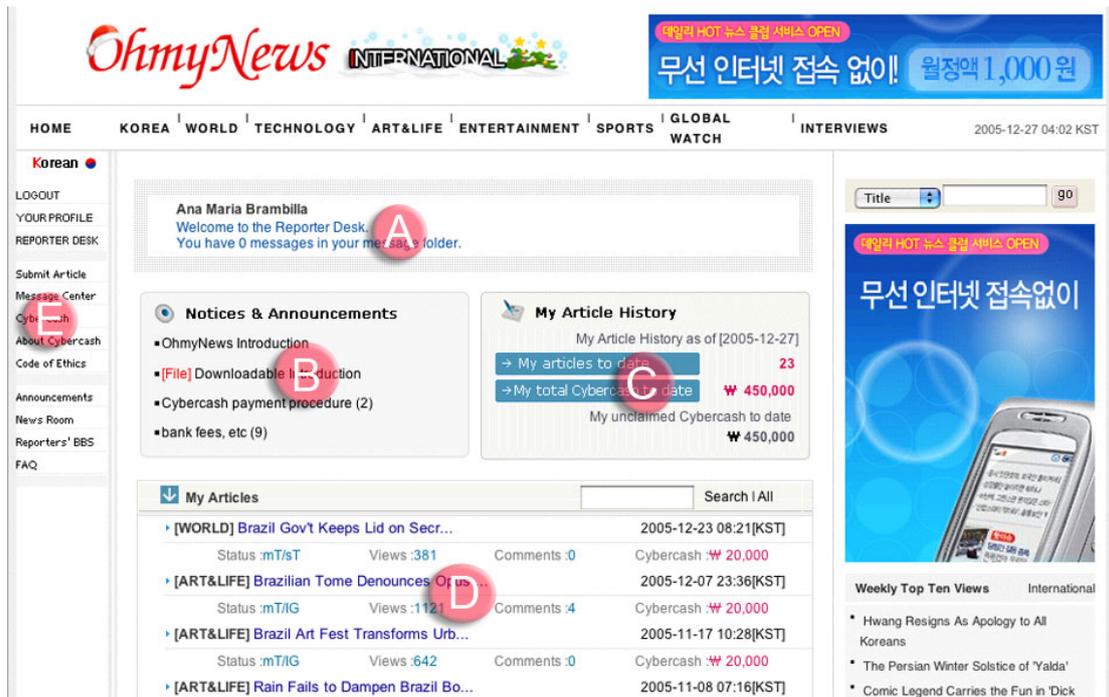


Figura 16: Homepage do Reporter Desk

Analisando especificamente o menu da barra lateral, serão detalhados os caminhos e as modalidades por onde o cidadão-repórter interage nas mais diversas instâncias.



Figura 17: Detalhe da homepage do Reporter Desk onde fica o menu de conteúdo/atividades

6.1.3.1 Perfil (B)

Quando se cadastra, o pretendente a cidadão-repórter já preenche uma ficha que servirá como seu perfil (B). Ainda assim, este perfil pode ser alterado a qualquer momento através do *Reporter Desk*.

Update Your Profile

All information is required.

Name: Ana Maria Brambilla

UserName: brambilla

Password: Must be between 4 and 10 letters and numbers

Confirm Password: Enter your password again

Nickname: Ana Brambilla
Used for access to OhmyNews.
You may change your nickname as often as you like.

Email Address: ambrambilla@terra.com.br

Phone: 55-51-84454668

Current Address: Rua Visconde de Macae, 170 /402 - Porto Alegre / RS Brasil

Address: BRAZIL

Occupation: journalist and research
* If you choose "Other," please specify

About Me: Ana Maria Brambilla is Brazilian journalist, citizen reporter and communication researcher.

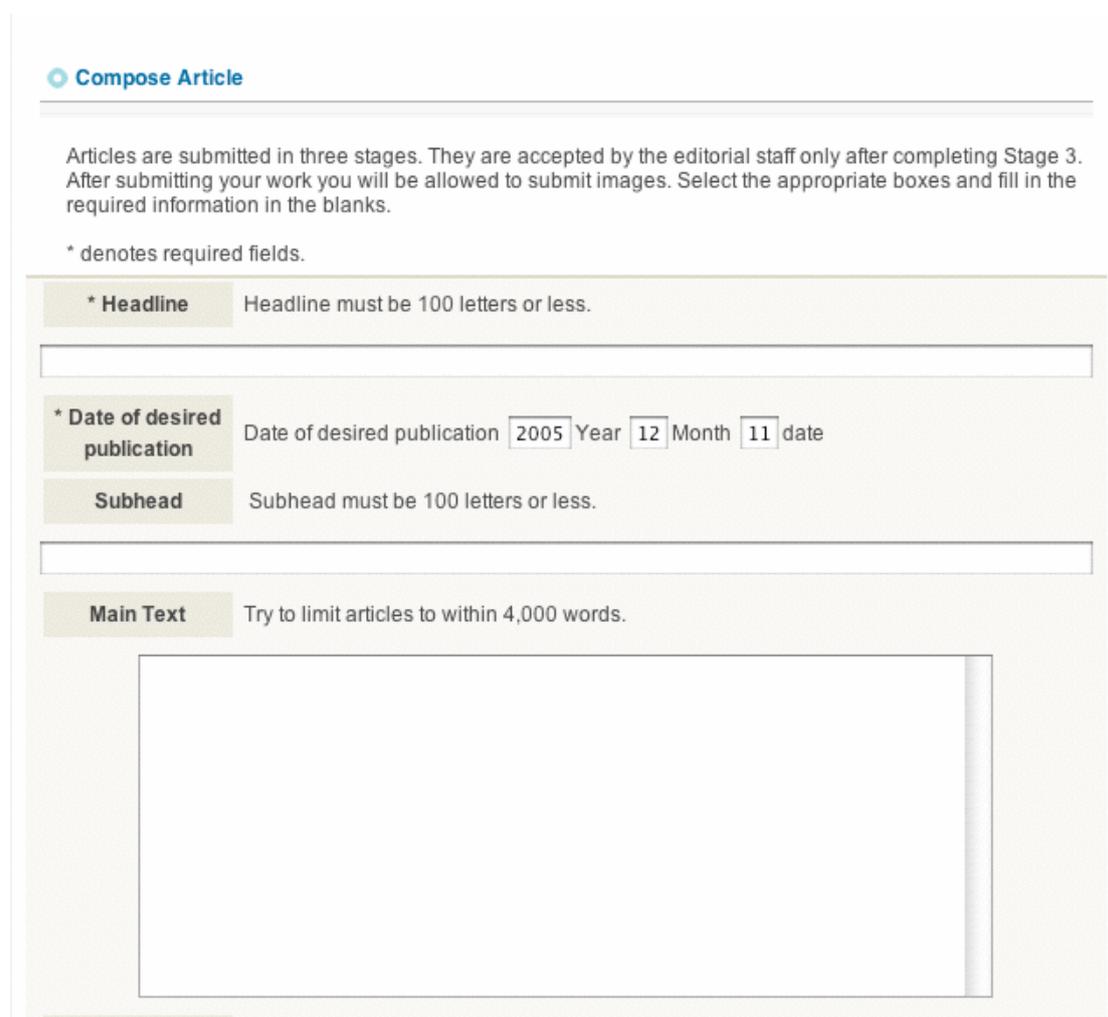
Attach Identification Image: Choose File no file selected

Figura 18: Tela onde o cidadão-repórter informa dados referentes ao seu perfil.

Este espaço é habilitado a receber novas configurações referentes à ligação do cidadão-repórter com o sistema de publicação do OhmyNews como a definição de username e senha, bem como a adição de fotografia e e-mail para correspondência. Num primeiro momento a interação que acontece neste formulário é entre o cidadão-repórter – interagente – e o sistema *Reporter Desk*, ou seja, uma interação reativa, uma vez que o conteúdo da mensagem trocada será de repercussão interna e não encerra teor informativo que será disponibilizado a outros interagentes.

6.1.3.2 Publicação de artigos (D)

A opção *Submit Article* é, talvez, o canal de interação mais importante em todo o esquema criado pelo OhmyNews, tanto informático quando editoria. Clicando neste item o interagente tem a seguinte tela:



Compose Article

Articles are submitted in three stages. They are accepted by the editorial staff only after completing Stage 3. After submitting your work you will be allowed to submit images. Select the appropriate boxes and fill in the required information in the blanks.

* denotes required fields.

*** Headline** Headline must be 100 letters or less.

*** Date of desired publication** Date of desired publication Year Month date

Subhead Subhead must be 100 letters or less.

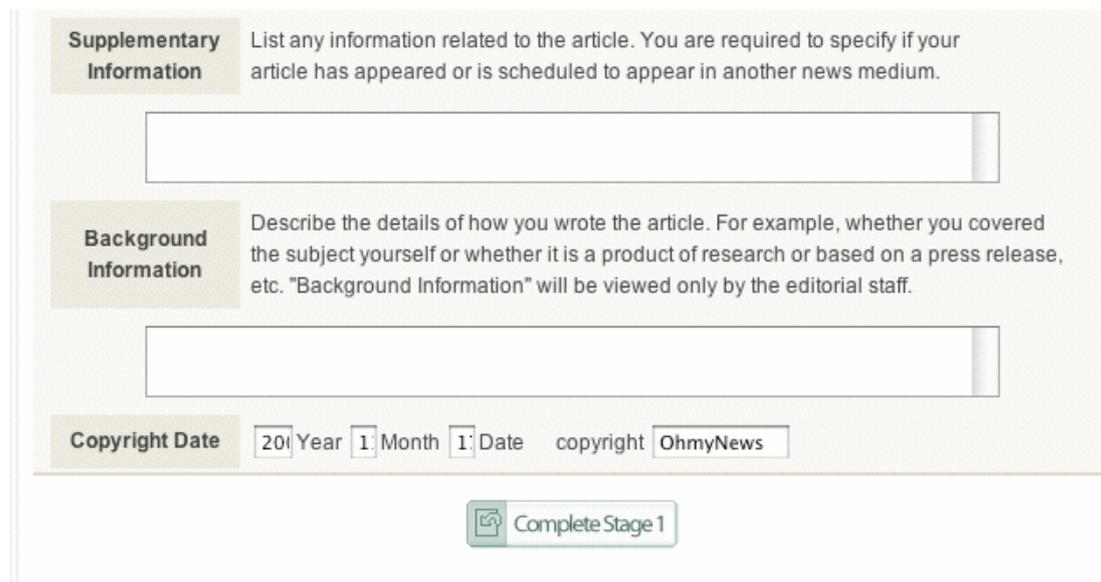
Main Text Try to limit articles to within 4,000 words.

Figura 19: Formulário de submissão de artigos.

No topo do formulário de submissão de artigos, a mensagem orienta o cidadão-repórter que o material editorial só pode ser considerado oficialmente submetido e então ser revisado pelos editores do OhmyNews após completar três fases: texto, imagem (ou arquivos de outras mídia) e localização de arquivos multimídia ao longo do texto.

Um título de até 100 caracteres e a data para publicação são informações requeridas antes da definição da linha de apoio e do corpo do artigo, que não deve ultrapassar a extensão de quatro mil caracteres.

Preenchidos estes dados, o cidadão-repórter é inquerido a prestar informações de base sobre o artigo.



The image shows a web form for article submission. It consists of three main sections, each with a title and a description, followed by a text input field:

- Supplementary Information:** "List any information related to the article. You are required to specify if your article has appeared or is scheduled to appear in another news medium." Below this is a large empty text box.
- Background Information:** "Describe the details of how you wrote the article. For example, whether you covered the subject yourself or whether it is a product of research or based on a press release, etc. 'Background Information' will be viewed only by the editorial staff." Below this is another large empty text box.
- Copyright Date:** This section contains a date picker with "20" in the year field, "1" in the month field, and "1" in the date field. To the right of the date picker is a text input field containing "OhmyNews".

At the bottom center of the form is a green button with a checkmark icon and the text "Complete Stage 1".

Figura 20: Formulário de submissão de artigos (continuação)

As informações suplementares devem dar conta de todos os dados referentes à natureza do artigo, especialmente se é inédito ou se já foi veiculado em algum outro meio. Neste espaço também é possível informar ao sistema a assinatura do cidadão-repórter e as notas de rodapé, se o artigo dispôr, como links complementares.

Já as informações de base, exigidas no box logo abaixo, devem especificar os detalhes de como o artigo foi feito, ou seja, qual a origem das informações que compõem o texto e os demais arquivos anexados: se são cruzamento de material veiculado por outros meios, se são fruto de releases ou se foram produzidas pelo próprio cidadão-repórter.

Em seguida, as informações de *copyright* encerram a primeira etapa do processo de submissão de artigos. Destaca-se a oportunidade oferecida ao cidadão-repórter de definir quem será o proprietário dos direitos de cópia. Ainda que o *box* deste dado já venha automaticamente preenchido por “OhmyNews”, é perfeitamente possível apagar o nome do noticiário e substituí-lo por outro nome qualquer, inclusive do próprio cidadão-repórter.

De acordo com o editor Todd Thacker (2006a), o fato de haver o símbolo de *copyright* reservado ao OhmyNews International na *homepage* do *site* serve para prevenir judicialmente que terceiros capturem o conteúdo do *site* e republiquem

deliberadamente. E complementa: *About the copyright... we put the "C" symbol on the page to prevent people just grabbing your stories off our site and reprinting. But you can reuse, resell you pieces whenever you want. Of course if it's for a newspaper, they'll want to know you printed it elsewhere* (Thacker, 2005)⁶⁴. Durante a observação participante, quando esta pesquisadora publicou quatro matérias para efeitos de análise no OhmyNews International – e mesmo em outras ocasiões ocorridas entre março de 2005 e janeiro de 2006 – houve interesse de outros *sites* não-colaborativos em republicar a matéria originalmente veiculada no OhmyNews International. Na maioria das vezes, o responsável pelo *site* interessado contactou esta pesquisadora, na condição de cidadã-repórter solicitando autorização para a republicação. A solicitação foi repassada espontaneamente aos editores do OhmyNews, que sempre autorizaram sem impôr nenhuma restrição. De toda forma, a cidadã-repórter solicitou que a fonte original fosse citada e linkada na página onde o material seria republicado. Os trâmites aconteceram sem que fossem registrados prejuízos legais. Todos os contatos aconteceram ou através de e-mail diretamente enviado à autora, ou por meio do formulário de contato com o cidadão-repórter disponibilizado junto às matérias publicadas no *site*.

Independentemente do que foi registrado durante a experimentação do objeto no que diz respeito ao *copyright* é oportuno salientar a fragilidade do sistema trabalhado pelo OhmyNews. Ao poder ser definido por qualquer pessoa e atribuído a qualquer instância, o direito de cópia do conteúdo publicado no noticiário não segue normas incisivas que regulamentam de maneira clara o uso e a reprodução do material. Enquanto as comunidades de *software* de código-fonte aberto exploram as inovações legais promovidas pelo *copyleft* e pela *Creative Commons*, o OhmyNews parece ainda preso a modelos tradicionais de proteção intelectual. Obviamente, trata-se de uma opção dos organizadores do *site* e não cabe a esta pesquisa julgar se a decisão está certa ou errada. Aponta-se, no entanto, a flexibilidade extrema do *copyright* praticado no OhmyNews. Além disso, sugere-se que, por uma questão de adequação do perfil *open source* do projeto, sejam adotadas licenças de domínio público – *copyleft* – ou ainda instituídas variações da *Creative Commons*. Certamente, a compreensão da propriedade intelectual e dos direitos de reprodução através destas licenças aproximaria ainda mais o OhmyNews do modelo *open source* de produção.

⁶⁴ Tradução da autora: “Mas você pode reutilizar, revender suas matérias quando você bem quiser”

Concluído este primeiro estágio na composição do artigo, o cidadão-repórter clicará na opção no final do formulário para fixar o texto e então chamar as opções de adição de box e/ou arquivos multimídia.

OhmyNews International

Image Submission

Images may be no wider than 400 pixels, or 500 pixels if they are centered.
You may submit thumbnails in combination with larger images below.
No more than 10 images are permitted in a single article.
Attach images in the order by which they should appear in the article, and remember to indicate where they should be located within the text.
*** indicated required fields.**

*Image	<input type="button" value="Choose File"/>  bookfair_alexandre_mendez_3.jpg <input type="button" value="preview"/>
Caption	<input type="text" value="Low prices is a brand of Book Fair"/>
Position	Left <input checked="" type="radio"/> Centered <input type="radio"/> Right <input type="radio"/>
Thumbnail	Thumbnails may be no wider than 100 pixels. <input type="button" value="Choose File"/> no file selected
Original Image	Original images (opposite of "thumbnails") may be no wider than 600 pixels. <input type="button" value="Choose File"/> no file selected
*Copyright date	<input type="text" value="2005"/> Year <input type="text" value="10"/> Month <input type="text" value="29"/> date
* Copyright holder	<input type="text" value="AlexandreM"/>
Background Information	<input type="text"/>
KeyWord	<input type="text"/>
Color/B&W	<input checked="" type="radio"/> Color <input type="radio"/> B & W

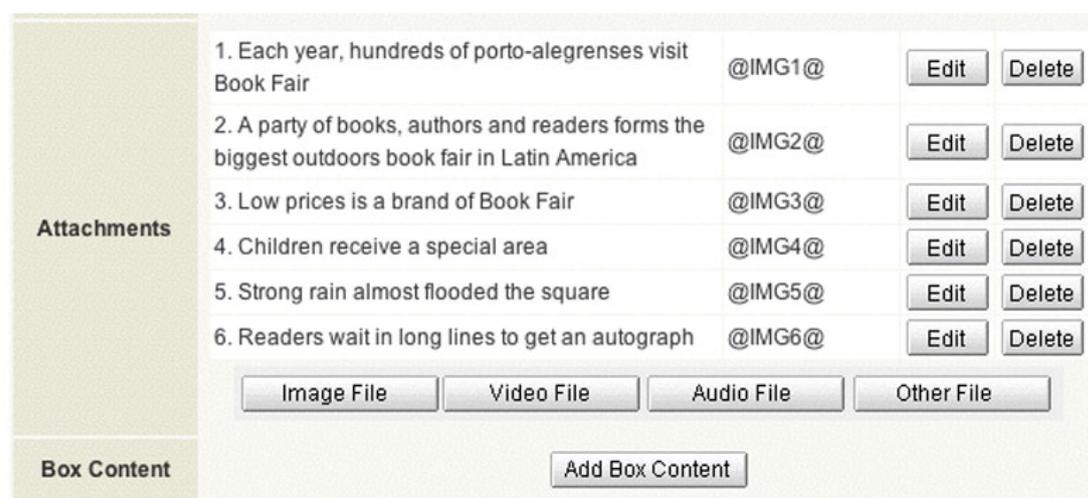
Figura 21: Formulário de submissão de imagem

A submissão de imagens, por exemplo, acontece por meio de outro formulário, específico para tal, onde são exigidas informações como a legenda, os créditos e a data da fotografia. São oferecidas as opções de se criar um thumbnail⁶⁵, definir se a foto sairá em cor ou em P&B no artigo e de oferecer maiores informações de base sobre como foi feita a imagem.

⁶⁵ Thumbnail: no jargão da informática, uma cópia da imagem original porém em tamanho bastante reduzido que dá acesso à imagem em seu tamanho real.

O formulário ainda orienta o cidadão-repórter a remeter imagens não superiores a 400 pixels de largura quando forem de orientação vertical e inferiores a 500 pixels de largura no caso de imagens horizontais. Um máximo de 10 imagens é estabelecido para cada artigo e a ordem de submissão deverá obedecer a mesma ordem que o cidadão-repórter deseja que suas imagens apareçam ao longo do texto.

Quando submetidas as imagens, obviamente após cada arquivo ser anexado do computador do interagente através do formulário, uma tela indica a relação de todo o material multimídia e o código que denomina cada artigo.



Attachments	Description	Code	Edit	Delete
	1. Each year, hundreds of porto-alegrenses visit Book Fair	@IMG1@	Edit	Delete
	2. A party of books, authors and readers forms the biggest outdoors book fair in Latin America	@IMG2@	Edit	Delete
	3. Low prices is a brand of Book Fair	@IMG3@	Edit	Delete
	4. Children receive a special area	@IMG4@	Edit	Delete
	5. Strong rain almost flooded the square	@IMG5@	Edit	Delete
	6. Readers wait in long lines to get an autograph	@IMG6@	Edit	Delete

Image File Video File Audio File Other File

Box Content Add Box Content

Figura 22: Relação de imagens submetidas com suas legendas e respectivos códigos para localização no texto

Estes códigos – @IMG1@, @IMG2@... - servirão para orientar os editores a situarem as fotos ao longo do texto. Quando o interagente copia cada código e cola no parágrafo do artigo onde deseja que a foto apareça, o sistema já reconhece que a formatação visual do artigo deve respeitar tal hierarquia. Ainda assim, mesmo tendo definido a posição – central, esquerda ou direita – que a imagem vai ocupar na tela, os editores se reservam o direito de fazer pequenos ajustes nas imagens como diminuir o tamanho. O processo é idêntico quanto à inserção de boxes. Quando o interagente deseja fazer uma pequena retranscrição de sua matéria deve seguir os mesmos passos da submissão de fotografia, substituindo o *upload* da imagem pela digitação do texto. Assim como a foto, o box pode ter autoria independente do artigo. Cumpridos os estágios de inclusão do texto, *upload* de boxes ou arquivos multimídia e de localização destes materiais ao longo do texto, o interagente clica na opção *Submit to Editors*, manifestando o encerramento da submissão do artigo.



Figura 23: Mensagem de confirmação de envio

Antes que o material seja efetivamente enviado à equipe editorial do OhmyNews International, a mensagem acima pede a confirmação da ordem dada ao sistema. Há um alerta quanto à impossibilidade do cidadão-repórter editar sua própria matéria após submetida. Por óbvio, se outras mudanças se fizerem necessárias, serão feitas através de solicitação informal ao editor através de e-mail.

Retomando a idéia central que move o modelo *open source* de produção, a abertura do código para que haja modificações no conteúdo central dos programas – e aqui, nas notícias – poderia ser mantido em todas as etapas do processo. Seria coerente se o OhmyNews International disponibilizasse algum canal por onde o próprio cidadão-repórter pudesse encaminhar as correções/alterações que desejasse efetuar em suas matérias após publicação. Enviar um e-mail solicitando alterações ao editor – como acontece atualmente –, parece um procedimento primitivo, informal e que acaba recaindo na arbitrariedade de uma figura central do processo comunicacional. Ora, o editor é que vai decidir se as modificações solicitadas serão feitas ou não. Por certo, a autoridade da equipe do OhmyNews, aceita já no acordo firmado no ato do cadastramento do cidadão-repórter, deve ser reconhecida. Sugere-se, no entanto, que este tipo de interação do cidadão-repórter com a própria matéria ocorra por vias formais, até mesmo por meio de formulário enviado à redação através do *Reporter Desk*. Isto conferiria maior autonomia e registraria de modo oficial a solicitação do autor das matérias sobre o conteúdo.

Uma vez submetido o artigo, o sistema já o reconhece como trabalho efetivado pelo cidadão-repórter, acrescentando-o a uma lista dentro do *Reporter Desk* onde estão relacionados todos os textos já publicados pelo interagente assim como o número de *page views*, o status de publicação referente ao posicionamento que o artigo recebeu no *site* – *mT* (*main Top*), *mS* (*main Sub*), *sT* (*section Top*), *sS* (*section*

Sub) –, se já foi publicado – *IG (Ingul)* – ou se ainda aguarda revisão dos editores/foi negado - *SG (Saengnamu)*.

Ana Maria Brambilla's New Article List

Past articles are listed with your most recent coming first. Click "Compose Article" to upload new work. Chose "Series" if you wish to write a series of articles together, or "Column" where appropriate. Click "Cybercash History" to review your Cybercash.

>> Regular Articles

You may view the status and statistics of each of your articles. Choose "Continue" to link a new article to a previous one. Having an article "continued" functions the same as a "Series" of articles, and should be used for a simple series for which you do not seek official OhmyNews approval.

If an article still allows you to "Edit" or "Delete," you have still not submitted it to OhmyNews editorial staff for review (by clicking "Submit to Editors").

Section	Title	Views	Status	Continue	Edit	Delete
	Book denounces humbug in ...	50	SG/SG	Continue		
[ART&LIFE]	Brazil Art Fest Transform...	610	mT/IG	Continue		
[ART&LIFE]	Rain Fails to Dampen Braz...	477	mT/IG	Continue		
[WORLD]	Brazilians Say 'Yes' to G...	1255	mT/IG	Continue		
[WORLD]	Drought Threatens Life in...	678	mT/IG	Continue		
[ART&LIFE]	Mineira Cuisine a Taste o...	534	mT/IG	Continue		
[SPORTS]	Brazilian Ref Accused of ...	1718	mT/IG	Continue		
[ART&LIFE]	Celebrating Brazil's 'Gau...	1103	mT/IG	Continue		
[TECHNOLOGY]	Corporate Weblogs: Listen...	773	mT/IG	Continue		
[ART&LIFE]	A German Oasis in Brazil	870	mT/IG	Continue		
[WORLD]	Press, Authorities Agree ...	729	sT/IG	Continue		
[WORLD]	Man Shot by London Police...	1150	mT/IG	Continue		
[ART&LIFE]	Brazil Unpacks Its Parkas	1173	mT/IG	Continue		
[ART&LIFE]	Korea or Bust: A Nightmar...	1843	mT/IG	Continue		
[WORLD]	To Whom Does Amazonia Bel...	773	mT/IG	Continue		

[11]2

Figura 24: Relação de matérias submetidas à edição pelo *Reporter Desk*

Observa-se que, mesmo sob revisão e, portanto, sem publicação oficial, o artigo já pode ser visualizado conforme mostra o exemplo no topo da lista acima, cujo número de visualizações já chegava a 50 sendo que seu status ainda era *Saengnamu*. Quando um artigo é submetido através do *Reporter Desk* e ainda não foi editado pela equipe do OhmyNews, ele já pode ser visualizado, ainda que o link que dê acesso à página não seja promovido à *homepage* tampouco divulgado em lugar algum por iniciativa do OhmyNews.

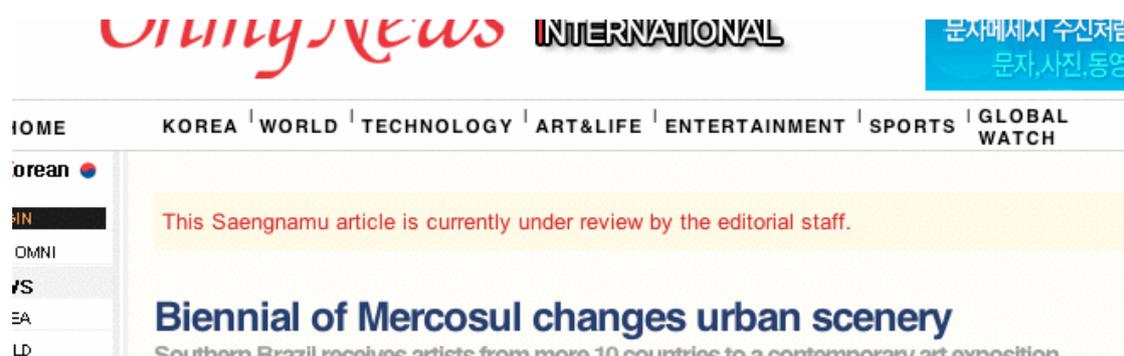


Figura 25: Na tarja vermelha, o alerta de que o artigo encontra-se sob edição

Quando alguém visualiza um artigo em *Saengnamu*, ainda que perceba o artigo em formatação muito semelhante à aplicada em artigos *Ingul* (logotipo do OhmyNews, mesma tipologia e corpo de fonte, mesmas cores, etc), é alertado pela mensagem em vermelho na imagem anterior, onde é possível ler que o artigo daquela página está sob revisão da equipe editorial naquele momento.

Um artigo recém-submetido pelo cidadão-repórter e ainda não avaliado pela equipe de jornalistas do OhmyNews não sofreu ainda a checagem de fatos, apontada pelo próprio *site* como uma das iniciativas de maior peso na busca pela credibilidade. Independentemente do risco de conter informações falsas, o artigo ainda não sofreu correções gramaticais que substancializam o trabalho de edição e, muitas vezes, trazem fotos em tamanhos maiores do que o layout da página comporta, causando um desconforto visual por uma formatação inadequada a um noticiário *online*.

Questionado sobre os possíveis danos que a publicação prévia de um artigo, mesmo sem qualquer promoção na *homepage*, pudesse trazer, o editor Todd Thacker explicou:

Basically I think it's so that the authors and editors can work together on editing -- for example, the author needs to be able to access their submitted story while the editor(s) pose questions (usually by telephone, since they're in Korea). From 8pm to 8am KST, all those Korean saengnamu pieces are not viewable at all... Of course since they're not vetted and published, OMN can't take responsibility for them. Also, they're not really publically viewable, especially the OMNI ones. There's no place you can look for them, and they don't appear in a search, either. So, in short, those submitted stories are not "published" -- they're just on the database (Thacker, 2005)⁶⁶.

⁶⁶ Tradução da autora: “Basicamente eu acho que os autores e os editores possam trabalhar juntos na edição – por exemplo, o autor precisa estar apto a acessar a matéria que submeteu enquanto o(s) editor(s) trabalha questões (geralmente por telefone, desde que os cidadãos-repórteres estejam na Coreia). Das 8h da manhã às 8h da noite, todas aquelas matérias da lista coreana saengnamu não estão visíveis, digamos.

Considerando todo o processo de submissão de artigos por parte do cidadão-repórter constata-se que há dois níveis de interação que acontecem neste momento. O primeiro deles é reativo, uma vez que o interagente trabalha com o sistema de publicação de artigos para enviar seu trabalho à equipe do OhmyNews e pode acrescentar informações nos espaços disponíveis, estando impedido de toda a forma alterar o esquema de publicação excluindo ou adicionando campos. Um nível mais profundo de interação começa neste momento, quando o artigo chega aos olhos dos jornalistas da redação do OhmyNews e sofre edição. Quando a mensagem inicial é alterada, ainda que sucintamente através de adequações gramaticais e de vocabulário, há uma transformação substancial com a finalidade de repercutir em uma terceira instância: o leitor. Como neste caso o leitor também pode ser autor das matérias, não é necessário distinguir essa figura em dois grupos. O interagente, portanto, que produz e lê o conteúdo do OhmyNews, é ator de um processo de interação mútua quando adiciona uma nova matéria ao noticiário original em dado momento prévio à sua participação e, através disso, o noticiário se transformará aos seus olhos e de outros interagentes por meio da equipe editorial.

6.1.3.3 Central de Mensagens (E)

O *Reporter Desk* oferece um ambiente que funciona como serviço de e-mail para os cidadãos-repórteres. Através dele é possível receber mensagens enviadas através do próprio OhmyNews, pois toda a vez que um cidadão-repórter publica uma matéria seu nome aparece logo abaixo do título seguida pela opção “contact author”. Assim, se o interagente na condição de leitor quiser comunicar-se com o autor da matéria de modo privado poderá fazê-lo através da Central de Mensagens.

Claro que mesmo não sendo vetados e sendo publicados, o OhmyNews não pode se responsabilizar por estes artigos.

Ainda, eles não são realmente visíveis, especialmente aqueles do OhmyNews International. Não há um lugar onde você possa procurar por eles e eles não aparecem em ferramentas de busca, também. Então, em resumo, aqueles artigos submetidos não estão “publicados” – eles estão somente na nossa base de dados” (Thacker, 2005).



Figura 26: Central de mensagens funciona como caixa de e-mails

As mensagens desta Central são visualizadas somente pelo titular do cadastro de cidadão-repórter. As mensagens só podem ser recebidas; para enviar, é preciso que haja uma mensagem original para ser respondida. Trata-se de um canal de comunicação entre o cidadão-repórter e outros interagentes não-cadastrados no sistema do OhmyNews que configura uma interação mútua de abrangência limitada, uma vez que o cidadão-repórter não pode enviar mensagens confidenciais espontaneamente. Aliás, em nenhum momento dentro do *Reporter Desk* é permitido ao cidadão-repórter corresponder-se confidencialmente com outro cidadão-repórter ou mesmo com a equipe do OhmyNews. As outras maneiras de haver interação mútua entre os interagentes mas, dessa vez, restritas aos cadastrados e à equipe do OhmyNews são o Reporters' BBS e o News Room, que serão vistos a seguir.

6.1.3.4 News Room (J)

Trata-se de um espaço de discussão exclusivo para os cidadãos-repórteres. O funcionamento acontece aos moldes de um fórum, onde um novo tópico pode ser aberto por qualquer interagente e, a partir disso, outros interlocutores poderão desdobrar a discussão em subtópicos. Os assuntos são os mais diversos possíveis, desde o aviso público de erros nas matérias publicadas, solicitações de correção, negociações sobre o pagamento do *cybercash*, ajuda a questões técnicas e tópicos de relacionamento.

News Room

NO	SUBJECT	NAME	DATE	VIEW
23	[Proposals] Training for Citizen Reporters	Roberto Sp	2005-11-13 03:38	11
	→ [Good idea!] OMN Training Days (5)	Ana Maria Brambilla	2005-11-17 00:53	14
22	[visa?] Cybercash and my visa (1)	Claire George	2005-10-25 17:46	13
19	My article lost a box	Ana Maria Brambilla	2005-08-01 22:36	21
18	picking up cybercash at reporters' forum? (2)	David Kootnikoff	2005-06-21 11:44	44
17	correction please	Armida Sanchez	2005-06-18 02:17	17
16	[correction] corr. to Time for Europe to Move (2)	James Font	2005-06-09 17:28	18
15	[correction] I did a stupid mistake	James Font	2005-06-05 01:20	32
14	[Correction] Correction, please (1)	Raffaele Mastrolonardo	2005-06-04 19:56	15
13	[Cybercash] Alternatives of payment (2)	Roberto Sp	2005-05-28 01:31	35
12	[Images] Borders	Roberto Sp	2005-05-24 22:46	18
11	[Interface] Html Editor (1)	Roberto Sp	2005-05-23 17:42	15
10	[Composing] News Related Event (1)	Roberto Sp	2005-05-23 05:26	13
9	About the relatively small number of pageviews	Todd Thacker	2005-05-17 22:37	40

Figura 27: News Room reúne discussões entre cidadãos-repórteres aos moldes de um fórum

Os processos interativos registrados neste recurso são, novamente, reativos – no que toca ao manuseio do sistema informático para a leitura/postagem de mensagens – e mútuo, referente à conversação nitidamente estabelecida entre os cidadãos-repórteres.

6.1.3.5 Reporters' BBS

A grosso modo, este é um outro fórum. O que o diferencia do News Room é o teor dos tópicos que, no *Reporters' BBS*, estão mais voltados a debates concernentes às pautas, comentários, ao conteúdo em si do noticiário. Outro diferencial é que a participação da equipe editorial do OhmyNews é mais frequente neste espaço.

Reporters' BBS

NO	SUBJECT	NAME	DATE	VIEW	
16	draft on sundown 2005 - scene.org digital animatio	William Pollard	2005-09-14 04:32	10	
15	Comments needed on draft tech articles	William Pollard	2005-08-23 20:09	12	
14	OhmyNews editorial process explained	Jean K.	2005-07-12 10:40	40	
13	[PDF OMN?] Url for PDF of hard copy of OMNI? (1)	Ronda Hauben	2005-07-12 00:44	26	
12	draft article on Wikinews and print version in PDF	William Po	2005-07-10 03:30	12	
11	an Editorial position on the certain issues.	전원용	2005-07-09 00:12	42	
	→ Editorial Stance in OMNI	Roberto Sp	2005-07-09 05:00	32	
10	African Music and Live8	William Po	2005-07-08 21:36	12	
9	editorial positions? (1)	David Kootnikoff	2005-07-08 12:38	35	
8	Answers to Raffaele's questions	Jean K Min	2005-07-08 11:52	33	
7	Comments for Will	Barbara K. Iverson	2005-06-25 12:37	12	
6	Comments for Will	Barbara K. Iverson	2005-06-25 12:37	12	
5	forum participants, please add some quotes to this	William Pollard	2005-06-25 07:49	20	
4	newsletter (1)	Wong Yuk Lan	2005-06-16 18:13	17	
3	Free stock photo sites (1)	Todd Thacker	2005-06-16 11:33	41	
2	[Writing] Tips for headlines (2)	Roberto Sp	2005-05-08 19:41	72	
1	[Freedom] World Press Freedom Day 2005 - 3 May	Omid	2005-05-02 23:41	29	

Figura 28: Neste outro fórum, os assuntos podem escapar às pautas

De acordo com o *News Room*, o *Reporters' BBS* também oferece modelos de interação reativa – com o sistema –, e mútua, por possibilitar o diálogo através da criação de novos tópicos e das réplicas.

No detalhe da figura acima evidencia-se a presença de um arquivo – neste exemplo, uma apresentação em *Power Point* – postado juntamente com uma mensagem. O *Reporters' BBS* permite que as discussões sejam acompanhadas por diferentes formatos de arquivos que podem ser acessados por qualquer pessoa que tiver acesso ao espaço.

6.1.3.6 Announcements

Announcements ou *Notices and Announcements* é um espaço dedicado especialmente para o staff do OhmyNews divulgar novidades, regras, recomendações,

modificações de natureza estrutural, editorial ou institucional. Quem faz uso deste quadro de avisos é, prioritariamente, a equipe editorial do OhmyNews.

NO	SUBJECT	NAME	DATE	VIEW
9	OhmyNews Introduction	OhmyNews	2005-12-02 13:58	28
	→ [Request] Downloadable Profile	Roberto Spiezio	2005-12-06 09:37	32
8	Cybercash payment procedure (2)	OhmyNews	2005-11-24 11:24	47
7	bank fees, etc (9)	Stephanie Theng	2005-10-12 03:56	174
5	Turn Your Good Journalism Into a Good Deed	OhmyNews	2005-09-14 12:27	89
4	OhmyNews editorial process explained	OhmyNews	2005-07-12 10:42	175
3	Rules on Cybercash and Expense (3)	OhmyNews	2005-07-07 10:35	211
1	A Warm Welcome and Some Tips on Article Writing (10)	OhmyNews	2005-04-27 12:17	405

Figura 29: Em *Notices & Announcements* a participação do *staff* do OhmyNews é mais frequente

Isso não quer dizer que os cidadãos-repórteres não possam ou não devem abrir novos tópicos, mas isso raramente acontece. A maior participação dos cidadãos-repórteres em *Notices & Announcements* é respondendo aos tópicos abertos pela equipe de editores, opinando, levantando novas dúvidas, sugerindo melhorias ao *site*.

Mais uma vez, ambos os modelos de interação – mútua e reativa – são praticados neste espaço, onde é possível manipular o sistema de modo a não interferir em sua estrutura, apenas lendo e respondendo às mensagens e também, mutuamente, dando vazão ao diálogo que é a razão do espaço.

Nos três ambientes de conversação apresentados que integram o *Reporter Desk* – News Room, Reporters’ BBS e Announcements – as mensagens possuem título, data, autoria e quantidade de visualizações bem como de respostas registradas.

6.1.3.7 *Cybercash* (F)

Como um espaço informativo comercial, o OhmyNews encontrou no cybercash uma maneira de recompensar simbolicamente o cidadão-repórter. Cada matéria pode render de dois a 20 mil wons – moeda sul-coreana cuja equivalência ao dolar norte-americano é de mil Wons para um Dólar. A variação depende do status de publicação da matéria, ou seja, do destaque a ela atribuído pelos editores. Matérias

de maior relevância vão para a *homepage*, recebem tratamento visual mais atraente e, em troca, o cidadão-repórter que produziu essa matéria tem creditado em seu cadastro junto ao OhmyNews 20 mil Wons. O valor vai baixando conforme a importância da matéria decresce e o espaço que ela ocupa na página, também. O valor mínimo para uma matéria publicada é de 2 mil Wons, quantia que, em Seul, é impossível pagar uma refeição simples. Matérias que não são aprovadas e, logo, não são oficialmente publicadas, não rendem valor algum ao seu autor.

O cybercash vai se acumulando numa espécie de conta individual do cidadão-repórter cujas somas podem ser acompanhadas através desta área do *Reporter Desk*.

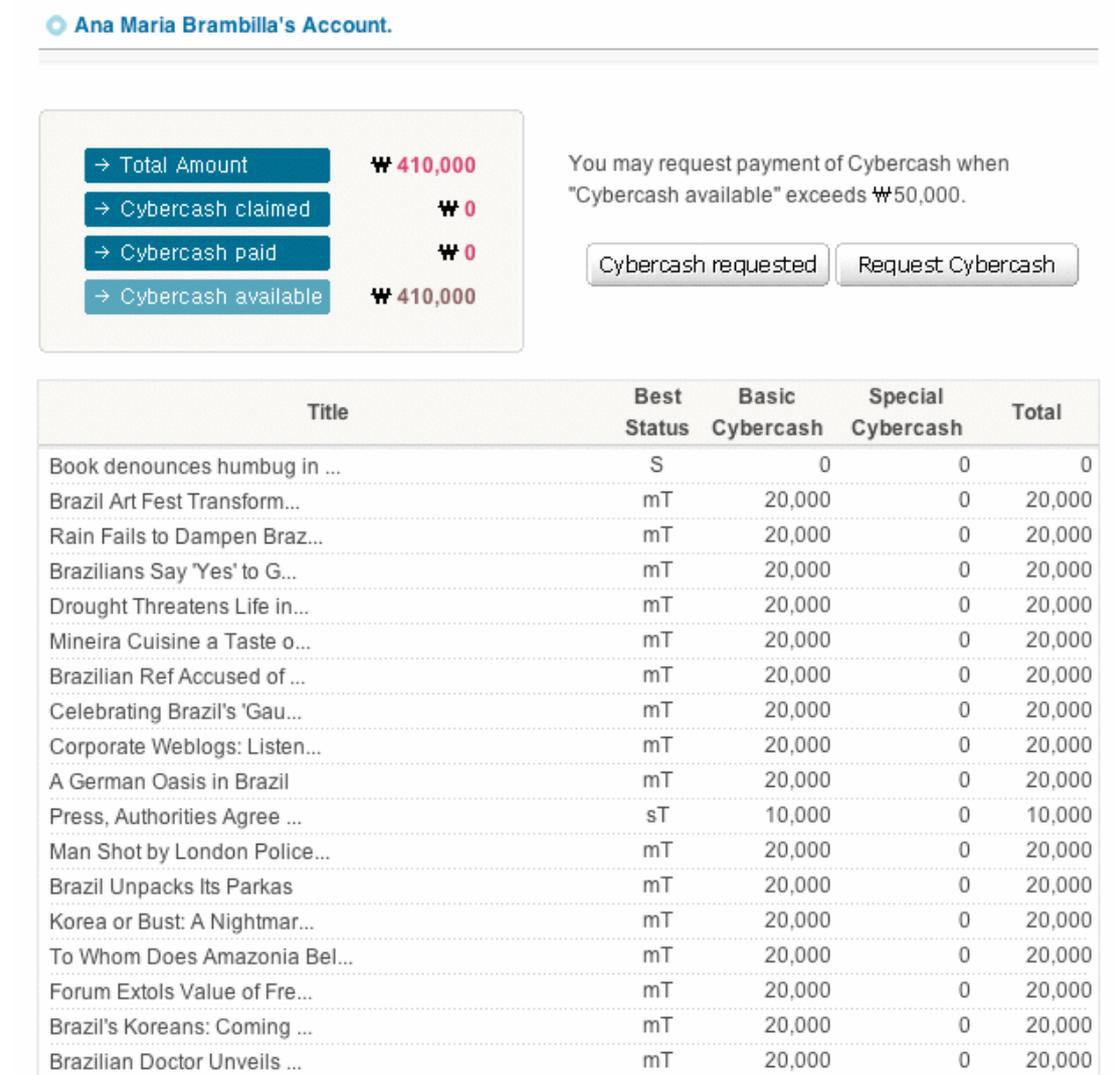


Figura 30: A seção de *Cybrcash* traz um demonstrativo dos valores creditados na conta do cidadão-repórter

A solicitação do cybrcash é autorizada quando a conta atinge um saldo mínimo de 50 mil Wons. Há poucos meses o pagamento foi autorizado a cidadãos-repórteres internacionais por meio de transferências bancárias. A taxa tributária que a

transação implica, porém, ao menos para o Brasil, pode chegar 40%. Esta despesa fica por conta do próprio cidadão-repórter, que jamais receberá na íntegra o valor atingido com seu trabalho no OhmyNews.

6.1.3.8 About Cybercash (G)

About Cybercash

» **Type of Cybercash**

OhmyNews citizen reporters are paid two types of cybercash; basic cybercash from OhmyNews and cyber tips from OhmyNews readers.

» **Basic Cybercash**

1. Whenever a Saengnamu article is selected as an Ingul story by OhmyNews editors, the citizen reporter will earn 2,000 won.
2. If the article is selected again as a main top story, the cybercash a citizen reporter earns increases to 20,000 won.
3. If the article is selected as a main sub or section top story, the cybercash will increase to 10,000 won (10,000 won is about US\$10).

» **Cyber tips**

Currently, the readers of OhmyNews Korean edition can 'tip' citizen reporters using various payment methods such as mobile phone, credit card and bank transfer. OhmyNews is looking for an international transaction system that will allow us to implement a similar system for OhmyNews International. OhmyNews hopes that we can give you positive news soon in the near future.

» **Special Cybercash**

When a citizen reporter breaks an exclusive story, writes in-depth feature news or in any other case OhmyNews deems valid, he or she will be paid special cybercash.

» **Other Cybercash**

On top of basic cybercash, OhmyNews will award citizen reporters with additional cybercash when he or she is selected as "the Citizen Reporter of the Month" or "the New Citizen Reporter of the Month."

» **How we pay Cybercash**

- Fees and royalties will be added to your account as cybercash

Figura 31: Uma seção é exclusivamente dedicada às explicações sobre o pagamento dos artigos

Esta área do *site* reúne informações sobre os tipos de remuneração ao cidadão-repórter pelos trabalhos produzidos bem como a maneira como esses montantes são pagos. Há quantias que equivalem ao cybercash básico. Há outras maneiras do cidadão-repórter ter seus rendimentos aumentados através da doação de leitores, da publicação na versão impressa e semanal do jornal (distribuído gratuitamente nas estações de metrô de Seul) ou ainda através da distinção atribuída pela equipe interna do OhmyNews como “cidadão-repórter do mês” ou “novo cidadão-repórter do mês”.

Disappointed With Box Office Trash?

South Korea's year-round film festivals bring the best to you

Todd Kipp
toddkip@yahoo.com

Despite the current 14-week box office slump, moviegoers throughout the country continue to flock to theaters, demonstrating the power of advertising, depth of complexity and low expectations in modern film audiences.

Conditioned to accept substandard films slumped together to maximize profits, theatergoers are often disappointed when they do, rather than choice, with little compensation or safety advice.

Major network picture companies pump a methodical cash into distribution and advertising, an often smaller independent films can't compete with, regardless of their other superior quality. If worthwhile films aren't made theatrically available to audiences, where can they find them and how can they support them?

An important stepping stone for indie alternative films is the film festival circuit, where many users in the film industry start from the ground up. Securing distribution through good showings at festivals often leads to substantial theatrical releases in various countries. One recent success story you might know: "Napalm Dynamic," 1st, as rare as you might think.

Maverick film director Quentin Tarantino, then unknown, stormed Sundance in 1992 with "Reservoir Dogs," and Cannes in 1994 with "Pulp Fiction." In turn, the Tarantino love party at Cannes in 2004 awarded the remarkable South Korean revenge tale "Old Boy" the Grand Prize of the Jury, proving quality sometimes does get rewarded over hype.

The surge over the last five to 10 years in South Korea's film festivals, therefore, isn't surprising. It provides the incredible momentum and international success of South Korea's film and film industry.

Over 20 film festivals throughout the country help introduce and promote thousands of domestic and foreign films all year long. Film lovers can find everything from animation to award winning documentaries to dramas, fantasy to horror.

Crossed with previous film festivals in Asia, the Pusan International Film Festival (PIFF) celebrates its 10th anniversary this year (October 14).

Every autumn cinephiles swarm the southern seaside city of Pusan to survey countless of festivals and films from other international festivals, otherwise unavailable.

2005 sees the reopening of the annual festival to continue to grow.



Poster for the 10th Annual Pusan International Film Festival, October 14-20, 2005. Inquiring 5,000 net outdoor theater located near Haeundae Beach. In a romantic nighttime scene reminiscent of "Cinema Paradiso" looks behind you and down in the sea just beyond the giant drive-in-size screen. The opening and closing ceremonies are one sign of how far to ensure public demand for tickets in recent years.

(Incidentally though, Wong Kar Wai, Tony Leung and Maggie Cheung all caught the same flight with companion back to Seoul, so it could have been that?)

Since most films show theatrically in Korea due to 1-minute English subtitles, foreigners shouldn't miss the opportunity to experience new international and domestic releases subtitled on the big screen at most festivals.

Along with PIFF, major festivals include the Jeonju International Film Festival (JIFF), the Gwangju International Film Festival (GIFF), and the Puchon International Fantastic Film Festival (PIFFAN).

Other festivals range from the Seoul Independent Film Festival (SIFF), to the Asian International Short Film Festival (AISFF), and the Seoul Queer Film and Video Festival.

Next time you're in the mood for a night at the festival, try to attend an accompanying friend inmediately fresh back to Seoul the next morning. On the way home he called me from the taxi, saddened about leaving the party too soon. Simultaneously, while lying in the hotel room waiting to have later in the day, he said about staying at the party too long.

The two sides of the story highlight the fact the festival is an all-around good time and it is between when it wraps each

year. (Incidentally though, Wong Kar Wai, Tony Leung and Maggie Cheung all caught the same flight with companion back to Seoul, so it could have been that?)

Since most films show theatrically in Korea due to 1-minute English subtitles, foreigners shouldn't miss the opportunity to experience new international and domestic releases subtitled on the big screen at most festivals.

Along with PIFF, major festivals include the Jeonju International Film Festival (JIFF), the Gwangju International Film Festival (GIFF), and the Puchon International Fantastic Film Festival (PIFFAN).

Other festivals range from the Seoul Independent Film Festival (SIFF), to the Asian International Short Film Festival (AISFF), and the Seoul Queer Film and Video Festival.

Next time you're in the mood for a night at the festival, try to attend an accompanying friend inmediately fresh back to Seoul the next morning. On the way home he called me from the taxi, saddened about leaving the party too soon. Simultaneously, while lying in the hotel room waiting to have later in the day, he said about staying at the party too long.

The two sides of the story highlight the fact the festival is an all-around good time and it is between when it wraps each

Brazil's Koreans: Coming Into Their Own

Sao Paulo's tight-knit community guards its traditions, and is now embracing its adopted land

A stroll in Bom Retiro shows a little part of Korea in Brazil. This region of São Paulo is home to the majority of almost 50 thousand Koreans and their descendants, who first arrived in South America in the 1970s. Brazil has the largest Korean community in Latin America.

According to data released by São Paulo City Hall, 92 percent of Brazil's Korean immigrants live in the city. Besides Bom Retiro, there are Korean communities in Itaipava, Higienópolis, Adolpho Azevedo and Paris. But it is in Bom Retiro that the middle class and the most traditional part of the Korean community lives. Koreans play a large role in the textile industry, a mark of their presence in Brazil.

Yapo Tenaka, an architect student at São Paulo University, is researching the behavior and identity of Asian communities in Brazil for a paper titled "Architecture and Multiculturalism." Originally from Hakko, Japan, Tenaka has lived in Brazil for more than 30 years and has lived in a Korean community in Japan.

He explained why the first Korean immigrants arrived in Brazil. They were looking for acceptance to stay. When South Korea was in the process of modernization, people wanted to stay to get paid well. At the same time, Korean high schools were expensive and many families moved to Brazil in search of cheap, good investment for their sons and daughters.

It was a success, as Koreans' talent for commerce helped them become an established community. Soon, they called family members in Korea, and in 1980s, many families moved to Brazil in search of cheap, good investment for their sons and daughters.

It was a success, as Koreans' talent for commerce helped them become an established community. Soon, they called family members in Korea, and in 1980s, many families moved to Brazil in search of cheap, good investment for their sons and daughters.

Korean Collaborators: Legacy of Victimization

Sheila Miyoshi Jager details S. Korea's truth committees, forging of a new pan-Korean nationalism

The year 2005 has particular significance for Korean politicians. Japan is the 100th anniversary of the 1905 protectorate treaty (or the Treaty) which led to Korea's formal occupation by Japan in 1910. It is also the 60th anniversary of the liberation of Korea from colonial rule and it is the 40th anniversary of the normalization treaty of 1965. The year 2005 has also seen a distinct trend in anti-Japanese sentiment in South Korea.

The Korean war continued an unending dispute over an unincorporated island chain known as Takeshima in Japanese and Dokdo in Korea. That tension between the two countries has been building ever since January 2005, with the release of documents from the South Korean Foreign Ministry archives pertaining to Korea's 1965 normalization treaty with Japan. The issue of compensation for colonial victims was raised by South Korean lawmakers. President Roh also called on the Japanese government to sign again for historical methods.

Talk of the past has become a hot button issue in contemporary South Korea. In the wake of the historic shift in power that was the aftermath of the Cold War when South Korea's former leaders were forced to yield to a new generation of leaders with a very different take on history, there has been an explosion of interest in re-examining South Korea's colonial past. This movement, broadly framed, known as *Jeongun*, or "cleaning the past," has been compared with the Truth and Reconciliation Commission in South Africa. Among the issues that have been recently raised is the re-examination of Korean collaboration under the Japanese colonial regime (1910-1945).

A former Japanese military officer, his link to the South Korean state throughout the Cold War. President Roh Ma-hyun's "Policy of Peace and Prosperity" toward North Korea, which celebrated the earlier Kim Dae-jung administration's approach, interprets Pyongyang's pursuit of nuclear weapons primarily as a defensive strategy and advocates a policy of engagement with the North to solve the nuclear question as part of a broad understanding to reduce tensions between the two countries and between South Korea and its international neighbors, particularly the United States.

But these post-Cold War political negotiations of North Korea as a highest bid basically brings enemy as need of prodding and support is cautiously opposed by South Korea's conservative politicians, many of whom have links to the colonial past. The Grand National Party, whose leader, Park Kwon-ye, is Park Chang-ho's daughter, takes a leader's approach to the North, and is openly critical of Roh Ma-hyun's engagement policy towards North Korea.

What is particularly clear is how the unearthing of Korea's colonial past is linked to the question of nationalism. By presenting an interpretation of history as public rather than as politics, South Korea's new truth committees largely deny the particular conditions that allowed Korea to be colonized in the first place. In South Korea, the most potent political question is not a condition of the Russo-Japanese War of 1904, or the attempt to keep Korea independent, but the fact that foreign powers into Korea during the turn of the century in the first place. This is the familiar story of "national victimization" that has taken place throughout Korea's history since annexation.

"We must right the wrongs of the past to make sure that history is not repeated," said Moon Byung-ho, a lawmaker for the governing UDP party. "It is the responsibility of a democracy to look into the past, to understand the truth. Of course, it is the very achievement of South Korea's new found democracy and



Preserving Japanese claims in Gando Island, March 15, 2005.



South Korea's relationship with Japan. South Korea's relationship with Japan. South Korea's relationship with Japan.



South Korea's relationship with Japan. South Korea's relationship with Japan.

President Roh used the occasion of the 80th anniversary of the end of Japanese rule, August 15, 2004, to announce a new campaign to look into Korean collaborationist activities. "We are still unable to rid ourselves of the historical attention that the families of those who fought for the independence of the nation were destined to face increasingly for three generations," Roh said, "while the families of those who sided with imperial Japan have enjoyed success for three generations." That same year laws were passed by the National Assembly to establish working committees to look into Korean activities during the colonial period, including the investigation of Korean collaborators who profited from the colonial regime as well as those who collaborated with the policy of forced labor under the Japanese.

There have also been high profile private endeavors to expose Korean collaborationists. For example, the private organization Minjok Majeong Gongsang (Korea Issues Research Center) is compiling a master list of Korean collaborationists, which they hope to publish by the end of 2006. This group also sponsored, in 2004, a popular exhibition of Korean artists who collaborated with the colonial regime. Featuring a variety of posters, paintings, audio records and photographs, the aim of the exhibit, according to the exhibition catalogue, was to "expose all those who helped make possible Korea's subordination to the Japanese colonial regime." In a similar effort to expose collaborationists, some citizens groups have led protests demanding the dismantling of "bustles of alleged collaborationists from the National Cemetery and other patriotic burial sites. Not surprisingly, former President Park Chung-hee has been a central figure in this struggle.

In short, the struggle over Korea's colonial past is really a struggle over the two Korea's future. Critics of the truth committees say the effort is politically motivated and is a scary when slipping are judged guilty by family associations, they maintain that the truth committees are simply attempts to damage certain politicians. (Incidentally, however, it was the chairman of the UDP Party, Shin Koo-nam, who was forced to resign from his post after it was disclosed that his father was a military collaborator during the Japanese colonial Japanese.) They believe the collaboration issue is simply a means to single out members of the Grand National Party, especially Park Kwon-ye. As one lawmaker of the Grand National Party put it, "it is a political game. They are afraid that Park Kwon-ye, who is very popular, may become president in the next term."

The view of whether the truth committees are designed simply to conceal certain politicians or an sincere effort to come to grips with Korea's past largely depends on

economic prosperity is also the product of that past. While critics of Park Chang-ho rightly condemn him for the abuse of his office, they cannot deny that Park also created the foundation for South Korea's stunning economic success. Indeed, despite Park's mixed legacy, he continues to be viewed by the vast majority of South Koreans as the nation's most important and respected modern leader. In this way, Korea's colonial and post-war history is not presented as the outcome of actual causal, social, political, military and cultural relations that are connected to the property of the present, but merely as a dark backdrop against which to contrast South Korea's new found democracy and future pan-Korean unity.

South Korea's truth committees thus distill Korea's colonial past into a manageable, linear story of timeless struggle and redemption in which the collaborator is reviled. However, the revival of the memory of Korea's experience of victimization offers a familiar story of national

victimization and imperial aggression that can serve to bind the two Koreas together in a shared history of collective suffering. The main purpose of the truth committees is to affirm the national myth of victimization and struggle by selecting those who belong and those who must be excluded from that myth.

Of course, in seeking to memorialize the abuses of the colonial regime and the collaborators who profited from it and later committed themselves to the military dictatorship of Park Chung-hee, Choo Doo-bean and Noh Tae-won, the Roh Moo-hyun administration overlooks the real-life human rights abuses that are currently going on in South Korea. This may have been brought to the fore by a new coalition of 300ers who had initially focused on the first five presidential terms.

Known as the "New Right," this new coalition of 80-something political activists is now to promote a conciliatory North Korean policy that indirectly supports Kim Jong-il's continuing human rights abuses. While the Roh government focuses on the collaboration issue and Korea's past victimization under past Japanese colonial rule, this has deliberately ignored the present victimization of the South Korean people by the Kim Jong-il regime. The death camps, the documented human rights abuses, the crackdown on South Korean religious groups and North Korean refugees, not to mention the very difficult conditions of North Korean refugees in South Korea, are not the focus of a new and urgent focus on Korea's victimization under past Japanese colonial rule. This is not only the fact that the policy architects in the South believe that a North-South reconciliation would be hindered by an honest probe into Pyongyang's death camps, the focus on past abuse by the colonial regime also furthers their pan-nationalist agenda by creating a common memory of suffering that can help bridge the gap between the two countries.

Thus, the current obsession with the truth committees is not only a political game, but also a means to single out members of the Grand National Party, especially Park Kwon-ye. As one lawmaker of the Grand National Party put it, "it is a political game. They are afraid that Park Kwon-ye, who is very popular, may become president in the next term."



Some Koreans in Bom Retiro travel agencies on a Korean business trip to Seoul, Korea.

"They were living in a virtual Japan," he said. Even today, some Asian restaurants in Brazil don't receive Western people well. Among Japanese and Koreans living in Brazil, there is a rivalry, too. Some Japanese restaurants forbid Koreans from coming inside. "It's only racism," said Tenaka. Perhaps when a third generation is born, there will be a cultural clash between Korean and Brazilian habits.

There is another polemic issue about Asian cuisine. In Brazil, it is forbidden to eat dog meat, and years ago, a butcher shop was closed for selling it. Nevertheless, some Korean restaurants still clandestinely prepare traditional recipes with dog meat. These restaurants, discreet and chic, import the meat from Korea.

This only one of the aspects of Brazilian resistance to Koreans. In the early years, Brazilians were so prejudiced against Koreans they saw them as a primitive people, said Tenaka. To reduce the cultural differences between the groups, the Korean embassy in Brazil promoted activities like dinners and language courses to introduce the wealth of Korean culture to Brazilian people. These events were badly organized, however, and were canceled after 10 years ago.

Nevertheless, today, the Korean community is growing accustomed to Brazilian life and other people living in Brazil like Chinese, Bolivians and Jews. In Paris, another region of São Paulo, Koreans live among Brazilians. Their commerce isn't as developed as in Bom Retiro, but the groups live together peacefully.

Another aspect of Brazil's Koreans is the four Korean-language newspapers — Jeong-Ang, Nam-Su-Dong-A, Han-Kook and Cho-Sun — with news from South Korea and the local community. There are two weekly magazines — Shin-Seo-De and Udoon and Culture — and three advancement publications. And a cable TV channel represents the Korean community.

In Brazil, Koreans are far from the technological and behavioral advances of South Korea. While their horizons are broadened in many ways, they live mostly the same as they did 25 years ago, preserving their traditions.

Little by little, Koreans in Brazil are opening their arms to local culture without losing their own culture. During the last election, São Paulo chose a councilman representing the Korean community. Though William Woo isn't a Korean himself — he studied in America, his father Taiwanese and his wife Korean — he is devoted to his job, which he says is to watch out for the interests of the Korean community.

Sheila Miyoshi Jager is a professor at Oberlin College.

Figura 32: Página da edição impressa do OhmyNews.com com textos de cidadãos-repórteres originalmente publicados na versão online do noticiário.

Nas demais explicações são tratados de temas sobre o procedimento de pagamento do cybercash, cujos encargos e taxas de transferência estão sob responsabilidade do cidadão-repórter. O mínimo de 50 mil Wons para responsabilidade do cybercash é novamente salientado. Além disso, a seção esclarece que a "contabilidade" do cidadão-repórter pode ser acessada a qualquer momento no

Reporter Desk, onde são mostrados os valores de cybercash acumulado, requerido, pago e a receber.

6.1.3.9 *Code of Ethics* (I)

Quando o cidadão-repórter solicita seu cadastro junto ao OhmyNews, algumas das premissas do código de ética já são contempladas no acordo que é preciso ser aceito antes da aprovação. A importância conferida pelos coreanos a estas regras comportamentais, porém, faz com que a “legislação” do OhmyNews seja um dos itens do *Reporter Desk* para que possa ser consultado a qualquer momento pelo cidadão-repórter. O código de ética se divide em dois momentos: o acordo com cidadãos-repórteres e a relação de procedimentos deontológicos em si.

Code of Ethics

» The OhmyNews Citizen Reporter's Agreement

1. I recognize the editorial authority of OhmyNews' in-house editing staff.
2. I will share all information about each of my articles with the OhmyNews editing staff.
3. I will not produce name cards stating that I am a citizen reporter of OhmyNews.
4. When an article I submit has or will be simultaneously submitted in another medium, I will clearly state this fact to the editorial staff.
5. I will accurately reveal the sources of all quotations of text.
6. Citizen reporters who work in the field of public relations or marketing will disclose this fact to their readers.
7. Legal responsibility for acts of plagiarism or unauthorized use of material lies entirely with the citizen reporter.
8. Legal responsibility for defamation in articles lie entirely with the citizen reporter.

» The OhmyNews Reporter's Code of Ethics

1. The citizen reporter must work in the spirit that "all citizens are reporters," and plainly identify himself as a citizen reporter while covering stories.
2. The citizen reporter does not spread false information. He does not write articles based on groundless assumptions or predictions.

Figura 33: O código de ética fica disponível *full time* aos cidadãos-repórteres

Os tópicos dizem o seguinte:

- a) eu reconheço a autoridade editorial da equipe interna do OhmyNews;

- b) eu irei compartilhar com a equipe editorial do OhmyNews toda informação sobre cada um dos meus artigos;
- c) eu não irei produzir cartões de visita onde eu não me identifique como cidadão-repórter do OhmyNews;
- d) quando um artigo que eu submeter ao OhmyNews foi ou será simultaneamente veiculado em outro meio, irei esclarecer este fato à equipe editorial;
- e) eu irei revelar exatamente as fontes de todas as declarações que constem no texto;
- f) cidadãos-repórteres que trabalhem nos campos das relações públicas ou do marketing irão revelar este fato aos seus leitores;
- g) a responsabilidade legal por atos de plágio ou uso de material sem autorização ou ainda de material não-verdadeiro será inteiramente do cidadão-repórter;
- h) a responsabilidade legal por difamação em artigos será inteiramente do cidadão-repórter.

No segundo momento do código de ética são estabelecidos procedimentos comportamentais que dizem respeito à questões deontológicas do cidadão-repórter em atividade.

- a) o cidadão-repórter deve trabalhar sob o espírito de que “todos os cidadãos são repórteres” e se identificar plenamente como cidadão-repórter enquanto cobre fatos;
- b) o cidadão-repórter não deve disseminar informações falsas. Ele não deve escrever artigos baseados em informações sem fundamento, suposições ou prognósticos;
- c) o cidadão-repórter não deve usar termos abusivos, vulgares ou outro gênero ofensivo de linguagem constituindo um ataque pessoal;
- d) o cidadão-repórter não deve denegrir a reputação de outros através da produção de artigos que infrinjam a privacidade pessoal;
- e) o cidadão-repórter deve usar métodos legítimos para obter informações e informar claramente suas fontes quando da intenção de cobrir um fato;
- f) o cidadão-repórter não deve fazer uso de sua posição para obter lucros injustamente ou para buscar outro tipo de rendimento pessoal;
- g) o cidadão-repórter não deve exagerar ou distorcer fatos para beneficiar a si mesmo ou qualquer organização à qual pertença;

h) o cidadão-repórter irá se desculpar e prontamente e comprometer em cobrir aquilo que estiver errado ou inapropriado em suas matérias.

6.1.3.10 FAQ (M)

O último item do *Reporter Desk* oferece uma seleção de perguntas mais frequentes e suas respostas referentes aos devidos temas: produção de artigos, cybercash, submissão de imagens, mudanças no perfil do cidadão-repórter, anexando arquivos, breve curso em formato de apresentação sobre a atividade do OhmyNews e um tópico destinado a outras questões variadas.

FAQ

- ✦ Compose Article
- ✦ Image Submission
- ✦ Attaching Files
- ✦ Cybercash
- ✦ Changing Your Profile
- ✦ Various other issues
- ✦ Download : A Crash Course for OhmyNews Citizen Reporters (Power Point File)

Compose Article

Q1. The article disappeared

A Articles that are selected as the top story on the main page or the various sections no longer show up on the "Ingul" list. Articles on the "Ingul" list are shown in chronological order. If you think your article has disappeared, first check to see if it has been placed on the main page or one of the sections.

Articles that are selected as the top story on the main page or the various sections no longer show up on the "Ingul" list. Articles on the "Ingul" list are shown in chronological order. If you think your article has disappeared, first check to see if it has been placed on the main page or one of the sections.

Q2. Why is my article on the Saengnamu list?

A Because it hasn't been selected by the OhmyNews editorial staff. Reasons for not selecting articles for the main page may include:

- When content is unclear because the article fails conform to news article style.
- When it is so poorly written it is fails to convey its meaning.
- When it fails to answer "when, where, who, what, how and why."
- When it's entirely one-sided or contains advertising content.
- When there are concerns of defamation.
- When the article plagiarizes other media reports.
- When there are concerns of copyright infringement.

Figura 34: O FAQ dá conta de uma série de assuntos que envolvem a produção de conteúdo e o comportamento do cidadão-repórter

No primeiro tema do FAQ, uma das perguntas simula um cidadão-repórter questionando sobre os motivos que fizeram seu artigo não ser aprovado pela equipe

editorial, ou seja, ter entrado para a lista Saengnamu. A resposta oferecida é porque o artigo deve ter apresentado uma das razões a seguir:

- a) o conteúdo não estava claro porque o artigo não alcançou o estilo de noticiário;
- b) o artigo estava pobremente escrito e não teve êxito para transmitir o que significava;
- c) o artigo não respondia às questões “quando, onde, quem, o quê, como e por quê?”;
- d) o artigo era inteiramente escrito apresentando apenas um lado sobre um fato ou continha publicidade;
- e) o artigo trazia difamações;
- f) o artigo era plágio de material veiculado em outros media;
- g) o artigo infringia leis de reprodução ou direitos autorais.

Mesmo nestes casos, o autor do texto recusado pode requerir uma nova avaliação ou ainda se propôr a refazer o texto dependendo da temática.

Outro tópico contemplado pelo *FAQ* diz respeito ao uso de imagens. Além de questões técnicas como o tamanho e a resolução recomendada aos artigos, o *FAQ* dá grande peso a questões legais como o uso indevido de imagens extraídas da internet mesmo sob a citação da fonte. Já que a responsabilidade sobre o artigo é do próprio cidadão-repórter, o OhmyNews alerta sobre os possíveis atos ilegais que estariam cometendo ao veicular a imagem de uma pessoa sem que ela autorize a reprodução bem como a apropriação indevida de material produzido por terceiros.

Ao orientar o cidadão-repórter a atualizar seu perfil no *Reporter Desk*, o *FAQ* do OhmyNews International salienta a importância de haver um canal de comunicação sempre disponível entre a redação e o autor dos artigos. Este canal – que pode ser um número de telefone, e-mail, instant messenger – é utilizado largamente no ato da checagem dos fatos, atividade mais uma vez destacada dentro do ambiente de interação. Quanto ao perfil, o *FAQ* orienta ainda o cidadão-repórter a solicitar à redação uma apresentação pessoal junto aos seus artigos.

O *FAQ* dedica um de seus tópicos para detalhar ainda mais o pagamento do cybercash, dessa vez explicando o tempo que o montante leva para ser creditado na conta do cidadão-repórter após cada matéria publicada e também se refere a procedimentos práticos, como o depósito no segundo dia útil de cada mês.

Em “outras questões”, o *FAQ* explica que o cidadão-repórter não pode solicitar que um artigo seu seja deletado após oficialmente publicado, ou seja, após ter

alcançado qualquer status *Ingul*. O desligamento do cidadão-repórter pode acontecer a qualquer momento, porém, os artigos já publicados serão mantidos na base de dados pública do OhmyNews. Os direitos de reprodução, porém, são divididos entre o OhmyNews e o autor de cada artigo. Deste modo, o cidadão-repórter tem plena liberdade para republicar seus artigos em outros veículos.

Noutra questão, o *FAQ* explica que notas oficiais não podem ser consideradas artigos, assim, não poderão ser veiculadas como trabalho do cidadão-repórter. Ainda sobre a natureza e a origem do conteúdo, o *FAQ* alerta que, assim como as fotos, artigos extraídos de outros *sites* não podem ser publicados sem autorização formal de seus proprietários. Se alguém fizer algo neste sentido ou ainda publicar um artigo do qual foi apenas um dos autores, sendo que os demais não autorizaram a veiculação no OhmyNews, o cadastro do cidadão-repórter pode ser cancelado. “*OhmyNews operates according to a ‘real name’ principle, and formally adopts only articles written directly by member Citizen reporters*” (*FAQ – Various other issues*)⁶⁷.

O relacionamento entre a redação e o cidadão-repórter pode servir de canal de customização também em relação aos comentários. Quando um interagente, identificado ou não, publica um comentário de caráter pessoal, que não tenha nada a ver com o assunto do artigo ou quando seja constituído por mensagem vulgar, o autor da material pode solicitar à redação do OhmyNews que o registro seja apagado. Outros casos podem ser estudados através de conversa por e-mail com o editor Todd Thacker.

Uma das questões mais relevantes dessa seção diz respeito à possibilidade de considerar um *release* como um artigo. O OhmyNews não entende que releases sejam artigos, tampouco sejam publicados ou submetidos como tais. A razão apresentada é que o conteúdo dos releases não pode ser tido como informação 100% confiável. “*For example, a citizen reporter who is an office worker cannot simply take a press release from a local government or central government body and turn it into an article. We encourage OhmyNews citizen reporters to write pieces that accord with their particular jobs, aptitudes, interests or areas of specialization*” (*FAQ – Various another issues*)⁶⁸.

⁶⁷ file:///reporter_room/qa_board/qaboard_list.asp?div_code=56

Tradução da autora: “O OhmyNews opera de acordo com o princípio do nome verdadeiro e formalmente admite apenas artigos escritos diretamente por cidadãos-repórteres membros”.

⁶⁸ Tradução da autora: “Por exemplo, um cidadão-repórter que estiver em um escritório de trabalho não pode simplesmente pegar um release emitido pela equipe do governo local ou central e transformá-lo em um artigo. Nós

A última questão do *FAQ* dá conta dos padrões aplicados à concessão de cartões de visita e credenciais aos cidadãos-repórteres. O texto esclarece que os cartões concedidos são pagos inteiramente pelo OhmyNews e possuem layout idêntico aos dos *professional reporters* da redação, apontando como diferença a inscrição “Citizen Reporter” acima do nome.



Figura 35: Reprodução do cartão de visita produzido e fornecido pelo OhmyNews à pesquisadora.

Os cartões de visita são dados àqueles que recebem prêmios por seus artigos e àqueles que tiveram 10 ou mais artigos selecionados à *homepage*. Conseqüentemente, os cidadãos-repórteres que escrevem artigos que não exigem cobertura e aqueles que são repórteres profissionais e já possuem cartões de visita não recebem-nos do OhmyNews.

OhmyNews operates on the principle that citizen reporters, furthering the people's right to know, have the inherent right to cover news, and they should be able to show this spirit on the scene without producing an ID. This way, we believe, OhmyNews citizen reporters can further OhmyNews' motto, "Every citizen is a reporter" (FAQ – Various another issues)⁶⁹.

É notório, no entanto, que jornalistas portando credenciais ou identificações formais possuem acesso diferenciado a determinadas informações. No caso da distribuição de credenciais, o OhmyNews estudará cada caso e concederá os documentos àqueles cidadãos-repórteres que se dispuserem a colaborar *full-time* com

estimulamos os cidadão-repórteres do OhmyNews a escreverem matérias de acordo com seus trabalhos particulares, aptidões, interesses ou áreas de especialização”.

⁶⁹ Tradução da autora: “O OhmyNews opera sobre o princípio de que os cidadãos-repórteres, além do direito de saber das pessoas, têm o direito inerente de cobrir notícias, e eles deveriam estar hábeis a mostrar o espírito de cena sem a produção de uma identidade. Deste modo, nós acreditamos, os cidadãos-repórteres do OhmNews poderão levar adiante o slogan ‘Cada cidadão é um repórter’.

o noticiário ou ainda caso sejam constituídos grupos especiais para cobertura de algum evento.

6.2 Jornalismo *open source* no OhmyNews e os princípios da complexidade

Retoma-se a idéia de sistema aberto trazida através de Morin no primeiro capítulo desta pesquisa, onde o desequilíbrio momentâneo se faz necessário para que uma nova ordem se estabeleça.

O que é preciso compreender são as características da unidade complexa: um sistema é uma unidade global, não elementar, já que ele é formado por partes diversas e inter-relacionadas. É uma unidade original, não original: ele dispõe de qualidades próprias e irreduzíveis, mas ele deve ser produzido, construído, organizado. É uma unidade individual, não indivisível: pode-se decompô-lo em elementos separados, mas então sua existência se decompõe. É uma unidade hegemônica, não homogênea: é constituído de elementos diversos, dotados de características próprias que ele tem em seu poder (2003, p. 135).

Propõe-se agora uma análise mais criteriosa da definição que Morin trouxe quanto a um sistema sob a idéia de uma unidade complexa. Sendo “formado por partes diversas e inter-relacionadas”, o jornalismo que se pratica no OhmyNews é composto por interagentes das mais diversas formações que se unem com o mesmo objetivo de base: publicar notícias. Jornalistas e outros públicos – partes diversas – estão inter-relacionados pelo propósito central do trabalho sustentado na colaboração. Se o sistema “dispõe de qualidades próprias e irreduzíveis, mas ele deve ser produzido, construído, organizado” é porque o OhmyNews, ainda que se sustente sobre a premissa de que cada cidadão seja um repórter e esse é o ponto de partida irrefutável de todas as suas atividades, a produção não deixa de seguir uma hierarquia de etapas bem como o produto notícia deve estar condicionado a valores e preceitos que orientam a essência do jornalismo desde seus primórdios. Se o sistema é uma unidade individual não indivisível fica claro que o noticiário pode e deve ser visto como um todo, guardando o direito de cada cidadão-repórter influenciar na parte que lhe cabe, seja propondo matérias, seja interferindo nas demais através de comentários, seja apropriando-se de textos para reproduzi-los em outros ambientes do ciberespaço, quer dizer, desmembrar o noticiário em partes e ler conforme sua demanda. Por óbvio, quando o noticiário se decompõe em diversas notícias separadas, o sistema, assim, se desconstrói. Não há mais noticiário, mas notícias isoladas. Daí a

importância de se analisar o noticiário como um todo e não apenas as notícias separadamente.

Não apenas durante a análise é importante ter em mente essa dimensão do todo, mas mesmo no ato de produção das matérias, é recomendável que o cidadão-repórter tenha noção do espaço onde está publicando seu trabalho. A leitura das matérias já publicadas é absolutamente liberada. Não há senhas que protejam conteúdo exclusivo a assinantes. O comentário também é liberado a qualquer interagente. No entanto, não há como exigir que o cidadão-repórter leia todo o conteúdo do *site* antes de publicar sua própria matéria. Ao invés de trabalhar essa visão do todo como uma exigência ao interagente, o OhmyNews poderia reservar um item de seu acordo com o membro ou do código de ética à **recomendação** de que os cidadãos-repórteres *visitem* outras matérias, interajam postando comentários, contatem outros cidadãos-repórteres via-formulário de e-mail, via-*Reporters' BBS* ou *News Room*.

Voltando a observar o objeto pelo viés científico, a totalidade do noticiário não exclui as particularidades de cada notícia, que podem e devem ser consideradas em suas unidades, não configurando mais, porém, noticiário. A diversidade entre as notícias, entretanto, é o que trará o diferencial de um sistema complexo que não se homogeneiza. A diversidade dos elementos no jornalismo *open source* também se verifica quando interagentes de diferentes grupos sociais e que ocupavam distintos postos no processo tradicional de comunicação midiática agora se agrupam formando um todo que não esquece de manter as características de cada um de seus integrantes. Essa complementaridade entre singularidades e conjugações dos interagentes se traduz no slogan *Every citizen is a reporter*. A idéia encerrada nesta frase aponta a igualdade entre os cidadãos, que podem ser vistos, todos, como repórteres. Isso não implica ao decorrer do processo, no entanto, que eles ajam da mesma maneira. Apenas passam a atuar na função até então restrita aos jornalistas – reportagem. Se um cidadão-repórter é médico e reside na Alemanha, por exemplo, ele não será inquerido a se tornar jornalista e se transferir para a Coréia do Sul para participar do noticiário. Pelo contrário, o fato dele ser médico e não jornalista lhe confere conhecimentos especializados capazes de oferecer aos leitores de suas matérias um trabalho rico em detalhes e domínio de campo. Além disso, o fato dele residir na Alemanha e não na Coréia do Sul permitirá que reporte aos leitores sul-coreanos e de todo o mundo aquilo que acontece em seu país de modo muito mais próximo porque testemunhal.

A diversidade entre os perfis dos cidadãos-repórteres e, portanto, das histórias que cada um deles conta será fundamental para que o princípio auto-eco-organizado seja aplicável ao jornalismo *open source* realizado no OhmyNews International. O noticiário só será International como se propõe porque conta com a participação de profissionais de diferentes áreas residentes em inúmeros países. Essa diversidade será mantida para que os artigos guardem seu diferencial e dêem conta ao menos em parte de uma cobertura de caráter global. Apesar da independência entre os cidadãos-repórteres e entre eles e os editores do OhmyNews há uma dependência recíproca que une cada um dos interagentes do jornalismo *open source*. Cidadãos repórteres só poderão sê-los se houver uma equipe editorial que os ampare no trabalho. Além disso, só poderão ser cidadãos-repórteres internacionais se houver outros interagentes em outros países que afirmem o caráter mundial do trabalho do qual participam. O mesmo acontece com as notícias, que são autônomas e dependentes umas das outras no noticiário *open source*. Noutras palavras, os cidadãos-repórteres fazem o OhmyNews que faz deles cidadãos-repórteres. As notícias escritas por leigos só existem pela abertura oferecida pelo OhmyNews que só existe através das notícias.

A relação entre notícia, noticiário, cidadão-repórter e jornalismo *open source* ou, neste caso, OhmyNews se estende ao princípio hologramático, onde cada parte contém informações do todo e o todo só existe pela composição das partes. Não há noticiário *open source* sem cada uma das notícias; por outro lado, se uma notícia for observada isoladamente, o noticiário não será *open source* porque será composto por uma só voz. Tal princípio se aplica aos cidadãos-repórteres que, se desejam atuar como tais, são convidados a se enquadrar num comportamento e a seguir um código de ética comum a todos. Além disso, todos obedecem aos mesmos critérios e executam as mesmas práticas quando publicam conteúdo no OhmyNews. Mas eles só podem ser cidadãos-repórteres quando a pluralidade de vozes existe e, portanto, legitima cada um deles como um colaborador.

No OhmyNews, a ordem prévia do trabalho da imprensa sofre um abalo quando não mais somente os jornalistas da redação do noticiário podem publicar conteúdo mas o leitor também se firma como autor e assim passa a atuar simultaneamente em diversos momentos do processo comunicacional. Como toda desordem tende ao alcance de uma nova ordem diferente à anterior, conforme Piaget mostra pela perspectiva da equilibração, a nova ordem alcançada pelo OhmyNews é um tipo de noticiário que, num todo, é um mosaico de produções advindas de

interagentes que desempenham diferentes papéis na comunicação. Em relação constante, os interagentes na figura dos jornalistas e de outros públicos (cidadão-repórter) aliados ao conteúdo criam uma forma diferenciada de se organizar o processo comunicacional, onde agora a notícia é produzida por um ponto, passa por um interlocutor e retorna ao ponto de origem já modificado por ser composto por uma série de interagentes que não só o autor da matéria. Estes interagentes poderão estabelecer uma interlocução em esfera mais ampla sob caráter de discussão através dos fóruns e dos comentários ou, ainda, publicando novas matérias no mesmo *site*.

A visível complementaridade entre cidadãos-repórteres, jornalistas, notícia e noticiário evoca o princípio dialógico, que associa de modo complexo unidades concorrentes e antagônicas. Para notarmos onde está a concorrência, o antagonismo entre estas partes, basta retomarmos o modelo clássico de comunicação, que posicionava audiência de um lado e jornalistas de outro. Nitidamente, estes dois grupos exerciam funções diferenciadas, complementares e antagônicas no processo comunicacional. Quando essa diferença se quebra e os papéis se confundem na produção de notícias, atinge-se a condição adequada para que o fenômeno possa ser considerado de modo complexo e, assim, possa se desenvolver através de interações constantes.

Se as diferenças entre audiência e jornalista – as partes do sistema comunicacional – são rompidas, já não é mais possível admitir uma estrutura de causa e efeito, nem mesmo separar produto, produtor e consumidor quando o assunto é informação. A convivência dos interagentes no jornalismo *open source* promoverá o desempenho simultâneo dos mesmos papéis, atividade esta que acontece através do diálogo em que se transformou o noticiário. A estrutura do diálogo remete ao princípio do anel recursivo, onde cada fluxo de mensagem implicará modificações não apenas na própria mensagem como entre seus interlocutores. Deste modo, a trajetória cumprida pela mensagem conduzirá a informação de modo retroativo e crescente. Noutras palavras, se A fala para B, A está modificando B. Quando B responde para A, já não se trata do mesmo A que iniciou a conversa, mas de um A acrescido das informações propostas por B. Nota-se a transformação constante dos sujeitos e das mensagens na sequência de um diálogo, algo que se traduz no desenho da espiral à qual se refere o princípio da recursividade.

6.3 Observação participante

Esta etapa da análise foi executada através de registros de captura de imagens e textos que descrevem o processo de produção e publicação de quatro artigos no OhmyNews International. A publicação aconteceu ao longo dos meses de novembro de dezembro de 2005 e compreendeu pautas espontâneas da autora desta pesquisa além de outras sugeridas pelo editor Todd Thacker, conforme evidencia a correspondência trocada e exibida ao longo desta análise. A seguir, apresenta-se a descrição detalhada acompanhada pela análise.

Em sete de novembro de 2005 e submetida uma matéria sobre a Feira do Livro de Porto Alegre com o título original "*Porto Alegre dives in letters*" a linha de apoio "*Under strong rain and wind, 51^a Book Fair happens in Southern Brazil spring*". Em "*Supplementary information*" a informação fornecida pela cidadã-repórter é: "*Ana Maria Brambilla is Brazilian journalist and communication researcher.*" Além da inscrição: (*I wrote this article especially to OhmyNews*).

Em "*Background information*" são descritos os seguintes dados: "I wrote this piece based on situations that I saw visiting the 51^a Book Fair of Porto Alegre, reading news about this event in local media, crossing information from press releases divulged by Book Fair press team by mail and through <http://www.feiradolivro-poa.com.br/>". Em seguida são anexadas as imagens acompanhadas pelos créditos de Alexandre Mendez, Luis Ventura e Ana Maria Brambilla. A primeira delas (bookfair_alexandre_mendez_1.jpg) tem a seguinte legenda: "Each year, hundreds of porto-alegrenses visit Book Fair"⁷⁰.

A primeira imagem é inserida e o sistema *Reporter Desk* já pergunta se é necessário anexar outra imagem. E assim sucessivamente até completar o total de cinco imagens que a autora da matéria deseja incluir. No formulário de submissão de imagens é informado que são permitidas, no máximo 10 imagens por artigo. Imagens em orientação vertical deverão ter largura de 400 pixels; em orientação vertical, 500 pixels. É recomendado que as imagens sejam anexadas na ordem em que irão aparecer no artigo, embora depois do processo de submissão seja possível indicar no texto onde o autor deseja que as imagens apareçam.

a) bookfair_alexandre_mendez_2.jpg: "*A party of books, authors and readers forms the biggest outdoors book fair in Latin America*"

b) bookfair_alexandre_mendez_3.jpg: "*Low prices is a brand of Book*

⁷⁰ Tradução da autora: "A cada ano, centenas de porto-alegrenses visitam a Feira do Livro".

Fair"

c) bookfair_alexandre_mendez_4.jpg: "*Children receive a special area*"

d) book_fair_luis_ventura.jpg: "*Strong rain almost flooded the square*"

e) bookfair_brambilla.jpg: "*Readers wait in long lines to get an autograph*"

Após anexados os arquivos de imagens é oferecida a opção de editá-los (trocar o arquivo de imagem ou alterar as informações textuais do formulário) bem como é permitida a inclusão de arquivos em vídeo, áudio ou outros formatos além da formatação de boxes de conteúdos.

Clicando em "*Submit to Editors*" aparece a seguinte mensagem: "*Send to the editors? After you send your article you will be unable to edit it further.*"

If you need to make more changes, contact the editors via the editorial email (internews@ohmynews.com).

Be sure to include all the relevant information (author, headline, etc.)."

O artigo então passa a fazer parte da lista de artigos regularmente submetidos pelo cidadão-repórter na condição de Seangnamu, ou no aguardo pela revisão dos editores.

Dois dias mais tarde, em nove de novembro de 2005, é publicada a matéria da Feira do Livro sob o título "*Rain fails to dampen Brazil Book Fair*" e linha de apoio: "*Event honors Italy and northeast Brazilian state*". Ou seja, essas duas informações foram alteradas substancialmente conforme relatado pelo editor Thacker e confirmado pelos cidadãos-repórteres durante a entrevista. O corpo do texto foi todo editado mas nenhuma informação foi distorcida/alterada em relação ao texto original.

Todas as cinco imagens submetidas foram publicadas com algumas legendas levemente corrigidas/adequadas a um inglês padrão.



Figura 36: Screenshot da matéria publicada sobre a Feira do Livro de Porto Alegre

Quando a matéria entrou *online*, o editor Todd Thacker enviou o seguinte e-mail:

Subject: Book Fair
Date: 09 de novembro de 2005 22:48
From: Todd Cameron Thacker <newspaperman@gmail.com>
To: Ana Maria Brambilla <ambrambilla@terra.com.br>

Great story. And the photos! Wonderful! If you have a one line bio for Alexandre, I can add it at the bottom.

The flood picture... I had to guess it is Luis Ventura. Yes?

Todd

--

*Todd Thacker
 editor, OhmyNews International
todd@ohmynews.com*

Alexandre é o fotógrafo que fez maioria das fotos que constam na matéria. Dois dias depois da publicação, os 20 mil Wons haviam sido creditados na conta do cidadão-repórter.

Em 16 de novembro de 2005 foi efetuada uma nova experimentação através da submissão da matéria "*Biennial of Mercosul changes urban scenery*" com a linha de apoio "*Southern Brazil receives artists from more 10 countries to a*

contemporary art exposition"⁷¹.

Como informações suplementares foram dadas: *Ana Maria Brambilla is Brazilian citizen reporter, journalist and communication researcher. (I've written this article especially to OhmyNews)*".

Como informações de bastidores foi dito: *"I visited 5th Biennial four times. I've worked on last Biennial and ask information to Biennial press staff. Today, however, all the staff is different that two years ago. I've completed my article collecting some information from Internet websites as Biennial official website - <http://www.bienalmercosul.art.br>"*.

Foram submetidos 7 arquivos de fotos, todos legendados e identificados qual o local do texto que devem ocupar. Quando o artigo é submetido ao OhmyNews, ele já está *online*, mas com um endereço de difícil acesso: http://english.ohmynews.com/articleview/article_sangview.asp?menu=c10400&no=259089&rel_no=1

Assim ficou o artigo sobre a Bienal do Mercosul tão logo foi submetido aos editores sob o status de "*Saengnamu*" - ou madeira verde que não faz fogo, em hangul. Há um aviso no topo da página, porém, dizendo que este artigo "*Saengnamu*" está no momento, sob revisão da equipe editorial do OhmyNews. Meia hora depois de ter submetido a matéria aos editores do OMNI, ela já registrava 24 *page-views*.

Novamente dentro de um prazo de dois dias, foi publicada a matéria sobre a Bienal sob o título "*Brazil Art Fest Reshapes Urban Landscape*" e linha de apoio: "*Artists from more than 10 countries are on display at 5th Mercosul Biennial*" O espaço ocupado é o da terceira manchete da *homepage*, em status *mT*.

⁷¹ Tradução da autora: "Bienal do Mercosul muda cenário urbano" e, em seguida, "Sul do Brasil recebe artistas de mais de 10 países para uma exposição de arte contemporânea".



Figura 37: Screenshot da homepage do OhmyNews no dia em que foi publicada a matéria sobre a Bienal do Mercosul. No detalhe, a manchete de capa.

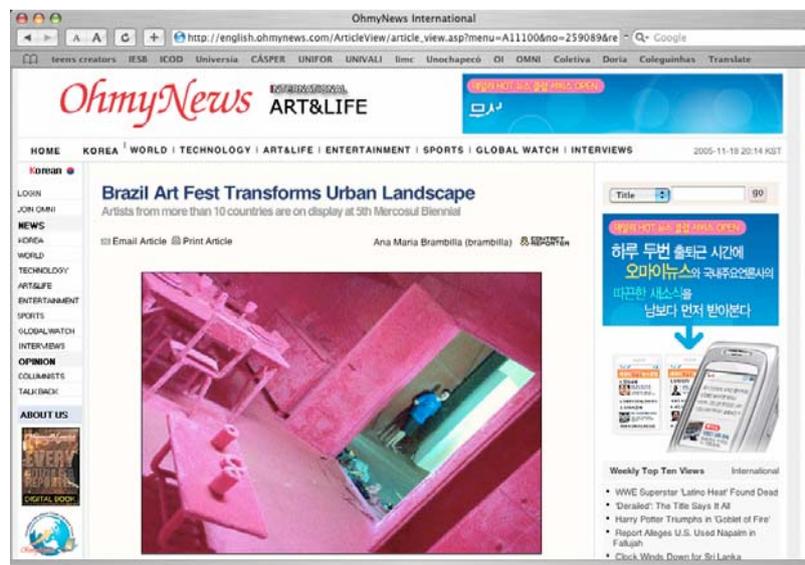


Figura 38: Screenshot da página interna do OhmyNews onde foi publicada a matéria sobre a Bienal do Mercosul.

Mais uma vez a manchete e a linha de apoio foram completamente modificadas. O texto foi sutilmente editado, com correções gramaticais e de vocabulário, tão-somente e reorganização do lead. Das 7 fotografias submetidas, 6 foram publicadas com as legendas escolhidas pela cidadã-repórter. No mesmo dia, horas mais tarde, os 20 mil wons referentes à matéria da Bienal já haviam sido creditados no *Reporter Desk*.

Paralelamente à produção de matérias acontece uma discussão em *News Room* sobre a criação de um curso de treinamento para cidadãos-repórteres de outros países fora da Coréia do Sul. Primeiro surgiu a idéia de um curso presencial e depois, a proposta de que além do curso presencial o material ficasse disponível para

download no OhmyNews.

Em 7 de dezembro de 2005 uma terceira experimentação espontânea é feita através da submissão de uma resenha do livro "Opus Dei - os bastidores" com texto original de quatro laudas contendo informações sobre o livro e alguns trechos da obra. Disponibilizou-se três endereços de páginas na internet por onde o leitor poderia obter mais informações sobre o livro e sobre os ex-membros do Opus Dei que escreveram o livro.

Fez-se breve entrevista com um dos autores e foi relatado no texto que ele estava falando para o OhmyNews. O entrevistado, Jean Lauand, sabia que estava dando uma entrevista para uma cidadã-repórter do OhmyNews. Foi anexada a imagem da capa do livro.

Após um longo período de quatro dias de edição, o editor Todd Thacker encaminhou de volta a matéria em arquivo Word com marcações feitas por ele e pela equipe de três jornalistas designada por ele para editar a matéria. As marcações se referiam a trechos da matéria que haviam causado dúvida ou não haviam ficado claros no texto original.

Subject: Re: FW: Welcome, Ana Maria Brambilla !
Date: 11 de dezembro de 2005 23:10
From: Todd Cameron Thacker <newspaperman@gmail.com>
To: Ana Maria Brambilla <ambrambilla@terra.com.br>

Hi Ana,

Here's your edited version... it was hard to edit, actually. I put three people (including myself) on it and there are still questions in green... please read it over and modify the green text to bold or something I can see.

Thanks!

O arquivo enviado pelo editor era o seguinte:

*Book Denounces Opus Dei
Brazilian ex-members of the Work of God Give Depositions
Revealing this world-wide Organization to be Toxic*

@IMG1@

A dangerous game of faith and brainwashing starts with a remarkable pseudo-scientific initiation. Teens invited to study groups in cultural centers are welcomed by famous professors from universities that these boys and girls aspire to enter.

But little by little science takes a back seat to religion. A group of teens is invited to a retreat to hear a lecture by a priest. In his speech the priest will talk about his vocation:

- *Why not devote yourself to God's truth — now?*
- *If you can see your way clearly, follow it. Why don't you dismiss the cowardice that holds you back?*
- *“Go and to preach the Gospel... I'll be with you.” Who said that? — it was Jesus Christ, and He said it to YOU!*
- *Patriotic fervor is praiseworthy, and many men have given their life in service to the military. You can't forget that Christ **blessed** military service and the people who choose it.*
- *God's Kingdom will never end! Wouldn't you be happy to work for a kingdom like this?*

The impressionable boy listening to this lecture probably has never thought about entering a religious order. Maybe he just wanted to get married, have children, and live a life as a good Catholic.

But at a time in his life when he is full of fears and uncertainties, when his personality is still in the process of formation, he now receives a "Call from God." His life henceforth will be a happy thing, because he will sanctify his existence now and in the after-life.

In a nutshell, this is the appeal used by Opus Dei members to get new ones to live the “Work of God.” This is the starting point of the book “Opus Dei — Os Bastidores” written by three ex-members of this Vatican-supported religious organization.

*Dario Fortes Ferreira, Jean Lauand, and Marcio Fernandes da Silva have compiled several months of depositions from people who infiltrated Opus Dei operations around the world, especially in Brazil, where this **personal prelature** of the Catholic Church is at work in twenty states. Today more than two hundred ex-members keep in touch with the authors about their pains and psychological problems. The authors also reproduce their own memories as members. The result is a 230-page work published in Portuguese last October that is attracting media attention all over the world.*

For two weeks this was No. 8 on Brazil's bestseller list, and the title is among the top 10 sellers in big bookstores in various capitals. The authors are already entertaining ideas about making a movie of the book. Twenty thousand have sold already, a significant number for the Brazilian market. Lauand told OhmyNews International that publishers in South Korea, Portugal, Spain, Lithuania, Croatia and Thailand, among others, have shown some interest in bringing out the book.

*Dan Brown's popularizing book, “The Da Vinci Code,” sensationalizes Opus Dei, **as opposed to** the authors of “Opus Dei — Os Bastidores.” Disciplining by self-flagellation and the use of a belt made from cilice to **mortify the flesh**, although substantiated, is not the most serious problem caused by Opus Dei in the lives of its members.*

Sustained in a free-for-all power struggle within the Catholic Church and society at large, Opus Dei has become an end itself. The duty of members is to raise funds for food, to pay center accounts and other expenditures as appointed by the directors, and to keep other members under surveillance. Members must work to convince other teenagers to become Opus Dei members too and lead 'study groups' that serve as a front.

When a man or a woman becomes an Opus Dei member he/she must immediately make a vow of chastity and poverty forevermore. Any questioning of this vocation "will be punished with an eternity in hell," according to one Opus Dei harangue.

The initiate will not become a priest or nun but will study and work according to a very strict schedule laid down by the directors of the center where he/she will live, handing over all earnings to the Order. Even checks must be signed over to the center's directors.

An Opus Dei member cannot have a cell phone or buy clothing without prior permission of the directors. They can't eat anything between meals. They can't phone their families or visit their parents even when sick or needing help without applying to the directors. They must divulge everything they think and feel to the directors, even as insignificant as a colleague's smiling at them. To question the vocation is something almost unforgivable.

They must renounce their blood relations to enter the "supernatural" family, meaning those who live in a center. They can watch TV only once a week and then only news programs censored beforehand. The newspapers and magazines they read arrive in their hands having been censored. Some photos may be censored as "sensual," and ideological articles critical of the Order are off-limits as well. Movies are edited. They can't surf alone on the Internet. If some member opens a browser, he/she must type only the URL he/she wants to visit, and another member must see the content on the screen.

They can't buy or read any book without asking the center's director for permission. When the Catholic Church abolished the Index Librorum Prohibitorum, which was imposed in the Middle Ages, Opus Dei instituted its own Index, blacklisting authors like Jose Saramago, James Joyce, Umberto Eco, Machado de Assis and 99 percent of philosophers since Rene Descartes, such as Kant, Heidegger, Hegel, etc.

The classification of these books can vary from level one — unrestricted, to level 6 — morally(?mortally?) forbidden. This way of classifying books was inherited from the dictatorship of Francisco Franco in Spain. (Opus Dei was created during the same "franquismo" period in Spain by a priest, Josemaria Escriva, on October 2, 1928 (?more like 1938?). Today the Order has 84,000 members in 61 countries.)

Subjected to a daily routine of hours of prayer, ice-cold showers, trying to sleep on a hard wooden board once a week, selling the

Opus Dei publication called “Quadrante” in Brazil, putting in a lot of work at the prelacy centers and a total negation of one’s own desires and personal needs, members present many kinds of disorders: depressive, gastro-intestinal, etc., relating to deep physical and mental exhaustion. Doctors attached to the centers — Opus Dei members themselves — prescribe medications, some very inappropriate. Often, when a member decides to leave the prelacy, he/she will suffer mental and emotional upheavals, e.g., personality disorders and affective instability; and his/her financial condition will be seriously compromised.

On page 45, a deposition from an ex-member reveals: "I know many unhappy and disturbed women who still remain in Opus Dei, giving everything to this organization. I personally witnessed self-mutilation by some of these people, and I still can hear their stifled cries during the night. The oppression and upheavals at mealtimes were routine. Some auxiliary members, for physical reasons, could not work any longer, and had been banished, without explanation, money or any place to go."

Leaving Opus Dei

Considering the exceptional success of “[Opus Dei: Secretly\(?just what is the title?\)](#)” and the large amount of mail received by the authors, one of them, Jean Lauand, created a “Frequent Asked Questions” website about the book. On this site he comments on the difficulty involved in deciding to leave the Order and abandon the prelacy. Lauand cites an interview given by the global “big-boss,” Javier Echevarria, on the Order’s official Web site. Someone asked him:

- Is there is some pressure against a person who wants to leave Opus Dei?

And Mr. Echevarria’s reply is:

- No pressure, absolutely! The doors are open to whoever wants get out and [is closed to whoever wants to become a member\(?this should be checked?\)](#).

In fact, when a member decides to leave Opus Dei he/she suffers more ideological pressure. His/her behavior is compared to that of a traitor, who will be completely unhappy in this life and for all eternity. Even the little things, e.g., drinking a glass of water, will be something as bitter as poison. Lauand also asks how an ex-member can start a life over again at 30, 40 or 50 years of age with no money and few friends — even the network of friends is controlled by Opus Dei — [maybe a professional imbalance \(?not clear?\)](#).

Lauand compares leaving the Order to abandoning a drug addiction or leaving the mafia.

The idea of writing a book like this starts when the authors, working on a website for ex-members, perceived that society needs to be informed about what happen inside Opus Dei. Maybe apparent

approval by the Catholic Church exists because the Vatican is not aware of the barbarity that happens in the centers.

Another goal of this book is to help these ex-members restart their lives, encouraging them into thinking about abandoning the prelacy and showing them that life as a normal person is not bitter as poison...

The last pages of the book are dedicated to initiating legal measures to alert the Catholic Church about the Order's real activities and to bring to justice an organization that has been destroying many lives around the world.

After this book was published, the first about Opus Dei by Brazilian authors, a member's mother, Elisabeth Castejon Lattaro Silberstein, wrote "Opus Dei? The false God's workmanship: An alert to the Catholic Family," which will be released this December 12 in Sao Paulo, Brazil.

Chama-se a atenção para as inscrições na cor verde e para os trechos sublinhados. Tais marcações foram feitas pelos *copy-desks* e pelo editor Thacker em busca de esclarecimentos. O artigo foi corrigido pela autora, os pontos foram refeitos e o material foi novamente enviado à redação do OhmyNews por e-mail.

Três dias depois, em 14 de dezembro de 2005, a matéria sobre o Opus Dei foi publicada e o editor Todd Thacker mandou um mail avisando que o texto estava na *homepage*.



Figura 39: Screenshot da página interna do OhmyNews onde foi publicada a resenha do livro *Opus Dei – Os*

Bastidores.

Já em 22 de dezembro de 2005 a primeira sugestão de matéria que comporia o universo empírico analisado por essa pesquisa chega por meio de uma correspondência eletrônica espontânea enviada pelo editor Thacker:

Subject: *Fwd: News Alert from AlertNet: Brazil opens files on dictatorship's dirty war*
Date: *22 de dezembro de 2005 05:23*
From: *Todd Cameron Thacker <newspaperman@gmail.com>*
To: *Ana Maria Brambilla <ambrambilla@terra.com.br>*

*Dear Ana,
Here is a suggestion for a story... Merry Xmas too!
Todd*

----- Forwarded message -----

From: *alertnet@reuters.com <mailto:alertnet@reuters.com>*
<alertnet@reuters.com>
Date: *Dec 22, 2005 5:44 AM*
Subject: *News Alert from AlertNet: Brazil opens files on dictatorship's dirty war*
To: *alertnet@reuters.com*

Brazil opens files on dictatorship's dirty war
<http://www.alertnet.org/thenews/newsdesk/N21223830.htm>

*--
Todd Thacker
editor, OhmyNews International
todd@ohmynews.com*

O link indicado dava acesso a uma matéria publicada em inglês no *site* AlertNet sobre a abertura dos arquivos da ditadura militar pelo governo federal brasileiro, cujo deadline estava programado para dali a uma semana, ou seja, 31 de dezembro de 2005. A sugestão foi aceita e a cidadã-repórter produziu a matéria a partir de entrevistas com parentes de desaparecidos políticos, releases e notas lançados pela Agência Brasil, a Radiobrás, e cruzando informações veiculadas por outros jornais, estes em língua portuguesa.

O artigo foi submetido um dia depois, em 23 de dezembro de 2005. Um dia depois, a matéria é publicada na véspera de Natal com destaque na *homepage*, onde permanece até o dia 25 de dezembro de 2005. O título e a linha de apoio mais uma vez foram alterados; o texto teve aspectos gramaticais corrigidos e uma alteração na legenda de uma imagem foi solicitada através de e-mail. A alteração foi efetivada no mesmo dia, mesmo após a matéria já ter sido publicada.



Figura 40: Screenshot da homepage do OhmyNews International no dia em que foi publicada a matéria sobre a abertura dos arquivos da ditadura militar no Brasil

Considerando os prazos entre a submissão e a publicação das matérias e artigos, as alterações efetivadas entre o texto original e o texto publicado além da troca de mensagens entre editor e cidadão-repórter, o processo descrito no primeiro item desta análise empírica concretiza-se.

Desde o momento do cadastro, o fato da pesquisadora ser jornalista profissional não alterou o andamento dos trabalhos. A identificação foi feita através do preenchimento do formulário, da concordância com o regulamento do OhmyNews e do envio de cópias frente e verso da carteira de identidade via e-mail.

Aprovado o cadastro, em março de 2005, todas as matérias foram submetidas através do *Reporter Desk*, tal como o processo foi descrito anteriormente. Para além dos fóruns e formulários de publicação, a comunicação interpessoal através de e-mails e instant messengers foi intensa, chegando a oito mensagens de correio eletrônico em um só dia para discutir pautas e fechar a matéria em conjunto. O editor Todd Cameron Thacker tomou a frente de toda esta comunicação referente ao conteúdo do noticiário. Quando os assuntos foram referentes ao funcionamento do *site* ou demais questões administrativas – como o envio das passagens aéreas para o

fórum internacional de cidadãos-repórteres, em Seul e a remessa de cartões de visita – a pessoa designada foi o diretor Jean K. Min.

Nas primeiras semanas de 2006 um jornalista sul-coreano assume a chefia de edição do OhmyNews International. É para Euntaek Hong que são enviadas sugestões de melhoria e críticas ao funcionamento do noticiário. Paralelamente, Thacker segue em contato com os cidadãos-repórteres, especialmente enviando sugestões de pautas com comentários feitos por ele em parceria com Hong.

Neste mesmo período o OhmyNews International lança uma espécie de “concurso” que procura cidadãos-repórteres dispostos a cobrir o desempenho de cada seleção participante na Copa do Mundo da Alemanha, em 2006. É oferecida uma quantia de 100 mil Wons para aquelas matérias que forem julgadas de boa qualidade pela equipe editorial. O “concurso” ainda está em andamento e, para participar, os interagentes são convidados, mais uma vez, a entrar em contato diretamente com o editor Todd Thacker através de correio eletrônico.

É indiscutível a centralização das ações do noticiário na figura de Thacker enquanto editor. A existência de hierarquias mesmo em sistemas abertos que funcionam intercalando ordem/desordem/organização existe, afinal, a manutenção de instâncias com mais poder que as demais assegura que todas as partes sigam em interação. A dependência exclusiva do aval do editor para publicação ou mesmo para outras operações simples, como a correção de uma legenda ou um erro de ortografia na matéria após ter sido publicada sinaliza uma falha no processo aplicado a este noticiário. Isso causa demora nas correções e tira completamente a autonomia do cidadão-repórter uma vez que sua matéria foi submetida à equipe de edição.

6.4 Entrevistas

A partir das informações coletadas através das entrevistas com cidadãos-repórteres (CR), com integrantes da equipe do OhmyNews (OMN) e com pesquisadores do tema (PSQ), alguns tópicos que foram trabalhados ao longo do referencial teórico serão discutidos aqui, considerando simultaneamente as respostas dos três grupos.

Uma seleção de 10 temas referentes às diversas questões levantadas ao longo da discussão teórica sobre jornalismo *open source* foi contemplada nas entrevistas. Inicialmente, o tópico **Ser cidadão-repórter: razões, habilidades e requisitos** traz a opinião oficial do OhmyNews sobre o que espera dos interagentes que se cadastram para colaborar com o *site*. De modo fundamental, ouve-se como os próprios cidadãos-repórteres encaram sua atividade dentro do projeto. Em **Tipos de artigos/pautas no OMN**, um dos aspectos que marcam o envolvimento dos cidadãos-repórteres – interesse pessoal pelas pautas – é reforçado especialmente nas respostas dos cidadãos-repórteres, que relatam os assuntos que mais frequentemente trabalham em seus artigos e matérias. Em **Liberdade de expressão dentro e fora do OMN** propõe-se uma discussão crítica acerca da abertura do noticiário em relação às pautas trabalhadas pelos cidadãos-repórteres. Eles mesmos, além do editor e de pesquisadores do tema fornecem distintos exemplos que evidenciam a relatividade da liberdade de expressão, especialmente dentro do jornalismo *open source*. Em **Relacionamento do jornalismo *open source* com anunciante**, as restrições em relação ao conteúdo publicado são novamente abordadas. Considerando que o OhmyNews é um espaço comercial, sustentado por publicidade, é abordada a polêmica que também se cria no jornalismo tradicional: os anunciantes são capazes de interferir sobre o conteúdo editorial? Em **Política editorial do OMN** é estendida a explicação das regras que orientam o espírito de trabalho dentro do noticiário, especialmente na voz do editor Todd Thacker. Já em **Processo de edição no OMN**, os cidadãos-repórteres voltam à cena e contam como participaram da edição de suas matérias em parceria com os editores. Os diferentes modos como essas parcerias se desenvolvem trouxe à luz o tópico **Formas de interação OMN/cidadão-repórter**, onde são evidenciados os momentos e os modos de conversa que se estabelecem entre os diversos grupos de interagentes que atuam na produção do noticiário.

Em **Valores tradicionais do jornalismo no modelo *open source*** são os pesquisadores que reforçam a discussão ao analisar a pertinência da adoção de ideais

como honestidade, imparcialidade e veracidade pelo noticiário produzido por repórteres amadores. Estes valores conduzem, invariavelmente, à problemática da **Credibilidade**, outro tópico contemplado pelas entrevistas. Neste momento, todos os entrevistados são questionados se acreditam no conteúdo publicado no OhmyNews e em outros noticiários produzidos colaborativamente por jornalistas e por outros públicos.

Por último, atendendo à proposta dos objetivos específicos desta pesquisa, o tópico **Papel do jornalista no jornalismo *open source*** busca saber de todos os entrevistados qual pode ser a função do profissional de imprensa enquanto a soberania da profissão parece ameaçada pelo fato do modelo *open source* legitimar o trabalho de diferentes públicos na condição de repórteres. A íntegra de todas as entrevistas encontra-se transcrita nos anexos desta pesquisa.

6.4.1 Ser cidadão-repórter: razões, habilidades e requisitos

No primeiro tópico das entrevistas tem-se a discussão do cidadão-repórter: razões de ser, habilidades e requisitos. Para além de aspectos práticos, como o preenchimento do cadastro, que se referem exclusivamente ao exercício do jornalismo *open source* no OhmyNews, a visão interna através das palavras do editor do noticiário, Todd Thacker (OMN) é que o cidadão-repórter seja uma pessoa informada, engajada e apaixonada pelo que escreve. Outras habilidades como ter um olhar objetivo, saber trabalhar com citações fortes não são prioritários na opinião do editor. Já o *ex-copy-desk* Jason Sparapani (OMN) vê a necessidade absoluta destes atributos em um cidadão-repórter. Para ele, as habilidades dos diferentes públicos em nada devem diferenciar dos profissionais. Sparapani fala de um comprometimento, da objetividade, de um interesse afiado em questões nacionais e internacionais que possam se tornar notícias.

O *ex-copy-desk* não diz como as pessoas devem ser preparadas para o desenvolvimento destas habilidades, porém. Estaria Sparapani dizendo que objetividade e saber articular declarações de diferentes fontes seriam atributos inerentes de qualquer pessoa que desejasse se tornar cidadã-repórter? O Indymedia, por exemplo, oferece cursos de preparação aos públicos que desejam aprender técnicas básicas de redação jornalística para colaborarem com o *site*. Tal prática pode ser compreendida de duas maneiras: busca pelo aperfeiçoamento do jornalismo *open source* ou completa banalização da atividade jornalística. Crê-se que tais cursos não

se pretendam subsítutos de formação superior em jornalismo mas se encaixem na proposta mais adiante citada por Iggers (PSQ) de que os jornalistas profissionais devem ajudar os cidadãos-repórteres a trabalharem melhor seus textos. Isso jamais proveria plenamente os cidadãos-repórteres dos conhecimentos de um jornalista quanto ao preparo de um texto.

Analisando as respostas dadas pelos cidadãos-repórteres sobre o que os move à atividade, percebe-se que o viés de um envolvimento passional, conforme relatado por Thacker (OMN), é recorrente. Stephanie (CR) fala do “entusiasmo” que sente devido ao fato de seus artigos serem lidos por milhares de pessoas. Ela destaca ainda que o exercício do jornalismo *open source* faz com que ela “seja alguém”. O sentimento de inclusão em um cenário até então dominado e restrito apenas aos jornalistas é um dos combustíveis mais fortemente registrados pelas respostas. Kim Hyung-Soon (CR) declara que desejava ter uma vida participativa, sem sentir-se ausente em uma sociedade democratizada onde pudesse compartilhar aspectos culturais. O acesso à informação e ao conhecimento de alta qualidade também o motivaram a se tornar um cidadão-repórter.

A sensação de ser ouvido, de não ser relegado à condição de um leitor passivo no processo de notícias levou Erich Moncada (CR) a se tornar cidadão-repórter. Participar, tornar pública a própria opinião, não ter limites para manifestar-se são razões que se fazem comuns entre Moncada e María Pastora Sandoval Campos (CR) que, ainda em formação de jornalismo, já desejava escrever como uma jornalista profissional.

Roberto Spiezio (CR) confessa que dar sua contribuição para informar as pessoas sempre havia sido algo “atraente”. Ele destaca que sempre gostou de jornalismo e, com isso, revela que alguma mudança foi necessária para que despertasse ainda mais atração pela atividade.

A mudança que possibilitou a Spiezio tornar-se um autor de notícias levou Pierre Joo (CR) a alcançar dois objetivos bastante definidos: confrontar publicamente seus escritos com os de um grande número de pessoas e aprimorar seus conhecimentos acerca de relações entre a Europa – seu continente-natal – e a Ásia. Percebe-se que, no cerne das razões apresentadas por Joo estão benefícios pessoais, assim como confessa Alex Krabbe (CR), a quem a participação no OhmyNews se instituiu como uma boa alternativa para aprender inglês. Um cidadão-repórter que optou pelo anonimato nesta entrevista (CR) procurava maior audiência para seu

trabalho. Deste modo, uniu forças com o OhmyNews e conquistou o espaço midiático que desejava.

O envolvimento pessoal ou o sentimento de coletividade sai de cena quando Omid Habibinia responde, curiosamente, que não desejava se tornar um cidadão-repórter, ainda que o seja. A razão para isso ter acontecido foram pedidos de Todd Thacker para que ele escrevesse artigos ao OhmyNews.

Três correntes básicas se fazem presentes entre as razões que movem a atividade de um cidadão-repórter: o desejo de pertencimento a uma coletividade, aprimoramento de habilidades individuais e a mera resposta à solicitação da atividade. Pode-se afirmar que as duas primeiras razões correspondem à passionalidade erguida por Thacker (OMN) como o combustível que move os cidadãos-repórteres.

Recordando uma idéia central das comunidades de desenvolvedores de *open source software*, onde os colaboradores envolvem-se de modo voluntário nos projetos de aprimoramento dos códigos e verificação de funcionamento dos programas, tem-se um elemento bastante semelhante com o que move estes interagentes a se tornarem cidadãos-repórteres: a satisfação pessoal. Para que isso ocorra, é fundamental que os temas abordados pelos interagentes em suas matérias, artigos, notícias sejam compatíveis com aquilo que lhes interessa. Cabe lembrar ainda Simon (2000) que, trabalhado no item 6.1 desta pesquisa, destaca o prazer do internauta em não apenas usufruir mas também contribuir com suas próprias produções com o material disponível no ciberespaço. O autor falava da criação cooperativa de bens de informação, retomando a idéia do folclore e da linguagem – bens de informação igualmente construídos por uma coletividade ao longo da história.

6.4.2 Tipos de artigos/pautas no OMN

A questão sobre este tema foi repassada aos cidadãos-repórteres de modo aberto, buscando entender genericamente que tipo de pauta abordam em seus trabalhos para o OhmyNews. Critérios subjetivos como “gostar” ou não dos temas não caberia ser julgado neste momento. A proximidade dos cidadãos-repórteres com as pautas, enfim, foi o indicativo predominante do envolvimento destes interagentes com o trabalho que desenvolvem.

Joo (CR), residente na França, disse abordar questões sociais de seu país além de tópicos culturalmente relevantes no cenário nacional como a tradição do vinho e do jazz. Campos (CR), chilena, costuma tratar de temas latino-americanos em

seus artigos, especialmente relacionados à política, economia, relações internacionais do Chile com outros países além de aspectos culturais e gastronômicos de seu país. Moncada (CR) também confirma esta tendência ao pautar seus trabalhos pela política, música e gastronomia de sua terra-natal, o México. O iraniano Habibinia (CR) costuma escrever sobre política e sobre seu país de origem na maior parte dos artigos que submete ao OhmyNews.

Ainda que o alemão Krabbe (CR) não diga especificamente refletir assuntos germânicos em seus artigos, confessa escrever somente sobre aquilo que gosta. É interessante salientar que entre as pautas relatadas por este cidadão-repórter estão as reportagens médicas. Krabbe é estudante de medicina na Alemanha e, no OhmyNews, une a participação num processo informativo midiático com conhecimentos específicos de sua área de maior conhecimento. Theng (CR) soma-se a essa corrente ao balizar suas pautas por assuntos que fazem com que a vida seja “fascinante” – e acrescenta: “ao menos para mim”. A resposta desta cidadã-repórter de Singapura retrata com a singeleza de um leigo em jornalismo o que de melhor pode fazer. Theng coleta informações do dia-a-dia, de pessoas que vivem na rua, que viajam o mundo e contam histórias de vida fora do convencional. O elemento “cotidiano” confirma presença neste modelo de jornalismo que se pretende próximo das singularidades de cada pessoa.

O sul-coreano Hyung-Soon (CR) conta que, quando criança, sonhava em ser pintor. Sua ligação com as artes plásticas já era íntima e por onde quer que andasse percebia as cores, as formas, os aspectos de cada ambiente, de cada objeto. “Tudo é belas artes para mim. (...) eu sempre estou apaixonado por todos os tipos de belas artes”, declara. Parece não haver, para Hyung-Soon, gênero mais adequado que a crítica de arte. Assim, toda a vez que este cidadão-repórter sul-coreano visita um museu, um centro cultural ou qualquer outro espaço de arte, transforma sua visita em um artigo ao OhmyNews. Fala sobre aquilo que vê e que, não por acaso, é o que mais lhe desperta a atenção.

O estilo de texto trabalho por Hyung-Soon se encaixa no padrão de trabalho do cidadão-repórter do OhmyNews segundo a concepção da equipe interna do noticiário. Thacker (OMN) admite que o padrão textual para os cidadãos-repórteres é o texto de opinião, que recebe espaço entre as notícias mas pode ser falho em muitos níveis. Nessa hora entram os editores e *copy-desks* para auxiliar o autor voluntário a melhorar o próprio texto.

O próprio fundador do OhmyNews, Oh Yeon Ho (OMN), admite que os cidadãos-repórteres são responsáveis pelas *soft-news* e que os jornalistas profissionais, da equipe interna da redação do noticiário dá conta de pautas sobre política, economia, questões internacionais. Ainda que esse modelo não seja tão rígido quanto parece nas palavras de Yeon Ho, o jornalista vê nessa combinação de estilos um diferencial positivo ao OhmyNews.

Essa interação acontece por diferentes caminhos. O mais usual é o jornalista, na condição de editor ou *copy-desk* corrigir o texto, apontar trechos que ficaram mal-compreendidos ou requerem mais detalhes e enviá-lo de volta ao seu autor por e-mail, solicitando que retrabalhe aqueles pontos e submeta novamente à redação. Noutros momentos, a correção é arbitrária por parte do jornalista profissional e o texto do cidadão-repórter é publicado com as alterações feitas, sem que as tenha aprovado ou não. Cabe ressaltar que este processo de edição se aproxima – senão iguala-se – ao praticado pelo jornalismo tradicional. A diferença, mais uma vez, fica por conta de que, no OhmyNews, não são apenas os jornalistas funcionários da redação que produzem o conteúdo a ser trabalhado em parceria com os editores.

Yeon Ho (2005b) confirma o padrão apresentado por Thacker, destinando o espaço das chamadas *soft news* aos cidadãos-repórteres e limitando a produção de *hard news* aos jornalistas profissionais. O criador do OhmyNews garante que há um ganho editorial em incorporar material informativo de menor teor político – como resenhas de livros, filmes, críticas de arte, crônicas –, pois é neste material que estão histórias exclusivas que, provavelmente, nenhum outro periódico terá acesso. Porém, como se viu nas respostas de alguns cidadãos-repórteres, pautas de política, economia e relações internacionais que comporiam o estilo *hard news* também são trabalhadas pelos interagentes voluntários. Thacker (OMN) admite que esse tipo de notícia é melhor trabalhado por repórteres profissionais, mas nem sempre. O editor confessa espantar-se frequentemente com a qualidade do material rico em detalhes enviado pelos cidadãos-repórteres. Além disso, Thacker aponta mais uma vez a proximidade como diferencial do acesso à informação e, portanto, à qualidade da cobertura: os cidadãos-repórteres “são testemunhas oculares de eventos que geralmente só foram vistos pelos repórteres depois de acontecerem”. Enquanto a reportagem convencional desloca equipe ao local do fato obviamente após ter ocorrido, o cidadão-repórter transforma em notícia aquilo que presenciou, que viveu. Não se pode cobrar de um modelo de jornalismo assim, porém, compromisso com qualquer cobertura. É impossível prever onde estarão as pautas no caso de fatalidades. Daí a importância de

que cada cidadão seja um repórter e as cidades estariam cobertas midiaticamente em sua totalidade. Este cidadão que testemunha o fato a virar notícia não é abandonado à própria sorte, exigindo de seu trabalho um profissionalismo que não existe. Para isso, Thacker salienta o trabalho em cooperação entre profissionais e outros públicos para que uma mesma pauta ofereça um olhar mais compreensivo e plural aos leitores.

O OhmyNews conta ainda com cidadãos-repórteres com formação específica em jornalismo. Nem por isso deixam de ser cidadãos-repórteres, pois trabalham espontaneamente, não possuem vínculos empregatícios com o OhmyNews e são igualmente convidados a pautar seus trabalhos por aquilo que acontece em seus entornos. Ao invés da participação do jornalista profissional no jornalismo *open source* contribuir para a repetição de formatos convencionais de noticiário, Sparapani (OMN) percebe que cada um deles executa seu trabalho de acordo com os próprios moldes, compondo assim uma extensa gama de valores e modos locais de se fazer jornalismo. “Eles também trazem vários modelos profissionais para a mesma mesa e podem, talvez, ser excelentes modelos para construir o jornalismo cidadão”, analisa. Mesmo para esse grupo de colaboradores, formados em jornalismo, ainda que atuem oficialmente como cidadãos-repórteres, a flexibilidade do trabalho permite que façam tão-somente aquilo que lhes interessa. Mais uma vez, a passionalidade, o envolvimento pessoal com as pautas e o domínio que exerce sobre cada uma delas desperta-lhes condições mais apropriadas para executar o trabalho. Afinal, é muito mais fácil e prazeroso escrever sobre aquilo que se tem conhecimento e, mais ainda, sobre algo que diz respeito diretamente ao autor.

Este traço característico do jornalismo *open source* – de que os cidadãos-repórteres só trabalham com as pautas que lhe despertam interesse pessoal – difere substancialmente do modelo de trabalho que compõe a rotina dos jornalistas dos *media* de massa. Na redação de um jornal, por exemplo, o editor participa de uma reunião de pauta de manhã cedo onde recebe os assuntos que serão trabalhados pelos repórteres de sua equipe. A orientação é completamente verticalizada. Não há como o repórter dizer que não irá fazer tal matéria porque não gosta ou não se interessa pela pauta.

Esta situação remete a um dos preceitos que Raymond (2002) coloca à produção de *software* comparando funcionários de uma grande empresa do ramo, como a Microsoft, e o envolvimento de integrantes de comunidades de software de código aberto. No item 6.2 desta pesquisa trabalhou-se que, de acordo com Raymond, um bom trabalho começa pelo interesse pessoal de seus desenvolvedores. Isso

pareceria óbvio, se ocorresse na maioria das empresas de engenharia de software, cujos programadores são contratados para atender às demandas de um mercado – e não às próprias demandas. Admitindo este preceito ao jornalismo *open source*, a tendência é de se ter um noticiário melhor elaborado já que os cidadãos-repórteres não são obrigados a escrever aquilo que um editor manda, mas escolhem suas pautas de acordo com o que desejam abordar.

6.4.3 Liberdade de expressão dentro e fora do OMN

Se a maior parte das respostas dos cidadãos-repórteres se referiu ao desejo de envolvimento com um projeto onde mais pessoas se engajem no processo de informação, resta saber se este objetivo é atingido. Além de estarem formalmente autorizados a participar de um projeto como o OhmyNews, esses cidadãos-repórteres deveriam dispôr de condições básicas para atuarem nele. Destaca-se, aqui, como uma destas condições básicas, a liberdade de expressão, que remete à história da imprensa como uma das maiores conquistas da atualidade.

Questionados sobre a existência de liberdade de expressão no jornalismo *open source* e, especificamente, no OhmyNews, os três grupos manifestaram opiniões por vezes contrárias entre si. Thacker (OMN), o editor do noticiário, como se poderia esperar, garantiu que os materiais opinativos são inteiramente respeitados pela equipe do OhmyNews. Sparapani (OMN) amplia essa liberdade a qualquer assunto que não seja ficção. A liberdade é natural, segundo Thacker (OMN). Ainda assim, faz a ressalva de que, se o material enviado pelo cidadão-repórter é do estilo *hard news*, então elas precisam se adequar ao padrão de prática do jornalismo.

Será este padrão de prática do jornalismo compreendido pelos cidadãos-repórteres como restrição à liberdade de expressão? Theng (CR) não se considera totalmente livre para escrever o que quiser, sob pena de não ter seu artigo publicado. Para ela, textos cujos inícios estão mal-estruturados não são bem recebidos pela equipe do OhmyNews. Krabbe (CR) já percebe dificuldades na aceitação de sátiras ou conteúdo irônico nos artigos. Além disso, temas como sexo não são bem-vindos pela equipe editorial. O cidadão-repórter justifica estas restrições com o fato da Coréia do Sul ser um país ainda conservador e, devido a isso, tem dificuldades em publicar notícias e pautas fora dos padrões. Erik Moeller (PSQ) é incisivo ao afirmar que, no OhmyNews, não há liberdade para o cidadão-repórter escrever o que deseja, uma vez que o noticiário só publica ou promove certas matérias conforme um filtro próprio.

Apesar deste grupo ter apresentado razões diversas que demonstram a falta de liberdade em manifestar-se, um grupo maior de entrevistados respondeu que há liberdade absoluta na escolha de temas e redação de artigos. Destaca-se a resposta fornecida por Hyung-Soon (CR), que juntamente à liberdade, admite ser “total e infinitamente responsável” pelas abordagens nas notícias. Liberdade, para este cidadão-repórter, está claramente relacionada à responsabilidade, tal como sugere o acordo de atividades do OhmyNews.

Entre os pesquisadores do tema, a liberdade estaria garantida no trabalho do cidadão-repórter, mas com ressalvas que remetem ao processo editorial que persiste no jornalismo *open source*. Jorge Rocha (PSQ) afirma que a prática cotidiana de sistemas colaborativos apontam para a liberdade de expressão. Porém, é preciso levar em conta um conjunto de fatores como a linha editorial e a capacidade de diálogo entre os interagentes que irão condicionar o nível dessa liberdade. Suzana Barbosa (PSQ) corrobora a visão de Rocha ao afirmar que a linha editorial do noticiário acaba balizando a ação dos colaboradores. A pesquisadora vai além e chega a definir que, quando não há liberdade para se escrever o que se deseja, o projeto deixa de ser cívico, dialógico, de fonte aberta (*open source*).

A responsabilidade aliada à liberdade, anteriormente citada por Hyung-Soon (CR) é retomada na resposta de Moeller (PSQ) que acredita haver liberdade irrestrita para qualquer pessoa escrever o que deseja, desde que sofra consequências legais ou pessoais. Para o pesquisador, aliar-se a uma comunidade específica de conteúdo colaborativo como o OhmyNews pode ser uma maneira de se proteger contra as respostas. Já Jeremy Iggers (PSQ) quando questionado se os cidadãos-repórteres dispõem de liberdade para manifestarem-se em seus trabalhos delega a responsabilidade ao noticiário e não ao cidadão-repórter, como afirmou Hyung-Soon (CR). Para Iggers, um jornal responsável só irá publicar matérias que estejam sob os padrões de exatidão e confiabilidade.

Catarina Moura (PSQ) já apresenta um novo viés para explicar a ocorrência de liberdade no jornalismo *open source*. Para a pesquisadora, a liberdade dos cidadãos-repórteres pode representar-lhes uma porta para darem vazão a interesses particulares, como os da empresa onde trabalham. Esse tipo de interesse ocorre também com os jornalistas profissionais, de acordo com Moura. O fato dos cidadãos-repórteres não estarem vinculados a uma empresa tradicional de comunicação não os isenta de um comportamento que vise o auto-favorecimento. Ainda assim, a desvinculação do cidadão-repórter a uma estrutura empresarial pode

ser um ponto positivo no que toca ao alcance da liberdade individual, uma vez que não deve obediência tampouco está subordinado a chefes que condicionarão o seu sustento.

É importante lembrar que situações de subordinação na mídia tradicional não se limitam aos repórteres chefiados por editores ou diretores das empresas onde trabalham. Outra forte pressão que os profissionais de imprensa sofrem – e os veículos, em geral – vem da publicidade. Uma das maiores fontes de renda dos *media*, o anunciante acaba ocupando, por vezes, o topo da cadeia comunicacional de mão única, conforme mostram Bowman e Willis (2004), propondo a estrutura anunciantes-emissor-meio-mensagem-receptor.

6.4.4 Relacionamento do jornalismo *open source* com anunciante

Quando o noticiário produzido de forma colaborativa conta com anunciantes – caso do OhmyNews – como acontece essa relação entre publicidade e notícia? Focalizando no OhmyNews, cabe lembrar que se trata de um noticiário comercial, ou seja, conta com a verba da publicidade de grandes empresas sul-coreanas de tecnologia ou finanças. Questionado sobre a possibilidade de interferência dos anunciantes sobre o conteúdo das notícias, Thacker (OMN) garantiu que esse tipo de influência não ocorre em nenhuma situação. O editor esclarece que o grupo Samsung, por exemplo, é um dos grandes anunciantes do OhmyNews mas, ainda assim, a equipe de editores e copy desks está preparada para publicar um material que manifeste idéias negativas à companhia.

Analisando a situação de modo genérico, Anabela Gradin (PSQ) sugere uma possível vulnerabilidade do cidadão-repórter. Na condição de amadores, eles poderiam ser mais facilmente manipulados devido à inexperiência em lidar com restrições editoriais deste gênero. Por outro lado, a pesquisadora ressalta que a falta de vínculo empregatício e a independência econômica destes cidadãos-repórteres com o veículo e, conseqüentemente, com os anunciantes deste veículo podem ser fatores positivos para que haja maior liberdade na exploração de pautas que tratem de fatos negativos ocorridos em empresas de grande porte. A pulverização da informação promovida pela grande quantidade de *sites* noticiosos, para Gradin, torna mais difícil o controle e o silenciamento de pautas que possam prejudicar a imagem de grandes anunciantes.

Restringir as pautas e abordagens de qualquer natureza faz parte da política editorial do noticiário. Assim Rocha (PSQ) entende que qualquer espécie de censura ou restrição é uma questão política. Como em qualquer noticiário, estas premissas políticas devem se enquadrar em uma “linha editorial cidadã” quanto aplicada ao jornalismo *open source*. A concepção dessa linha editorial cidadã é o modo apontado pelo pesquisador para que anunciantes ou qualquer outra instância política interfira de modo censor sobre o material produzido pelo cidadão-repórter. Trata-se de uma espécie de garantia que, para Rocha, é “o mínimo que se deve esperar de uma publicação que trabalhe com os princípios do jornalismo *open source*”.

Adequação entre linha editorial, publicidade e credibilidade da informação sempre sinalizou um ponto polêmico na atividade de imprensa, segundo Barbosa (PSQ). Enquanto um negócio, o noticiário busca atender às demandas do mercado sem descuidar da qualidade e, sobretudo, da credibilidade e da fidelidade das informações que veicula. Fidelidade esta que se manifesta na coerência da linha editorial com as mensagens veiculadas. O maior desafio, nessa hora, parece assumir uma linha editorial que admita que pautas sobre anunciantes não sejam desenvolvidas de modo a prejudicá-los.

6.4.5 Política editorial do OMN

No OhmyNews, a política editorial é chamada “open-progressivism”, ou “progressiva-aberta”. De acordo com Thacker (OMN) o propósito maior desta política editorial é o balanceamento dos perfis ideológicos dos noticiários na Coreia do Sul. Quando o jornalista Oh Yeon Ho criou o OhmyNews, o cenário midiático sul-coreano enfrentava uma disparidade de 80-20% em favor de veículos filiados a correntes conservadoras. Com as atividades do OhmyNews essa proporção se modificou para 70-30% ainda em favor das empresas conservadoras. Essa mudança, ainda que sutil mas em expansão, ocorreu através de uma linha editorial que ambiciona a cobertura global e o livre acesso à manifestação de idéias. O *open-progressivism* sustenta-se ao permitir que cidadãos residentes em países como Irã e Nepal – onde os mercados editoriais são muito restritos e oferecem risco de vida aos repórteres profissionais – possam declarar ao mundo o que acontece em seus territórios sem o medo de serem presos ou terem de pagar multas por aquilo que manifestam.

Ao que parece, a política editorial do OhmyNews está balizada na abertura de espaços para publicação, na libertação de normas que até então

restringiam a publicação de determinadas pautas. Ainda assim, nenhuma referência direta aos anunciantes é feita.

Enquanto Moura (PSQ) parece conformar-se com a existência perene de restrições e censura em espaços informativos devido aos anunciantes, Iggers (PSQ) condiciona essa situação a quem ocupa o poder de administração de um veículo. Para o professor, se um jornal, por exemplo, é administrado por jornalistas, é possível que sejam aceitos anúncios sem que estes afetem a confiabilidade das notícias. Por outro lado, se um jornal é administrado sobretudo por homens de negócio, a primeira meta é gerar lucro, o que pode prejudicar a credibilidade do conteúdo. Moeller (PSQ) também acredita que a influência dos anunciantes sobre o conteúdo do noticiário *open source* pode depender de algumas variáveis. Na visão do pesquisador o que interessa é a importância e o peso de determinadas empresas. Se essas companhias forem locatárias de grandes espaços publicitários, então certamente elas exercerão forte influência sobre algum conteúdo que venha a prejudicar-lhes.

Buscando exemplificar estas visões no OhmyNews, há uma certa dificuldade em identificar objetivamente o administrador do noticiário como jornalista ou homem de negócios, de acordo com a classificação de Iggers (PSQ). Repórter por vocação e formação, Yeon Ho, criador e diretor do noticiário sul-coreano, tornou-se muito mais um administrador do veículo ao gerenciar uma equipe de profissionais e outra de cidadãos-repórteres espalhados por todo o mundo. Não há registros de materiais produzidos por Yeon Ho na versão internacional do OhmyNews. Isso não aponta definitivamente que o noticiário visará tão-somente lucro em suas atividades, desprezando o compromisso com a informação. Ao contrário, considerando a formação do diretor, imagina-se que a orientação administrativa e econômica priorizem o conteúdo editorial ao publicitário. Ao longo desta pesquisa não foram registrados casos de matérias reprovadas por conterem mensagem negativa à imagem de um dos anunciantes. Essa hipótese, porém, não pode ser descartada em um trabalho científico que tenha esta questão como um dos objetivos.

6.4.6 Processo de edição no OMN

Se a palavra final sobre o conteúdo do noticiário ainda é da equipe de editores do OhmyNews, cabe analisar como acontece este processo de edição e como os cidadãos-repórteres lidam com ele. Thacker (OMN) explica que, tão logo uma matéria chega aos editores através do *Reporter Desk*, ela é enviada aos *copy-desks*

com comentários e sugestões de melhoria. Se uma matéria for rejeitada, o editor deve enviar uma mensagem ao cidadão-repórter explicando brevemente as razões que fizeram com que sua matéria não fosse aprovada. Além disso, são dadas recomendações para o cidadão-repórter melhorar seu desempenho nos próximos trabalhos. Yeon Ho (OMN) confirma essa descrição do processo editorial ao confessar que a equipe do OhmyNews dedica longo tempo à checagem de várias informações, mesmo referentes à correção gramatical dos textos. O fundador diz privilegiar histórias de vida misturadas a pautas de *hard news*, pois essa fórmula daria força às matérias. Yeon Ho, porém, não cita a atitude do OhmyNews referente à resposta dada ao cidadão-repórter caso uma matéria não seja publicada.

Krabbe (CR), porém, tem uma história diferente para contar. Certa vez enviou um artigo que foi publicado como item de fórum público – *Talk-Back*. Tratava-se de um artigo onde o cidadão-repórter falava sobre o ajudante do assassino de Margret Hassan por terroristas, no Iraque, em 18 de novembro de 2004. O artigo foi rebaixado a um comentário no fórum e o autor não recebeu qualquer explicação do porquê essa decisão foi tomada. Moncada (CR) descreve situação parecida quando escreveu uma crítica negativa referente ao *OhmyNews International Citizen Reporters' Forum*, realizado pelo OhmyNews em Seul, em junho de 2005. Assim como a matéria de Krabbe, o texto de Moncada foi desviado a uma discussão do fórum do noticiário, ao invés de ser publicada na condição de pauta. Ao contrário de Krabbe, Moncada recebeu uma razão do editor Thacker, que acusou a matéria de estar datada. Mesmo que não tenha recebido o status de uma matéria ou mesmo de crítica, segundo o autor, o texto foi amplamente visitado. Um cidadão-repórter norte-americano que deseja não se identificar afirmou ter um artigo rejeitado. O trabalho falava do relacionamento entre os Estados Unidos e o Japão. Assim como para Krabbe, o OhmyNews não forneceu qualquer razão da desaprovação para este interagente. Todos os demais cidadãos-repórteres entrevistados nunca tiveram um artigo de sua autoria negado.

Seguindo a descrição do processo de edição de acordo com a explicação de Thacker (OMN), quando uma matéria é aprovada, é enviada de um dos três *copy-desks* ao editor. Ele é que irá deliberar sobre o uso das fotos, ajustará o *layout* da página, definirá manchete e linha de apoio de acordo com o estilo do OhmyNews e, por fim, irá publicar a matéria de acordo com a sua importância (se no topo da *homepage*, se no topo de uma seção e assim por diante).

Sparapani (OMN) lembra de quando trabalhava como *copy-desk* do OhmyNews. Sua atividade era pesquisar e corrigir possíveis erros de informação contidos nas matérias. O estilo utilizado por ele para editar as matérias seguia os padrões da Associated Press, ao qual muitos cidadãos-repórteres não estão familiarizados em relação à gramática, uso e organização das notícias. Em geral, estas adequações não são repassadas aos seus autores antes da publicação, o que faz com que muitas informações sejam lançadas à rede unicamente com a visão do editor ou do *copy-desk* que trabalhou aquela matéria, soberanamente. Questiona-se, portanto, onde fica o processo de interação mútua neste trâmite? Se um cidadão-repórter escreve uma matéria, repassa aos editores e estes a publicam conforme entenderam, sem esgotar as lacunas de compreensão junto ao seu autor, o processo que se tem é semelhante ou talvez até mais arbitrário do que o praticado no jornalismo tradicional, entre repórteres e editores. O diferencial aqui, mais uma vez, é que o trabalho do repórter é assumido por alguém sem formação profissional. A soberania de um editor do OhmyNews pode ser comparada à desempenhada por um editor convencional no que toca à decisão final. O trabalho de edição produzido sobre as matérias enviadas pelos cidadãos-repórteres não é inquestionável, mas ele sempre existirá e será condicionante para que o conteúdo seja publicado ou não.

Ao longo desta pesquisa registrou-se de modo informal opiniões de jornalistas ainda insatisfeitos com a existência de editores mesmo num jornalismo que tem características *open source*, como o caso do OhmyNews. As hierarquias, presentes em tantos espaços da atividade jornalística, desempenham ora o papel rígido de controle que pode manipular o conteúdo dos noticiários, ora a função necessária de organização para que haja credibilidade sobre a mensagem de um veículo. Quando o poder de decisão é compartilhado com o público, encontra-se um modelo de edição mais próximo da idéia do *open source*. No OhmyNews essa edição pode ser entendida de modo compartilhado porque, ainda que os editores tenham a palavra final, eles atuam sobre um material produzido fora da redação, de modo espontâneo por um cidadão-repórter.

Questionados sobre as mudanças que seus textos sofreram quando passaram por este processo editorial, os cidadãos-repórteres responderam, em sua maioria, que houve alterações pequenas em relação ao trabalho original submetido. Cores de fontes, itálicos, títulos, reescrita de frases de modo mais claro, correções gramaticais no inglês, questões de estilo compõem o leque de mudanças provocadas pelo processo de edição. Destaca-se a resposta de Campos (CR), que lembra da

ocasião em que o editor solicitou que reescrevesse um trecho de sua matéria para que se tornasse melhor compreensível.

Alterações no formato, ajustes de termos, correções gramaticais ou mesmo reformulações do texto são processos que, apesar de estarem sob responsabilidade dos editores do OhmyNews acabam acontecendo em parceria com os cidadãos-repórteres. Conforme abordado anteriormente, o OhmyNews considera importante que jornalistas profissionais e cidadãos-repórteres trabalhem em parceria. Devido a isso assumem o risco de manter público um artigo mesmo que não tenha sido completamente revisado e aprovado. Para que um processo de trabalho relativamente horizontalizado como este aconteça, onde a notícia se faz, algumas vezes, no diálogo ainda que um editor tenha a palavra final, é necessário que os diversos grupos que integram o OhmyNews estejam em contato constante.

No item 2.1.1 desta pesquisa, quando se estudava a necessidade de integração das partes componentes do processo comunicacional para fins de análise científica de acordo com princípios da complexidade moriniana, mencionava-se que essa conjugação não ficaria impune às hierarquias ao longo do processo. No processo de edição do OhmyNews vê-se claramente essa hierarquia se mantendo, determinantemente, na produção do noticiário. Ainda ao longo desta pesquisa, no item 6.1, a manutenção de hierarquias foi exemplificada na figura de Linus Torvalds, criador do sistema operacional Linux, que ainda hoje dá a palavra final sobre qualquer alteração no *kernel* do programa, ou seja, na parte onde está centralizada a configuração determinante para seu funcionamento. Viu-se, com isso, que apesar da soberania de Torvalds, o caráter aberto da produção do *open source software* não se extingue, ao contrário. Seria necessário, portanto, a existência de um poder centralizado para que seja mantida a ordem na comunidade e para protegê-la do ataque de vândalos. Deste modo, a soberania da palavra do editor no noticiário OhmyNews não exclui a possibilidade de qualquer cidadão se tornar um repórter, apenas a condiciona segundo critérios que servem para manter a credibilidade, a organização e o funcionamento do projeto.

6.4.7 Formas de interação OMN/cidadão-repórter

De acordo com o editor Thacker (OMN), 10 editores estão trabalhando em Seul sobre cerca de 200 matérias recebidas diariamente. Mais uma vez, o editor afirma que o envio de notas explicando as razões de uma matéria não ter sido

publicada faz parte do trabalho de sua equipe. Mas nesta altura da entrevista faz a ressalva: “quando conveniente”. Este contato com os cidadãos-repórteres acontece também quando falta alguma informação importante na matéria ou quando o trabalho precisa de mais algum esclarecimento para se tornar publicável. Obviamente a interação entre editores, *copy-desks* e cidadãos-repórteres é mais fácil dentro do território sul-coreano, onde basta uma ligação telefônica para resolver o impasse. No OhmyNews International, porém, a equipe de editores está lidando com cidadãos-repórteres de diversas partes do mundo, em diferentes fusos-horários e que podem não dominar plenamente a língua inglesa. São cerca de 600 cidadãos-repórteres nessas condições e a maioria deles opera em máquinas alugadas em cybercafés. Não estão disponíveis ao tempo todo, portanto, para interagir com a equipe do OhmyNews. Meios de interação assíncronos como o e-mail, então, são largamente utilizados. Conversas em voz ou texto via *instant messengers* também ajudam nessa operação. Sparapani (OMN) confessa que uma pequena parte dos cidadãos-repórteres que não estão na Coreia do Sul tem contato frequente com os editores. Para isso, a conferência do verão – OhmyNews International Citizen Reporters’ Forum – é importante.

Nas modalidades de interação acima descritas, conforme menção feita por Thacker e Sparapani (OMN) ao longo das entrevistas, percebe-se a ocorrência de interação mútua ao se tratar, em todos os casos, de um diálogo que se estabelece entre cidadãos-repórteres e equipe do OhmyNews tendo a notícia ou o artigo em questão. Para além disso, cabe retomar os tipos de interação que ocorrem ao longo de todo o processo de publicação pelo cidadão-repórter, que ocorre através do *Reporter Desk*.

O primeiro contato que o internauta estabelece com o OhmyNews é de interação reativa, uma vez que acessa o *site* como qualquer outro e navega por páginas previamente programadas, cujos links e conteúdo são inalteráveis. Ao iniciar o requerimento de seu cadastro como cidadão-repórter, o interagente ainda está envolvido num processo de interação reativa. Como visto no item 10.1.2 desta pesquisa, a solicitação de cadastro consiste, num primeiro momento, no preenchimento de formulário, concordância com os termos de funcionamento do projeto e envio de documentos. Até então, nenhum elemento humano do outro lado da mensagem se manifestou; não houve diálogo tampouco negociação para o interagente se tornar cidadão-repórter em condições que não fossem aquelas estabelecidas pelo *site*. Uma vez aceito, o cidadão-repórter passa a ter acesso a espaços do OhmyNews onde ocorre interação mútua, como o Reporters’ BBS, o News Room e a área de submissão de artigos. Nestes três ambientes oficiais de conversação se estabelecem

diferentes fluxos de mensagem considerando que o diálogo não só evolui por trocas constantes entre os interlocutores mas envolve uma coletividade de interagentes, afinal, os fóruns e as matérias submetidas, mesmo ainda não aprovadas, estão visíveis a qualquer cidadão-repórter cadastrado no projeto.

De modo especial, a submissão de artigos é uma etapa do processo que se desdobra em outros estágios de interação, ao contrário dos fóruns que não deixam seus espaços de origem, ou seja, ficam alocados em espaço independente à notícia. Quando uma matéria é comentada, corrigida pelo editor ou pelos *copy-desks* e devolvida ao seu autor com vistas a melhorá-la, o processo de interação que se estabelece é claramente mútuo, pois consiste em uma negociação de conteúdo da mensagem que influenciará diretamente o *corpus* do noticiário. Como é possível entender, no entanto, quando uma matéria é submetida pelo cidadão-repórter, corrigida pelo editor e publicada, sem que volte ao seu autor inicial? E quando a equipe interna do OhmyNews simplesmente rejeita um trabalho sem fornecer qualquer explicação ao cidadão-repórter que o produziu? Mesmo nestes dois outros processos, pode-se entender que a interação mútua se faz presente.

Para que se perceba interação mútua numa matéria tão-somente publicada, sem discussão ou tão-somente rejeitada, sem explicação é necessário observar o noticiário como um todo. Ao se considerar o *site* OhmyNews International em sua totalidade, aos olhos de um leitor convencional que não interfere no seu conteúdo e mesmo para os cidadãos-repórteres, a presença ou a ausência de uma matéria já transforma sua composição. Quando acontece a publicação de uma matéria produzida por um cidadão-repórter tem-se, no produto final, o resultado de interação mútua entre cidadão-repórter e editor. Independentemente de como ocorreu o processo de edição daquela matéria, ela representa a interferência dos diferentes públicos no noticiário como um todo e estabelece com as demais matérias um diálogo mais amplo do que o pessoalmente registrado nas conversas entre editores e cidadãos-repórteres. Quando uma pauta não é abordada pelo noticiário é possível entender o cenário de duas maneiras: ou não houve cidadão-repórter disposto a trabalhar tal tema ou a equipe de edição não permitiu que o conteúdo eventualmente produzido fosse publicado.

Mas talvez o processo de interação mútua mais evidente esteja no nível mais superficial de navegação (*click-and-go*) e participação do *site* – através de comentários abaixo das notícias e no simples fato de qualquer pessoa responder a uma notícia publicando outra através do mesmo sistema. São essas duas alternativas que

transformam a notícia em uma conversa, na visão de Gillmor (2004) anteriormente trabalhada, ao invés de uma palestra, onde um jornalista/veículo publica e pode, se assim achar melhor, nunca mais tocar no assunto.

Deixando de lado por um momento o caso específico do OhmyNews e partindo para a análise de temas mais amplos que dizem respeito ao jornalismo *open source*, algumas questões buscaram comparar valores e conceitos entre diferentes modos de fazer jornalismo. A discussão a seguir tenta entender se valores de base do jornalismo tradicional como ser imparcial, honesto, verdadeiro e plural são aplicáveis ao jornalismo *open source*.

6.4.8 Valores tradicionais do jornalismo no modelo *open source*

Enquanto estão escrevendo um artigo, os cidadãos-repórteres entrevistados foram unânimes em concordar com a aplicação destes valores. O fato de grande parte do material produzido pelos interagentes leigos ser composto por conteúdo opinativo faz com que esses valores se flexibilizem. Ser imparcial ou plural com um fato numa abordagem opinativa pode ter inúmeras interpretações. Entendendo imparcialidade e pluralidade como variáveis da objetividade, Pena (2005) observa que é impossível contrapor-la à subjetividade, uma vez que traços subjetivos do jornalista sempre estarão presentes em algum nível em seus trabalhos. Assim, ser completamente imparcial ou plural parece quimera em qualquer prática jornalística, inclusive efetuada por profissionais. O que se tem em mente neste momento da discussão é a tentativa de se aproximar o máximo possível da objetividade que, ainda conforme Pena (2005), serve de método para tentar amenizar a influência do jornalista ou do cidadão-repórter neste caso, sobre os textos publicados. Joo (CR) ajuda a esclarecer esse impasse ao afirmar que pluralidade não impede a clareza da opinião de alguém. Noutras palavras, é possível opinar sobre determinado tema fornecendo diversas visões sobre o assunto. Ainda assim, o cidadão-repórter francês delega a responsabilidade pela manutenção destes valores à equipe editorial do OhmyNews. Seriam eles os responsáveis para identificar se um tema foi coberto com imparcialidade e pluralidade suficientes, todas grandezas que conduzem à objetividade tão cara à identidade do jornalismo. Spiezio (CR) já entende que os próprios cidadãos-repórteres possam ter controle sobre estes comportamentos. O italiano admite: “O fato de que nós não somos jornalistas profissionais não significa que nós não saibamos seguir as regras de ética quando informamos o público”.

As regras de ética às quais se refere Spiezio são as constantes no código de ética do noticiário sul-coreano. Mas ainda que um cidadão-repórter tenha domínio sobre as premissas deontológicas da atividade de reportar fatos jamais poderá ser cobrada dele uma postura imparcial ou um texto objetivo. Acordos de uso, código de ética, *FAQ* ou mesmo cursos rápidos que orientem os públicos a atuarem como repórteres não conferirão o diploma de jornalista, tampouco as habilidades adequadas ao exercício pleno da profissão. A razão de estudar esta temática entre os cidadãos-repórteres não foi para detectar se eles são ou não imparciais quando escrevem um artigo, mas para entender se esse tipo de valor tão íntimo ao noticiário tradicional ao menos está presente no modo como concebem suas atividades no OhmyNews. Moncada (CR) mesmo afirma que, apesar destes valores deverem ser aplicados, isso não é uma garantia de que todos os cidadãos-repórteres considerem a imparcialidade, a honestidade, a pluralidade e a objetividade em seus artigos. Gradin (PSQ) concorda com a aplicação destes valores no jornalismo *open source*, mas igualmente faz a ressalva de que nem sempre estão presentes. Para a professora, um possível indicativo da aplicação destas premissas deontológicas se refere à oficialidade de um veículo: “Num jornal tradicional de créditos firmados isto é mais simples de obter, pois sabemos à partida que mesmo um jornalista novo deve seguir os padrões éticos de transmissão de informação”. Os “créditos firmados” dos quais Gradin fala são traduzidos por Moura (PSQ) na expectativa criada na audiência e no contrato de confiança firmado perante ao jornalista. De um jornalista espera-se que diga a verdade, que seja imparcial, honesto, verdadeiro e plural. Ao posicionar-se assim, a audiência baixa as defesas e cria uma predisposição para acreditar na mensagem, segundo Moura. Mas nem mesmo os jornalistas profissionais estão imunes de derrapar nestes valores que norteiam sua atividade. Quando o noticiário é declaradamente produzido por diferentes públicos, o interagente que assume a posição de leitor desperta maior atenção sobre a mensagem. Ele já não conta com a “garantia” de que o texto que lê é verdadeiro **porque** foi escrito por um jornalista. A capacidade crítica aumenta e a informação pode ser muito mais facilmente questionada. Ainda que estes valores possam ser aplicados por repórteres sem a formação oficial em jornalismo, é impossível exigir deles a postura que se exige de um jornalista.

Internamente, porém, todos os valores concernentes à objetividade no jornalismo são cobrados dos editores e *copy-desks*. Sem a participação dos diferentes públicos, o OhmyNews é um jornal convencional, onde há repórteres trabalhando na rua em busca de informações, redigindo notícias sobre temas generalistas, editores

trabalhando as matérias, *copy-desks* auxiliando na edição e um sistema de baixamento de arquivos que se renova a todo instante que tenha conteúdo novo para ser publicado. A qualificação dos profissionais internos do OhmyNews é semelhante a de atuantes em jornais convencionais, ou seja, são jornalistas formados e em formação que, além de executarem o trabalho tradicional de uma redação se organizam na edição do material que chega produzido pelos cidadãos-repórteres.

Mas o propósito desta discussão é encontrar referências a valores deontológicos na mentalidade do cidadão-repórter. Para isso, destaca-se a resposta de Krabbe (CR): “Eu não escrevo artigos tendo a manipulação de fatos em mente na intenção de servir a uma certa ideologia. Eu apenas dou a minha melhor contribuição a uma imagem realista da realidade”. Nem por isso o cidadão-repórter alemão se isenta de adotar critérios próprios na análise de fatos que venha a comentar ou reportar. Apenas procura fazê-lo de modo mais isento possível.

A tentativa de aproximar-se o máximo possível da objetividade também é uma postura adotada nos veículos atuais, que já admitem, por debaixo dos panos, que imparcialidade total não existe. Se nem mesmo os veículos tradicionais podem responder a uma premissa lançada nos tempos áureos do jornalismo, que resta aos noticiários *open source* que não representam fielmente os valores do jornalismo tradicional justamente por não contar exclusivamente com profissionais do ramo? Rocha (PSQ) fornece um ponto de vista curioso ao entender que todo material informativo e opinativo possui algo de tendencioso. “... ora, se há a possibilidade de inserir opinião, já existe algo tendencioso aí...”. Ao contrário do que possa parecer, isso não é uma falha para o pesquisador, pois é através da publicação de inúmeras opiniões que se chega a um nível de pluralidade que poderá conduzir, num grande conjunto de informações, aos outros valores como a aproximação com a verdade. “... consigo aferir este princípio – pluralidade – com mais rigor nos noticiários colaborativos do que na mídia tradicional, principalmente por conta da abertura ao diálogo e da real interatividade produtiva”, explica. Barbosa (PSQ) corrobora o entendimento de Rocha ao afirmar que no “jornalismo colaborativo, tem-se a oportunidade de se diversificar o conteúdo de se ter mais uma versão sobre o mesmo acontecimento no mesmo lugar”. Isso remete a discussões anteriores, onde se falava que o jornalismo *open source* encontra um diferencial qualitativo na abertura de espaço para diversos olhares e interpretações dos fatos ao invés de contar majoritariamente com a informação estandardizada emitida pelas assessorias de imprensa ou pelas agências de notícia. Ao invés de um texto, por exemplo, com

diversos pontos de vista, o jornalismo *open source* mescla olhares em diferentes textos de diferentes autorias. O efeito pluralidade aqui é alcançado em escala global, considerando o noticiário como um todo.

6.4.9 Credibilidade

Multivocal, o noticiário produzido sob modelo *open source* parece induzir que a mensagem mais diversificada seja mais crível. Será? Acreditar ou não no conteúdo do jornalismo *open source* tem despertado posições terminantemente contra e a favor. Daí a pertinência desta discussão durante as entrevistas.

Verificou-se anteriormente que grande parte dos artigos produzidos pelos cidadãos-repórteres tem viés opinativo. Assim, perguntou-se a pesquisadores e aos próprios cidadãos-repórteres se uma opinião pode lhes ter caráter informativo. Gradin (PSQ) foi incisiva: “Opinião também é informação”. Iggers (PSQ) concorda com Gradin e soma-se à idéia de Barbosa (PSQ), que vai além questionando: “E no jornalismo tradicional, artigos em gêneros essencialmente opinativos deixam de ser informativos?”.

No conteúdo do OhmyNews International é visível o amplo espaço ocupado pelos textos opinativos. Pode-se dizer que em certos momentos a opinião é privilegiada e mesmo as linhas de apoio introduzem o conteúdo: “*OMN citizen reporter Verdiana Amorosi told to OhmyNews what she thinks about...*”, por exemplo. Reforça-se essa idéia ao recordar-se do caso em que um texto opinativo foi publicado seguido por uma nota do editor, onde se manifestava a orientação interna do OhmyNews de estimular a discussão e não de favorecer determinadas correntes opinativas, conforme item 6.4 desta pesquisa.

Theng (CR) acredita que, definitivamente, o conteúdo opinativo pode não apenas funcionar-lhe como fonte de informação como pode ser mais elucidativo do que aquilo que os veículos tradicionais de mídia apresentam. A razão apresentada pela cidadã-repórter é a possibilidade de se ter, num conjunto, visões diferentes sobre o mesmo fato e, mais, através de uma perspectiva individual, nativa. A subjetividade de cada cidadão-repórter, suas experiências pessoais e, sobretudo, a proximidade entre o acontecimento e seu relato fornecem à interagente maior teor informativo neste tipo de mensagem. Spiezio (CR) pondera que os interesses pessoais que estimulam o trabalho do cidadão-repórter também podem condicioná-lo a uma perspectiva

unicamente opinativa. Nem por isso, porém, o trabalho está distante da realidade. “Opiniões são sempre baseadas em fatos, senão elas serão apenas fantasia”, conclui.

Campos (CR) encontra na opinião do cidadão-repórter uma informação sobre o contexto do fato que relata, mas adverte: “Não é pecado dar nossa opinião, mas com responsabilidade...”. Krabbe (CR) entende que o maior ganho de um conteúdo opinativo pode não ser exatamente a informação que nele contém, mas a discussão que desperta. A troca de idéias a partir do desequilíbrio gerado por um artigo opinativo a respeito de um fato certamente será mais engrandecedor à comunidade de interagentes do que uma notícia pretensamente imparcial. Conforme será visto no próximo item desta análise, a resenha de um livro referente ao Opus Dei – uma prelaia pessoal da igreja católica – por parte da autora desta pesquisa despertou comentários enfurecidos e outros poucos elogiosos sobre o texto. Talvez o mais importante, nestes momentos, seja a presença contínua do autor do artigo respondendo aos comentários e estimulando ainda mais as discussões. Deste modo, o comentarista percebe que a matéria não foi abandonada à própria sorte e que o autor considera aquilo que ele fala. Cria-se, invariavelmente, uma disputa sobre o tema.

Brazilian Tome Denounces Opus Dei

Ex-members of the 'Work of God' reveal group's unseemly practices

Email Article Print Article

Ana Maria Brambilla (brambilla)  CONTACT

One side

View : 42 ,  2,  5

Norman, 2005/12/14 22:14

It is interesting to see how one-sided a report this journalist gives about Opus Dei....pratically reinforcing what the authors of this book propose and when providing website links at the end of the article, no mention is made of the Opus Dei's own website www.opusdei.org which might provide an alternative perspective on an organisation that is doing a lot of good around the entire world.

I Approve ! 

I Object ! 

 LH

[2005-12-15 05:08]

By the way, the first link on the book is to the official brazilian OD site, nothing less... This book reveals the hidden truth OD is afraid to be known. I was OD, I know the book reflects reality

 Brambilla

[2005-12-15 11:06]

Tks, Norman, but my article is a summary so, I NEED talk about authors' idea, it means, about "side B" of Opus Dei...

 Thomas

[2005-12-15 12:55]

I agree with Norman. Journalists should be neutral, some kind of critique was lacking

 Antonio

[2005-12-16 03:05]

The opus web site says nothinhg about the real Opus Dei. The visitor will just face the ideologic speech used to attract future fellows.

 Quibble about This Comment

Name Email

Quibble

Figura 41: Discussões nos comentários dá seguimento à notícia publicada, transformando-na em um diálogo.

Opiniões e reações também atraem o cidadão-repórter dos Estados Unidos que preferiu não se identificar. Ele pesa também os prejuízos deixados por debatedores que se guiam pelo fanatismo e mergulham visceralmente nas discussões sem preservar a lógica e a racionalidade dos temas. Ainda assim, a fluxo pluridirecional de mensagens opinativas oferece, na visão deste interagente, melhor oportunidade para as pessoas refletirem sobre determinado fato e formarem sua própria opinião. Rocha (PSQ) diz saudar “com enorme alegria a sobrevivência e o fortalecimento de práticas informativas e opinativas”. O fato de ambos os gêneros se mesclarem no jornalismo *open source* suscita, na visão do pesquisador, discussões e contrapontos. Rocha indica que, felizmente, essa é uma característica eminente das publicações *online*, especialmente aquelas dedicadas exclusivamente para a rede e, ainda mais, aquelas orientadas por um viés colaborativo como é o caso do OhmyNews, do Indymedia, do Slashdot, do Wikinews...

Habibinia (CR) simplifica a questão e se diz satisfeito com um artigo que responda às perguntas básicas de um lead – o quê? Quem? Quando? Onde? Como? E Por quê? Por outro lado, Joo (CR) procura o jornalismo *open source* não para responder às perguntas de cunho essencialmente informativo, factual, mas para ter contato com uma gama ampla e diversificada de opiniões.

Diante da constatação destes entrevistados de que opinião também é informação e, ainda, apesar de todo o entusiasmo evidenciado pelas possibilidades da discussão, Moura (PSQ) aparece como um contraponto, lembrando que um texto opinativo sempre será parcial. Deste modo, o texto opinativo jamais poderá substituir o texto noticioso, que busca representar a “realidade dos fatos”. Ainda assim, a autora também filia-se à visão dos demais entrevistados de que a discussão aberta por conteúdo opinativo ajuda a construir nas audiências um sentimento de identificação com um fato que uma notícia objetiva não poderia proporcionar.

A opinião também é entendida como informação por Moeller (PSQ). Apesar disso, ele acredita que este não é o maior trunfo do jornalismo *open source*, mas sim as matérias investigativas produzidas pelos diferentes públicos. Moeller faz uma ressalva interessante neste momento da entrevista ao afirmar que não considera o OhmyNews um projeto de jornalismo *open source*. A razão apresentada pelo alemão é que este *site* não opera sob licença *Creative Commons*, mas todo o conteúdo é de propriedade de alguém – conforme estudado anteriormente, pertence ao cidadão-repórter em conjunto ao próprio *site*. Ele sugere o termo “*participatory journalism*” para classificar o noticiário sul-coreano. O próprio fundador do noticiário, Yeon Ho (OMN) admite que o OhmyNews é *open source* por um lado e não por outro.

Nós estamos abertos para que todos os cidadãos sejam repórteres. E nós fazemos isso não apenas para gerar dinheiro, mas para fazer uma sociedade coreana. Mas nós temos outro aspecto também. Somos uma companhia. Nós também precisamos de dinheiro para sobreviver. Então, quando nós damos a oportunidade para que as pessoas participem do Ohmynews, somos *open source*. Mas, por outro lado, nós precisamos gerar lucro vendendo nossos espaços para anunciantes. Sob este aspecto nós não somos *open source*. Trata-se de uma mistura entre modelo *open source* e lucrativo, de uma companhia (Yeon Ho, 2005b).

Discussões sobre os diferentes termos usados para identificar o jornalismo produzido com a interferência efetiva dos públicos sobre as mensagens se multiplicam. Entre *participatory journalism*, *citizen journalism* e *open source*

journalism tem-se variáveis muito sutis que não serão contempladas por esta pesquisa. Parece interessante, porém, que essa discussão siga adiante noutro momento a partir da indicação de Moeller, que considera o jornalismo participativo aquele cujo conteúdo está licenciado sob domínio público.

A questão da credibilidade vai além. O fato de um texto opinativo informar os leitores, conforme majoritariamente verificado, não é garantia para que esta mensagem seja crível. No OhmyNews, a busca pela credibilidade acontece através da checagem rigorosa das informações constantes nas matérias enviadas pelos cidadãos-repórteres. Yeon Ho (OMN) diz que os cidadãos-repórteres são obrigados a informar seus nomes reais caso desejem contribuir com conteúdo para o noticiário. O requerimento de informações como identificação oficial, endereço e número de telefone são recursos aplicados pelo OhmyNews para buscar credibilidade de seus colaboradores e, em consequência, de suas notícias. “*When they write a story, we check the facts wrote very carefully. Sometimes, we spend about two days or two weeks to check if the stories are corrects. Also, we have an offline education programs for citizen reporters*”⁷² (Yeon Ho). Estes programas de treinamento são executados somente na Coreia do Sul.

Thacker (OMN) explica que, quando se trata de *hard news*, o editor debruça-se sobre a matéria do cidadão-repórter e designa uma equipe de repórteres profissionais para investigar profundamente a pauta. Todo este processo acontece sob a supervisão do editor e do editor-chefe. Isso não reflete uma desconfiança por parte da equipe do OhmyNews diante do que o cidadão-repórter produz, afirma Thacker, ao contrário. “Nós não devemos subestimá-los. Integridade é crucial para ambos os tipos de repórteres”, profissionais e leigos. A diferença está no preparo de cada um e, portanto, na exigência aplicada a cada grupo. Sparapani (OMN) declara ter dedicado um tempo considerável de seus serviços ao OhmyNews como copy desk, somente na checagem de fatos. Ele afirma: “... o OhmyNews é solidamente crível”. Nem sempre foi assim. Sparapani lembra dos tempos em que o cidadão-repórter submetia matérias ao OhmyNews que se tratavam de meras réplicas, plágios de trabalhos de outros repórteres. “Isso não era tolerado; então essas reportagens eram devolvidas aos seus ‘autores’.” Se quiser fazer com que o público acredite em seu noticiário, o

⁷² Tradução da autora: “Quando eles escrevem uma material, nós checamos os fatos escritos muito cuidadosamente. Algumas vezes, nós gastamos cerca de dois dias ou duas semanas para checar se as materias estão corretas. Ainda, nós temos programas *offline* de educação para cidadãos-repórteres”.

OhmyNews precisa, na visão de Sparapani, manter-se vigilante e hábil a detectar e eliminar esse tipo de prática.

A rotina de checagem de fatos parece suficiente para fazer Joo (CR) acreditar no conteúdo publicado pelo noticiário sul-coreano. Ele procura manter em mente que todos os artigos são duplamente verificados pelos cerca de 60 profissionais que se revezam nessa tarefa dentro da redação do OhmyNews e garante nunca ter encontrado, até hoje, mensagem que lhe despertasse alguma dúvida quanto à veracidade. Campos (CR) também ressalta a importância do amparo de uma equipe de profissionais de comunicação sobre a pré-publicação de cada artigo. Moncada (CR) filia-se a este grupo de entrevistados ao destacar que os editores do OhmyNews são “realmente profissionais” e estão sempre prontos para amparar qualquer artigo. Barbosa (PSQ) acredita que o OhmyNews esteja conquistando a confiança do público ao levar adiante uma proposta que se embasa, profundamente, no trabalho colaborativo. Na visão da pesquisadora, todo o projeto jornalístico que conte com a contribuição coletiva e espontânea do público merece e deve ser supervisionado por jornalistas justamente para buscar garantir, de alguma forma, a credibilidade.

Observa-se a relevância dada pelos próprios cidadãos-repórteres à participação de jornalistas profissionais no processo de produção e publicação do noticiário *open source*. Se forem tomadas essas opiniões como parâmetro para a reconfiguração do papel do jornalista num modelo em que “cada cidadão é um repórter”, seria possível afirmar que o jornalista mantém sua soberania diante do noticiário e fortalece sua função como editor, mas isso será tratado no tópico a seguir.

Num modo diferente de enxergar a credibilidade do conteúdo no OhmyNews, Hyung-Soon (CR) mostra-se confiante no espírito de autonomia e de responsabilidade do cidadão-repórter. O fato dele não escrever prioritariamente em troca de dinheiro o torna um interagente confiável. É importante atentar para um possível romantismo contido na declaração de Hyung-Soon. Seria a não-remuneração regular fator suficiente para tornar alguém confiável naquilo que escreve? Poderia ter o cidadão-repórter somente a recompensa financeira diante do que produz ao OhmyNews? Estudou-se ao longo deste trabalho que os públicos sempre mantêm algum tipo de interesse em suas atividades. E mesmo sob o processo *open source* de produção, é o interesse pessoal, o gostar ou não gostar de determinadas coisas que baliza o produto final. Ergue-se, então, a hipótese de que os ganhos morais, referentes à personalidade ou à reputação do cidadão-repórter seja uma moeda decisiva no momento em que escreve seus trabalhos.

Uma terceira corrente de opinião a respeito da credibilidade dos conteúdos do OhmyNews aponta certa desconfiança em relação ao processo editorial, o que arranharia a imagem de um “noticiário crível”. Krabbe afirma saber de falhas cometidas pelos editores o que, em sua visão, podem ser compreendidos como equívocos humanos recorrentes em qualquer redação. Já o cidadão-repórter entrevistado que desejou não se identificar foi mais enfático ao reproduzir declarações do editor do OhmyNews que evidenciam uma preocupação em balancear os espaços dedicados ao contrastes de pontos de vista: “Nós daremos espaço balanceado para contrastar todos os olhares”. Apesar desta declaração, conforme o cidadão-repórter, os editores do noticiário sul-coreano parecem publicar o que considera muito mais uma “imitação de artigos por pessoas bem-informadas” a fim de prover os tais espaços balanceados. Essa “imitação de artigos” levaria ao mimetismo midiático e, portanto, a um falso trabalho de reportagem não digno da confiança deste interagente.

O ceticismo diante do conteúdo de noticiários *open source* ou não se estende à impressão de Rocha (PSQ), que declara: “quando se trata de imprensa, não confio plenamente em nada”. Com isso o pesquisador não tira a credibilidade de nenhum veículo, mas enquanto “produtor e consumidor de informação” chama a si a tarefa de checar pessoalmente as informações das quais necessita. Rocha acrescenta em sua análise:

Com a Internet, as possibilidades de checagem e rechechagem de informação, utilizadas em conjunto com outras fontes, foram ampliadas. No entanto, já se tornou mais do que claro que *sites* como OhmyNews, em se tratando de manter um diálogo mais aberto e interativo com a audiência, têm se mostrado eficazes veículos de expressão e opinião, fatores estes que andam relegados a segundo plano há tempos pela chamada mídia corporativa (Jorge Rocha, Minas Gerais, Brasil).

Enquanto os cidadãos-repórteres dividem suas opiniões entre a honestidade imaculada de quem escreve as matérias, a confiança conquistada pelo processo de checagem de fatos e um ceticismo que os impede de confiar plenamente nas informações, os pesquisadores entrevistados trazem ainda outros pontos de vista. Gradin (PSQ) é ponderada ao acreditar nas informações de um *site* produzido por “não jornalistas” tanto quanto acredita nas notícias veiculadas por um “jornal clássico de papel”. A credibilidade emplacada pela professora é relativa em ambos os modelos pois, para ela, seja qual for a iniciativa, levará tempo e dependerá de muito trabalho sério para conquistar a confiança das audiências. Com isso Gradin analisa lucidamente que “os jornalistas não detêm o monopólio da ética na transmissão de

notícias, embora detenham um conjunto de técnicas e rotinas destinadas a maximizar a sua imparcialidade”. A experiência em reportar fatos e o envolvimento com uma logística de redação se firmam como diferenciais, para a professora, em favor do jornalista profissional na busca pela credibilidade junto ao seu público. Mas nem mesmo a experiência do dia-a-dia, a submissão a uma equipe editorial ou ainda o diploma universitário serão garantia de que as informações reportadas por um jornalista sejam plenamente críveis. Do mesmo modo, a falta do diploma e a distância das rotinas da imprensa não significam que as histórias contadas por cidadãos-repórteres não sejam passíveis de credibilidade.

Iggers (PSQ) equipara sua opinião à de Gradin ao recomendar que sempre é importante ler jornais e noticiários em geral com um espírito cético. Moura (PSQ) corrobora essa visão ao entender que a atualidade não oferece condições para que se acredite totalmente “seja no que for, porque a norma é que a informação do dia seguinte venha contradizer ou desmentir a do dia anterior”. Visivelmente mais pessimista diante da procedência das notícias, a pesquisadora constata que “vivemos tempos de descrença”, num momento em que a ordem diante do agora é esperar pelas notícias de amanhã.

Acentuando ainda mais a descrença sobre o conteúdo veiculado por noticiários produzidos sob o modelo *open source*, nomeadamente o OhmyNews, Moeller (PSQ) responde à pergunta se acredita em todo o conteúdo do *site* exclamando: “É claro que não!”. Mais uma vez um entrevistado chama a atenção para o perigo de se acreditar em todos os conteúdos veiculados por qualquer veículo, neste caso, os digitais. Ele diz haver fontes de notícias mais confiáveis do que outras, mas mesmo que as conheça e saiba discerní-las, o interagente sempre será responsável por ler criticamente uma informação publicada em qualquer veículo, em qualquer suporte. Para tanto, sugere que o leitor se pergunte diante de uma notícia: isto é plausível? Se isso é tão maravilhoso, há informação de base que sustente essa matéria? Isso se mantém consistente em comparação a outras notícias da mesma pauta publicadas noutros veículos? Existe algum interesse político ou comercial envolvido nessa cobertura? Quanto ao OhmyNews, Moeller afirma que o noticiário emprega um processo de edição nada diferente do aplicado por outras fontes de notícia. O problema da apuração, do alcance de um dado bastante exato também se assemelha às dificuldades enfrentadas pelos veículos tradicionais. A diferença é que pode ser muito mais difícil verificar a exatidão de cada matéria submetida por um público completamente leigo na deontologia profissional.

6.4.10 Papel do jornalista no jornalismo *open source*

A questão se abre quando jornalistas profissionais, ao tomarem conhecimento do modelo *open source* de noticiário, perguntam: “então o jornalista vai desaparecer?”. Não apenas profissionais da mídia, mas o público em geral tende a observar o jornalismo *open source* como uma substituição do jornalismo tradicional e, além disso, como uma espécie de noticiário onde não há, definitivamente, a participação do jornalista. Mais uma vez é preciso sublinhar a impossibilidade do jornalismo *open source* substituir o jornalismo tradicional. Se o jornalismo tradicional mantém seu espaço na mídia, obviamente o jornalista profissional também se manterá. Mas para além disso é preciso ver onde está a função do jornalista dentro do jornalismo *open source*. Ora, se as notícias são produzidas por pessoas sem formação específica, seria aparentemente desnecessário o trabalho de um jornalista. O simplismo que encerra esse tipo de pensamento é desfeito quando todos os entrevistados não só afirmam que o jornalista continuará com seu lugar garantido mesmo no jornalismo *open source*, como também especificam quais as possíveis funções que exercerá – ou já exerce, no caso do OhmyNews.

Barbosa (PSQ) fornece uma das respostas que talvez preencham de modo mais completo essa possível “crise de identidade” profissional estabelecida no jornalista com o surgimento do noticiário *open source*. Ao reconhecer que o jornalista não é mais o único sujeito que produz informação e a veicula em ambiente midiático, a pesquisadora encontra aí uma razão para que o profissional se torne ainda mais responsável, aperfeiçoado e competente. Na sua visão, caberá ao jornalista que atua no modelo *open source* as funções de

seleção, edição, integração do material produzido por cidadãos com o que os profissionais produzem. Mais habilidades são requeridas deste profissional que agora se quer holista, com capacidade para escrever bem e em pouco tempo, saber investigar, saber utilizar os recursos tecnológicos, saber editar, saber estruturar o conteúdo de maneira hipertextual, conhecer os processos de produção, saber observar, interpretar, ser propositivo, saber de fato trabalhar em equipe. Manter a ética pessoal e profissional.

Rocha (PSQ) redimensiona a importância do profissional de comunicação colocando-o mais ainda em evidência na função de mediador de informações que passam a operar num processo de co-enunciação. Quando sua hegemonia como *gatekeeper* é questionada, o jornalista “deve comportar-se como um agente

participativo que, em processos de interlocução, seja capaz de selecionar, hierarquizar, enquadrar e personalizar notícias, levando em conta as potencialidades inerentes à Internet como fonte de pesquisa e escoamento de produção”.

Indiscutivelmente, muitas destas habilidades já figuram no perfil de um jornalista tradicional. A discussão aqui proposta não tem a pretensão de formatar uma nova profissão, de alterar as bases de formação descaracterizando o jornalista como assim se legitimou ao longo dos últimos 200 anos de sua atividade. Como todo sistema vivo, um profissional deve adequar-se ao contexto onde se insere e, para que siga em atividade, cabe explorar novas habilidades que se fazem necessárias. Ainda sobre a declaração de Barbosa (PSQ), esta demanda está, em primeiro lugar, no trabalho de edição. Campos (CR) concorda que a tarefa central do jornalista será a de um editor, “porque eles têm critérios para escolher quando algum artigo tem valor para ser coberto, por exemplo, eles têm uma visão de notícias”, algo que possivelmente o cidadão-repórter não disporia como habilidade inata.

Assim acontece no OhmyNews, onde o editor é a figura central do processo de publicação. Atribuir pautas, receber material enviado espontaneamente, ajustar aos critérios editoriais do noticiário, designar uma equipe para checar as informações e finalmente publicar o que é produzido pelo público são atividades listadas por Thacker (OMN). Ainda que o editor do OMNI não tenha declarado, a animação do noticiário passou a ser uma de suas tarefas mais marcantes. Ao solicitar pautas, informar aos autores que suas matérias já estão *online*, parabenizá-los ou recomendar alterações faz com que os cidadãos-repórteres sintam-se cada vez mais envolvidos com o projeto. Essa interação será exemplificada através da próxima etapa da análise, a observação participante.

O fundador Yeon Ho (OMN) afirma enfaticamente que o repórter profissional continuará sendo necessário mesmo quando “*every citizen is a reporter*” porque alguém precisaria editar os artigos de todos os colaboradores. É preciso escolher os critérios de noticiabilidade, encontrar o posicionamento de uma matéria em uma página. Yeon Ho lembra que o espaço da Internet é ilimitado, mas o espaço para matérias de destaque ainda tem limitações. Para definir o conteúdo desse espaço é que existe o repórter profissional, o jornalista. Ele é que atuará sobre o processo de *agenda setting* largamente importante na sua visão, o que evidencia a manutenção de um dos valores clássicos do jornalismo tradicional no modelo *open source*.

Já a resposta de Sparapani (OMN) aponta que o jornalista seja o vínculo entre o cidadão-repórter – totalmente descomprometido com o mundo corporativo – e

o veículo, que não deixa de ser uma empresa de comunicação com hierarquias e regras com as quais outros públicos formados por não-jornalistas não estão familiarizados. O entrevistado percebe ainda que a integração entre jornalista profissional e cidadão-repórter é um comportamento que tende a crescer nas redações. Para Sparapani (OMN), é preciso que os jornalistas prestem atenção naquilo que os cidadãos estão falando, nos pontos de vista, no novo escopo de matérias e pautas que surgem para tornar o jornalismo mais próximo do ideal democrático.

Outros entrevistados, como Hyung-Soon (CR), apontam a coexistência destes dois sujeitos – o jornalista e o cidadão-repórter – na produção do noticiário. Trata-se de uma coexistência que, apesar de unir pessoas com formações e habilidades diferenciadas, não as coloca num mesmo patamar. O cidadão-repórter sul-coreano compara que, assim como no passado havia pessoas nobres e comuns, hoje há jornalistas nobres e comuns. São sujeitos em uma “balanceada relação de interdependência subjetiva”, constata. Joo (CR) reforça esta visão ao declarar que existe espaço para ambos: repórteres profissionais e cidadãos. Eles não competem entre si, mas “adicionam perspectivas a um assunto, para benefício dos leitores”. Habibinia (CR) também entende que a manutenção da diferença entre estes atores no processo comunicacional pode melhorar o jornalismo.

Para entender essa diferença recorre-se à resposta de Moura (PSQ) que parte do pressuposto que jornalista e “cidadão que escreve” são duas realidades distintas. A pesquisadora não vê essa “nova vaga de informação *open source*” como uma ameaça à profissão e ao estatuto do jornalista; afinal, o trabalho do jornalista e o trabalho do cidadão-repórter diferem entre si, somam-se sem se anular. A jornalista portuguesa analisa:

É importante que o cidadão tenha encontrado um espaço onde possa fazer valer a sua voz, não só porque é um espaço de cidadania que não existia, mas também porque quanto mais pessoas puderem falar mais difícil será ocultar mentiras, lobbies, corrupção... Mas, talvez porque o espaço informativo seja actualmente muito mais amplo, há também muito mais ruído e, por isso mesmo, creio que o papel do jornalista profissional adquiriu uma nova importância – a de seleccionar, de filtrar, no excesso e caos em que vivemos, a informação que possa servir de melhor modo o seu público específico.

O cidadão-repórter estadunidense que optou pelo anonimato na entrevista também afirmou haver espaço para profissionais formados e para os demais públicos que desejam manifestar suas idéias em ambiente midiático. Iggers (PSQ) não apenas prevê a coexistência de jornalistas com cidadãos-repórteres como entende que o

profissional de imprensa tem a responsabilidade de trabalhar com outros públicos e o dever de ampará-los no desenvolvimento de um trabalho que se aproxime aos padrões profissionais.

Uma segunda corrente de pensamento marca as respostas de cidadãos-repórteres e pesquisadores entrevistados. Theng (CR) mantém a idéia de que o treinamento, a formação e as habilidades de um jornalista profissional o fazem alguém mais preparado para as atividades da área. A entrevistada reitera que não há descrédito na média dos cidadãos-repórteres, mas pensar que aquelas pessoas com treinamento formal, ambição e determinação para se tornarem repórteres profissionais adquirem habilidades e estão muito melhor preparadas. “O sábio profissional, suas habilidades fazem a diferença. Mas curiosidade sábia – no que se refere a ‘ter faro para notícias’ – é coisa de cada pessoa”, complementa.

Spiezio (CR) observa o diferencial trazido por um expertise que só o profissional tem. O papel do jornalista, para este cidadão-repórter continuará sendo o de informar o público com a força de sua credibilidade. Ele diz ainda que a função central do jornalista será alcançar lugares e informações onde o cidadão-repórter não consegue chegar. Moncada (CR) exemplifica essa idéia quando vê que a necessidade de haver um repórter profissional o tempo todo em uma redação vai persistir, afinal, ele sabe e pode fazer um trabalho de pesquisa exaustiva sobre uma pauta, o que um cidadão-repórter não pode fazer – por não ser remunerado para isso e, especialmente, por desenvolver outras atividades profissionais paralelamente à sua participação no noticiário.

Uma terceira corrente opinativa se abre com a resposta de Gradin (PSQ) que rebate a pergunta “Qual o papel do jornalista quando ‘every citizen is a reporter’?” dizendo: “Nem todo o cidadão é um repórter.” Para a pesquisadora, só o são aqueles que fazem da reportagem sua atividade principal, recebem salário por ela e publicam suas produções em um veículo registrado junto às autoridades competentes. Apesar dessa visão bastante corporativa, Gradin não ignora a emergência dos blogs informativos e analisa esse fenômeno como algo positivo para os jornalistas, uma vez que esse recurso de publicação autônoma lhes permite ditar a agenda setting da comunidade. Seguindo a corrente de pensamento da pesquisadora, ergue-se a hipótese de que nem todos os cidadãos desejam ser repórteres. A interação mútua no processo de jornalismo *open source* só acontece de modo espontâneo ou, no máximo, por meio de sugestões de pauta do editor ao cidadão-repórter. Ninguém é obrigado a atuar como cidadão-repórter nem como meio de sobrevivência, nem por

obrigações morais ou civis. Aliás, é na espontaneidade que se manifesta o interesse pessoal que rege o envolvimento do cidadão-repórter pelas pautas.

Ao contrário dos demais entrevistados, Gradin entende que ao admitir que os diferentes públicos interfiram na produção e publicação de notícias, conforme o modelo *open source*, a profissão de jornalista se esvairia – e isso seria uma perda irreparável à comunidade.

... não vejo nenhum interesse, nem o que temos nós, enquanto cidadãos, a ganhar, com a dissolução das especificidades da profissão de jornalista, pelo contrário, acho que podemos ter muito a perder. É claro que a situação interessa certamente a certos poderes do status quo, que o 4º poder fosse dissolvido num enorme caleidoscópio de informações amadoras, nem sempre verdadeiras, nem sempre credíveis, nem sempre verificáveis. Mas a verificar-se tal coisa - o que duvido - toda a comunidade ficaria mais pobre, menos democrática, e mais fragilizada.

Interessante reparar que ao longo deste trabalho a participação dos diferentes públicos no noticiário foi observada como uma maneira de democratizar ainda mais a circulação da informação por vias midiáticas. Quando Gradin vê este fenômeno ameaçar a soberania do jornalista, a consequência imediata aponta para o caminho diretamente oposto, ou seja, o empobrecimento, a fragilização e a perda da democracia na sociedade.

Outra resposta não chega a abrir margem a uma nova corrente opinativa sobre o tema, mas lança duas tendências, no mínimo, polêmicas para a coexistência de jornalista e cidadãos-repórteres. Moeller (PSQ) aponta duas possibilidades para onde essa questão pode se desenvolver. O pesquisador pensa que cada jornalista profissional iniciante terá como principal ideal coletar informações de quaisquer cidadãos. Essas informações não constituirão notícias, mas histórias pessoais que irão complementar a cobertura de notícias não diferindo mundo da maneira como se faz hoje. A outra possível tendência é que o atual jornalismo seja feito por amadores. Moeller fala do jornalismo opinativo, mas acrescenta que outros gêneros jornalísticos como investigativo e aquele que se dedica às *hard news* vão requerir uma boa recompensa financeira. Mas o momento de maior contraste da entrevista com Moeller fica por conta da seguinte declaração: “No momento que você paga um amador para ser um jornalista investigativo, ele não será mais efetivamente um amador”.

Considerando os valores inerentes à profissão e, especialmente, ao profissional de jornalismo estudados no capítulo três, parece inviabilizar essa simplificação. No modo como Moeller coloca a profissionalização de uma atividade, ela dependeria unicamente da remuneração e ignoraria todo o preparo intelectual que

marca a identidade do jornalista. É certo que a história do jornalismo registra grandes esforços como a criação de sindicatos para que a atividade fosse oficializada e ganhasse *status* de profissão, o que se caracteriza pelo pagamento de um salário mensal. No caso dos *free-lancers*, o pagamento se mantém, porém de modo proporcional. Mas nem mesmo por ter lutado durante décadas para ver seu trabalho reconhecido e pago pelos donos dos veículos, o jornalista limita seu profissionalismo ao salário.

Neste momento da discussão cabe retomar os valores deontológicos e intelectuais firmados ao longo da história do jornalismo, conforme vistos no item 3 desta pesquisa. No campo deontológico, a auto-vigilância, a busca pela máxima imparcialidade, pluralidade e objetividade se somam às variáveis intelectuais que balizam a atividade do jornalista em uma redação: as técnicas de redação, entrevista, construção de *lead*, pirâmide invertida, uso de declarações, estilo textual.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do panorama traçado pelas observações da análise empírica, é possível entender que o OhmyNews International é um projeto de jornalismo que apresenta algumas das características do modelo *open source* de produção. Identifica-se que, assim como nas comunidades de desenvolvedores de *software* de código aberto, os públicos que atuam como cidadãos-repórteres no OhmyNews International o fazem de modo espontâneo, atendendo primeiramente a interesse e demanda pessoais.

A possibilidade de participar do conteúdo do noticiário sul-coreano é aberta, num primeiro momento, a qualquer pessoa que esteja disposta a se identificar e concordar com a política editorial além do código de ética do projeto. Isso implica em reconhecer a autoridade da equipe de edição ao longo do processo. Aí está a liberdade ponderada descrita por Stallman ao se referir às comunidades de desenvolvedores de *software* de código-fonte aberto. *Every citizen is a reporter* traduz a liberdade do OhmyNews; o reconhecimento da autoridade do jornalista profissional sobre a edição é o controle que atua ao lado da liberdade.

De todo o modo, é inegável a presença do traço fundamental do modo de produção *open source* no OhmyNews: qualquer cidadão, inclusive que não tenha formação jornalística, pode produzir e publicar notícias. Por óbvio, esse traço pode ser denominado jornalismo participativo, colaborativo, cidadão ou mesmo *open source*. Como destacado anteriormente, porém, a diferenciação entre estas terminologias não compete ao escopo deste trabalho mas ressalta-se a importância de que, num futuro próximo, a pesquisa em comunicação dedique-se à elucidação desta classificação. Conforme Gillmor (2004), todos estes termos também são compreendidos, aqui, como sinônimos.

A caracterização do OhmyNews como noticiário *open source* vai além. Assim como na engenharia de *software* de código-fonte aberto, há uma hierarquia cujo topo dará a palavra final sobre o conteúdo do projeto. Se Linus Torvalds ainda aprova ou desaprova qualquer modificação no *kernel* no Linux, o editor do OhmyNews e sua equipe interna ainda decidirão o que será publicado nas páginas *online*.

Se observado em sua totalidade, o noticiário OhmyNews International é passível de interferência de qualquer pessoa por meio de inserção de notícias,

comentários, participações em fóruns. Se consideradas suas partes – ou seja, cada notícia isoladamente – o processo de produção e publicação limita a interação a duas instâncias: o cidadão-repórter e o editor. Ainda assim, o cidadão-repórter só pode atuar sobre a própria matéria antes dela ser efetivamente submetida à redação. Depois disso e, inclusive, depois de ser publicada, a matéria se fecha a qualquer tipo de interferência do público e até mesmo de seu próprio autor. Se um internauta faz as vezes de um leitor de uma matéria no OhmyNews ele também poderá ser autor, porém, de outra matéria no mesmo noticiário. A transformação do conteúdo, assim, é sistêmica: as partes (notícias) alteram o todo (noticiário). Deste modo, quem lê uma matéria cuja autoria não é sua, não pode se intitular co-autor do material. A co-autoria no jornalismo *open source* só acontecerá em nível de noticiário, ou seja, se uma notícia for considerada isoladamente, aquele que tão-somente a lê não poderá interferir no corpo do texto. A interação, nesse caso, acontece por vias paralelas como por meio de comentários ou pela publicação de uma nova notícia.

Nas comunidades de *open source software* o código-fonte nunca se fecha. Mas o que pode parecer uma contradição na comparação entre engenharia de *software* e jornalismo é entendido nesta dissertação por uma adaptação do conceito *open source* ao universo das notícias. Ao contrário do *software*, que pode sofrer infinitas adaptações, é recomendável que a notícia esteja, em algum momento, pronta. Isso se refere ao caráter *beta* dos produtos estudado anteriormente. Há casos em que a notícia será uma constante versão *beta*, a exemplo do projeto Wikinews, onde a opção de editar está sempre aberta assim como o código-fonte dos *open source software*. É possível entender que, neste caso, o modelo *open source* é aplicado com mais veemência do que no OhmyNews. O noticiário sul-coreano, porém, optou por preservar um traço do jornalismo tradicional que é dar um fim à notícia. Não se trata que a notícia seja um fim em si mesma, até mesmo porque seu assunto pode render desdobramentos através de comentários ou de novas matérias em resposta à original. Interferências na matéria após publicação não podem ser feitas espontaneamente, de modo que a participação de outros interagentes no noticiário se dê através de adição e não de modificação de conteúdo.

Este é um dos modos por onde se dá a participação dos públicos na produção e publicação de notícias no jornalismo *open source*. Como visto, há diferentes maneiras de se fazer do público – mesmo sem formação jornalística – autor de mensagem noticiosa. Em linhas gerais, essas diferenças estão no controle praticado por jornalistas, administradores do projeto ou mesmo na ausência de controle; na

identificação ou no anonimato do interagente; na possibilidade de modificá-las após a publicação ou na opção por fechar a matéria após um processo de interação mútua entre cidadão-repórter e editor; no cunho informativo/opinativo das matérias; na legitimidade atribuída ao colaborador sem formação jornalística.

Retoma-se momentos da entrevista onde o caráter opinativo se esclarece na mentalidade dos cidadãos-repórteres: quando Roberto Spiezio (CR) admite que “opiniões são sempre baseadas em fatos”, não apenas reconhece o teor informativo de uma opinião como também admite que os fatos estão entrelaçados por opinião mesmo em um jornalismo que se pretende tão-somente informativo. Por outro lado, Alex Krabbe (CR) confessa não escrever artigos pensando em manipulá-los, mas sua contribuição é sustentada pela “imagem que faz da realidade”. Aí já está implícito um traço de manipulação, ainda que indesejada, ainda que despreziosa, mas inevitável e assumida pelo próprio interagente. Inverter a situação e argumentar que jornalistas profissionais estão isentos de cair na armadilha de escrever a “imagem que fazem da realidade” parece inútil. É possível que técnicas jornalísticas – como a objetividade é compreendida por Pena (2005) enquanto um método para atenuar a subjetividade do jornalista – tornem o profissional mais atento e melhor preparado para uma auto-vigilância ao redigir uma notícia que se pretende não-opinativa. Esta habilidade, porém, não é exclusiva daquele que passa por uma formação superior. Mais uma vez Roberto Spiezio (CR) contribui para compreender que o comportamento dos sujeitos ao redigirem uma notícia está muito mais próxima da subjetividade, da criação, da cultura de cada pessoa e não pode ser garantida pelo profissional: “O fato de que nós não somos jornalistas profissionais não significa que nós não saibamos seguir as regras de ética quando informamos o público”.

Outra diferença importante entre os projetos de jornalismo *open source* recai sobre os direitos de autoria e cópia, que variam de completamente fechados a abertos sobre o **conteúdo** dos noticiários. Se trazer-se a liberação da propriedade intelectual praticada pelas comunidades que desenvolvem *open source software*, ver-se-á que se aplica tanto ao *software* pronto quanto ao seu código-fonte, aqui compreendido como o recurso fundamental para transformar o produto final. À exceção do Newsvine, todos os projetos citados ao longo desta pesquisa – inclusive o OhmyNews International – mantêm abertos seus sistemas de publicação sem que seja necessário pagamento para utilização. Ao contrário do Indymedia e do Wikinews, o OhmyNews exige que o interagente solicite permissão para fazer uso do sistema de publicação. Trata-se de uma permissão concedida gratuitamente, tão-somente em

troca de informações e de um compromisso assumido com o código de ética do projeto. Essa característica se assemelha ao segundo entendimento sobre o que é livre, na visão de Lessig, estudado anteriormente: a permissão requerida para se fazer uso de um recurso é garantida de modo neutro.

Retomando a tabela 1, que compara engenharia de *software* de código aberto e jornalismo *open source*, tem-se a seguinte situação:

TABELA 4
Instâncias do *software* e do OhmyNews International

	ENGENHARIA DE SOFTWARE DE CÓDIGO ABERTO (ou <i>open source software</i>)	OHMYNEWS INTERNATIONAL
1ª instância	<i>Software</i> de programação/compilador	<i>Reporter Desk</i>
2ª instância	Código-fonte do <i>software</i> gerado	Notícia em modo de edição (diálogo entre editor e cidadão-repórter)
3ª instância	<i>Software</i>	Noticiário

Se comparado ao modelo de produção livre, traduzido pela tabela 2, o OhmyNews apresenta as seguintes características:

TABELA 5
AS LIBERDADES NA ENGENHARIA DE SOFTWARE E NO OHMYNEWS INTERNATIONAL

<i>Software</i> é livre para...	O noticiário OhmyNews International é livre para...
... ser executado para qualquer propósito sem a necessidade de autorização prévia.	... ser produzido, lido e referenciado para qualquer propósito. Já a apropriação do conteúdo fica protegida sob <i>copyright</i> dividido entre o OhmyNews e o autor de cada matéria.
... ter seu funcionamento estudado e adaptado às necessidades de cada comunidade.	... ser aperfeiçoado através de adição de novas matérias ou comentários que exponham visões particulares de modo a enriquecer o conteúdo e a atender à demanda do público, bastando, para isso, que o público desenvolva a função de autor em algum momento do processo de produção e publicação de notícias.
... ter cópias distribuídas de modo que auxilie outros interessados a aperfeiçoar o programa para que toda a comunidade se beneficie.	... ser produzido por diferentes pessoas, em momentos particulares (cada cidadão escreve sua própria matéria, não interferindo diretamente nas demais) com diferentes objetivos, de modo que possa auxiliar a compreensão de um fato pela sociedade.

Comparado ao modelo *open source* de produção, de acordo com a tabela 3, tem-se o seguinte panorama:

TABELA 6
OPEN SOURCE SOFTWARE E NOTICIÁRIO OPEN SOURCE

<i>Software</i> é <i>open source</i> quando...	OhmyNews é <i>open source</i> porque...
--	---

... a distribuição é livre – ela pode acontecer através de concessão sem pagamento ou através de venda.	... tem acesso de leitura e publicação livre, não sendo necessário pagamento ou cadastro prévio para leitura do conteúdo.
... o código-fonte deve ser obrigatoriamente distribuído com o programa. Caso o <i>software</i> não disponibilize o código-fonte, deve abrir grande espaço publicitário para que o público saiba onde e como obtê-lo sem custos adicionais.	... a possibilidade de publicação (técnica e editorial) é garantida juntamente às notícias, mediante cadastro do cidadão-repórter.
... a <i>OSI</i> permite modificações e trabalhos derivados, além de permitir também que estes trabalhos sejam distribuídos sob os mesmos termos de licença com que foi adquirido o <i>software</i> original.	... são permitidas modificações do noticiário de fonte aberta por meio da adição de novas matérias; no caso de derivados, os trabalhos estão protegidos por <i>copyright</i> ⁷³ .
... a licença utilizada pela <i>OSI</i> pode restringir a distribuição do código-fonte modificado somente se a licença permitir a distribuição de arquivos anexos com o código-fonte para modificar o programa na ocasião da configuração	... o <i>copyright</i> utilizado pelo OhmyNews protege o conteúdo mas não restringe o ato de publicar novas mensagens em momento algum.

Mesmo ao não autorizar que outros interagentes e nem mesmo o próprio autor interfiram na matéria após publicada de modo espontâneo, o OhmyNews não perde seu caráter *open source*, pois o sistema de publicação e o noticiário, em sua totalidade, seguem abertos para novas publicações. É curioso, porém, destacar que nem mesmo o próprio fundador do projeto entende que o seu noticiário seja completamente *open source*. Esclarece-se: Oh Yeon Ho declara, durante a entrevista, que o OhmyNews tem seu lado “não *open source*” por ser uma empresa e gerar lucro. Nas comunidades de desenvolvedores de *open source software*, no entanto, o lucro não descaracteriza o modelo de produção *open source*. Basta que o código-fonte esteja aberto e que as pessoas participem da construção e do aprimoramento do *software*. Quanto ao licenciamento do conteúdo, o OhmyNews não pode ser considerado *open source* uma vez que é protegido por leis de *copyright*. Por outro lado, o **processo**, que é o cerne deste trabalho, não é limitado a leis de direito de autoria ou reprodução.

A existência do jornalismo *open source* define-se, de modo geral, pela

⁷³ O uso de *copyright* sobre as notícias pelo OhmyNews destoa do restante das liberdades atribuídas ao noticiário de acordo com a *Open Source Initiative* e, mais ainda, com a *Free Software Foundation*. Sinaliza-se aí um ponto de discordância entre o jornalismo *open source* praticado no OhmyNews e o modelo de produção desenvolvido nas comunidades de *software* de código aberto. Posteriormente, este será ponto de crítica desta pesquisa, que sugere a adoção de licença *Creative Commons* para execução mais adequada do conceito *open source* no OhmyNews.

abertura do sistema – informático e editorial – para publicação. A ocorrência de interação mútua pode acontecer – e geralmente acontece – entre cidadãos-repórteres e editores ou entre interagentes do mesmo nível que, a exemplo do Wikinews, podem modificar uma mesma matéria sem que desempenhem papel diferenciado do autor original. A possibilidade de interação mútua entre jornalistas e os mais diversos públicos na produção e publicação de notícias, porém, firma-se como o traço mais forte do modelo *open source* aplicado ao jornalismo; eis o diferencial desta prática em relação ao jornalismo tradicional e ao jornalismo *online*.

Percebe-se que há uma série de variáveis que compõem o perfil *open source* de um projeto jornalístico. É necessário sublinhar que o espectro de variáveis aqui contemplado não se faz estanque nem mesmo ambiciona dar conta da totalidade dos traços que caracterizam o jornalismo *open source*. Assim como a participação dos públicos na composição da mensagem noticiosa vem sendo discutida em diferentes âmbitos – até mesmo nos *media* tradicionais –, não há consenso estabelecido em relação aos modos de interação com a notícia no ciberespaço. Mesmo dentro do próprio jornalismo tradicional, valores como objetividade, verdade, fato, credibilidade, formação e a identidade profissional do jornalista são temas que não se encerram em uma discussão como esta, ao contrário: lançam-se a mais incertezas considerando o cenário atual de mudanças comportamentais e de manifestações midiáticas. Daí a constante necessidade em se retomar e atualizar as discussões dos objetos clássicos da comunicação.

O desequilíbrio provocado na cadeia midiática quando os públicos passam a produzir a mensagem lado a lado com os profissionais de imprensa está longe de ter suas discussões encerradas. O que se procurou neste estudo foi identificar alguns traços de um novo modelo de jornalismo que, de acordo com a terminologia escolhida e justificada, estabelece características em comum ao modo de produção *open source* tradicionalmente aplicado pelas comunidades desenvolvedoras de *software* de código aberto.

Ao que este estudo mostrou, o jornalismo *open source* não representa uma ameaça ao jornalismo tradicional, feito por jornalistas profissionais e veiculado em rádio, televisão ou mídia impressa. Nem mesmo o jornalismo *online*, aos moldes como é produzido profissionalmente desde que o primeiro jornal se digitalizou no

Brasil⁷⁴, será substituído por um noticiário elaborado colaborativamente entre jornalistas e demais públicos. O que se entende desta incursão por um processo e, sobretudo, pela análise de um exemplo atual, é que o jornalismo *open source* abre espaço para um noticiário diferenciado que tende a enriquecer a informação especialmente no que toca à diversidade e ao sentimento de inclusão dos interagentes.

Por outro lado, como todo o processo midiático, o jornalismo *open source* tem suas falhas, como o risco de informações falsas, a banalização da reportagem e, no que diz respeito ao OhmyNews International, a manutenção de uma hierarquia editorial. A figura de um editor, conforme visto em diferentes momentos desta pesquisa, pode parecer um resquício do jornalismo tradicional, especialmente àqueles que anseiam por liberdade ampla e irrestrita à publicação de conteúdo em ambiente digital. Ao contrário, esta pesquisa filia-se à perspectiva da necessidade de uma hierarquia, na presença do editor, para que a ordem seja mantida e para que alguns valores do jornalismo tradicional sejam preservados. Somente assim, acredita-se, é possível intitular **jornalismo** a prática informacional estudada ao longo destes capítulos. Projetos que se pretendem informativos de caráter noticioso e não contem com o trabalho de jornalistas poderão seguir o modelo *open source* de produção, mas sua classificação como projetos de “jornalismo” podem ser colocadas em xeque por não contarem com o trabalho do profissional tampouco garantir os valores que caracterizam em essência um noticiário.

O editor não apenas legitima o processo, como também reforça uma função para onde apontam as tendências na rotina profissional de um jornalista. Cada vez mais editor, o jornalista formalmente graduado encontra no relacionamento com os públicos e na liderança do processo informativo um nicho de alta produtividade, cujas habilidades não estão à disposição de um repórter amador. É sua a responsabilidade de fazer da notícia uma construção permanente, um diálogo entre olhares diversos. É sua a tarefa de orquestrar processos de interação mútua e reativa que trazem os públicos para dentro do noticiário sem expulsar o profissional.

Considera-se pertinente a avaliação do *site* OhmyNews International através dos conceitos do modelo de produção *open source* justamente por este projeto não abrir mão de valores essenciais do jornalismo tradicional e incorporar a eles uma tendência crescente na comunicação: a interação. Ainda que restem lacunas a serem preenchidas por um sistema de funcionamento que, na visão desta pesquisadora,

⁷⁴ O Jornal do Brasil foi o primeiro jornal brasileiro a criar sua versão *online*. O projeto teve sua estréia *online* em 08/02/1996 e foi liderado pelo jornalista Sérgio Charlab.

poderia conferir maior autonomia ao cidadão-repórter, o OhmyNews International consolida um padrão de noticiário que é livre sem ser anárquico, ainda que a colaboração aconteça por meio de adição de partes e não de modificação de cada uma delas.

É importante sublinhar que os estudos sobre a interferência direta dos públicos na produção e publicação de notícias estão recém no começo. Desde o início desta pesquisa, em março de 2004, uma série de pesquisadores de diferentes níveis e países se mostraram interessados pelo tema. Atualmente, tem-se a informação de que pesquisas sobre este tema vêm sendo produzidas como trabalhos de conclusão de graduação, dissertação de mestrado e projetos de iniciação científica no Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Estados Unidos, Itália e Portugal. Sob nomes que variam por *participatory journalism*, *citizen journalism* e *open source journalism*, estes trabalhos apontam uma tendência de estudo dentro da Comunicação. Mesmo a autora desta dissertação ambiciona dar continuidade aos estudos sobre jornalismo *open source* em nível de doutorado.

Espera-se, com este trabalho, ter contribuído com a reflexão e, sobretudo, ter levantado temas para serem discutidos na academia, no mercado editorial e na privacidade de cada cidadão.

8. REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. Informação *online*: jornalista ou produtor de conteúdo In **Contracampo**, vol.6 Rio de Janeiro: UFF, 2001

AMARO, Vanessa Fernandes. **Vivendo na pele do outro**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=amaro-vanessa-pele-outro.html> (Último acesso em 19/02/2006)

BARBERO, Jesús Martin. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social In **Sujeito, o lado oculto do receptor** / Mauro Wilton de Sousa (org.) São Paulo: Brasiliense, 1995

BARBOSA, Elisabete. **Interactividade: a grande promessa do jornalismo online**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-elisabete-interactividade.pdf> (Último acesso em 31/01/2006)

BARBOSA, Elisabete. **Jornalistas e público: novas funções no ambiente online**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/02/barbosa-elisabete-jornalistas-publico.pdf> (acesso em 20/04/2004)

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Jornalismo, magia, cotidiano**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

BARROS, Diana L. P. de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação In **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bahtin Mikhail**. Diana Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin (orgs). Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 1994.

BOYD, Clark. **'Free' Danish beer makes a splash**. BBC, 28/07/2005. Disponível em <http://news.bbc.co.uk/1/hi/technology/4718719.stm> (Último acesso em 15/01/2006)

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol. 1. 4ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2000

CANAVILHAS, João Messias. **Considerações gerais sobre jornalismo na web**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=canavilhas-joao-webjornal.html> (Último acesso em 18/02/2006)

DAIGLE, Gregory. **Citizen Journalist Content - Who Owns It? Citizen journalists, media, or public?**, 2006. Disponível em: http://english.ohmynews.com/articleview/article_view.asp?menu=c10400&no=270089&rel_no=1 (Último acesso em 14/03/2006)

DEJAVITE, Fábila Angélica. **O poder do fait-divers no jornalismo: humor, espetáculo e emoção**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande, 2001. Anais.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

FIORIN, José Luiz. Polifonia Textual e Discursiva. In **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bahktin Mikhail**. Diana Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin (orgs). Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 1994.

- GILLMOR, Dan. **Nós, os *media***. Lisboa: Editorial Presença, 2004
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais** – 7ªed. – Rio de Janeiro: Record, 2003
- GUERRA, Josenildo Luiz. **O nascimento do jornalismo moderno**. XXVI Intercom: Belo Horizonte, MG, setembro, 2003. Anais.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: Manual de comunicação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- LESSIG, Lawrence. **Future of ideas – The fate of the commons in a connected world**. Vintage Books: New York, 2002
- LESSIG, Lawrence. **Free culture. How big media uses technology and the law to lock down culture and control creativity**. New York: The Penguin Press, 2004.
- LÉVY, Pierre. O ciberespaço como um passo metaevolutivo. In **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário**. Francisco menezes Martins, Juremir Machado da Silva (orgs.). Porto Alegre: Sulina, 2004
- MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Trad. De Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996
- MAFFESOLI, Michel. **A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação)** In Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. Nº 20 Abril de 2003 p. 13-20.
- MAFFESOLI, Michel. **Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social** In Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. Nº 23 Abril de 2004 p. 23-29.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARCONDES Filho, Ciro. **Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARTINS Filho, Eduardo Lopes. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo**. 3ª ed. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento. As bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Editorial Psy II, 1995
- MELO, José Marque de. **Jornalismo opinativo**. 3ª ed. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web.** In MACHADO, Elias, PALACIOS, Marcos. Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003

MORIN, Edgar. **O Método** V.2 2ªed. Portugal: Publicações Europa-América, 1980.

MORIN, Edgar. **O Método** V.3 Lisboa: Publicações Europa-América, 1986.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MORIN, Edgar. **Terra-Pátria.** Porto Alegre: Sulina, 1995.

MORIN, Edgar **O método** V.4 Porto Alegre: Sulina, 1998.

MORIN, Edgar. **O método** V.1 2ª ed Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: O fetiche da velocidade.** Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo, mediação, poder: considerações sobre o óbvio surpreendente.** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2003. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-jornalismo-mediacao.pdf> (Último acesso em 04/07/2005)

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido.** 2ª ed. Brasília: UnB, 2002

MOURA, Catarina. **Jornalismo na era Slashdot.** Biblioteca *Online* de Ciências da Comunicação, janeiro/2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=moura-catarina-jornalismo-slashdot.html> (último acesso em 06/03/2005)

NOGUEIRA, Luís Carlos. **Slashdot: comunidade de palavra.** Biblioteca *Online* de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=nogueira-luis-slashdot_texto.html (último acesso em 06/03/2005)

PALACIOS, Marcos; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana; RIBAS, Beatriz; NARITA, Sandra. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português.** Trabalho apresentado no XXV Intercom. Salvador, 2002. Anais.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão.** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf> (Último acesso em 04/07/2005) (a)

PEREIRA, Fábio Henrique. **A produção jornalística na internet e a construção da identidade profissional do webjornalista.** V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet, Salvador, Bahia, 2004. Anais (b)

PIAGET, Jean. **O desenvolvimento do pensamento: equilíbrio das estruturas cognitivas.** Lisboa: Dom Quixote, 1977.

PRIMO, Alex. Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. In **Revista Famecos**, no.12, junho de 2000. Págs.: 81-92

PRIMO, Alex. **Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva** In Compós 2002 - XI Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 11, 2002. Rio de Janeiro. Anais: Rio de Janeiro, 2002. Disponível em <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2002/T7G4.PDF> (Último acesso em 21/08/2005)

QUEIROZ, Tobias. Cultura potiguar em xeque. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=queiroz-tobias-cultura-potiguar.html> (Último acesso em 19/02/2006)

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Ed. Codecri, 1978

RAYMOND, Eric S. **The Cathedral and the Bazaar**. Version 3.0 Thyrsus Enterprises, 2000. Disponível em: <http://www.catb.org/~esr/writings/cathedral-bazaar/cathedral-bazaar/> (Acesso em 1º/05/2005)

RUELLAN, Denis. **A roupa justa do jornalista: O estatuto profissional à prova da jurisprudência**. XIII Encontro Nacional da COMPÓS. São Bernardo do Campo, São Paulo, 2004. Anais.

SALAVERRÍA, Ramón. De la pirâmide invertida al hipertexto In **Novática** (Revista de la Asociación de Técnicos de Informática), vol. 142, novembro-dezembro de 1999, p. 12-15.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000

SIMON, Inre. **A Propriedade Intelectual na Era da Internet**. In DataGramZero - Revista de Ciência da Informação, v.1, n.3, jun. 2000. Disponível em: http://www.dgzero.org/jun00/Art_03.htm (Acesso em 1º/05/2005)

SILVA, Juremir Machado da. “O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação”. In Hohlfeldt, A.; Martino, L. C.; França, V. V. (org). **Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.171-186.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SOSTER, Demétrio de Azedo. **Webjornalismo, velocidade e precisão: o caso do site “UOL Eleições 2002”**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2003. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/soster-demetrio-webjornalismo-uol.pdf> (Último acesso em 31/01/2006)

SOUSA, Jorge Pedro. **Construindo uma teoria do jornalismo**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-jornalismo.pdf> (Último acesso em 31/01/2006)

SOUZA, Mauro Wilton. Recepção: uma questão antiga em um processo novo **In Sujeito, o lado oculto do receptor** / Mauro Wilton de Sousa (org.) São Paulo: Brasiliense, 1995

STENBORG, Markku. **Waiting for F/OSS: Coordinating the Production of Free/Open source Software. Free / Open source Research Community.** MIT, 2004. Disponível em http://opensource.mit.edu/what_is_os.html (Acesso em 31/03/2005)

STALLMAN, Richard. **Free Software, Free Society: Selected Essays of Richard M. Stallman.** Free Software Foundation: Boston, 2002.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa.** 4ª ed. Belém: UNAMA, 2001

THACKER, Todd Cameron. **Correspondência pessoal.** 10 /01/2006

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, por que as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2ª ed., 2005

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia.** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf> (Último acesso em 31/01/2006)

WILLIS, Shayne; BOWMAN, Chris. **Nosotros, el medio Cómo las audiencias están modelando el futuro de las noticias y la información. The Media Center and The american Press Institute,** 2003 Disponível em: <http://www.hypergene.net/wemedia/espanol.php> (Último acesso em 08/07/2005)

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** 2ª ed. Lisboa: Editora Presença, 1992

YEON HO, Oh. Korean Netizens Change Journalism and Politics – The Marriage of Democracy and Technology. In **The Amateur Computerist.** Vol. 13, Nº1. Disponível em: <http://www.ais.org/~jrh/acn/ACn13-1.pdf#search='the%20amateur%20computerist%20oh%20yeon%20ho'> (Último acesso em 10/07/2005) (a)

YEON HO, Oh. Entrevista realizada/gravada pessoalmente no hotel Best Western Gangnam em Seul, no dia 25/06/2005 (b)

ANEXOS

9.1 Anexo 1: Acordo de Registro de Membro no OhmyNews

Membership Registration Agreement

Article 1: General Rules

Section 1: Purpose

1. The purpose of this agreement is to define all issues relating to the conditions and procedures of use of all Services ("services" defined as all contents including news articles, pictures, images, illustrations, music files, video files, and other formats and diverse services) between the customer (herein referred to as "Member") and OhmyNews, and to define all other necessary particulars.

Section 2: Effectuation and Amendments

1. Services are provided on condition that the Member accepts this Agreement without changes. Clicking "Agree" means the Member accepts this Agreement.

2. This Agreement takes effect when it is published *online*. OhmyNews may make amendments at its discretion as circumstances necessitate, and any such changes take effect by being posted on the service page or upon notification to the Member through other means.

3. The Member may choose to stop using Services and withdraw Membership if he does not agree to amendments to this Agreement. The Member is assumed to have agreed to changes if he continues to use Services after amendments have been made to this Agreement.

Section 3: Rules Not Included in This Agreement

1. Issues not defined in this Agreement are defined by the related laws of the Republic of Korea where applicable.

2. Services not defined by this agreement will require Member acceptance to (a) separate agreement(s).

Article 2: Membership Registration and Use of Services

Section 1: The Establishment of a Use Contract

1. A Use Contract is established upon OhmyNews' acceptance of the user's application for use and the user's acceptance of the Agreement.

2. A person desiring to register as a Member and use Services must provide a pre-determined amount of personal information. The personal information provided by the user is thoroughly protected in accordance with the Republic of Korea's Personal Information Protection Policy.

3. Member information provided by the Member at registration is considered genuine. Members who do not provide genuine information may not receive legal protection.

4. Persons under the age of 14 may become Members with the approval of a legal guardian, in accordance with the related laws.

1) Should a person under the age of 14 desire to accept the Agreement, his legal guardian must provide his legal name, Resident Registration Number, and contact information to be approved by OhmyNews, having overseen the process of Membership application by the person under the age of 14.

2) OhmyNews reserves the right to require additional confirmation of the legal guardian's consent by telephone, facsimile, postal mail, email, or other means, and in some cases may seek other reasonable methods of confirmation that the legal guardian has truly consented.

3) OhmyNews approves applications for Membership by persons under the age of 14 after confirmation of the consent of the person's legal guardian.

4) The legal guardian must be careful not to allow a situation where the person under 14 learns of the legal guardian's Resident Registration Number and might manipulate use of the Resident Registration Number, as such information is an important means of confirmation of the legal guardian's consent.

5) The legal guardian may retract consent at any time, but does not gain exemption from responsibility for the Member's use of Services during the period during which the legal guardian provided consent.

5. Persons residing overseas and non-Korean citizens residing in Korea and who therefore lack a Resident Registration Number must provide documented proof of identity via facsimile or file attachment in order to complete the Membership application process. Such applicants must provide that documentation within one month of applying in order to be recognized as a Member.

Section 2: Approval of Application

1. OhmyNews approves applications for use of services when the Member has stated all information accurately. OhmyNews does not approve applications in circumstances falling under "Reasons for Rejecting Application for Membership."

2. Reasons for Rejecting Application for Membership

1) The use of a name that is not the legal name of the applicant.

2) The use of a Resident Registration Number that is not that of the applicant.

3) The submission of false information at time of application.

4) Application with intent to harm good morals and manners or social peace and order.

5) Failure to meet other conditions for application as defined by OhmyNews.

Section 3: Limits to Use of Services

1. In principle Services may be used 24 hours a day every day of the year, without regard to legal holidays but with exception to special instances where OhmyNews operational or technical circumstances incur momentary suspension of Services.

2. Some Services provided by OhmyNews require Member registration and use with a username and password.

Section 4: Benefits of Membership

1. Membership is free of charge.

2. The Member is automatically invited to participate in various events and programs organized for Members by OhmyNews. OhmyNews assumes the Member agrees to abide by all rights and duties relating to participation in such events and programs at the time of Membership application.

Article 3: Termination of Contract and Restrictions on Use of Services

Section 1: Termination of Contract and Prohibitions on Use of Services

1. The Member may discuss complaints about the handling of Member information on bulletin boards such as the open bulletin board for each Service.

2. A Member seeking to terminate the Service contract must do so himself by applying for termination on the personal information management page.

3. A Member who has terminated Membership may re-register for Membership within 3 months under the same username, as the Member's username will be preserved for that period. After three months the Member must re-register under a different username.

4. OhmyNews may terminate a Member's contract or suspend use of Services for a set period without prior notification in any of the following instances.

1) Behavior that is contrary to public order or good morals and manners.

2) Criminal behavior.

3) Planning or acting on plans to use Services with the goal of harming the national or public interest.

4) Use of someone else's username and password.

5) Defamation of character or behavior injurious to another individual.

6) Registering as a Member twice under different usernames.

7) Actions hampering the positive use of Services, such as deliberate harm to Services.

8) Behavior that violates the pertaining laws or conditions of use as defined by OhmyNews.

Section 2: Procedures in Prohibiting Use

1. When OhmyNews seeks to restrict use by a Member the Member or his representative will be informed via email or telephone of the reason, when the time restriction is to begin and period of restriction of use. In urgent cases OhmyNews may suspend membership without notification.

Article 4: Responsibility

Section 1: OhmyNews' Obligations

1. OhmyNews will make Services available to Members, barring special circumstances.

2. OhmyNews is obligated to provide Services in a continuous and stable manner in accordance with this Agreement, and to restore Services when they are discontinued for unavoidable reasons without delay. However, in cases of natural calamity, states of emergency, and other unforeseen events OhmyNews may temporarily suspend Services.

3. OhmyNews will deal immediately with views and complaints presented by the Member when determined to be legitimate.

4. OhmyNews will not leak or distribute the Member's personal information as learned from the Membership registration process to third parties without the Member's consent. Exceptions include when a state agency demands such information in accordance with the Republic of Korea's "Basic Law on Electronic Communication," when such information is demanded as part of a criminal investigation or by the Republic of Korea's "Information and Communication Ethics Committee," OhmyNews will disclose the Member's personal information when the request is consistent with the procedures required by the pertinent laws.

5. OhmyNews may share Member information with *sites* with which OhmyNews has signed cooperative agreements in order to further the ease of use of the OhmyNews *site* and OhmyNews may transmit a cookie to the Member's computer for that purpose.

6. OhmyNews may use all or part of the Member's information for statistical purposes relating to business operations, within the limits outlined in "5" above.

Section 2: Obligations of the Member

1. All responsibility regarding the Member's username and password lies with the Member.

2. The Member may not transfer or give his username to another individual.

3. The Member must inform OhmyNews by email or other method of any wrongful use of his username.

4. The Member must abide by this Agreement and the related laws of the Republic of Korea as they apply.

Article 5: Posted Material

Section 1: The Member's Posted Material

1. OhmyNews may delete material posted by the Member without prior notification in the following instances.

1) If the Member's material damages, abuses, appropriates, threatens, or is harassment of another individual's privacy, rights to announce pertinent information, or other legal rights.

2) If the Member's material prints, mails, posts, distributes, or disseminates titles, names, material, or data that is illegal, inappropriate, profane, libelous, infringing, pornographic, or vulgar.

3) If the Member uploads files that are software of other material protected by the Republic of Korea's "Intellectual Ownership Law." Exceptions are when the Member maintains ownership or managerial rights over the material or has obtained consent regarding its use.

4) If the Member uploads files that contain viruses or are otherwise contaminated and as such can harm computers, or uploads similarly harmful software or programs.

5) If the Member advertises or sells products or services with commercial intent.

6) If the Member engages in data collection, contests, pyramid sales activities, or sends "letters of luck" (designed to be sent to large numbers of people that encourage further circulation).

7) If the Member downloads material he knows or reasonably can be believed to have known was posted by another *site* user and as such cannot be lawfully circulated.

8) If the Member removes material that consists of software or other material that has the author's name, legal or other appropriate information, trademark, source, or other descriptions and markings falsified or removed.

9) If the Member limits or prohibits another Member from using or enjoying Services.

10) If the Member posts material that includes pornographic content harmful to public order or good morals and manners, content that either promotes or attacks a specific religion, or other improper material such as content that incites regional sentiments.

Section 2: Copyright

The rights and responsibilities regarding general posted material lies with the Member who posts the material.

Section 3: OhmyNews' Responsibility for Posted Material

1. OhmyNews is not obligated to inspect all posted material. However, OhmyNews reserves the right to disclose information pertaining to the material in order to satisfy legal or regulatory requirements or legal government requests, and to refuse to edit or post material or information either partially or entirely, completely at the discretion of OhmyNews.

2. All Services regarding posted material is public communication and not private, and the Member recognizes that material he posts may be read by other individuals without his knowledge. The Member must be careful about information through which readers might be able to identify individuals or their children.

3. OhmyNews reserves the right to end the Member's access to all or part of bulletin boards for any reason and without notification.

4. OhmyNews clearly denies all forms of responsibility for posted material and responsibility incurred by the Member's use of OhmyNews bulletin board Services.

Article 6: The Provision of Information and Advertisements

1. The Member's personal information will be thoroughly protected, and it may be shared in accordance with Article 4, Section 1, Item 5.

2. OhmyNews may transmit needed information to the Member via electronic or postal mail. The Member may refuse to receive information by choosing that option in the course of Membership registration or by making changes in his Membership information.

3. OhmyNews may provide Members with commercial advertisements via email at the request of advertisers and based on the judgment of OhmyNews.

Article 7: General Matters

1. This Agreement is governed by the applicable laws of the Republic of Korea. The Member agrees that any dispute arising from use of Services or any other related dispute falls entirely under the jurisdiction of the court with jurisdiction over OhmyNews. The use of the OhmyNews *site* is not permitted in areas that do not recognize the legal validity of this Agreement. Furthermore, the Member agrees that the Korean language original of this Agreement takes legal precedence over the English language version in any and all legal disputes.

2. The Member agrees that no joint venture, partnership, employment, or representation exists between the Member and OhmyNews as a result of the use of the OhmyNews *site*. OhmyNews is governed by existing laws and legal procedures in the course of implementing this Agreement. No part of this Agreement harms OhmyNews' right to abide by government, judicial, or law enforcement authority request or demand in relation to information gathered or provided by OhmyNews in the course of providing or the use of Services.

3. When the applicable laws render invalid or inexecutable any provision or provisions of this Agreement, including the aforementioned denial of responsibility the provision or provisions so legally rendered invalid or inexecutable will be

replaced by (a) valid and executable provision or provision(s) that are as consistent as possible with the original intent of the provision or provisions determined, in any way, to be legally invalid or inexecutable.

(Additional Clauses)

The original Korean language version of this Agreement took effect on September 1, 2003 and replaced the previous Agreement. Persons who registered as Members prior to the effectuation of this Agreement are nevertheless governed by this Agreement.

9.2 Anexo 2: Código de ética

The OhmyNews Citizen Reporters' Agreement

1. I recognize the editorial authority of OhmyNews' in-house editing staff.
2. I will share all information about each of my articles with the OhmyNews editing staff.
3. I will not produce name cards stating that I am a citizen reporter of OhmyNews.
4. When an article I submit has or will be simultaneously submitted in another medium, I will clearly state this fact to the editorial staff.
5. I will accurately reveal the sources of all quotations of text.
6. Citizen reporters who work in the field of public relations or marketing will disclose this fact to their readers.
7. Legal responsibility for acts of plagiarism or unauthorized use of material lies entirely with the citizen reporter.
8. Legal responsibility for defamation in articles lie entirely with the citizen reporter.

Code of ethics

1. The citizen reporter must work in the spirit that "all citizens are reporters," and plainly identify himself as a citizen reporter while covering stories.
2. The citizen reporter does not spread false information. He does not write articles based on groundless assumptions or predictions.
3. The citizen reporter does not use abusive, vulgar, or otherwise offensive language constituting a personal attack.
4. The citizen reporter does not damage the reputation of others by composing articles that infringe on personal privacy.
5. The citizen reporter uses legitimate methods to gather information, and clearly informs his sources of the intention to cover a story.
6. The citizen reporter does not use his position for unjust gain, or otherwise seek personal profit.
7. The citizen reporter does not exaggerate or distort facts on behalf of himself or any organization to which he belongs.
8. The citizen reporter apologizes fully and promptly for coverage that is wrong or otherwise inappropriate.

9.3 Anexo 3: About cybercash

OhmyNews citizen reporters are paid two types of cybercash; basic cybercash from OhmyNews and cyber tips from OhmyNews readers.

Basic Cybercash

1. Whenever a Saengnamu article is selected as an Ingul story by OhmyNews editors, the citizen reporter will earn 2,000 won.
2. If the article is selected again as a main top story, the cybercash a citizen reporter earns increases to 20,000 won.

3. If the article is selected as a main sub or section top story, the cybercash will increase to 10,000 won (10,000 won is about US\$10).

Cyber tips

Currently, the readers of OhmyNews Korean edition can 'tip' citizen reporters using various payment methods such as mobile phone, credit card and bank transfer. OhmyNews is looking for an international transaction system that will allow us to implement a similar system for OhmyNews International.

OhmyNews hopes that we can give you positive news soon in the near future.

Special Cybercash

When a citizen reporter breaks an exclusive story, writes in-depth feature news or in any other case OhmyNews deems valid, he or she will be paid special cybercash.

Other Cybercash

On top of basic cybercash, OhmyNews will award citizen reporters with additional cybercash when he or she is selected as "the Citizen Reporter of the Month" or "the New Citizen Reporter of the Month."

-

Fees and royalties will be added to your account as cybercash.

-

When your cybercash exceeds 50,000 won, the cybercash will be paid to citizen reporter upon request. Citizen reporters should send OhmyNews their bank name, bank code (IBAN, SWIFT etc.), account number and name of the account holder.

-

Citizen reporters can view their cybercash total and status at anytime.

-

Cybercash will be wired to citizen reporters after tax and applicable banking fees have been deducted.

9.4 Anexo 4: FAQ

Q1. The article disappeared

Articles that are selected as the top story on the main page or the various sections no longer show up on the "Ingul" list. Articles on the "Ingul" list are shown in chronological order. If you think your article has disappeared, first check to see if it has been placed on the main page or one of the sections.

Articles that are selected as the top story on the main page or the various sections no longer show up on the "Ingul" list. Articles on the "Ingul" list are shown in chronological order. If you think your article has disappeared, first check to see if it has been placed on the main page or one of the sections.

Q2. Why is my article on the Saengnamu list?

Because it hasn't been selected by the OhmyNews editorial staff. Reasons for not selecting articles for the main page may include:

- When content is unclear because the article fails conform to news article style.
- When it is so poorly written it fails to convey its meaning.
- When it fails to answer "when, where, who, what, how and why."
- When it's entirely one-sided or contains advertising content.
- When there are concerns of defamation.
- When the article plagiarizes other media reports.
- When there are concerns of copyright infringement.

In such cases, we may request additional work, depending on the content of the article.

Q3. How do I edit articles?

It is possible for members to edit articles uploaded onto OhmyNews prior to hitting the "Submit to Editors" button.

At every stage of writing the article, there is a "Finish Edit" button, and edited articles can be previewed by hitting the "preview" button. Once you hit the "Submit to Editors" button, however, you can no longer modify your article. In this case, you can edit your article by sending inquiries by email to internews@ohmynews.com.

Q4. The headline of my article has changed.

Articles that have been entered into OhmyNews undergo a complete editing process, from basic editing for things like spelling errors and sentence structure to headlines. In this process, the editorial staff may change the original headline. Headlines are changed in order to give readers a better idea of what the article is about or when the headlines are either too short or too long. To raise issues with a changed headline, you can use the News Room.

Q5. What's the difference between the Saengnamu and Ingul lists?

As we mentioned in Q1, stories on the Saengnamu list are those that have not been formally adopted by the OhmyNews editorial staff, and are not called "articles." On the other hand, those on the "Ingul" list are articles formally selected by the OhmyNews editorial staff. Articles on the Saengnamu list do not receive Cybercash, and they do not appear anywhere besides the Saengnamu list.

Q6. In the "Your Article List" on the "Submit Article" page, what does "mT/IG" mean?

When you go into "Write Article," all your articles show where they've been placed, and these locations are expressed through various symbols. The first symbol shows the highest position the article ever reached, while the second one shows its current position. For example, an article that was a top story but is now on the "Ingul" list would be marked, "mT/IG."

The symbols are as follows:

mT – Main top
mS- Main sub
sT – Section top
sS – Section sub
IG - Ingul

Q7. Please break my story up into a series of articles.

You can use the "Continue" function to break up an article into several pieces when it's too long. You can also use it to input breaking reports about one particular incident. You can find the "Continue" button by clicking on the article list in the "Submit Article" window. You just have to find the article and input your addition. As reader comments are shared with articles that have had additions made, it's best to write separate articles unless the situation absolutely calls for an addition.

Besides this, some ask to have two separate articles merged as one. As this requires an article to be deleted and re-entered, writers must accurately judge whether they'll be updating the article before they write it. In these cases, the reader comments with the article to be re-entered would be deleted as well.

Q10. I put up a story, but it didn't get put on the Saengnamu list

Since July 1, 2002, OhmyNews has been operating a modified article-writing system.

In the old system, an article was sent automatically, but under the modified system, only if one presses the "Submit to Editors" button does the article go to the editorial staff. This was so that errors would not occur due to writers and editors editing an article at the same time.

If you have written an article, but it doesn't show up on the Saengnamu list, check if you've hit the "Submit to Editors" button. If you did, and your article still isn't on the Saengnamu list, make an inquiry with the News Room.

If you have any questions, leave a message in the News Room or email internews@ohmynews.com

Changing profile

Q1. Please change my email address, cell phone number, etc.

If you'd like to change your profile, click on the "Your Profile" button on the left sidebar of the main screen. You can edit the information in the "Update Your Profile" menu at the top of the screen.

When your personal information changes from the time you joined OhmyNews, you must edit your profile.

Because OhmyNews is an Internet medium, there are many times when we have to call reporters with urgent questions related to stories. If the membership information is incorrect, fact checking could be slowed, and your hard-written article's news value could slip.

Q2. Please include my introduction.

If you'd like to introduce yourself to readers, ask with the News Room to put it in your article together with your introduction.

If you have any questions, leave a message in the News Room or email internews@ohmynews.com

Cybercash

Q1. My article was selected as a top story, but my Cybercash remains the same.

OhmyNews' cybercash system is semi-automatic. Two or three times a day, OhmyNews calculates cybercash. Occasionally, the cybercash is input after the stories were placed as top stories. If the fee hasn't been input after two or three days, inquire with the News Room.

Q2. I haven't received my Cybercash.

OhmyNews pays out fees on the second day of each month. The deadline for applying for fees is the final day of each month. Those who apply for fees by the deadline receive their payment two days later, while those who do so after receive on the next payday. Those who have accumulated more than 50,000 won in Cybercash can receive payment.

*50,000 won is about US\$50 according to current exchange rate as of April 2005.

Images submissions

How do I put photographs in?

Since the modification of the article writing system on July 1, 2002, writers can select the position of photos within the article after they enter them.

According to the new system, once you've attached an image file in the third page of the "Submit Article" section, you can use "Finish Edit" to place image markers (@IMG1@, @IMG2@, etc) where you'd like the images to go. Hit the "preview" button next to the "Finish Edit" button to check your work. After you've finished placing your images, hit the "Finish Edit" and "Submit to Editors" buttons one by one to finish your work.

(@IMG1@, etc. are the numbers given the images in the order they were uploaded. Photos are given a number, even if only one is uploaded.)

Q2. Please make the image smaller.

Image size should be as follows:

Images that will go on the left or right side of the article should not exceed 400 pixels. Photos that will go in the middle of the text should be kept under 500 pixels.

In order to do this, you need a photo editor like Photoshop. If you lack such a program, you'll have no choice but to upload the photos as is. In this case, the photos could cover the article. By asking News Room, the editors can reduce the size of the photo for you. However, if the editors, who have quite a few articles on their hands, have to adjust the sizes of the photos of each article, it could cut down the time they have for editing, so please, if possible, adjust the photos on your own before uploading them.

Q3. I uploaded the photo, but I can't see it. Or it shows up too late.

If you can't see the photo, it means the file was saved incorrectly or the resolution is too high. Files must be saved as JPGs or GIFs, and the file names must be in Roman characters. Moreover, if the resolution is too high, the files are too large and they take a while to load. 72 DPI is a reasonable resolution for the Internet.

In addition, photos may not be visible if they were uploaded incorrectly. OhmyNews image files come in three kinds. One is the original photo size, another is the size adjusted for the article, and thumbnails for use in top stories. The photos seen in the articles are the adjusted ones. Photos may be mistakenly uploaded in the wrong form.

Can't I use photos from another *site* if I mention the source?

Citizen reporters occasionally use photos taken from the Internet in their own articles. When you haven't gotten permission from the copyright owner to do so, this can cause problems, even if you've named the source. Accordingly, OhmyNews citizen reporters should strictly avoid doing this.

Q5. Issue of rights to one's portrait in the photographs.

Even when a photo is needed for the article, one must be careful with the faces of specific individuals. When you show the faces of specific individuals, it can occasionally lead to defamation issues. Moreover, when you show the face of an individual that is not particularly connected to the story, it could cause problems concerning likeness rights. For example, when doing a piece on the homeless, it's best to take photos from the side or behind so that specific faces aren't revealed. If you have permission to take the photographs, these precautions no longer apply.

Upload files

Q1. I want to upload a graph.

Graphs constructed in word processors cannot be displayed on the Internet. Only graphs composed in editing programs like Photoshop will show up after uploading. In other cases, you can only upload them as a file. If you absolutely must put a graph in, and you have no editing program, you can take the graph done in word processors, attach it as a file, and make an inquiry with News Room.

Q2. I want to upload video and music files.

Attach them as files and inquire with the News Room. It's best to save video files in .asf format so they'll work with Windows Media Player.

Various other issues

Q1. Please delete my article.

OhmyNews does not allow citizen reporters to delete officially selected articles (Inglu or above). Even if for personal reasons you cancel your membership as an OhmyNews citizen reporter, your articles cannot be deleted.

Q2. I want to run an article I wrote for OhmyNews in another media outlet.

The copyrights of all articles run by OhmyNews are jointly owned by OhmyNews and the writer. Feel free to run your articles in other media outlets.

Q3. Is simply running the text of a statement considered an article?

Statements on their own are not articles. Only if groups or corporations include the circumstances of their statements can they be considered articles.

Q4. Can I run an article from another site, as long as I cite the source?

Like with photos, you cannot do this without prior permission from the person or body that owns the copyright of the article in question.

Q5. What about uploading in my own name an article written by another individual?

Occasionally, OhmyNews citizen reporters working for other media organizations take articles written by other writers run by the company they work for and upload them onto OhmyNews in their own names. And sometimes, people take good articles they find on the Internet and carelessly upload them under their own names. OhmyNews operates according to a "real name" principle, and formally adopts only articles written directly by member Citizen reporters. If citizen reporters commit any of the acts mentioned above, the offending article will be deleted and their credentials as an OhmyNews journalist revoked due to plagiarism.

Q6. I want to delete the Readers' Comments.

You may ask OhmyNews editors to delete the Readers' Comments in the following cases:

- When they have nothing to do with the article;
- When they use vulgarity;
- When there is concern they may slander a particular individual.

When there are readers' comments that fall under the conditions listed above, contact the News Room or send an email (internews@ohmynews.com).

Q7. Can I make a press release an article?

A press release in itself cannot be made an article. Press releases are written and distributed by bodies or groups ahead of a particular event or incident, so they cannot be seen as 100 percent accurate information. For example, a citizen reporter who is an office worker cannot simply take a press release from a local government or central government body and turn it into an article. We encourage OhmyNews citizen reporters to write pieces that accord with their particular jobs, aptitudes, interests or areas of specialization.

Q8. There seem to be two forms of Readers' Comments in the OhmyNews Korean edition.

The Readers' Comments at the bottom of the articles are the ones made by registered members of OhmyNews and those that can be made by any reader.

OhmyNews basically adopts an anonymous comment system. This means we accept Readers' Comments in which the real names of the contributors do not appear.

However, as the misuse of anonymity to spread groundless rumors, use abusive language or slander individuals or make malicious comments unrelated to the article can be a hindrance to two-way communication, therefore at the citizen reporter's discretion, there are ways to restrict in part the right to leave readers' comments.

The reader may allow only registered members to add comments, or allow all readers to comment.

This is a basic mechanism to block possible incidents of slander or personal attacks in the reader opinion section. Its intention is not to limit Readers' Comments. OhmyNews still uses, in principle, an anonymous comment system. OhmyNews will decide in the future if this modified system should be applied to OhmyNews International.

Q9. What are your standards for issuing name cards and reporter IDs?

In the case of name cards, OhmyNews gives citizen reporters with specified credentials name cards. The name cards are of the same design as the ones used by the OhmyNews staff reporters, with the name of the reporter and "citizen reporter" listed as the title.

Name cards are given to those who receive awards for their articles for that month and those who have 10 articles or more selected as the main page's top or sub articles and are judged to need name cards in order to do their reporting.

Accordingly, those who write articles that do not require coverage, and those like professional Citizen reporters who already have name cards do not get name cards. OhmyNews pays for the printing.

OhmyNews operates on the principle that citizen reporters, furthering the people's right to know, have the inherent right to cover news, and they should be able to show this spirit on the scene without producing an ID. This way, we believe, OhmyNews citizen reporters can further OhmyNews' motto, "Every citizen is a reporter."

Accordingly, reporter IDs will be issued only when the OhmyNews editors judge them necessary, such as when "joint citizen-full time reporter teams" or "special coverage teams" are assembled.

If you have any questions, leave a message in the News Room or email internews@ohmynews.com

9.5 Anexo 5: Entrevistas (íntegra)

De modo independente à realização sistemática das entrevistas, apresenta-se a conversa registrada entre a pesquisadora e o fundador do OhmyNews, Oh Yeon Ho, no restaurante do Best Western Gangnam Hotel, em Seul, em 25 de junho de 2005. Ainda que as perguntas não tenham se repetido exatamente na entrevista com os demais grupos, os tópicos abordados, em geral, coincidem.

Pesquisadora – How is the traditional media in Korea?

Oh Yeon Ho - The mass media, include journalism, through the past, is a very difficult task, because the competitions are very high. Mass media is so conservative, about 70% of the leaderships. They are very concentrate. They have money. But new media, like OhmyNews, are free. This is post-media.

Pesq. – How this traditional media are reacting to OhmyNews initiative?

Yeon Ho - In one hand, the traditional media is jealousy about OhmyNews. But in other aspects, they are trying do new journalism because OhmyNews stimulate it. I think they can be a co-evolution. Traditional and new media. OhmyNews growing up and reactive was very strong.

Pesq – Can you describe a normal job day to OhmyNews staff in the newsroom?

Yeon Ho - The professional reporters write deeply about political, economy, international issues. They do the hard news. Citizen reporters do the soft news; news about everyday of them lifes. OhmyNews had discovered a lot of exclusive stories. That also make OhmyNews visible. OhmyNews is a combination between staff reporters and citizen reporters.

Pesq. – What the rules OhmyNews apply to edit the stories from citizen reporters?

Yeon Ho - When a citizen reporter write a story, we must check a several things. We check the sentences, grammatically. Check the accuracy, if the facts are correct or not. One thing very important for us is how the message is important. The personal experiences, the mix of political, social issues, because trough this mix get stronger the stories.

Pesq. – When every citizen is a reporter, what the function of professional journalist in this new context?

Yeon Ho - Every citizen is a reporter, but the professional reporter rule job stay needing, because somebody should edit the articles from all citizen reporters. Somebody should needs

choose the news criterions, find out the position of a story like a main top, second top or sub topic, The internet space is not limited, but the space of top stories are limited. Somebody needs choose the top stories, because the agenda setting is very important. In this age, when information is all around, which information is important to be found by somebody? This is the idea of agenda setting.

Pesq. - In traditional journalism we have the gatekeeper... Editors are a kind of gatekeeper to you in new journalism?

Yeon Ho – Yes, a kind of. In this case, the characteristics of gatekeeper are some different than past events. The old gatekeepers told to their customers. Everyday, every time. In one hand, we open our hear to our new costumers; in another hand, we have make news agenda, or agenda setting.

Pesq. – Do you consider OhmyNews an open source journalism model?

Yeon Ho – We are open for all the citizens are a reporter. And we do it not for make money, but to make Korean society. But we have another aspect. We're a company. We also have make money to survive. So, when we give opportunity to the people attend OhmyNews, we're open source. But, is some aspects, we have to make money selling our spaces to advertises. In that aspect, we are not open source. It's a kind of mix of open source and company.

Pesq. – In Brazil, “citizen” is a very political mean. What do you mean when you say “citizen” reporter.

Yeon Ho – The concept of citizen reporter itself is revolutionary. Citizen. And reporter. It's not easy to keep up together. Citizen reporter are confounding with community. Traditions and community. If they don't consider the community, they cannot be a citizen reporter. A citizen reporter by self, is a very active. Many other people may even know the problems of society, but citizen reporters are where the problems and try to solve this problems. That's the difference.

Pesq. – Do you know some projects like Slashdot, NowPublic and Indymedia that promote open journalism? What's the difference between OhmyNews and this other projects?

Yeon Ho – Well, we're a combination of citizen journalism and traditional journalism. That's the why we have a staff for ourselves. Projects as Wikinews hasn't staff for them. We have a staff for us and we open our doors to all citizen reporters. I think Slashdot is so far from traditional media model. And in some aspects, OhmyNews are face to traditional media and participatory journalism. It's a mix journalism! This is unique power of OhmyNews.

Pesq. – Traditional journalism will die with the new model of innovative journalism?

Yeon Ho – No, I don't think so because every media has its unique merits. When TV be came as a new media, the movie would die. About newspapers: I think that they will never disappear. But the power of newspapers will decline and decline. We need take some time for us to see the traditional media, specially newspaper will lose their power significantly. I mean, the speech are in declining, getting slow, slow, slow.

Some statistics (in June, 2005):

30.000 citizen reporters (total)

500 mil a 1 milhão de visitas por dia

50 thousands of readers in printed version weekly (for free in the Seoul streets, but not for free in home delivery)

Pesq. – How is the profile of citizen reporters?

Yeon Ho – 70% are men. They are very young.

Pesq. – How we can believe in information, when this information was written by an unknowing people? How OhmyNews looks for credibility?

Yeon Ho – We ask for citizen reporters their real names, no fake names and we have an identification number of all citizen reporters. They have to write in this (cadastro) their documents, address, telephone number. When they write a story, we check the facts wrote very carefully. Sometimes, we spend about two days or two weeks to check if the stories are corrects. Also, we have an offline education programs for citizen reporters.

O primeiro grupo entrevistado, composto por integrantes da administração e equipe de edição do site OhmyNews International apontou as seguintes respostas:

1. *What's necessary for a person to become a citizen reporter? / O que é necessário para alguém se tornar cidadão-repórter?*

An informed, engaged person who is passionate about what they are writing about. For hard news, an objective view is key, but the journalistic style (strong lede, good quotes) can be tailored by our professional editors (Todd Cameron Thacker).

É necessário ser uma pessoa informada engajada e apaixonada sobre o que escreve. Para as *hard news*, um olhar objetivo é chave, mas o estilo jornalístico (lead forte, citações boas) podem ser ajustados por nossos editores profissionais (Todd Cameron Thacker, editor do OMNI).

As a graduate student of journalism, I think that what is necessary for someone to be a citizen reporter is not all that different from it takes to be a salaried, professional reporter: A commitment to inform in an accurate, objective way. It calls for a keen interest in national and local affairs and a belief that that journalism is a pillar of democracy (Jason Sparapani).

Como estudante de jornalismo, acho que o que é necessário para alguém ser um cidadão-repórter em nada difere daqueles que são assalariados, reporters profissionais: um comprometimento em informar um jeito exato, objetivo. Isso evoca um interesse afiado para questões nacionais e internacionais e contribuem para que o jornalismo seja um pilar da democracia (Jason Sparapani, ex-editor do OMNI).

2. *How does the edit process happen (what is changed and when, who writes articles)? / Como acontece o processo de edição (o que é alterado e quando, quem escreve os artigos)?*

Stories are sent through our login system and the desk editor chooses the stories to publish and sends them along to the copy editors, often with comments and suggestions for improvement. If a story is rejected, the editor will email the citizen reporter with a brief summary of why it wasn't selected and how to improve for the next story. After the copy editor (we have three) sends it back, the editor will tailor the photos, layout, and headline to OhmyNews style and post it either on the main page or in a section (Todd Cameron Thacker).

As matérias são mandadas através do nosso sistema de login e a mesa de edição escolhe aquelas que serão publicadas para enviá-las aos *copy-desks*, isso acontece frequentemente com comentários e sugestões para melhoria. Se uma material é rejeitada, o editor envia uma mensagem ao cidadão-repórter com uma explicação breve sobre o porquê da sua material não ter sido selecionada e como poderá melhorar seu trabalho em próximas matérias. Depois disso, o *copy-desk* (nós temos três *copy-desks*) manda de volta a material ao editor, que irá ajustar as fotos, o layout e a manchete ao estilo do OhmyNews e então publicar de acordo com a importância – na página principal ou em uma seção (Todd Cameron Thacker, editor do OMNI).

At OhmyNews, I edited out fact errors and, in news reports, editorializing by the author. I also edited for Associated Press style, which many citizen journalists are not familiar with, grammar, usage and news story organization (Jason Sparapani).

No OhmyNews, eu editava erros sobre fatos e, em reportagens, editorializava pelo autor. Eu também editava segundo o estilo da Associated Press, ao qual muitos cidadãos jornalistas não

estão familiarizados em relação à gramática, uso e organização de notícias (Jason Sparapani, ex-editor do OMNI).

3. *What is the professional journalists' role in this new form of journalism?* / Qual o papel do jornalista profissional nesta nova forma de jornalismo?

Just like a regular newspaper, the OhmyNews editor will watch the world news and assign stories to citizen reporters in the regions where the breaking-news is happening. But most of our stories are "unsolicited", meaning the citizen reporters just submit stories as they see fit. Some planning for the day's or week's news is possible, but one of the strengths of the OhmyNews model is its flexibility and unpredictability in the kinds of stories (and their angles). Variety is the spice of news (Todd Cameron Thacker).

Assim como um jornal tradicional, o editor do OhmyNews irá dar conta das notícias do mundo e irá atribuir pautas aos cidadãos-repórteres de acordo com as regiões em que eles vivem e que as últimas notícias estão acontecendo. Mas a maioria de nossas matérias não são solicitadas, o que significa que os cidadãos-repórteres enviam matérias de acordo com o que julgam apropriado. É possível fazer algum planejamento para as notícias do dia ou da semana, mas uma das forças do modelo do OhmyNews é a sua flexibilidade e falta de previsão no tipo de matérias (e de seus ângulos). Variedade é o tempero das notícias (Todd Cameron Thacker, editor do OMNI).

Because citizen journalists generally do not make their living as reporters, they are free to report on what they wish, and there are no ties to the corporate world. Professional journalists should pay attention to what is happening in citizen journalism, to the points of view, news judgment and story arc, in order to keep journalism moored in democracy with the people's interest at heart, not the bottom line, which is often the case (Jason Sparapani).

Justamente porque cidadãos-jornalistas geralmente não vivem suas vidas como reporters, eles são livres para reporter tudo o que eles desejam e não há laços com o mundo corporativo. Jornalistas profissionais deveriam prestar atenção naquilo que está acontecendo no jornalismo cidadão, nos pontos de vista, novos julgamentos e novo escopo de matérias na intenção de tornar o jornalismo mais amarrado à democracia de acordo com o interesse de coração das pessoas e não com um padrão inferior, como é acontece mais frequentemente (Jason Sparapani, ex-editor do OMNI).

4. *What is the OhmyNews publishing policy (What do you mean by "open-progressivism")?* / Como é a política editorial do OhmyNews (O que você quer dizer por "open-progressivism")?

OhmyNews was started by Oh Yeon Ho to combat a right-wing bias in the main print newspapers in Korea in 2000. He identified a 80-20 split in such coverage, and in 5 years he now feels OhmyNews and other online publications have been able to equalize this to 70-30 or even 60-40. But a lot of work remains.

For OhmyNews International, we're giving citizen reporters from all over the world the chance at a professionally edited, widely distributed means to getting published. And they get paid. Very few citizen journalism operations pay their citizen reporters.

Moreover, countries such as Iran and Nepal have very restricted media outlets -- and many of our citizen reporters from those countries use OhmyNews to get the stories to the world that they are prohibited from writing at home -- for fear of fines or jail. Thus OMNI serves a very important role in this regard (Todd Cameron Thacker).

OhmyNews foi criado por Oh Yeon Ho para combater uma polarização sustentada pelas direitas na imprensa top da Coreia do Sul em 2000. Ele identificou uma separação de 80-20% em cada cobertura, e em 5 anos ele agora sente que o OhmyNews e outras publicações *online* estão equalizando este índice para 70-30% ou mesmo 60-40%. Mas ainda resta muito trabalho.

Para o OhmyNews International, nós estamos dando aos cidadãos-repórteres de todo o mundo

a possibilidade de uma contar de um processo de edição profissional, globalmente distribuído para se tornar publicado. E eles são pagos. Poucos projetos de jornalismo cidadão pagam seus cidadãos-repórteres.

Mais que isso, países como Irã e Nepal têm o Mercado editorial muito restrito – e muitos dos nossos cidadãos-repórteres destes países usam o OhmyNews para transmitir ao mundo essas histórias que são proibidas de serem escritas em ambiente doméstico – por medo de multa ou da cadeia. Assim, OMNI presta um importante papel neste respeito (Todd Cameron Thacker, editor do OMNI).

5. What kind of articles are covered by citizen reporters? Is there a difference between them and the articles produced by professional journalists? / Que tipo de artigos são escritos pelos cidadãos-repórteres? Existe alguma diferença entre estes e aqueles produzidos por jornalistas profissionais?

Certainly objective (hard) news is best executed by professionals, but not always. I never cease to be amazed at the thoughtful, detailed stories sent in by citizens with no training. The "default" for many people, of course, is the "opinion piece," which has a place in news but can fail on many levels. So OMN editors try to suggest ways to improve citizen reporters' writings.

But at the end of the day, citizen reporters have an important role to play in news coverage. They are the "first-responders" of breaking news, eye-witnessing events that regular reporters would only see after the fact. Oh Yeon Ho feels this is a powerful dimension to the news -- the first-hand report -- which can work in tandem with follow-up professional coverage to paint a more comprehensive view of the news (Todd Cameron Thacker).

Certamente as hard news, ou notícias mais objetivas são melhor feitas por profissionais, mas nem sempre. Eu nunca cesso de ficar espantado com matérias pensativas, detalhadas enviadas pelos meus cidadãos que não tiveram nenhum treinamento. O “padrão” para muitas pessoas, é claro, é a “material de opinião”, as quais recebem um lugar entre as notícias mas podem ser falhas em muitos níveis. Então, os editores do OhmyNews tentam sugerir meios de melhorar a escrita dos cidadãos-repórteres.

Mas no final do dia, os cidadãos-repórteres têm um importante papel para desenvolver na cobertura de notícias. Eles são os primeiros a darem o feedback das últimas notícias, são testemunhas oculares de eventos que geralmente só foram vistos pelos reporters depois de acontecerem. Oh Yeon Ho sente que aí está a dimensão de poder das notícias – o reporter de primeira-mão – o qual pode trabalhar em cooperação com a cobertura profissional para compor um olhar mais compreensivo sobre as notícias (Todd Cameron Thacker, editor do OMNI).

Citizen journalists cover a wide range of issues for news stories, and they also contribute analysis, commentary and criticism. Politics and government, business and economics, sports and culture are all within their grasp. Some citizen journalists at OhmyNews are in fact professional journalists in their home countries, so the "difference between them" is blurry. But having professional journalists write for citizen journalism sites is beneficial for the site because they as they writing with perhaps a different set of interests in mind (i.e., not their newspaper or magazine, which have their own policies). They also bring professional standards to the table and can perhaps be excellent role models for budding citizen journalists. But the main difference is that citizen journalists are usually not employed as journalists and thus can be loyal to the public alone; there is no one over him or her who is concerned with selling copy (Jason Sparapani).

Cidadãos jornalistas cobrem em escala mundial questões para matérias de notícias, e também contribuem analisando, comentando e criticando. Política e governo, negócios e economias, esporte e cultura estão todos dentro de seus escopos. Alguns cidadãos jornalistas no OhmyNews são, de fato, jornalistas profissionais em seus países de origem, mas a diferença entre eles não é clara. Mas tendo jornalistas profissionais escrevendo para cidadãos-jornalistas locais é benéfico para o site porque uns como os outros escrevem talvez com alguma

diferença no jogo de interesses mental (por exemplo, como em seus jornais ou revistas, os quais têm suas próprias políticas). Ele também trazem vários modelos profissionais para a mesma mesa e podem, talvez, ser excelentes modelos para construir o jornalismo cidadão. Mas a diferença principal entre o cidadão jornalista é geralmente que ele não é empregado como jornalista e então pode ser leal ao público sozinho; não há ninguém acima dele que está preocupado em vender uma cópia do que ele produz (Jason Sparapani, ex-editor do OMNI).

6. *How can citizen reporters interact with OhmyNews staff? Is it a common practice? / Como os cidadãos-repórteres podem interagir com a equipe do OhmyNews? Esta é uma prática comum?*

OhmyNews Korea has 10 editors working on the frontline of the 200 or so stories they receive everyday. When a story is rejected, the editors send a small note of explanation, where applicable. OMNI does the same. Of course, in Korea it's easier to get on the phone to ask citizen reporters questions about their pieces -- where there is missing information or something needs clarification. OMNI's 600 citizen reporters are all over the world, and a number use Internet Cafes as opposed to owning their own machines. So email and Instant Messaging are key. Voice chats also work to a degree (Todd Cameron Thacker).

OhmyNews, na Coreia do Sul, tem 10 editores trabalhando na linha de frente em 200 ou mais matérias que recebem todos os dias. Quando uma material é rejeitada, os editores manda uma pequena nota de explicação, quando conveniente. O OhmyNews Internaional faz o mesmo. Claro, na Coreia do Sul é mais fácil de pegar o telefone e perguntar ao cidadão-repórter questões sobre suas matérias – quandoo falta uma informação ou alguma coisa na material precisa de esclarecimento. Os 600 cidadãos-repórteres do OMNI estão ao redor de todo o mundo, e um número de usuários de cybercafés é oposto àqueles que têm suas próprias máquinas. Então o e-mail e o instant messenger são chaves. Conversas em voz também ajudam neste sentido (Todd Cameron Thacker, editor do OMNI).

They have contact with the editor Todd Thacker and the copy editor(s), who edit and ask questions about their stories. Rarely do citizen journalists who are not in Korea have contact with other writers or editors at OhmyNews. The summer conference offers an opportunity, though (Jason Sparapani).

Eles têm contato com o editor Todd Thacker e com o *copy-desk* ou com os *copy-desks*, que editam e fazem questões sobre suas matérias. Raramente o cidadão-jornalista que não está na Coreia do Sul tem contato com outros redatores ou editors do OhmyNews. Penso que a conferência do verão oferece uma oportunidade para que isso aconteça (Jason Sparapani, ex-editor do OMNI).

7. *Do citizen reporters have total freedom to write about what they want? / Os cidadãos-repórteres têm total liberdade para escrever sobre o que querem?*

Yes. Of course, if the story is hard news, they must abide by standard journalism practices, but when it comes to the reporter's individual "voice", OMN editors try hard to preserve this. We don't want every article to sound like a wire story (Todd Cameron Thacker).

Sim, É claro, se a material é do estilo hard news, eles precisam se adequar ao padrão de prática do jornalismo, mas quando eles são reporters de uma voz individual, os editores do OMN tentam fortemente preservar isso. Nós não queremos que cada artigo pareça um fio de história (Todd Cameron Thacker).

They can write about any nonfiction subject, and those stories that are deemed newsworthy by the editorial staff are chosen for the Web site (Jason Sparapani).

Eles podem escrever sobre qualquer assunto que não seja ficção, e aquelas matérias que são julgadas críveis como notícia pela equipe ediotiral são escolhidas para o *website* (Jason

Sparapani, ex-editor do OMNI).

8. *OhmyNews is a space paid by advertisements. How do you see the relationship between articles' content and advertisers? Is there any restriction on content based on who advertises in the site? / O OhmyNews é um espaço pago por anúncios publicitários. Como você vê a relação entre o conteúdo dos artigos e estes anúncios? Existe alguma restrição no conteúdo que seja referente a quem anuncia no site?*

None whatsoever. Samsung Group is a big advertiser for us, and yet the editors have no qualms about publishing very negative stories about the company (Todd Cameron Thacker).

Nunca sobre nenhuma situação. O grupo Samsung é um grande anunciante para nós, e ainda assim os editores não desanimam quanto à publicação de uma material muito negativa sobre a companhia (Todd Cameron Thacker, editor do OMNI).

9. *Why people can believe in information published in OhmyNews (this question is linked with credibility)? What OMN does to improve credibility? / Por que as pessoas podem acreditar nas informações publicadas no OhmyNews (esta questão se refere à credibilidade)? O que o OMN faz para melhorar a credibilidade?*

OMN editors try hard to improve the rough-edges of a citizen reporter's story. If it is hard news, the editor may take the citizen reporter's story and assign a staff reporter to follow up/investigate more deeply. Oversight is extremely important at every stage of the editing process.

But citizens can, like reporters, get the facts right. We must not underestimate this. Integrity is crucial for both types of reporter (Todd Cameron Thacker).

Os editores do OMN tentam bravamente melhorar as margens rudes das matérias dos cidadãos-repórteres. Se se trata de *hard news*, o editor pode pegar a material do cidadão-repórter e designar uma equipe de reporters para seguir/investigar mais profundamente. Supervisão é algo extremamente importante em cada estágio do processo de edição. Mas os cidadãos podem, assim como os reporters profissionais, tartar os fatos corretamente. Nós não devemos subestimá-los. Integridade é curcial para ambos os tipos de reporters (Todd Cameron Thacker, editor do OMNI).

OhmyNews, at least when I was working for the company, is interested in empowering citizens to write factual news stories or opinion. Stories that contain commentary are labeled as such. But a news story is, or should be, a news story, and as copy editor I spent considerable time checking facts. So I would say that OhmyNews is solidly credible. There were times when citizen reporters would submit news stories to OMNI that were virtual replicas of existing reports by different authors. This was not tolerated; such reports were returned to their authors. So OMNI needs to remain vigilant and able to root out such practices. I am unsure of what OMNI is doing right now to cement its reputation as a credible news source but I would say one way to do this is to stick faithfully to its policies in regards to news gathering (Jason Sparapani).

O OhmyNews, ao menos enquanto eu estive trabalhando para a empresa, está interessado em encorajar os cidadãos para escrever matérias de notícias ou opinião. Matérias que contenham comentário são classificadas tanto quanto as outras. Mas uma matérias de notícia são, ou deveriam ser, uma material de notícia, e como *copy-desk* eu dediquei um tempo considerável para checar fatos. Então eu diria que o OhmyNews é solidamente crível. Havia tempos em que o cidadão-repórter submetia matérias de notícias ao OMNI e que se tratavam de replicas virtuais de trabalhos de outros reporters reais mas com a autoria distinta. Isto não era tolerado; então essas reportagens eram devolvidas aos seus autores. O OMNI precisa manter-se vigilante e hábil a eliminar esse tipo de prática. Eu não estou certo sobre o que OMNI está fazendo exatamente para cimentar sua reputação como uma fonte de notícias crível mas eu diria de um só modo que fazer isso é fixar fielmente para sua política em consideração ao seu grupo de notícias (Jason Sparapani, ex-*copy-desk* do OMNI).

O segundo grupo de entrevistado foi composto por cidadãos-repórteres do OhmyNews International de diferentes países e continentes, conformes exposto no final de cada resposta:

1. *Why did you want to become a citizen reporter? / Por que você se tornou um cidadão-repórter?*

I've been blogging for abt 3 years now, so being a citizen reporter was a natural extnsion. I like the ease of being "one", plus the fact that my articles will be read by thousands of people (rather than just a few friends here and there) excited me (*Stephanie Theng, Singapura*).

Eu estava blogando por mais ou menos três anos, então ser uma cidadã-repórter era uma extensão natural. Eu gosto da facilidade de ser "alguém", além do fato de que meus artigos serao lidos por milhares de pessoas (o que é melhor que apenas alguns amigos aqui e ali), isso me entusiasma (Stephanie Theng, Singapura).

Because I have always liked journalism and that idea that I could give my contribution to inform people about the things I like was very attractive to me (Roberto Spiezio, Itália).

Porque eu sempre gostei de jornalismo e a idéia de que eu daria minha contribuição para informar as pessoas sobre as coisas foi muito atraente para mim (Roberto Spiezio, Itália).

I don't want to be absent in my life. I want take an active part in my life(participatory life). I want to live in a democratized society which can share a cultural life and a taste in living. I want to enjoy high quality information and knowledge and I also want that many people can enjoy of living, have a taste of living without a big money and envy. I hate the monopolistic journalism. I love the open journalism for everyone. So I became a citizen reporter (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul)

Eu não queria estar ausente na minha vida. Eu quero tomar parte ativamente em minha vida (ter uma vida participativa). Eu quero viver em uma sociedade democratizada onde se possa dividir uma vida cultural e o sabor de viver. Eu quero ter acesso a informação e conhecimento de alta qualidade e também quero que muitas pessoas possam aproveitar esse estilo de vida, ter uma mostra de como viver sem muito dinheiro e inveja. Eu odeio o jornalismo de monopólio. Eu amo o jornalismo *open source* em todos os sentidos. Então eu me tornei um cidadão-repórter (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul)

My two main objectives were: 1. to confront my writings to a larger crowd than my family and some friends. 2. to enhance - at my ownmodest level - cross-cultural, political, social and economical information and opinion exchanges between France and Korea (to a larger extent, Europe and Asia) (Pierre Joo, França).

Meus dois maiores objetivos foram: 1. confrontar meus escritos com um grupo de pessoas maior que minha família e alguns amigos. 2. engrandecer – no meu modesto nível – informações e trocas de opinião entre França e Coréia nas áreas intercultural, política, social e econômica (num âmbito maior, entre a Europa e a Ásia) (Pierre Joo, França).

Because I wanted to write as a journalist. It was very interesting be able to write about anything I want to, without limits and, if I want, with my opinion (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Porque eu queria escrever como uma jornalista. Era muito interessante estar apta a escrever todas as coisas que eu quisesse, sem limites e, se eu quisesse, com a minha opinião (María Pastora Sandoval Campos, Chile)

Learning real English was the basic reason for writing articles in OMN. Much medical

literature is printed in English (Alex Krabbe, Alemanha).

Aprender ingles de verdade era uma razão básica para escrever artigos para o OMN. Grande parte da literature médica é impressa em ingles (Alex Krabbe, Alemanha).

Because I wanted to be heard and not being relegated to a mere reader or passive actor in the news process (Erich Moncada, México).

Porque eu queria ser ouvido e não ser relegado a um mero leitor ou ator passivo no processo de notícias (Erich Moncada, México).

I did not want; Todd asked me to write some articles in OhmyNews! (Omid Habibinia, Irã)

Eu não queria; o Todd pediu que eu escrevesse alguns artigos ao OhmyNews! (Omid Habibinia, Irã)

I don't think I consciously wanted to become a "citizen reporter". I was seeking a wider audience for my works and OMN provided that space (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

Acho que não quis, conscientemente, me tornar um cidadão-repórter. Eu estava procurando por maior audiência para o meu trabalho e o OMN me proveu o espaço (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

2. *What kind of article/subject do you write to OhmyNews? / Que tipo de artigos/assuntos você escreve para o OhmyNews?*

I have not been writing since July, since my Masters program started as the studies are keeping me busy! But the articles I wrote were interviews of everyday people leading a fascinating life (to me). One was about an old man who's travelled to most countries; another was an old woman scrounging for food and pennies in a metropolitan city, forgotten by the masses; the last was about korean woman who migrated to a middle-sized town in Indonesia (Stephanie Theng, Singapura).

Eu não tenho escrito desde julho, desde que meu programa de mestrado fez com que meus estudos me deixassem muito atarefada! Mas os artigos que eu escreve eram entrevistas com pessoas do dia-a-dia que conduzem uma vida fascinante (ao menos para mim). Um deles foi sobre um velho homem que viajou por muitos países; outro foi sobre uma velha mulher que procurava por comida e por moedas em uma cidade metropolitana, esquecida pelas massas; o ultimo foi sobre uma mulher coreana que migrou para uma cidade no meio da Indonésia (Stephanie Theng, Singapura).

I write technology articles and articles about the United Nations and human rights (Roberto Spiezio, Itália).

Eu escrevo artigos sobre tecnologia, direitos humanos e sobre a ONU (Roberto Spiezio, Itália).

I believe in the dynamic power of culture (dynamic in culture). I think that a power cultural of Europe superior to an economical power of USA. When I was a young boy I would to be a painter. When I met a favorite color by chance in the street I was very happy. Everything is a fine art for me. Because everything has a his own color and form and shape. So I am always in love with all kind of fine art. I was very happy when I was in Museum, Art Center, Art space. I can communicate the best in esthetic space with others. I can get a supreme power in catching the hidden code and sign and symbol by instinct. And I can know by intuition the best beauty of every object. So I go visiting to Art and traditional street in every weekend for example Insadong etc. I am a culturist. I am not interested in which is right or wrong. I long

for a eternal beauty and forever life (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

Eu acredito no poder dinâmico da cultura (cultura em dinamismo). Eu acho que o poder cultural da Europa é superior a um poder econômico dos Estados Unidos. Quando eu era jovem, eu queria ser um pintor. Quando eu encontrei uma cor favorida como oportunidade na rua eu fiquei muito feliz. Tudo é belas artes para mim. Porque todas as coisas têm sua própria cor, forma e aspecto. Então eu sempre estou apaixonado por todos os tipo de belas artes. Eu ficava muito feliz quando visitava um museu, um centro cultural, um espaço de arte. Eu posso comunicar o melhor em termos de estética aos outros. Eu posso ter um poder supremo em capturar os códigos escondidos e os símbolos pelo instinto. E posso saber por intuição a melhor beleza de cada objeto. Então eu visito espaços de arte e ruas tradicionais a cada final de semana, por exemplo, Insadong, etc. Eu sou um “culturólogo”. Estou interessado nas coisas certas ou erradas. Eu desejo uma beleza eterna e uma vida para sempre (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

I've written one on geopolitics, one on French social issue (riots), one on wine and one on jazz (Pierre Joo, França).

Escrevi um sobre geopolítica, outro sobre questões sociais da França, outro sobre vinhos e outro sobre jazz (Pierre Joo, França).

Basically latin american topics: politics, economics, international relations, technology, food, events, photo essays... (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Basicamente tópicos latino-americanos: política, economia, relações internacionais, tecnologia, comida, eventos, ensaios fotográficos... (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Political stuff, some breaking news, medical reports, sometimes sport articles, movie reviews...just what I like (Alex Krabbe, Alemanha).

Questões políticas, algumas notícias de grande repercussão, reportagens médicas, algumas vezes artigos de esporte, resenhas de filmes... somente o que eu gosto (Alex Krabbe, Alemanha).

Politics, music, food, stuff about my home country... (Erich Moncada, México).

Política, música, comida, questões sobre meu país de origem... (Erich Moncada, México).

Till now most of them are about Politics and Iran (Omid Habibinia, Irã).

Até agora a maior parte dos artigos foi sobre política e sobre o Irã (Omid Habibinia, Irã).

My works are usually about politics though I did do one on technology something which I might do more often (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

Meus trabalhos geralmente são sobre política, embora tenha feito um sobre tecnologia, assunto que eu posso tratar frequentemente (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

3. *Have you ever had an article unapproved by OhmyNews? Why? What kind of article was it? / Você já teve algum artigo reprovado pelo OhmyNews? Por quê? Que tipo de artigo foi?*

None (Stephanie Theng, Singapura).

Nenhum (Stephanie Theng, Singapura).

No, they have never rejected my articles (Roberto Spiezio, Itália).

Não, eles nunca rejeitaram meus artigos (Roberto Spiezio, Itália).

Never. But I always try to get rid of the subjectivity, personal (private) view, and a literary expression but I permit sometimes that in writing art essay in spite of myself. I always try not to use an illegal use of other's article and (to) borrow a person's idea. I try to have a creative thought in coverage activities (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

Nunca. Mas eu sempre tento me livrar da subjetividade, olhares pessoais (privados) e de uma expressão literária, mas eu me permito, às vezes, escrever ensaios de arte a respeito de mim mesmo. Eu sempre tento não usar de modo indevido artigo de outras pessoas tampouco pegar emprestado a idéia de alguém. Eu tento ter um pensamento criativo na cobertura de atividades (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

Never happened to me (Pierre Joo, França).

Nunca aconteceu para mim (Pierre Joo, França).

Never (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Nunca (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Yepp. It was one which only appeared in the "Talk-Back" section. It was an article in which I described my outrage about aid worker Mrs. Margret Hassan's murder by terrorists in Iraq on November 18, 2004. Todd gave no reason why he decided so. Questions were ignored:
http://english.ohmynews.com/TALK_BACK/bbs_view.asp?mcsid=&ba_code=63&ba_status=&cur_page=&bb_page=79&bb_ord=N&bb_code=199224&bbsh_gb=S&bbsh_string=
(Alex Krabbe, Alemanha).

Sim. Isso aconteceu uma vez em que somente apareceu na seção “Talk-Back” (forum). Era um artigo no qual eu descrevia minha afonta sobre o trabalhador ajudante do assassino de Margret Hassan por terroristas no Iraque em 18 de Novembro de 2004. Todd não deu razões do porquê decidi assim (Alex Krabbe, Alemanha).

Yeah, it was a critique about the Citizen Reporter's Forum. Todd said the issue was old and he decided to publish it on the special discussion forum... and that meant not publishing it on the front cover or other sections. I thought it was pretty unfair. Ironically the article recieved a lot of hits, close to 1,500 readers (Erich Moncada, México).

Sim, era uma crítica sobre o Fórum de Cidadãos Repórteres. Todd disse que a questão era velha e ele decidiu publicá-la em uma discussão especial do forum... e isso significava a não publicação na cobertura de frente ou outra seção. Eu achei isso muito desleal. Ironicamente, o artigo recebeu uma porção de visitas, perto de 1.500 leitores (Erich Moncada, México).

No not yet; but after arrived copy editor there was some misunderstanding between us (Omid Habibinia, Irã).

Não até agora; mas depois que o *copy-desk* chegou existe algum desentendimento entre eles. (Omid Habibinia, Irã).

Yes, one. OMN didn't give me a reason why it rejected my work. The work was about Japan-U.S. relationship (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

Sim, uma vez. O OMN não me deu razões do porquê meu trabalho foi rejeitado. O trabalho era sobre relacionamento entre os Estados Unidos e o Japão (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

4. *Did you have an original article changed by OhmyNews publishing process? / Você teve alguma modificação em seu artigo original durante o processo de publicação?*

Only a few necessary changes such as colour of text, in italics, etc (Stephanie Theng, Singapura).

Somente poucas mudanças necessárias como a cor do texto, itálicos, etc (Stephanie Theng, Singapura).

Yes, it happens often. Sometimes they change a title, sometimes they use other words to express my concepts. But they have the last word about the editorial process, so I think it's their right to do so (Roberto Spiezio, Itália).

Sim, isso acontece com frequência. Às vezes eles mudam um título, às vezes eles usam outras palavras para expressar meus conceitos. Mas eles têm a última palavra sobre o processo editorial, então eu acho que eles têm o direito de fazer isso (Roberto Spiezio, Itália).

I was taught a subject by a resident editor of OhmyNews. I got a inspired idea from the OhmyNews's editor team (Kim Hyung-Soon, Coreia do Sul).

Eu fui ensinado sobre alguns assuntos por um editor residente do OhmyNews. Então adquiri uma ideia inspirada sobre o time de editores do OhmyNews (Kim Hyung-Soon, Coreia do Sul).

Only minor rephrasing changes due to the fact that I am not a native english speaker and not a professional journalist. I approved all of the changes (Pierre Joo, França).

Apenas pequenas mudanças de reescrita, algo oportuno considerando o fato de eu não ser um falante nativo do inglês e nem um jornalista profissional. Eu aproveitei todas as mudanças (Pierre Joo, França).

Not a lot, just corrections, but my editor some time asked me rewrite something to explain it better (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Não muito, apenas correções, mas meu editor às vezes me pediu para reescrever alguma coisa para explicar melhor (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Every time (Alex Krabbe, Alemanha).

Todas as vezes (Alex Krabbe, Alemanha).

Yeah, but only minor changes, in particular style issues, nothing serious (Erich Moncada, México).

Sim, mas apenas pequenas mudanças, em particular questões de estilo, nada sério (Erich Moncada, México).

Not yet; but somehow edited a Little bit and when it was not so important I didn't protest (Omid Habibinia, Irã).

Ainda não; mas de algum modo alguma pequena coisa é editada e quanto isso não foi importante, eu não protestei (Omid Habibinia, Irã).

No. Nor have they asked me to change the tone of my works to certain way (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

Não, nem pediram que eu mudasse a abordagem dos meus trabalhos para certa maneira (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

5. *Do you believe in all content published by OhmyNews? Why? / Você acredita em todo o conteúdo publicado pelo OhmyNews? Por quê?*

It depends on what you mean by saying "believe". Since the articles are mostly written by people who are not professional journalists, it's easy to imagine that personal points of view are expressed along with more objective facts. Nevertheless this is the strength of OMN : every citizen is a reporter, they say, so there is a greater guarantee of independence in what citizen reporters write, in my opinion (Roberto Spiezio, Itália).

Isso depende do que você quer dizer por “acredita”. Desde que os artigos são majoritariamente escritos por pessoas que não são jornalistas profissionais, é fácil imaginar que pontos de vista pessoais são expressos mais com os fatos objetivos. Não obstante, esta é a força do OMN: cada cidadão é um reporter, eles dizem, então existe uma maior garantia da independência daquilo que os cidadãos-repórteres escrevem, na minha opinião (Roberto Spiezio, Itália).

Yes I believed it. All content published by OhmyNews was made in spirit by autonomy (self-imposed control) and responsibility not by money(the capital market) and outside intervention (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

Sim, eu acredito. Todo o conteúdo publicado pelo OhmyNews foi feito sob espírito de autonomia (controle auto-imposto) e responsabilidade, não por dinheiro (o mercado de capital) e intervenções externas (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

I keep in mind that all articles are double checked by Ohmynews professional staff. So far, I never read something that triggered a doubt in my mind (Pierre Joo, França).

Eu mantenho em mente que todos os artigos são duplamente checados pela equipe de profissionais do OhmyNews. Assim, eu nunca li alguma coisa que despertasse dúvida em minha cabeça (Pierre Joo, França).

Absolutely, because they are watched by the staff and because a lot of people want to write to say the truth (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Absolutamente, porque eles estão assistidos pela equipe profissional e porque uma porção de pessoas deseja escrever para dizer a verdade (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

No. I know the lacks of knowledge in the editorial process. So one should read the numbers and also some content facts in every article with a critical attitude. But I am sure that these are nothing more than just the mistakes humans make (Alex Krabbe, Alemanha).

Não. Eu sei de falhas de conhecimento no processo editorial. Isso deveria dar conta dos números e também de algum conteúdo referente a fatos em cada artigo com uma atitude crítica. Mas eu tenho certeza de que não se trata mais do que erros cometidos por humanos (Alex Krabbe, Alemanha).

Yeah, I think it's made by good faith and even when I don't agree with some of the views of an article, I still respect the opinion of the writer. It's fresh, unconventional news. And the editor's are really professional and always ready to defend the articles (Erich Moncada, México).

Sim, eu acho que isso é feito de boa fé e mesmo que eu não concorde com alguns pontos de vista de alguns artigos, eu ainda respeito a opinião dos autores. São coisas novas, notícias não convencionais. E os editors são realmente profissionais, sempre prontos para proteger os artigos (Erich Moncada, México).

I dont know; actually I have not enough time to read all; sometimes just my firends reports or articles (Omid Habibinia, Irã).

Eu não sei; de fato eu não tenho tempo suficiente para ler tudo; algumas vezes leio apenas reportagens ou artigos dos meus amigos (Omid Habibinia, Irã).

No. Here's a quote from OMN editor: "We will give balanced space for any contrasting views." Now, just because I don't agree with certain article doesn't mean it's necessarily false. What I do have problem with is sometimes OMN editors seem to post what I consider rather shoddy articles by ill-informed people for the sake of providing "balanced space for any contrasting views" (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

Não. Aqui estão algumas citações do editor do OMN: “Nós daremos espaço balanceado para contrastar todos os olhares.” Agora, apenas porque eu não concordo com certo artigo isso não significa que ele é necessariamente falso. O que eu tenho problema é com os editors do OMN que às vezes parecem publicar o que eu considero mais imitação de artigos por pessoas bem-informadas a fim de prover “espaços balanceados para contrastar todos os olhares” (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

6. *How do you understand citizen reporters' behavior: can he/she does be interested in the way to talk about a subject? / Como você entende o comportamento do cidadão-repórter: ele pode estar interessado de alguma forma na maneira de falar sobre um assunto?*

I don't think that, at this level, citizen reporters write purely for making money: few dollars are not enough to justify the attitude of someone who only writes for money. So I think that everyone tends to write about what they like, and are sincerely interested in what they write (Roberto Spiezio, Itália).

Eu não acho que, neste nível, cidadãos-repórteres escrevam puramente para ganhar dinheiro: poucos dólares não são suficiente para justificar a atitude de alguém que escreve por dinheiro. Então eu acho que cada um é levado a escrever sobre aquilo que gosta, e estão sinceramente interessados naquilo que eles escrevem (Roberto Spiezio, Itália).

I think that well-reader truly can be a well-writer. I always try to read well the other article(subject) of my colleagues(reporter). But it is not easy to practice this belief frankly speaking (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

Acho que um bom leitor, confiável, pode ser um bom escritor. Eu sempre tento ler bem os artigos dos meus colegas repórteres. Mas não é fácil praticar essa confiança, francamente falando (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

I think they are, but some of them don't have som tools to write or tell som story and ask for help, or the editors help to improve it (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Eu acho que eles são, mas alguns deles não têm alguams ferramentas para escrever ou contra a notícia e pedir ajuda, ou os editors ajudam a melhorá-la (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Maybe most of the citizen reporters use OMN as a way to have influence on the media. They can become active in forming an alternative and basic democratic public scource of

information.

Media is always about society. Its power lying in the hands of only a few have caused disinformation and wars. If society as a whole becomes an important factor in the media landscape, then the people's interests can't be blocked anymore. Existing problems of those who are ignored by the corporate media will become observably. Citizens will understand each other better than before (Alex Krabbe, Alemanha).

Talvez a maioria dos cidadãos-repórteres use o OMN como uma forma de ter influência sobre a mídia. Eles podem se tornar ativos ao formar uma fonte pública democrática básica e alternativa de informação.

A mídia sempre é sobre a sociedade. Seu poder está retido nas mãos de poucas pessoas, o que causa desinformação e guerras. Se a sociedade como um todo se torna um importante fator na paisagem midiática, então os interesses das pessoas não podem ser bloqueados nunca mais. Existem problemas dessas pessoas que são ignorados pelas corporações midiáticas se que tornarão observáveis. Cidadãos irão entender uns aos outros de modo melhor que antes (Alex Krabbe, Alemanha).

7. Do you have total freedom to write about what you want? / Você tem liberdade total para escrever aquilo que você quer?

No total freedom. I think articles badmouthing OhMyNews' management are frowned upon. They might be published, and they may not get to the front page (Stephanie Theng, Singapura).

Não tenho liberdade total. Eu acho que artigos com maus começos são mal-vistos pela organização do OhmyNews. Eles até podem ser publicados, mas então eles não chegarão à homepage (Stephanie Theng, Singapura).

Absolutely yes (Roberto Spiezio, Itália).

Absolutamente sim (Roberto Spiezio, Itália).

I have a total freedom in writing an article (subject) what I want. I respect my choice and taste in collecting subject. I am responsible for my subject in news totally, infinitely (Kim Hyung-Soon, Coreia do Sul).

Tenho total liberdade para escrever um artigo, o assunto que eu desejo. Eu respeito minhas escolhas e experimento na coleta de assuntos. Sou totalmente e infinitamente responsável pelas minhas abordagens nas notícias (Kim Hyung-Soon, Coreia do Sul).

I do (Pierre Joo, França).

Tenho (Pierre Joo, França).

Absolutely yes (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Absolutamente sim (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

No. OMN still has problems in accepting satire or even irony in articles. In addition, sex issues are not liked by the editorial staff. Probably these deficiencies occur due to OMN's location in Korea as a rather conservative country (Alex Krabbe, Alemanha).

Não. O OMN ainda tem problemas para aceitar sátiras ou mesmo ironia nos artigos. Além disso, questões sobre sexo não são bem recebidas pela equipe editorial. Provavelmente estas deficiências ocorrem porque a localização do OMN é na Coreia do Sul, um país conservador (Alex Krabbe, Alemanha).

Yes, of course (Erich Moncada, México).

Sim, é claro (Erich Moncada, México).

Yes (Omid Habibinia, Irã).

Sim (Omid Habibinia, Irã).

Yes as OMN doesn't specify what you can or can't write and I live in a country which values, for the most part, free speech. Although depending on which country you live in, you might not have total freedom to write about anything (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

Sim, como o OMN não especifica o que você pode ou não pode escrever e eu vivo em um país com valores, na maior parte, remetem à liberdade de expressão. Embora dependa de qual país você vive, você pode não ter total liberdade para escrever sobre qualquer coisa (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

7. *Values, for example, to be impartial, honest, truth, plural, when you are writing an article, are applicable? Why?* / Valores como ser imparcial, honesto, verdadeiro e plural são aplicáveis quando você está escrevendo um artigo?

Generally applicable, however, in an opinion article, one can have more leeway to make an argument convincing (Stephanie Theng, Singapura).

Geralmente aplicáveis, porém, em minha opinião, uns possam ter mais jeito para fazer um argumento convincente (Stephanie Theng, Singapura).

Although OhmyNews accepts personal points of view when reporters write an article, in general I think that the values you mentioned are all applicable. The fact that we are not professional journalists doesn't mean that we don't have to follow the rules of ethics when we inform the public. On the Internet we are on the "stage of the world", so we should possibly be even more attentive to those values, because our audience is global (Roberto Spiezio, Itália).

Ainda que o OhmyNews aceite pontos de vista pessoais quando reporters escrevam um artigo, em geral eu penso que os valores que você mencionou são todos aplicáveis. O fato de que nós não somos jornalistas profissionais não significa que nós não saibamos seguir as regras de ética quando informamos o público. Na Internet nós estamos no “palco do mundo”, então nós deveríamos possivelmente ser mais atenciosos a estes valores, porque nossa audiência é global (Roberto Spiezio, Itália).

For impartial I do a search on the Internet in French and in English comparatively. For honest I was at field as possible as I can. For plural I'd like to respect and listen every kind of view (Kim Hyung-Soon, Coreia do Sul).

Para imparcialidade, eu faço uma pesquisa na internet em francês e em inglês, comparativamente. Para honestidade eu faço o possível que posso. Para pluralidade eu gostaria de respeitar e ouvir todo tipo de ponto de vista (Kim Hyung-Soon, Coreia do Sul).

I believe that informative articles should respect the mentioned values. However Impartiality and plurality should not refrain from clearly stating one's opinion. Therefore, impartiality and plurality is the role of Ohmynews staff. To make sure that each subject is covered in a balanced way (Pierre Joo, França).

Eu acredito que os valores mencionados deveriam ser respeitados nos artigos informativos. Porém, imparcialidade e pluralidade não impediriam a clareza da opinião de alguém. Portanto, imparcialidade e pluralidade é o papel da equipe do OhmyNews: fazer com que se

tenha certeza que cada assunto foi coberto de um jeito balanceado (Pierre Joo, França).

Yes, because I could tell some storie to try people think something wrong about Chile or Latin America. I have to be always in mind of the no-latinamerican people and help them think right about it (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Sim, porque eu poderia contra algumas história para tentar que as pessoas pensem coisas erradas sobre o Chile ou a América Latina. Eu tenho que ter sempre em minha mente as pessoas que não são da América Latina e ajudálas a pensar corretamente sobre isso (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

I don't write articles having manipulation of fact in mind in order to serve a certain ideology. I just give my best to dram a realistic image of reality. Benchmark for my opinion articles is always a codex of basic convictions, such as humanism and critical self reflection (Alex Krabbe, Alemanha).

Eu não escrevo artigos tendo a manipulação de fatos em mente na intenção de servir a uma certa ideologia. Eu apenas dou a minha melhor contribuição a uma imagem realista da realidade. Julgamentos para meus artigos de opinião está sempre um código de convicções básicas, como o humanismo e a reflexão crítica de si mesmo (Alex Krabbe, Alemanha).

Yes, they can and they should be applicable when one is writing an article. But that doesn't means that everybody is applying those values regarding certain issues (like the war in Iraq, for instance). I think is up to the reader to discern the good articles from the bad ones, and it depends a lot with the ideology both of the writer and the reader (Erich Moncada, México).

Sim, eles podem e eles devem ser aplicáveis quando alguém está escrevendo um artigo. Mas isso não significa que todo estão aplicando esses valores considerando certas questões (como a Guerra no Iraque, por exemplo). Eu acho que o leitor deve discernir os bons artigos daqueles ruins, e isso depende muito da ideologia de ambos: autores e leitores (Erich Moncada, México).

Actually I try to use journalistic style but in my own way! (Omid Habibinia, Irã).

Honestamente eu tento usar o estilo jornalístico mas do meu próprio jeito! (Omid Habibinia, Irã).

8. *Many articles in open source journalism projects, such as OhmyNews, can be considered as opinion. Do you think it also may be informative? / Muitos artigos nos projetos de jornalismo open source, como o OhmyNews, podem ser considerados como opinião. Você acha que isso pode ser informativo?*

Definitely, may be elucidating than what the traditional news media present. It is especially enlightening to hear about happenings in one country from a native. Precisely because it is impartial and subjective while still being honest and truthful. For example, 10 people may encounter the same incident but each of their experience is going to be personal, subjective and still truthful according to their individual perspective (Stephanie Theng, Singapura).

Definitivamente, pode ser mais elucidativo do que aquilo que os meios tradicionais de mídia apresentam. Especialmente para se ouvir sobre acontecimentos de um país através de um nativo. Precisamente porque isto é imparcial e subjetivo enquanto for honesto e verdadeiro. Por exemplo 10 pessoas podem se encontrar no mesmo incidente mas cada uma de suas experiências sera pessoal, subjetiva e ainda verdadeira de acordo com sua perspectiva individual (Stephanie Theng, Singapura).

Of course I do. As I said, people may write pushed by their own interest, but this doesn't mean

that what they present are just opinions and not facts. Opinion are always based on facts, otherwise they are just fantasies (Roberto Spiezio, Itália).

É claro que sim. Como eu disse, pessoas podem escrever movidas por seus próprios interesses, mas isso não significa que elas apresentem apenas opiniões e não fatos. Opiniões são sempre baseadas em fatos, senão elas serão apenas fantasia (Roberto Spiezio, Itália).

Rolland Barthes said once like this: "The writer(journalist) was dead!". It means for me "Every citizen is a writer". I think that this concept was 'from God was dead!' Friedrich Wilhelm Nietzsche. I think that Nietzsche desired for a new concept a true. God not to be polluted by the Western deep-rooted prejudice and egocentricity. I think that now opinion has a big power in journalism as a article (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

Uma vez Rolland Barthes disse: “O escritor (jornalista) morreu!”. Isso significa para mim que “cada cidadão é um escritor”. Acho que este conceito era “Deus morreu”, de Nietzsche. Acho que Nietzsche desejava um novo conceito de verdade. Deus não pode ser poluído pelo prejudicial e egocentrista das raízes profundas dos Estados Unidos (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

It is true that I read opensource journalism articles more to get a sense of the many different opinions, than to get factual information. But I believe that a growing number of worthy events not covered by traditional media, are gradually being covered by "citizen reporters" (Pierre Joo, França).

A verdade é que eu leio artigos em jornalismo *open source* mais para ter uma noção de muitas opiniões diferentes, do que para me informar sobre algo factual. Mas eu acredito que um crescente número de eventos confiáveis não cobertos pela mídia tradicional estão sendo gradualmente cobertos pelos “cidadãos-repórteres” (Pierre Joo, França).

Yes, because yu have to tell the context... it's not a sin give our opinion but with responsability... (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Sim, porque você tem que contra o contexto... Não é um pecado dar nossa opinião, mas com responsabilidade... (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Every opinion is based either on true or false facts. They'll be discussed after the publishing of an opinion article. The gain of acquisition consequently follows every discussion (Alex Krabbe, Alemanha).

Toda opinião está baseada em qualquer dos fatos, verdadeiros ou falsos. Eles seriam discutidos depois da publicação de um artigo de opinião. O ganho da aquisição consequentemente segue qualquer discussão (Alex Krabbe, Alemanha).

Yeah, mostly there's an certain op-ed feel to OHMN and open source journalism, but in most of the articles there's a lot of research involved, and the main objective of the writers is to tell a story, to entertain and to inform the reader. A good story will always have readers, no matter if it's made by a professional or an amateur (Erich Moncada, México).

Sim, majoritariamente existe um certo sentido aberto para o OHMN e o jornalismo *open source*, mas na maioria dos artigos existe uma pesquisa envolvida e o objetivo principal dos autores é contar uma história, entreter e informar o leitor. Uma boa história sempre terá leitores, não importa se ela for feita por um profissional ou por um Amador (Erich Moncada, México).

It should be consider Who? How? Where? Which and for When? (Omid Habibinia, Irã)

Deveria considerar as perguntas quem? Como? Onde? Qualquer e por quem? (Omid Habibinia, Irã)

Yes, absolutely. Opinions from one side and the reactions to those opinions provide a small window into these people's perceptions on certain subjects which can be used to better understand how they feel about the subjects and why they feel the way they do on that matter. Unfortunately, many of the reader comments are made by bigots, racists who let their emotions, not logic do the talking (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

Absolutamente sim. Opiniões de um lado e as reações em resposta àquelas opiniões promovem uma pequena janela na qual a percepção dessas pessoas sobre certo assunto pode ser usada para entender melhor como elas se sentem sobre um assunto e porquê eles sentem daquele jeito, o que lhes importa. Infelizmente, muitos dos comentários dos leitores são feitos por fanáticos racistas que deixam suas emoções, e não a lógica falando (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

9. *If “every citizen is a reporter”, how do you see the professional journalist’s role in society today? / Se “todo o cidadão é um reporter”, como você vê o papel do jornalista profissional na sociedade atual?*

Well, professional journalists are professionally trained in that and their skills are better than the average person who has not undergone formal training. Not to discredit the average person "citizen reporter", but I think that those with the formal training, ambition and determination to become professional reporters acquire skills to equip them to the role and are much better prepared... much better than the average "citizen reporter" who just happen to be on the scene. So professional wise, their skills may differ. But curiosity wise ("referring to having the "nose for news") it's up to the individual (Stephanie Theng, Singapura).

Bom, jornalistas profissionais são profissionalmente treinados para isso e suas habilidades são melhores do que a média das pessoas que não passaram por treinamento formal. Não que haja descrédito na média de pessoas que sejam cidadãs-repórteres, mas eu acho que aquelas com treinamento formal, ambição e determinação para se tornarem reporters profissionais adquirem habilidades para se equipar ao papel e estão muito melhor preparadas... muito melhor que a média do cidadão-repórter que apenas existe para estar na cena. Então, o sábio profissional, suas habilidades fazem a diferença. Mas curiosidade sábia (no que se refere a ter “faro para notícias”) é coisa de cada pessoa (Stephanie Theng, Singapura).

In my opinion the role of the professional journalist is to inform the public with the strength of their credibility and established expertise. As professionals, they can rely on means and relations on which common people can't. So I think it's their duty to continue and push up the "fight to inform" the public, reaching the places and the audience that citizen journalists couldn't (Roberto Spiezio, Itália).

Na minha opinião o papel do jornalista profissional é informar o público com a força de sua credibilidade e expertise estabelecido. Como profissionais, eles podem ser confiar no que significa e nas relações onde comunmente as pessoas não podem. Então eu acho que esse é o seu dever para continuar e promover a “luta para informar” o público, alcançando lugares e a audiência que o jornalismo cidadão não pode alcançar (Roberto Spiezio, Itália).

Now the spirit of the age (Zeitgeist) consisted in interactive thought. In the process of (a reciprocal) assimilation (reciprocally). It proved that a great progress in learning, journalism, democracy, culture was possible and realizable in 21th centuries. I believe in still the democratization of the culture. So everybody can enjoy the true news, information, knowledge, wisdom equally as a world citizen like as everyone can choice the beloved one and lover and can enjoy to choose a lover. Internet news is a ideal type of alternative

journalism. Two-side is better one-side. The accuracy of information is better the transparency of information. For the past years as like there were noble people and common people. Now there are noble journalist and common journalist I think that two kind of journalist keep in balance and in distance in a relation inter-dependant-subjectivity (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

O espírito de época de agora (Zeitgeist) consiste num pensamento interativo, num processo de assimilação recíproca. Isso provou que um bom progresso de aprendizado, jornalismo, democracia e cultura foi possível e realizável no século 21. Eu ainda acredito na democratização da cultura. Então todas as pessoas poderiam aproveitar notícias verdadeiras, informações, conhecimento, sabedoria igualmente enquanto cidadãos do mundo como todos que possam escolher amar ser amado e amar alguém. Notícias na internet são um tipo ideal de jornalismo alternativo. Dois lados é melhor que um único lado. A exatidão da informação é melhor e a transparência também. No passado havia pessoas nobres e comuns. Agora há jornalistas nobre e comuns. Acho que estes dois tipos de jornalistas estão em uma balanceada e distante relação de interdependência subjetiva (Kim Hyung-Soon, Coréia do Sul).

There is room for both citizen reporters and professional ones. Citizen reporters do not compete against professional ones, they add another perspective to a subject, for the benefit of the reader (Pierre Joo, França).

Existe espaço para ambos: repórteres profissionais e cidadãos. Cidadãos-repórteres não competem contra repórteres profissionais, eles adicionam perspectivas a um assunto, para benefício dos leitores (Pierre Joo, França).

The journalists always will be necessarily. About Citizen Journalism, journalist can be citizen reporters too, telling the stories they can't tell in other media, but basically they have to be editors, because they have criteria to choose when some article have value to be in the cover, for example, they have the news vision and this vision make OhmyNews a success (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

O jornalista sempre será necessário. Sobre o jornalismo cidadão, o jornalista pode ser considerado um reporter também, contando histórias que eles não podem contar em outros meios, mas basicamente eles têm de ser editors, porque eles têm critérios para escolher quando algum artigo tem valor para ser coberto, por exemplo, eles têm uma visão de notícias e a visão de notícia é que fez o sucesso do OhmyNews (María Pastora Sandoval Campos, Chile).

Well, they're not vanishing in the near future because still there's a necessity of having a full time, professional reporter doing the work and the exhaustive research that a simple citizen cannot do. But even with that, there's a strong change that citizen reporters will become professional journalist at some point or another. We have hidden talents or skills that needs time and effort to flourish, and being a journalist is one example of how can be achieved by regular citizens that wants their opinion to be heard (Erich Moncada, México).

Bem, eles não irão desaparecer em um futuro próximo porque ainda existe a necessidade de ter um reporter profissional o tempo todo, fazendo o trabalho e a pesquisa exaustiva que o simples cidadão não pode fazer. Mas mesmo com isso, existe uma forte mudança que o cidadão reporter irá trazer ao jornalista profissional em um ponto ou noutro. Nós temos talentos e habilidades escondidos que precisam de tempo e de empenho para florescerem, e um jornalista é um exemplo de como pode ser executado por cidadãos regulares que queiram que sua opinião seja ouvida (Erich Moncada, México).

I think its two different way, but may improve journalism (Omid Habibinia, Irã).

Eu penso que são dois jeitos diferentes, mas isso pode melhorar o jornalismo (Omid Habibinia,

Irã).

There's space for both citizen reporters and professional reports. I tend to think they compliment one another as if say professional reporters under reports on certain issues more often than not citizen reporters will usually pick up on that and try to report the issues (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

Existe espaço para repórteres cidadãos e profissionais. Eu tendo a pensar que eles se cumprimentam um ao outro como se diz repórteres profissionais sob repórteres em certas questões mais frequentes do que cidadãos-não-repórteres irão usualmente escolher em que e tentar reportar as questões (Cidadão-repórter anônimo, Estados Unidos).

O terceiro e último grupo de entrevistados foi composto por pesquisadores de jornalismo *online* e, mais especificamente, de processos de interação dos diferentes públicos com a notícia.

1. Você acredita em todo o conteúdo publicado no OhmyNews? Por quê? (Se quiser falar de conteúdo publicado colaborativamente por não-jornalistas em geral, sintam-se à vontade)

Não vejo nenhuma dificuldade em acreditar «em todo o conteúdo publicado» num *site* de não-jornalistas. Como não há qualquer obstáculo a Não Acreditar em todo o conteúdo publicado num *site* de jornalistas, ou mesmo num jornal clássico de papel. A credibilidade de um produtor de informação é algo que se constrói muito lentamente, no trabalho diário de produzir informação e levá-la a um público, e que - como todos os manuais clássicos de jornalismo lhe dirão, se pode perder num minuto, com a publicação de um único erro ou falsidade (a este propósito, pode consultar o meu Manual de Jornalismo, que encontra on-line no *site* da BOCC). Os jornalistas não detêm o monopólio da ética na transmissão de notícias, embora detenham um conjunto de técnicas e rotinas destinadas a maximizar a sua imparcialidade; tenham em geral mais experiência em reportar notícias e factos que os simples amadores; estejam envolvidos numa organização que edita, critica e reflecte sobre o seu produto; disponham de uma organização logística muito superior à dos amadores (não só quando os casos implicam viagens, ou muito tempo de reportagem; mas até no problema simples da credenciação, ie, do livre acesso às fontes) (Anabela Gradin, Portugal).

Corro o risco de soar cético e sarcástico mas, quando se trata de imprensa, não confio plenamente em nada. Claro, não estou tirando a credibilidade de nenhum órgão de imprensa, tampouco de quem produz informação para determinado veículo. Estou apenas dizendo que, como produtor e consumidor de informação, tenho me pautado em checar sempre que possível a extensão do que me é informado. Com a Internet, as possibilidades de checagem e rechechagem de informação, utilizadas em conjunto com outras fontes, foram ampliadas. No entanto, já se tornou mais do que claro que *sites* como OhmyNews, em se tratando de manter um diálogo mais aberto e interativo com a audiência, têm se mostrado eficazes veículos de expressão e opinião, fatores estes que andam relegados a segundo plano há tempos pela chamada mídia corporativa (Jorge Rocha, Minas Gerais, Brasil).

Pesquisadores como Ramón Salaverría, Rosental Alves, e muitos outros têm apontado o jornalismo participativo como o aspecto que conduzirá o jornalismo *online* a uma nova etapa de desenvolvimento. Eu creio que a interação com os usuários e a sua participação na produção dos conteúdos nos *sites* jornalísticos é essencial. Quanto ao OhmyNews, representa um importante exemplo de como o equilíbrio entre os media e o público tem sido alterado. Com os seus milhares de repórteres-cidadãos, o *site* noticioso coreano tem provado como é possível obter colaboração, engajando o público e realizando o chamado jornalismo cívico ou dialógico. Este é o modelo que eles adotaram e que vem dando certo, inclusive já garantindo um pagamento aos colaboradores. Contudo, é possível pensar em outras maneiras de conteúdo colaborativo também.

Claro, o trabalho colaborativo merece e deve ser supervisionado por jornalistas para proceder a checagem e garantir a publicação de um material que assegure a credibilidade da publicação. Em relação ao OhmyNews, para quem acessa de outro país, a checagem deve se dá pela conferência das notícias com outras fontes, assim como o monitoramento do *site* e do que se publica a respeito dele. Mas sem obter a confiança do público, creio que é difícil levar a iniciativa adiante. Ao que parece, o *site* coreano tem conseguido isso (Suzana Barbosa, Brasil/Portugal).

I can't read the Korean content, so I can't say. I am a big fan of OhMyNews, but I don't always believe everything in their English-language edition. I think it is always important to read newspapers skeptically. In the case of OhMyNews, I believe they have some excellent citizen journalists, and at least one whose judgment I do not trust (Jeremy Iggers, Estados Unidos).

Creio que, nos dias que correm, não há como acreditar totalmente seja no que for, porque a norma é que a informação do dia seguinte venha contradizer ou desmentir a do dia anterior. Vivemos tempos de descrença e, portanto, colocamos um ponto de interrogação em tudo o que lemos ou escutamos, deixando entre nós e a informação uma margem de dúvida, de incerteza, de “esperemos pelas notícias de amanhã” (Catarina Moura, Portugal).

Of course not! You should never believe in all content published on any news site. Certainly, there are news sources which are more reliable than others, but the reader always has a responsibility to critically study a published story. Is it plausible? If it is astonishing, is background information provided? Is it consistent with information published elsewhere? Are there commercial or political interests involved?

OhmyNews employs an editing process which is not that different from other news sources. The problems of bias and accuracy are therefore very similar; the main difference is that it may be more difficult for OhmyNews to verify the accuracy of a story submitted by an amateur (Erik Moeller, Alemanha).

2. O OhmyNews é um espaço pago por anunciantes. Como você vê o relacionamento entre o conteúdo dos artigos e os anunciantes? Você acha que pode haver algum tipo de restrição ou censura?

Velha batalha que remonta ao nascimento do próprio jornalismo. Também os jornais estão sujeitos a sofrer pressões dos anunciantes, ou dos grupos económicos que os dominam - e daí a concentração dos grandes conglomerados mediáticos ser tão perigosa e indesejável. Sempre que um *site* ou um jornal publica informação controversa, está sujeito a sofrer pressões. Creio que os jornalistas deveriam estar mais bem preparados para resistir a essas pressões, devido à sua formação académica e deontológica, mas por vezes pode até nem ser o caso... e porque dependem do jornal para sobreviver, estarem até mais expostos a esse risco.

Quanto aos amadores, poderão ser mais facilmente manipulados devido à sua inexperiência, mas como não têm dependência económica dessa actividade, a sua margem de liberdade para dizer Não pode até ser maior. De um modo geral creio que a pulverização de informação por numerosos *sites*, ie, a ausência de concentração, torna mais difícil o seu controle e silenciamento (Anabela Gradin, Portugal).

Restrição já é uma forma de censura. E a história do jornalismo mostra que a censura sempre existiu, em diversos modos e intensidade variada, em todos os meios de comunicação – nesse caso entram, por exemplo, a autocensura, a censura imposta ou a restrição editorial. Estes fatores, é claro, podem muito bem condicionar o tratamento de determinado material informativo, evidenciando assim que estamos lidando com uma questão política. Sim, política porque cabe à concepção e aplicação de uma linha editorial cidadã a tarefa de se fazer respeitar e firmar-se, seja diante dos leitores-cidadãos ou dos anunciantes. Aliás, tal perfil é o mínimo que se deve esperar de uma publicação que trabalhe com os princípios do jornalismo *open source*. Mas vamos imaginar um exemplo – simplista, mas bastante ilustrativo – de uma

possível tentativa de interferência: um certo anunciante requisita que uma informação relativa a seu produto ou mesmo acerca da empresa não seja veiculada no OhmyNews. Para que tenha coragem – não sei exatamente se o termo é esse ... – de levar adiante essa solicitação e agüentar as consequências, deve ter em mente que os produtores de informação e os leitores-cidadãos têm maneiras variadas de obter a informação que pretensamente seria ocultada, difundi-la de outro modo – listas de discussão, por exemplo, o que geraria uma transmissão virótica – e ainda “acusar” o anunciante de corrupto, para dizer o mínimo. A perda – para todos os lados; para a publicação, para o conceito de jornalismo *open source*, para os “prosumidores”, etc – seria enorme. E é por conta de possibilidades crescentes de contraposição de informações na Internet que não consigo ver tal exemplo sendo aplicado no OhmyNews (Jorge Rocha, Minas Gerais, Brasil).

O modelo de negócios adotado pode trazer consequências por vezes negativas. Porém, sem avaliação diária sobre o que é publicado e quem são os anunciantes para perceber a influência e até que ponto há interferência no conteúdo jornalístico, fica difícil responder. Na história do jornalismo, a convivência entre conteúdo editorial e publicitário sempre foi e continua sendo polêmica. Mas, na nova modalidade jornalística, a publicidade continua sendo um dos modelos de negócio a que mais se tem recorrido e, sendo assim, a operação jornalística deve encontrar maneiras de se manter fiel à sua linha editorial para que não haja perda de credibilidade (Suzana Barbosa, Brasil/Portugal).

When newspapers are run by journalists, I believe it is possible for them to accept advertising, without the advertising affecting the truthfulness of the journalism. But when newspapers are run by businesses whose primary goal is to make a profit, it is more difficult (Jeremy Iggers, Estados Unidos).

Pode sempre haver restrição e censura quando a sobrevivência de determinado espaço informativo depende do dinheiro investido pelos anunciantes. Mas isso, hoje em dia, é uma realidade tanto para um espaço como o OhmyNews como para qualquer mídia tradicional (Catarina Moura, Portugal).

It is unlikely they are going to put a communist red flag on their homepage anytime soon. :-) *But when it comes to stories that might annoy individual advertisers, the question is of course how many major advertisers they have. If they have few large advertisers, or if their advertisers are strategically related, these companies could certainly exercise pressure on OhmyNews* (Erik Moeller, Alemanha).

3. Valores como ser imparcial, honesto, verdadeiro, plural quando você lê um artigo em noticiário colaborativo são aplicáveis? Por quê?

É claro que são aplicáveis, mas também é claro que nem sempre estão presentes. Nestes casos é preciso conhecer o *site* e o tipo de notícias que veicula, para construir uma imagem da sua fiabilidade e da fiabilidade dos seus diversos colaboradores. Num jornal tradicional de créditos firmados isto é mais simples de obter, pois sabemos à priori que mesmo um jornalista novo deve seguir os padrões éticos de transmissão de informação desse OCS. Mas ninguém está imune a perversões deste tipo: veja-se o caso de Philip Glass nos EUA, e outros semelhantes que por lá ocorreram na mesma altura (Anabela Gradin, Portugal).

Por mais estranho que possa parecer, não consigo defender que um artigo de uma publicação de cunho colaborativo seja eminentemente imparcial, honesto e verdadeiro. O benefício da dúvida ainda me atrai. Não consigo ver um material informativo e opinativo que não seja tendencioso – ora, se há a possibilidade de inserir opinião, já existe algo tendencioso aí ... Mas sou capaz de defender ferrenhamente a existência de pluralidade em publicações com este caráter. E tal fato amplia bastante as possibilidades de que consigamos encontrar os

demais valores citados, frisando que a escala destes fatores dependerá sempre do tom da peça informativa. Mais: consigo aferir este princípio – pluralidade – com mais rigor nos noticiários colaborativos do que na mídia tradicional, principalmente por conta da abertura ao diálogo e da real interatividade produtiva (Jorge Rocha, Minas Gerais, Brasil).

A narração de um evento ou acontecimento sob a ótica de uma pessoa retrata o seu olhar, a sua leitura, e o seu conhecimento sobre determinado aspecto da vida, que deve ser contado com a devida imparcialidade. No jornalismo colaborativo, tem-se a oportunidade de se diversificar o conteúdo, de se ter mais uma versão sobre o mesmo acontecimento no mesmo lugar. Creio que é possível garantir honestidade, pluralidade, verdade, mesclando opiniões e oferecendo canais para o público se manifestar (Suzana Barbosa, Brasil/Portugal).

I do agree that it is important to be impartial, truthful and honest. Journalists should also try to present other points of view besides their own (Jeremy Iggers, Estados Unidos).

Temos que ter em conta que há uma diferença entre professar determinado tipo de valores enquanto indivíduo e assumi-los como parte integrante de um código profissional. A questão está na expectativa e numa espécie de confiança prévia que o jornalismo, enquanto prática profissional, cria no receptor. De um jornalista espera-se, porque está a exercer a sua profissão, que seja imparcial, honesto, verdadeiro, plural, e isso, conscientemente ou não, baixa as defesas do receptor, ou seja, cria uma predisposição para acreditar. Um cidadão comum pode suscitar mais dúvidas, porque não só não sabemos o que o move como não há uma deontologia a fazer valer a informação que veicula, ou seja, a sua palavra não está enquadrada num código nem numa ética profissional, sendo portanto mais facilmente questionada. Claro que, ainda assim, esses valores podem ser aplicáveis a um noticiário colaborativo. Mas tal como não exigimos a um cidadão comum o que exigimos a um jornalista, também a confiança que depositamos na sua palavra é desigual (Catarina Moura, Portugal).

Of course every good journalist starts with the desire to report truthfully and accurately what happens. But what is truly important is whether you stick to these values under difficult circumstances. If the magazine you're writing for is threatened legally by a company you mention in your article, will you change the article to make everyone happy? The best intentions are meaningless if they are not backed up by integrity, strength and courage (Erik Moeller, Alemanha).

4. Considerando o jornalismo tradicional, você concorda com a seguinte frase: "o jornalismo é a voz do povo"?

Há casos em que é a voz do povo, e há casos em que é a voz do dono. Sempre foi assim; e o modelo é igualmente aplicável aos bloggers (Anabela Gradin, Portugal).

No jornalismo tradicional, não. A simples existência de práticas jornalísticas como o jornalismo cívico – também chamado de jornalismo público – e o jornalismo *open source* – que também é conhecido como jornalismo participativo, embora eu veja algumas diferenças entre estes conceitos – já evidencia isto. Em ambas as práticas, é possível perceber a preocupação em dialogar com a audiência, não meramente reportando os fatos, mas analisando as implicações sócio-político-culturais destas notícias. Falando assim, parece até que não há novidade alguma nisso, pois o “jornalismo tradicional” supostamente deveria contemplar estes princípios ... Mas tais práticas também mostram claramente – pelo menos para mim e mais algumas pessoas sensatas – que é mais do que necessário repensar a prática cotidiana dos jornalistas em diversas mídias, uma vez que – para usar só um conceito – nossa ecologia cognitiva está passando por diversas mudanças (Jorge Rocha, Minas Gerais, Brasil).

O jornalismo procura ser o espelho da sociedade, atualizando a memória social. Acho que uma outra frase, citada por Jim Hall em uma apresentação feita em Novembro do ano passado, em seminário, na UBI (Covilhã, PT), se encaixe melhor no momento atual do jornalismo, em tempo de *open source* journalism e blogs: "News is what is on society's mind". Trata-se de uma citação direta a Mike Stephens, in *A History of News* (Stephens, 11, 1996) (Suzana Barbosa, Brasil/Portugal).

Traditional journalism in the US sometimes represented the peoples voice, sometimes the voice of business interests. But power has shifted towards business interests, as small independent newspapers have been taken over by large corporations (Jeremy Iggers, Estados Unidos).

Não creio que o jornalismo alguma vez tenha sido a voz do povo. O jornalismo terá sido e continua, de algum modo, a ser uma voz para o povo. "Para", não "do". O jornalismo pretendeu-se tradicionalmente como um veículo de informação que permitisse às pessoas inteirar-se de acontecimentos e formar, a partir dos factos, uma opinião sobre os mesmos. Nunca foi um espaço aberto ao povo, no sentido de lhe dar voz na primeira pessoa. O jornalismo fala sobre o povo, fala ao povo, fala eventualmente pelo povo, mas sempre através do filtro de profissionais e especialistas na informação veiculada. O jornalismo como voz do povo faz parte de um modelo muito mais recente, que tenho sérias dúvidas em poder classificar como jornalismo, o que não retira qualquer valor aos novos espaços informativos. São simplesmente diferentes (Catarina Moura, Portugal).

It certainly should be. At the present time, I don't think that's true, with very few exceptions (Erik Moeller, Alemanha).

5. Muitos artigos em projeto de jornalismo *open source*, como o OhmyNews, podem ser considerados opinativos. Você acha que isso também pode ser informativo?

A opinião também é informação. O que o jornalismo tradicional trouxe foi a separação entre os dois géneros, que eu penso se justifica e facilita a tarefa de quem lê (Anabela Gradin, Portugal).

Claro que sim. Aliás, saúdo com enorme alegria – o que não é exatamente comum acontecer comigo – a sobrevivência e fortalecimento de práticas informativas e opinativas. Acredito que tal método auxilia a tornar a informação mais propícia a suscitar discussões e contrapontos. Além do OhmyNews, como você bem sabe, existem vários exemplos, como os *sites* dos IndyMedias e o próprio Slashdot – para ficar nos mais conhecidos. Felizmente, esta é uma prática perceptível em publicações *online* – e não estou falando de versões *online* de veículos impressos – e talvez um de seus grandes trunfos (Jorge Rocha, Minas Gerais, Brasil).

Sim, claro. E no jornalismo tradicional, artigos em géneros essencialmente opinativos deixam de ser informativos? (Suzana Barbosa, Brasil/Portugal)

I think it is possible for an article to be both opinionated and informative (Jeremy Iggers, Estados Unidos).

A opinião pode ser considerada informativa, mas não podemos esquecer que é opinião e, portanto, parcial. Desde que devidamente entendida como informação que representa não a realidade dos factos mas a visão de alguém sobre os mesmos, o artigo de opinião tem, naturalmente, valor, sobretudo porque diferentes perspectivas sobre um evento também ajudam a construí-lo, gerando no receptor um sentimento de identificação que o facto narrado objectivamente pode nunca chegar a criar (Catarina Moura, Portugal).

I don't consider OhmyNews an "open source" project, as it does not use any open source

licensing (e.g. Creative Commons). The content is proprietary. "Participatory journalism" seems like a more accurate term to me. Of course, opinion can be informative and valuable and it can even shake society up -- just like art and entertainment can. However, my personal hope is for more investigative journalism by amateurs (Erik Moeller, Alemanha).

6. Você acha que o jornalismo *open source* está sempre em busca da verdade como o jornalismo tradicional? Por favor, justifique sua resposta.

Eu discordo absolutamente de chamar aos produtos *open source*, mesmo os informativos, jornalismo. Jornalismo, pelo menos em Portugal, é uma actividade profissional regida por regras estritas, que exige a posse de uma carteira profissional, a qual confere certos direitos e deveres aos seus portadores. Jornalismo é uma profissão, e tem de ser exercida a tempo inteiro, a troco de remuneração, para, aqui, poder conferir tais direitos. As notícias feitas por amadores, podem ser notícias, são certamente informação, mas não são jornalismo, por lhes faltar este elemento da definição, ie, serem profissionais, vs amadores. Assim como um médico, um enfermeiro, um dentista ou um professor têm certas condições para o exercício da sua profissão; o mesmo sucede com os jornalistas. Quem não cumpre tais condições, não está a fazer jornalismo. Exemplo: eu cozinheiro, mas não sou cozinheira; eu conduzo o meu carro, mas não sou motorista nem chauffeur; jogo futebol, mas não sou futebolista, etc... Assim, quem dá informação *open source* pode estar certamente em busca da verdade, mas não está a fazer jornalismo (Anabela Gradin, Portugal).

Infelizmente, pelos exemplos que temos todos os dias, parece que sim. Aloysio Biondi, falecido jornalista pelo qual eu tinha grande apreço, costumava dizer que a mídia é especializada em trocar o boi pelo bife. Ou seja, “distorcer” uma série de dados que apresentavam um panorama não muito promissor, destacando apenas uma questão que apresentava algo razoável, porém pífio, *anabolizando* suas qualidades e obscurecendo o conjunto total das informações. Em publicações colaborativas, as “chances analíticas” são maiores – por diversas vezes, já vi “alguém da audiência” apresentando dados argumentativos que complementavam ou davam uma outra direção à determinada informação. E, em casos desse tipo, o grau de credibilidade vai até onde o leitor esteja disposto a checar a veracidade desta produção colaborativa; aí temos mais um reforço em pensar melhor nossa ecologia cognitiva (Jorge Rocha, Minas Gerais, Brasil).

Se o jornalismo é um tipo de conhecimento sobre a realidade, deve reportar-se com verdade em relação aos eventos e acontecimentos. Como refiro acima, uma das funções sociais do jornalismo é a de atualização da memória e, sendo assim, qualquer forma, formato, género de jornalismo deve prezar por contar, mostrar os fatos e eventos como ocorreram, analisando, investigando e complementando os conteúdos para oferecer a visão mais ampla possível (Suzana Barbosa, Brasil/Portugal).

People who participate in open-source journalism with the right spirit are looking for truth. But sometimes people participate in order to push a point of view or ideology (Jeremy Iggers, Estados Unidos).

Podemos buscar as mesmas coisas de maneiras não necessariamente iguais. Acredito que o *open source* procure a verdade, mas vai procurá-la de modo diferente do jornalismo tradicional. Se entendermos ambas práticas como algo distinto e não como algo que se substitui, podemos aceitar com mais clareza que ambas são válidas e consequentes, cumprindo cada uma à sua maneira um papel importante no processo de informação (Catarina Moura, Portugal).

:-) I don't think traditional journalism is "always looking for truth".

A journalist employed by a media company may be acting out of fear, a personal agenda, orders from above, or simply the desire to get paid at the end of the month. Mistakes, fraud,

propaganda or sloppy research are all common.

I don't think work submitted by amateurs is fundamentally more or less at risk of falling into these categories. What is key is what processes are used to select the content that is published, and how it is edited (Erik Moeller, Alemanha).

7. Você acha que os cidadãos-repórteres têm total liberdade para escrever sobre o que eles desejam?

Pelas razões acima expostas, discordo da classificação «cidadãos-repórteres»; se dissesse repórteres amadores, já seria mais aceitável (Anabela Gradin, Portugal).

Sim. A prática cotidiana em sistemas colaborativos parece apontar nessa direção. Mas também devemos observar um conjunto de fatores no processo de condução da informação, que vai desde o papel do jornalista, passando pela linha editorial da publicação, até a capacidade de diálogo mantida entre “prosumidores” (Jorge Rocha, Minas Gerais, Brasil).

Creio que, em geral, as operações devam querer que os colaboradores sigam a linha editorial definida. Para responder com propriedade sobre o OhmyNews ou outro projeto teria que saber qual é a linha editorial, como é o processo de produção, como se dá a distribuição de pauta, até que ponto as sugestões dos colaboradores são totalmente ou não acatadas, etc. Por outro lado, deve haver a condução desse trabalho preservando a liberdade, do contrário, deixa de ser jornalismo de fonte aberta, dialógico, cívico (Suzana Barbosa, Brasil/Portugal).

They have total freedom to write whatever they want, but a responsible newspaper will only publish stories that meet its standards for accuracy and truthfulness (Jeremy Iggers, Estados Unidos).

À partida sim, mas não podemos esquecer que estes “cidadãos-repórteres”, tal como os jornalistas, também podem estar a representar interesses que os condicionem, nomeadamente os de uma empresa, ou seja, o facto de não estarem ligados aos mass media tradicionais não significa que não estejam a veicular outro tipo de interesses que os favoreçam. Não sendo esse o caso, acredito que o cidadão comum tenha maior liberdade não só na escolha dos temas, mas também no modo como escolhe abordar esse mesmo tema, justamente porque, não estando condicionado por uma deontologia, pode fazê-lo de uma perspectiva assumidamente pessoal (Catarina Moura, Portugal).

That depends on where they write. On OhmyNews, certainly not – OhmyNews will simply not publish or promote certain stories. But a citizen journalist can choose from many other options like Indymedia, Wikinews, or a personal blog. In theory, you can pretty much write about whatever you want, but in practice, you may of course suffer legal or personal consequences. In order to be protected against those, being part of a larger community like OhmyNews or Wikinews can help (Erik Moeller, Alemanha).

8. Se "cada cidadão é um repórter", como você vê o papel do jornalista profissional na sociedade atual?

Nem todo o cidadão é um repórter. Só o são aqueles que fazem disso uma profissão, recebem um ordenado, e publicam os seus trabalhos em OCS's registados junto das autoridades competentes. No entanto, a emergência dos blogues, e dos blogues informativos, parece-me muito positiva para os jornalistas, já que hoje eles também têm em certa medida poder para ditar o agenda setting da comunidade: e isso é positivo. Mas não vejo nenhum interesse, nem o que temos nós, enquanto cidadãos, a ganhar, com a dissolução das especificidades da profissão de jornalista, pelo contrário, acho que podemos ter muito a perder. É claro que a situação interessa certamente a certos poderes do status quo, que o 4º poder fosse dissolvido

num enorme caleidoscópio de informações amadoras, nem sempre verdadeiras, nem sempre credíveis, nem sempre verificáveis. Mas a verificar-se tal coisa - o que duvido - toda a comunidade ficaria mais pobre, menos democrática, e mais fragilizada (Anabela Gradin, Portugal).

Mais do que nunca, indispensável. Reproduzo aqui trecho do artigo que apresentei na Intercom, em 2005; este trecho trata especificamente desta questão, dimensionando a importância do profissional de comunicação. “O papel do webjornalista pode ser melhor evidenciado, em um primeiro momento, quando colocamos em questão que sua hegemonia como *gatekeeper* neste espaço-informação é redimensionada pelas novas tecnologias e pela audiência. Cabe ressaltar que seu papel como mediador de informação passa por alterações significativas; de uma “estrutura monopolista” para processos de co-enunciação. Nesta readaptação, o webjornalista deve comportar-se como um agente participativo que, em processos de interlocução, seja capaz de selecionar, hierarquizar, enquadrar e personalizar notícias, levando em conta as potencialidades inerentes à Internet como fonte de pesquisa e escoamento de produção” (Jorge Rocha, Minas Gerais, Brasil).

O jornalista não é o único a produzir informação e isso, na atual conjuntura, deve ser bem compreendido. No entanto, a responsabilidade desse profissional é ainda maior, pois caberá a ele a função de seleção, edição, integração do material produzido por cidadãos com o que os profissionais produzem. Mais habilidades são requeridas desse profissional que agora se quer holista, com capacidade para escrever bem e em pouco tempo, saber investigar, saber utilizar os recursos tecnológicos, saber editar, saber estruturar o conteúdo de maneira hipertextual, conhecer os processos de produção, saber observar, interpretar, ser propositivo, saber de fato trabalhar em equipe. Manter a ética pessoal e profissional (Suzana Barbosa, Brasil/Portugal).

I think it is the responsibility of professional journalists to work with citizens, and to make sure that the work of citizen journalists conforms to professional standards (Jeremy Iggers, Estados Unidos).

Como já ficou claro nas minhas respostas anteriores, para mim jornalista e “cidadão que escreve” são duas realidades distintas. Consequentemente, não vejo esta nova vaga de informação *open source* como uma ameaça à profissão e ao estatuto do jornalista porque, sendo práticas diferentes, não se anulam, ou seja, uma não vem substituir a outra. É importante que o cidadão tenha encontrado um espaço onde possa fazer valer a sua voz, não só porque é um espaço de cidadania que não existia, mas também porque quanto mais pessoas puderem falar mais difícil será ocultar mentiras, lobbies, corrupção... Mas, talvez porque o espaço informativo seja actualmente muito mais amplo, há também muito mais ruído e, por isso mesmo, creio que o papel do jornalista profissional adquiriu uma nova importância – a de seleccionar, de filtrar, no excesso e caos em que vivemos, a informação que possa servir de melhor modo o seu público específico. Se os jornalistas que temos hoje em dia o conseguem ou não é uma outra questão pois, como em todas as áreas, também no jornalismo temos bons e maus profissionais, mas esse facto não invalida a validade e importância do papel que pode e deve desempenhar (Catarina Moura, Portugal).

There are two things that can happen. For starters, every professional journalist will, in the future, deal with a great deal more information coming from regular citizens. Major news sources like CNN and the BBC are already doing this during major events: giving people a voice, especially online, to tell their stories. These stories are not news stories, they are just personal stories, and they complement the news coverage that is not fundamentally different from the way it used to be.

The other process is actual journalism done by amateurs. I do believe that much of what used to be called "opinion journalism" can be supplanted by amateurs, but hard, investigative journalism requires financial compensation. And the moment you pay an amateur to be an investigative journalist, he effectively ceases to be an amateur. What you could end up with is

a process where it becomes much easier for anyone to be a paid participant of the media sphere (Erik Moeller, Alemanha).